



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

CARLA ROCHA BAÚTE

**TRADIÇÃO, INOVAÇÃO E HISTORICIDADE NO
MATERIALISMO CULTURAL DE RAYMOND WILLIAMS**

Campinas

2020

CARLA ROCHA BAÚTE

**TRADIÇÃO, INOVAÇÃO E HISTORICIDADE NO MATERIALISMO
CULTURAL DE RAYMOND WILLIAMS**

Dissertação apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas na Universidade Estadual
de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção
do título de Mestra em História, na
área de História Cultural.

Supervisor/Orientador: Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino

Este trabalho corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Carla Rocha Baúte e orientada pela Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino.

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

B329t Baute, Carla Rocha, 1986-
Tradição, inovação e historicidade no materialismo cultural de Raymond Williams / Carla Rocha Baute. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Silvana Barbosa Rubino.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Williams, Raymond, 1921-1988. 2. Vida Intelectual - História - Séc. XX. 3. Crítica Cultural. 4. Cultura. 5. Crítica marxista. I. Rubino, Silvana Barbosa, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Tradition, innovation and historicity in Raymond Williams' Cultural Materialism

Palavras-chave em inglês:

Intellectual life - History - Twentieth Century Cultural Criticism
Culture
Marxist criticism

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Silvana Barbosa Rubino [Orientadora]
Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevasco
Cláudio Henrique de Moraes Batalha

Data de defesa: 28-02-2020

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-5255-1619>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0385990387407562>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28 de fevereiro de 2020, considerou a candidata Carla Rocha Baute aprovada.

Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino

Profa. Dra. Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevalco

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

A minha mãe, Neide Rocha, dedico esta dissertação. Mulher de fibra, destinou grande parte de sua vida ao bem-estar de seus filhos, em uma sucessão de abdicações e renúncias.

Gosto de acreditar que essa conquista demonstra uma parcela mínima de meu agradecimento.

Agradecimentos

Por mais que eu considere e aprecie a dimensão do trabalho individual e solitário que uma pesquisa acadêmica requer, reconheço que sem o apoio e contribuição de meus familiares, amigos e estimados mestres, o árduo e recompensador caminho percorrido até aqui teria sido totalmente outro, com certeza menos enriquecedor.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro sem o qual esse estudo não poderia ser realizado (processo n. 2017/08999-8). Além da bolsa no país, fui agraciada com a possibilidade de um estágio no exterior (BEPE – FAPESP, processo n. 2018/06742-2), no qual passei seis meses como pesquisadora visitante na Universidade de Swansea, no País de Gales. Creio que sem essa experiência, o resultado final desse texto seria, sem dúvidas, mais superficial.

À minha orientadora Silvana Rubino, agradeço por sempre apoiar e confiar em mim. Você é um caso raro dentre os intelectuais, cuja generosidade faz com que seus orientandos sejam pesquisadores tanto independentes quanto confiantes. Qualidades que se esbanjam na sua presença. Muito obrigada pelo acolhimento e por me auxiliar na jornada até aqui. Nos vemos na próxima fase!

Não poderia deixar de demonstrar minha gratidão ao falecido professor Edgar De Decca que, desde 2014, se mostrou interessado em ouvir minhas ideias e sob sua orientação ingressei na pós-graduação em história da Unicamp. É uma pena que não pudemos de fato desenvolver um trabalho juntos, no entanto, De Decca segue ocupando um lugar especial em minha pequena trajetória até aqui, tanto por sua prática profissional quanto pela sua gentileza.

Agradeço também aos professores que foram fundamentais nos meus anos de graduação em história na Universidade Federal de São Paulo, Maximiliano Mac Menz, Denilson Botelho e Rossana Pinheiro, mestres inspiradores. Agradecimento especial ao Fabio Franzini. Sua generosidade e ajuda foram fundamentais para que eu desse os primeiros passos como pesquisadora. Muito obrigada!

Muito obrigada aos membros da banca de qualificação Thiago Nicodemo e Maria Elisa Cevasco, suas recomendações e incentivos naquela ocasião são parte importante do texto final. Aos membros da banca de defesa, meu agradecimento sincero. A Maria Elisa pela generosidade com a qual acolheu, debateu e incentivou essa pesquisa, suas argumentações auxiliaram sobremaneira o delineamento final dessa dissertação. Ao professor Claudio Batalha, meus genuínos agradecimentos, sua perspicácia teórico-metodológica foram muito úteis e esclarecedoras, não só para o trabalho final, como para o caminho que pretendo trilhar como intelectual daqui para a frente.

A minha estadia na Universidade de Swansea não seria possível sem a ajuda de Daniel Williams. Desde muito antes de nos conhecermos pessoalmente, Daniel já me auxiliava nos infindáveis processos burocráticos brasileiros e, depois que cheguei em terras galesas, fez o possível para que me sentisse bem e aproveitasse cada minuto da viagem. As reuniões frequentes e seus *insights* como crítico literário e leitor aguçado de Raymond Williams, influenciaram sobremaneira as discussões e os arranjos argumentativos presentes nessa dissertação. Agradeço também a oportunidade de cursar disciplinas ministradas por Daniel e pela professora Kirsti Bohata do Departamento de Inglês, experiências engrandecedoras tanto a nível profissional quanto pessoal. Proveitosas foram também as reuniões do grupo de estudos da pós-graduação em *Welsh Writing in English*, nas quais aprendi muito e pude compartilhar um pouco da experiência brasileira de pesquisa em geral, e do meu trabalho em particular. Meu obrigada também à Ugo Rivetti, foi muito reconfortante ter um amigo brasileiro para compartilhar algumas tardes nas aulas e no arquivo. Agradeço pelos cafés sempre agradáveis. Desejo toda sorte na finalização do seu doutorado.

O trabalho arquivístico desempenhou um papel transformador no decorrer dessa pesquisa, eu gostaria de agradecer especialmente a todos os funcionários do *Richard Burton Archives* que me receberam da melhor maneira possível. Pessoas incríveis que fizeram com que eu me sentisse muito bem acolhida mesmo tão longe de casa. Agradeço Katrina Legg, Sue Thomas e Stacy O'Sullivan pelo profissionalismo e generosidade intelectual. E um agradecimento especial às funcionárias Sarah Thompson e Stephanie Basford-Morris pela companhia meses a fio, pelas conversas agradáveis e pelo carinho que demonstraram por mim. Espero que nossos caminhos possam se cruzar novamente.

No arquivo da Weston Library, agradeço a Athena Demetriou pela ajuda com a burocracia e a Alice Millea, pelas dicas valiosas, fossem elas documentais ou bibliográficas. Muito obrigada!

Gostaria de agradecer também aos professores das disciplinas que cursei na pós-graduação em história do IFCH, com os quais tive o privilégio de ouvir e ser ouvida. São eles Aline Vieira de Carvalho, Cristina Meneguello, Iara Schiavinatto e Lucilene Reginaldo. E aos mestres de outros institutos da Unicamp, como os professores Alexandro Paixão e André Paulilo da Faculdade de Educação e o professor Marcelo Ridenti, do departamento de sociologia do IFCH.

Agradeço aos amigos da linha de pesquisa que compartilharam comigo, não só as salas de aula, como também os anseios, percalços e alegrias de ser pós-graduando. Muito obrigada Ana Carolina Balbino, Bárbara Marie Van Sebroeck Martins, Bruno Pinheiro, Eduardo Neves,

Elton Genari, João Augusto Neves, José Ferreira, Renata Monezzi e Vitor Menini. Sigo torcendo pelo sucesso de todos vocês.

Aos amigos das outras áreas de pesquisa do departamento de História do IFCH, eu agradeço por me acolherem, pelas nossas discussões tanto teóricas como políticas e pelos necessários momentos de descontração. Continuo na torcida pelo sucesso de todos vocês também, mesmo que a distância. Agradeço ao Felipe Melo Alvarenga, Jéssyka Sâmia, Jonatas Ribeiro, Livia Torquetti, Franciely Oliveira, Marcela D'Elia, Noemi Santos e Fabiana Junqueira.

Agradeço também à Michele Rosado e Fabrício Moreira pela amizade e acolhida em Campinas. Muito obrigada pelo incentivo no processo seletivo do mestrado e por estarem entre os primeiros leitores do primeiro esboço dessa dissertação. Sempre serei muito grata.

Aos companheiros de aventuras em Barão Geraldo, Jordana Martins e Guilherme Leite, agradeço pelos nossos dias de comida farta e conversa boa. Nossa amizade é um exemplo de que as bolhas acadêmicas não estão com nada. Que bom que a gente se achou nessa vida, vocês são pessoas especiais.

Obrigada também ao querido Luis Otávio Vieira que, desde os – agora longínquos – anos de estágio no Instituto Geográfico e Cartográfico, permanece amigo fiel e um de meus maiores encorajadores. O sentimento é recíproco, estarei sempre na torcida por aqui. Vamos em frente!

Um agradecimento especial vai para a minha querida amiga Gabriela Prado, cujo companheirismo é muito importante para mim, mesmo que agora já não nos encontremos com a mesma frequência de antes. Amiga para as horas boas e as ruins, além do necessário alívio cômico e uma confidente fiel, você segue sendo, anos a fio, uma constante na minha vida. Obrigada mais uma vez por todo apoio e incentivo que você me dá. Amo você!

Fundamental nesse processo foi também a presença de minha família. Minha mãe Neide Rocha e meus irmãos Suilene, Carlos Eduardo e Luiz Felipe. Neide, minha mãe guerreira, sempre fez e continua fazendo o possível pelos seus filhos. Muito obrigada pelo apoio constante e pela fé que deposita em mim, espero um dia poder retribuir à altura e poder proporcionar tudo que a senhora merece. Aos meus irmãos agradeço pela relação única que temos e pelo carinho que nutrimos uns pelos outros. Vocês são parte indissociável da minha vida, até o ponto que fica difícil saber onde eu termino e aonde vocês começam. A minha irmã Suilene, agradeço especialmente pela amizade e apoio incondicionais, eu sei que sob seu teto tenho um abrigo e em sua companhia, consolo. Ao meu irmão mais novo Luiz, que de caçula passou a meu revisor

de textos, meu agradecimento especial nesse processo. Você vai longe! À toda a minha família, muito obrigada por serem quem vocês são e por fazerem parte de mim. Amo todos vocês!

Por último, mas não por isso menos importante, agradeço ao meu companheiro de vida, Rafael Bosch. Rafa, não existem palavras que possam exprimir a sua importância nesse processo. Parte de mim, você é um coautor silencioso dessa dissertação, em cada linha que escrevi estão por detrás reminiscências das nossas discussões, suas observações perspicazes, seu encorajamento constante e os vestígios da nossa vida em comum. Você é uma inspiração na minha vida, pessoa incrível e intelectual promissor e comprometido. Seguimos juntos nessa caminhada, essa conquista é nossa. Te amo!

Carla Baute
Campinas, fevereiro de 2020.

“Perguntarei apenas por que tantos críticos, tantos escritores, tantos filósofos põem tanto empenho em professar que a experiência da obra de arte é inefável, que escapa por definição ao conhecimento racional; por que se apressam assim em afirmar sem luta a derrota do saber; de onde lhes vem essa necessidade tão poderosa de rebaixar o conhecimento racional, esse furor de admirar a irredutibilidade da obra de arte ou, numa palavra mais apropriada, sua *transcendência*”

Pierre Bourdieu, *As regras da arte*

RESUMO

Essa pesquisa analisa a contribuição do pensador galês Raymond Williams (1921-1988) para o pensamento social no contexto da segunda metade do século XX. Sua teoria, o materialismo cultural, argumentou a favor de abordagens não-abstratas das complexas relações entre cultura e sociedade, através de um entendimento da cultura como processo social e material. Articulada entre duas instâncias - o estudo do texto e da inserção de Williams no campo intelectual da época -, essa dissertação examina o desenvolvimento de suas formulações teóricas no decorrer de sua carreira em obras selecionadas e busca traçar relações dialéticas com o contexto de transformações e reconfigurações do pensamento radical no Reino Unido do período. O caso de Williams é significativo, pois o autor foi uma figura de destaque dentro da New Left britânica, além de ter tido um papel central na criação dos Estudos Culturais, dois processos marcantes na história ocidental contemporânea. Para além da relevância do tema dentro da história intelectual, entende-se como central a preocupação de Williams em articular práticas culturais e desenvolvimento histórico, tendo como objetivo forjar uma nova concepção de crítica. E a maneira como isso se deu, de modos distintos em diferentes marcos de sua trajetória intelectual, é um dos princípios norteadores da presente pesquisa. Trata-se de um exercício que, em última instância, busca contribuir tanto para enriquecer o entendimento a respeito de um ambiente intelectual específico quanto para a epistemologia da crítica materialista em geral. A pesquisa contou com a análise das obras de Williams e de seus documentos pessoais e profissionais, localizados tanto no *Richard Burton Archives*, na cidade de Swansea no País de Gales, quanto na *Weston Library*, na cidade de Oxford, Inglaterra.

Palavras-chave: Williams, Raymond, 1921-1988; Vida Intelectual - História - Séc. XX; Crítica Cultural; Cultura; Crítica Marxista.

ABSTRACT

This research analyzes the contribution that the Welsh thinker Raymond Williams (1921-1988) made to social thought in the second half of the twentieth century. His theory, cultural materialism, argued for non-abstract approaches regarding the complex relationships between culture and society, through an understanding of culture as a social and material process. Articulated between two instances – a study of both the texts and Williams' insertion in the period's intellectual field-, this dissertation examines the developments of the author's theoretical formulations throughout his career in selected works and aims to trace dialectical relationships with a wider context of transformations and reconfigurations of British radical thinking. Williams' case is meaningful, for the author was a prominent figure within the British New Left, besides having played a central role in the establishment of Cultural Studies, two outstanding processes in contemporary western history. In addition to the relevance of this subject within Intellectual History alone, Williams' concern in articulating cultural practices and historical development is considered a pivotal one, whose main goal was to forge a new conception of criticism. The manner in which this unfolded, in distinct ways over different milestones in his intellectual path, is one of the guiding principles in this research. It configures an exercise that, overall, aims to contribute to enrich both the understanding of a particular intellectual environment and the epistemology of materialistic criticism in general. This research featured the analyses of Williams' works as well as his personal and professional files located both at Richard Burton Archives, in the city of Swansea, Wales and at Weston Library, in the city of Oxford, England.

Keywords: Williams, Raymond, 1921-1988; Intellectual Life – History – Twentieth Century; Cultural Criticism; Culture; Marxist Criticism.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CCCS – Centre for Contemporary Cultural Studies

NLR – New Left Review

PCGB – Partido Comunista da Grã-Bretanha

RBA – Richard Burton Archives

TNR – The New Reasoner

ULR – Universities and Left Review

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

WEA – Workers' Educational Association

WL – Weston Library

Sumário

Introdução.....	15
Parte I	27
1 <i>Cultura e Sociedade</i> (1958): Leituras possíveis	27
2 Os inícios.....	28
3 Entre a herança e a crítica	39
4 A tradição dos English Studies.....	42
5 Raymond Williams e a crítica literária britânica	51
6 As críticas à Teoria Marxista da Cultura	59
7 Estrutura de Sentimento	64
8 A despolitização e a história em <i>Cultura e Sociedade</i>	68
Parte II	76
1 Marxismo e Literatura (1977): primeiras impressões.....	76
2 Os caminhos: <i>New Left</i> , Universidade de Cambridge e os desafios da esquerda britânica	79
3 De volta à Cambridge.....	91
4 Base e superestrutura: (re)considerações.....	103
5 Análise conceitual	108
5.1 Base e superestrutura.....	117
5.2 Determinação.....	120
5.3 Forças produtivas.....	121
5.4 Mediação	122
5.5 Correspondência e Homologia	123
5.6 Hegemonia.....	124
6 O marxismo ocidental em <i>Marxismo e Literatura</i> : Althusser, Goldmann, Lukács e Gramsci..	127
7 Marxismo, literatura e história	135
Conclusão	142
Fontes	152
Referências bibliográficas	155

Introdução

A partir da década de 1970, com a chamada Virada Linguística¹, é praticamente um consenso que a cultura passou a ser um dos temas mais trabalhados dentro das ciências humanas. No que diz respeito especificamente ao campo da História, falou-se em um “redescobrimento” da cultura². No entanto, consideramos essa afirmação somente como parcialmente verdadeira. É certo que o número de trabalhos sobre o tema, bem como instituições e departamentos de pesquisa dedicados a essa área proliferaram nos últimos quarenta e cinco anos. Contudo, acreditamos que essa marca temporal não abarca esforços analíticos anteriores e elege as contribuições de autores mais recentes como contendo maior complexidade e importância.

Desde as décadas iniciais do século XX, pensadores como Georg Lukács (1885-1971) e Antonio Gramsci (1891-1937) abriram caminhos para análises culturais com base no materialismo histórico. Em diferentes momentos de sua longa carreira intelectual, Lukács realizou uma análise estética engajada, buscando traçar relações entre arte e sociedade. Uma de suas mais célebres obras, *História e Consciência de Classe*, é tida como “o texto fundador do Marxismo ocidental”³. Já Gramsci trabalhou com a ideia de que todos são intelectuais, sejam eles “tradicionais” ou “orgânicos”, dando início a uma frutífera seara de estudos que buscou diversificar a identificação dos sujeitos produtores de cultura. Tratou, também, de discutir os processos hegemônicos de influência social, por meio dos quais grupos exercem poder através da esfera cultural⁴.

Outra vertente de estudos que remonta às décadas iniciais do século passado é a Escola de Frankfurt. Agrupados em torno do Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt em finais dos anos 1920, figuras como Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973), Erich Fromm (1900-1980), Herbert Marcuse (1898-1979) – além de colaborações ocasionais de Walter Benjamin (1892-1940), entre outros –, dedicaram-se a

¹ Por virada linguística entende-se, grosso modo, um movimento intelectual que impactou as ciências humanas como um todo. Através das contribuições de Ludwig Wittgenstein – dentro do campo da filosofia da linguagem –, de Martin Heidegger e Georg Gadamer – partindo da hermenêutica – questionaram-se os princípios empíricos e as noções de verdade dentro do conhecimento humano. Movimentos como o pós-estruturalismo e o contextualismo linguístico utilizaram largamente essas discussões ao proporem diferentes modos de análise de discursos. Cf. BARROSO, Antonio V. L. A virada linguística e o contextualismo linguístico: contribuições teóricas para se pensar a história intelectual. *Revista de Teoria de História*, ano 7, n. 10. 2015, p. 171-173.

² Cf., por exemplo: BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 7-8.

³ ZIZEK, Slavoj. De História e consciência de classe a Dialética do esclarecimento, e volta. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 59, 2003, p.161.

⁴ Cf. BARROS, José D’Assunção. História Cultural: um panorama histórico e historiográfico. *Textos de História*, v. 11, n. 1/2, 2003, p. 153.

estudos e pesquisas sobre o capitalismo na modernidade, privilegiando seu relacionamento com a então nascente cultura de massa, em análises que combinaram elementos do materialismo histórico, da psicanálise e das teorias da comunicação⁵. Sua influência no pensamento ocidental é notável, pois os temas trabalhados pela Escola de Frankfurt contribuíram para um tratamento diversificado e inovador da cultura⁶.

A partir dos anos 1950, na Inglaterra, alguns nomes como Maurice Dobb (1900-1976), Rodney Hilton (1916-2002), Christopher Hill (1912-2003), Eric Hobsbawm (1917-2012) e Edward Palmer Thompson (1924-1993) se destacaram ao analisarem temas sociais, políticos e culturais tendo como base o pensamento marxista. Reunidos inicialmente em torno do Partido Comunista Britânico (PCGB), inauguraram uma tradição teórica que contribuiu significativamente com a história e a teoria social⁷. Dentre esses autores, destaca-se a contribuição de Thompson aos estudos com temáticas culturais. Seus trabalhos buscaram inter-relacionar aspectos sociais, políticos e culturais, assim resgatando a ideia proposta por Gramsci, que debateu a hegemonia e colocou em xeque tanto o determinismo econômico quanto uma suposta autonomia da cultura⁸.

Nesse mesmo período, também na Inglaterra e dentro dos círculos sociais que, de algum modo, tiveram ligação com PCGB, destaca-se a contribuição de Raymond Henry Williams (1921-1988), pensador fortemente vinculado à *New Left* britânica⁹ e considerado um dos precursores dos Estudos Culturais¹⁰ na Inglaterra¹¹. Formado em literatura inglesa pela *Trinity College* da Universidade de Cambridge, durante quase duas décadas se dedicou ao ensino de adultos por meio da organização *Workers Education Association* (WEA), como parte da *Oxford University Delegacy for Extra-Mural Studies*, regressando à Cambridge como professor

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 153-154.

⁶ Cf. *Ibidem*, p. 154.

⁷ Cf. KAYE, Harvey. **The British Marxist historians**. New York: St. Martin's Press, 1995, p. 8.

⁸ Cf. BARROS, José D'Assunção. *Idem*, p. 149-150.

⁹ No contexto do pós-guerra, mais especificamente entre as décadas de 1960/70, a *New Left* britânica surgiu como um grupo heterogêneo – dentre eles comunistas dissidentes, socialistas independentes e intelectuais radicais – que diante dos avanços do imperialismo e das revelações dos abusos autoritários da URSS, realizaram esforços visando suprir a necessidade de se pensar novos rumos políticos dentro da esquerda. Cf. CEVASCO, Maria E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 123-125.

¹⁰ Departamento acadêmico centrado, de início, no *Center for Contemporary Cultural Studies*, fundado em 1964 por Richard Hoggart (1918-2014) e parte do Departamento de Inglês da Universidade de Birmingham. Seu eixo principal era fomentar pesquisas em torno da relação entre cultura e sociedade, tendo como base três textos fundadores: *The Uses of Literacy*, lançado em 1957 e de autoria do próprio Hoggart; *Cultura e Sociedade* de Raymond Williams, de 1958 e *A formação da classe operária inglesa*, escrito por E. P. Thompson, de 1963. Cf. ESCOSTEGUY, Ana C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, n. 9, dez. 1998, p. 87-88.

¹¹ Parte das discussões apresentadas na introdução dessa dissertação foram previamente discutidas em BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 33-46. As referências a esse texto serão indicadas com maior minúcia no decorrer da argumentação.

universitário no ano de 1961. Aposentou-se em 1983 e passou o resto de sua vida no interior na Inglaterra, onde veio a falecer em 1988. Williams foi autor de numerosas publicações, um total de mais de trinta livros. Para além dos estudos literários, Williams também contribuiu com análises a respeito de manifestações culturais das mais diversas, como teatro, televisão e cinema, além de ter escrito ficção (contos, romances e peças de teatro). Dentre os docentes do Departamento de Inglês da Cambridge do período, Williams era tido como um sociólogo fora do lugar¹², e em seu trabalho buscou conciliar duas correntes de análise: a de um rigoroso estudo do texto e a da análise da sociedade¹³.

Central para o pensamento de Williams é sua concepção de cultura “como forma material da produção de significado e valores”¹⁴. Em trabalhos que transitavam entre diversos temas, demonstrando uma versatilidade incomum em dias atuais – que se sofre com a ultra especialização –, buscou criar um corpo teórico que tratasse das manifestações culturais como parte de relações complexas entre a economia, política e sociedade. Elaborando uma engenhosa e, em muitos sentidos, inovadora apreciação da cultura e sua relação com a vida material, Williams formulou o materialismo cultural. O termo, nas palavras de seu próprio criador, designa:

Uma teoria da cultura como um processo produtivo (social e material) e de práticas específicas, de ‘artes’, como usos sociais dos meios materiais de produção (desde a linguagem como ‘consciência prática’ material até as tecnologias específicas da escrita e formas da escrita, através de sistemas de comunicação mecânicos e eletrônicos)¹⁵.

A definição acima foi retirada do artigo de 1976, “Notes on Marxism in Britain since 1945”. Materialismo cultural, definida como uma teoria marxista, só apareceria dessa forma em *Marxismo e Literatura*, lançado no ano seguinte – 1977. No entanto, Williams ressaltou que qualquer contribuição sua dos últimos trinta e cinco anos se desenvolveu numa relação complexa e direta com argumentos e ideias marxistas¹⁶, o que nos permite levar em consideração que a análise de obras anteriores, como *Cultura e Sociedade* de 1958, pode se

¹² EAGLETON, Terry. Resources for a Journey of Hope: the significance of Raymond Williams. **New Left Review**, n. 168, mar. abr. 1988, p. 5.

¹³ Cf. Ibidem, p. 6 e Cf. BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 34-35.

¹⁴ CEVASCO, Maria E. **Para ler Raymond Williams**, p. 75.

¹⁵ WILLIAMS, Raymond. Notes on Marxism in Britain since 1945. **New Left Review**, I/100, Nov. – Dez., 1976, p. 88-89. “a theory of culture as a (social and material) productive process and specific practices, of ‘arts’, as social uses of material means of production (from language as material ‘practical consciousness’ to the specific technologies of writing and forms of writing, through to mechanical and electronic communications systems)”. Todas as traduções no corpo do texto são de nossa autoria.

¹⁶ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 5.

mostrar valiosa para o estudo dos desdobramentos iniciais de suas formulações teóricas, mesmo que o termo materialismo cultural ainda não tivesse sido cunhado naquele momento.

Essa dissertação¹⁷ tem como cerne a investigação de seu desenvolvimento enquanto intelectual, no forjar de sua própria teoria cultural, levando em consideração os movimentos e deslocamentos de suas propostas ao longo de tão prolífica carreira como professor e pesquisador. Realizamos esse estudo a partir da análise de importantes obras do autor, procurando argumentar a respeito de suas preposições teóricas e sobre o modo como se desenvolveu historicamente tal conceito de análise cultural. Além do exame de seus textos e documentos pessoais consultados tanto no *Richard Burton Archives*, localizado na Universidade de Swansea, quanto no arquivo da Weston Library, na Universidade de Oxford, analisamos sua atuação intelectual e buscamos traçar suas posições em relação às diferentes vertentes do pensamento do período.

Com ênfase tanto na obra quanto na vida de Williams, esse trabalho se insere nos estudos de História intelectual que tratam da segunda metade do século, pois seu período de atuação como autor e professor se deu principalmente entre as décadas de 1950 e 1980. Instigados por leituras de Williams e de alguns comentadores, indagamo-nos sobre a importância que o desenvolvimento histórico parece ocupar dentro de sua obra. Em *Marxismo e Literatura*, por exemplo, o autor dedicou capítulos para demonstrar como certos conceitos são construídos historicamente, visando desmistificar certas vertentes da crítica que conferiam à literatura, à forma, ou à crítica – por exemplo – características idealistas e a-históricas¹⁸. A relação da obra de Williams com a história não passou despercebida ao exame de outros historiadores. Destacamos a observação de Raphael Samuel (1934-1996):

Pois o conhecimento de Williams era eminentemente histórico e a relação entre passado e presente era, indiscutivelmente, a problemática central de seu trabalho. Se o seu primeiro amor era a literatura, não parece extravagante dizer que sua segunda identidade era a de um historiador¹⁹.

Samuel seguiu afirmando que as obras de Williams continham densas análises históricas. Referiu-se especificamente a algumas de nossas fontes, como *Cultura e Sociedade*

¹⁷ Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo n. 2017/08999-8. Também nos foi concedida uma bolsa BEPE, do mesmo órgão de fomento, processo n. 2018/06742-2, o que tornou possível a realização de um estágio de pesquisa na Universidade de Swansea, sob orientação do professor Daniel Williams, de setembro de 2018 a março de 2019.

¹⁸ Cf. WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*, p. 45-54 e p. 186-191.

¹⁹ SAMUEL, Raphael. Philosophy Teaching by example: past and present in Raymond Williams. *History Workshop*, n. 27, 1986, p. 143. “For Williams’s intelligence was pre-eminently a historical one and the relationship of past and present was, arguably, the central problematic of his work. If his first love was literature, it does not seem extravagant to suggest that his second identity was that of a historian”.

e *Marxismo e Literatura*²⁰. Em concordância com Samuel, acreditamos que de fato existe uma preocupação histórica nas análises de Williams. Assim, procuramos averiguar em quais termos ela se delineou, nos diferentes contextos que analisamos. Assim, partindo de uma leitura atenta das fontes, perscrutamos em sua proposta a forma como o autor trouxe à tona questões sobre a relação entre cultura e sociedade, apresentando ferramentas metodológicas para tal. Buscamos lançar luz sobre como se forjou o mais “competente, consistente e original pensador socialista do mundo de língua inglesa”²¹.

Conforme enfatizou Jorge Myers (1961-), a consolidação de uma disciplina – ou subdisciplina – é sempre temporária²², fato que parece ser ainda mais urgente nesse campo plural e interdisciplinar que é a História Intelectual. Nesse sentido, uma definição precisa poderia indicar um contrassenso, no entanto, para certo esclarecimento provisório, destacamos a seguinte passagem de Myers:

a história intelectual consiste em uma exploração da produção doutra realizada pelas *elites letradas* do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção²³.

Para uma reinserção nesse contexto, a contribuição do pensador francês Pierre Bourdieu (1930-2002) nos parece fundamental. Denominada de filosofia da ação, sua sociologia analisou as relações e as potencialidades entre os agentes e as estruturas sociais. Guiada pelos conceitos fundamentais de *habitus*, campo e capital, “tem como ponto central a relação, de mão dupla, entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (do *habitus*)”²⁴.

Para nós é importante o conceito de campo. Podemos pensar o campo como um sistema de relações e disputas. O campo pode ser dos mais diversos tipos – seja campo científico, político, filosófico ou outros –, e cada um deles têm propriedades específicas. E para que funcionem, devem sempre estar em jogo objetos em disputas e pessoas e/ou instituições dispostas a jogá-lo. Os que estão jogando contribuem para sua reprodução, para “produzir a crença no valor das paradas em jogo”²⁵. No que diz respeito especificamente ao campo da

²⁰Cf. Ibidem, p. 143-146.

²¹ BLACKBURN, Robin. “Introduction”. In: WILLIAMS, Raymond. **Resources of Hope**. London: Verso, 1989, p. 9. “authoritative, consistent and original socialist thinker in the English-speaking world”.

²² Cf. MYERS, J. “Músicas distantes. Algumas notas sobre a História Intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem”. In: NORONHA DE SÁ, M. E. (org.). **História Intelectual Latino-Americana: Itinerários, debates e pesquisas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016, p. 24.

²³ Ibidem, p. 24-25.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996, p. 10.

²⁵ Idem. “Algumas propriedades dos campos”. In: **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2006, p. 122.

cultura, Bourdieu apontou para como são travados jogos pela disputa de capital simbólico. Como este não reside simplesmente no sucesso econômico, mas em complexas relações que envolvem a mobilização de diversos campos distintos, submersas em relações de forças, interesses e estratégias que variam²⁶.

Ao analisarmos o surgimento e desenvolvimento de uma teoria cultural, não nos pautamos única e exclusivamente nos textos escritos por Williams, enfatizamos, também, a importância de estudar sua trajetória. Ao inseri-lo intelectualmente, torna-se crucial estudar suas relações, ressaltando os diferentes grupos com os quais manteve relações naquele cenário intelectual. Em trabalhos na área de sociologia da cultura, Bourdieu realizou análises dialéticas que buscaram trazer à tona as complexidades entre cultura e sociedade²⁷. Ao refletir especificamente sobre a criação intelectual, destacou:

É preciso perceber e considerar que a relação que um criador mantém com a sua obra e, por isso mesmo, a própria obra são afetadas pelo sistema de relações sociais nas quais se realiza a criação como ato de comunicação ou, mais precisamente, pela posição de criador na estrutura do campo intelectual²⁸.

Em seu experimento sociológico mais bem-sucedido²⁹, o francês analisou o romance *A educação Sentimental*, de Gustave Flaubert. Identificando o autor do século XIX como um interlocutor privilegiado de seu momento histórico, Flaubert criou “uma espécie de experimentação sociológica”³⁰. A partir de sua leitura, Bourdieu relacionou seus personagens com diferentes polos do poder do período e demonstrou como suas ações no livro se relacionavam com os limites e as possibilidades e os limites da Paris pós-revolução de 1848³¹.

No entrelaçamento de componentes psíquicos e sociais, a cidade de Frédéric Moreau, protagonista da história, também era a de Flaubert. E ao “dessacralizar” o “gênio criador” na

²⁶ Cf. Idem. **Razões práticas**, p. 169-173.

²⁷ Parte dessas discussões estão presentes também em BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 36-37.

²⁸ Idem. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean (org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105.

²⁹ Expressão emprestada de Sérgio Miceli. Cf. MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. **Tempo Social**, v. 15, n. 1, 2003, p. 73.

³⁰ BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 25.

³¹ Ibidem, p. 18-23. Parte dessa argumentação também está presente em Cf. BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 37.

análise sociológica da obra, sua experiência literária pode ser intensificada e não diminuída como defenderam alguns estudiosos da arte ³². Pois, como escreveu Bourdieu:

É através da elaboração de uma história e graças a ela, que o autor é levado a trazer à luz a estrutura mais profundamente enterrada, mais obscura, porque a mais diretamente ligada aos seus investimentos primários, que está no próprio princípio de suas estruturas mentais e de suas estratégias literárias³³.

Sendo assim, é possível traçar afinidades teóricas entre o próprio Williams e o sociólogo francês. Destaca-se que:

Em *Cultura e Sociedade*, o autor galês traçou linhas de análise sofisticadas que buscaram não ceder à tentação de alimentar relações diretas entre a sociedade e a arte – presentes em teorias do reflexo reducionistas –, mas sim em trazer argumentos convincentes dessa relação e mostrá-la como fluida, num movimento de relacionamentos mútuos. Um exemplo desse percurso analítico se fez presente na análise de movimentos que enfatizaram a “internalização” do processo criativo, de concepções do artista como uma “pessoa especial” no contexto de ascensão do capitalismo industrial, dentro do qual esse estava se transformando em mais um trabalhador vendendo a sua força de trabalho. Ao passo que a própria literatura se tornava um negócio, acentuaram-se as críticas ao comércio em geral. Concomitantemente à ampliação do público leitor, criticou-se a noção de “gosto” do povo. Interagindo nessa mistura, houve transformações no conceito de cultura em conjunto com tentativas de posicioná-la como a antítese do comércio.

Algo sublime *versus* algo mundano³⁴, e segundo Williams:

Sob pressão, a arte tornou-se uma abstração simbólica de toda uma gama de experiências humanas gerais [...] na prática houve *insights* profundos e grandes obras de arte; mas, na pressão contínua da vida, a liberdade do gênio achou cada vez mais difícil harmonizar-se com a liberdade do mercado, e a dificuldade não foi resolvida, apenas amortecida por uma idealização³⁵.

Bourdieu também analisou esses movimentos. Pudemos traçar minimamente como a obra de Williams chegou até o sociólogo. Em artigo sobre o campo intelectual, Bourdieu referenciou essas questões e citou Williams ao enfatizar o peso da Revolução Industrial nas

³² Cf. Ibidem, p. 12-14. Exemplos de alguns desses autores: SALLENAVE, D. **Le don des morts**. Paris: Gallimard, 1991; GADAMER, Hans G. **L'art de comprendre**, Eefits, II, Hermeneutique et champ de l'experience humaine, Paris: Aubier, 1991; Bourdieu cita também Henri Bergson e Martin Heidegger. Cf, também, Cf. BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 37.

³³ Ibidem. p. 40.

³⁴ Para essas reflexões em específico, Cf. WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society: 1780-1950**. London: Penguin Vintage Classics, 2017, p. 48-71.

³⁵ Ibidem, p. 70-71. “Under pression, art became a symbolic abstraction for a whole range of general human experience [...] In practice there were deep insights and great works of art; but, in the continuous pressure of living, the free play of genius found it increasingly difficult to consort with the free play of the market, and the difficulty was not solved, but cushioned, by and idealization”.

reconfigurações do campo artístico e intelectual³⁶ e da formação de um público leitor³⁷. É possível notar, também, afinidades entre os dois quando o francês pontuou que, na medida em que o campo intelectual foi se estabelecendo, artistas afirmaram sua pretensão à autonomia e colocaram-se como indiferentes ao público. No século XIX, no furor do Romantismo, iniciou-se um movimento de “libertação da arte criadora”³⁸.

As semelhanças entre esses dois pensadores são tão palpáveis que o próprio Bourdieu ressaltou a enorme contribuição de Williams para que seu trabalho fosse divulgado no mundo anglo saxão³⁹, e em outra ocasião, em correspondência com o galês, Bourdieu escreveu a respeito das afinidades dos dois:

Eu li o seu livro *Marxismo e Literatura* com enorme interesse e concordo profundamente com você (você já deve ter visto o grau de nossa concordância no meu texto sobre a linguagem. O fato é que eu me sinto tão *isolado* aqui que a extensão de nossa concordância me parece algo miraculoso)⁴⁰.

Entendido a partir dessa complexa proposta analítica, acreditamos que o uso do conceito de campo, contribui para fortalecer o presente estudo. Longe de se tratar de uma “moda teórica”, a utilização de campo possibilita considerar configurações intelectuais em conjunto com as mais variadas forças em jogo. Compreendido como um “norte” na pesquisa, e não de modo determinista ou a-histórico, propicia um ponto de vista ativo e cambiante, sujeito às transformações de seu tempo, ao passo que traz à tona, ainda, um modo de encarar o estudo dos intelectuais e suas ações no mundo. Sendo assim, torna-se também uma declaração de posicionamento pessoal.

O foco dessa dissertação está, primordialmente, em dois “momentos chave” da trajetória de Williams: a publicação de *Cultura e Sociedade* em 1958 e de *Marxismo e Literatura*, em 1977. A escolha por essas obras em específico parte da compreensão que se trata de dois momentos de grande importância na carreira do autor. *Cultura e Sociedade* simbolizou seu primeiro “grande livro”, aquele que fez com que Williams se tornasse um nome conhecido na crítica e que, pela primeira vez em seus quase quinze anos de atuação, trouxe a ampla proposta do galês acerca do papel da cultura, carregada de uma forte voz autoral. Afinal, foi após a

³⁶ Cf. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968 (original de 1966), p. 109, Bourdieu referencia *Culture and Society*.

³⁷ Cf. Ibidem, p. 110. Bourdieu referencia *The Long Revolution*, obra de Williams lançada em 1961.

³⁸ Ibidem, p. 109.

³⁹ BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 13.

⁴⁰ Correspondência consultada no Richard Burton Archives (RBA) – WWE/2/1/16/33. “I read your book *Marxism and Literature* with enormous interest and agree profoundly with you (You have probably seen the extent of our agreement in my text on language. The fact is, I feel so *isolated* here that the extent of our agreement seems to me somewhat miraculous)” (grifos do autor).

publicação desse volume que Williams foi convidado a se tornar professor em Cambridge, fazendo com que muitas oportunidades de projetos se abrissem.

Já *Marxismo e Literatura* foi escolhido porque configura outro momento em sua carreira, entendido como ilustrativo de significativa mudança em suas posições e um forte engajamento com a teoria cultural marxista. O autor, então, já gozava do reconhecimento de um pesquisador consolidado, e a análise dessa obra é parte fundamental de um estudo que busca compreender seus desenvolvimentos intelectuais, já que é considerada sua obra teórica mais importante. Ambos os livros, seus contextos de produção e publicação são significativos, pois trazem consigo elementos suficientes para uma análise interessada nas diferentes abordagens, temas e discussões que permearam momentos fundamentais da trajetória intelectual desse pensador.

Em conjunto com as obras de Williams e a bibliografia sobre o tema, utilizamos documentos pessoais do autor, consultados no *Richard Burton Archives*. Nesse arquivo se encontram correspondências pessoais e profissionais, anotações do autor, cronogramas de aulas, resenhas tanto escritas por Williams quanto das suas obras, artigos de jornais etc. O uso de um arquivo pessoal traz questões interessantes à prática histórica, a respeito do próprio processo de constituição desse conjunto de materiais e acerca do lugar que essa documentação pode ocupar no estudo. Conforme argumentou Angela Castro Gomes, a valorização dos arquivos pessoais em nosso país é algo recente, datam dos anos 1970. Até poucas décadas atrás, somente eram reconhecidos como “verdadeiros” os documentos produzidos e custodiados em instituições públicas. Mesmo entendendo as suas particularidades, os arquivos pessoais exigiriam, ainda de acordo com Castro Gomes, que fossem compreendidos de maneira similar: “Dessa forma, tais documentos além de se relacionarem às atividades/funções de seus titulares obedecendo ao preceito arquivístico de proveniência, precisam ser correlacionados ao perfil desses titulares, além de terem que ser pensados como um conjunto, que tem uma lógica própria”⁴¹.

Nesse sentido, ao examinar a lógica própria do arquivo pessoal, devemos sempre ter em mente que, apesar do fato de que os documentos ali contidos não possuem prova legal, seu valor é de outra ordem, ou seja, “é de ordem informativa, vale dizer, é de pesquisa histórica. Assim, é a perspectiva do usuário do arquivo – através das questões de pesquisa que propõe -,

⁴¹ GOMES, Angela Castro. “Pesquisa histórica e arquivos pessoais: o exemplo do arquivo Gustavo Capanema”. In: ALVES, Luís Alberto M; PINTASSILGO, Joaquim. (Org.). **Investigar, Intervir e Preservar em História da Educação**. Porto: CITCEM, 2017, v. 1, p. 144.

que estabelece o sentido de “prova” dos documentos desse arquivo”⁴². E se considerarmos que esse arquivo é, ele mesmo, uma forma de conhecimento da trajetória do objeto de estudo, podemos entendê-lo também como uma testemunha dos diferentes momentos da trajetória de seu titular.

No entanto, mesmo reconhecendo seu valor de cognoscibilidade, é preciso se atentar ao fato de que os arquivos pessoais foram montados, seja pelo próprio produtor ou por sua família estendida, “os quais realizam seleções rigorosas do que deve ou não ser legado a posteridade e aberto ao público, visando à configuração de uma determinada imagem de si, para si e para os outros”⁴³. No caso em questão, o arquivo foi montado por sua esposa Joy Williams e, posteriormente, doado ao *Richard Burton Archives* por sua filha, a poeta Merryn Williams (1944-), no ano de 2007 (quase vinte anos após a morte de seu pai).

Após seis meses de trabalho no arquivo, cremos ser possível inferir algumas percepções sobre a documentação. A inegável maioria dos papéis data de 1961 em diante, ano da contratação de Williams como professor da Universidade de Cambridge. Dessa observação, podemos tirar algumas conclusões distintas. A primeira delas é que, desse período em diante, aumentaram as atribuições do galês, seus compromissos profissionais, publicações e correspondências, por exemplo. Fatos que tornariam a organização e acumulação de material uma necessidade. Em segundo lugar, a maior parte do conteúdo do arquivo diz respeito aos cadernos de anotações do autor (totalizando mais de trinta volumes). Essa informação faz todo sentido quando compreende o processo de escrita de Williams e o papel que as anotações das aulas tinham na elaboração de seus livros.

No que diz respeito ao uso que fizemos dessa documentação e seu lugar na análise, ressaltamos a incorporação das informações de suas correspondências na compreensão das diferentes nuances em alguns dos relacionamentos de Williams com membros da *New Left* – sejam as de tom mais pessoal ou profissional –, bem como para acessar informações acerca das negociações editoriais das obras publicadas que analisamos. Os cadernos de anotações e os cronogramas de aulas foram importantes para aprofundar o estudo dos processos argumentativos de Williams, seus interesses, suas posições e transformações.

Tivemos acesso também a *Weston Library*, na Universidade de Oxford, que contém documentos profissionais de Williams, de seu período como professor de adultos na Delegação de Estudos Extramuros de Oxford (*Oxford Delegacy of Extra-Mural Studies*). Lá foi possível

⁴² Ibidem, p. 144.

⁴³ SCHMIDT, Bento. Arquivos pessoais: reflexões interdisciplinares e experiências de pesquisas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 8, 2014, p. 456.

consultar uma documentação que continha correspondências e cronogramas de disciplinas e minicursos que, assim como os documentos do *Richard Burton Archives*, serviram para trazer dados factuais e também aprofundar associações e nuances entre sua prática docente e a obra publicada que analisamos.

O conteúdo dessa dissertação está dividido em duas partes, seguindo a divisão proposta de dois “momentos chave” na carreira de Williams. A parte I dá conta do processo de *Cultura e Sociedade*, obra publicada em 1958, é considerada por muitos como a obra-prima de Williams. Um livro que fez história, pois deu o primeiro passo em direção a um novo tipo de debate socialista na Inglaterra, um passo que, de muitas maneiras, foi inovador e libertador⁴⁴. Em um nível pessoal, sua publicação e reconhecimento possibilitaram novos rumos para Williams e um lugar na academia britânica. Mesmo que, paradoxalmente, a obra representasse “seu longo e definidor conflito com a ‘cultura inglesa oficial’”⁴⁵, ao estudar a tradição cultural e sociedade de meados do século XVIII até seu período contemporâneo. Passando por nomes como Edmund Burke (1729-1797), Robert Owen (1771-1858), até John Ruskin (1819-1900) e Williams Morris (1834-1896), e ao adentrar o século XX, discutiu o impacto dos escritos de F. R. Leavis (1895-1978) e T. S. Eliot (1888-1965), bem como os alcances e limites da crítica cultural marxista do período no Reino Unido.

Subdividida em oito partes, trata das diferentes leituras da obra, da formação universitária de Williams – dando destaque para os grupos dos quais fez parte ou interagiu naquele período –, e, também, de sua atuação como professor de adultos na WEA, utilizando documentos consultados no *Richard Burton Archives* e na *Weston Library*. Ao tratar do conteúdo do livro em si, analisamos as ambivalências da proposta de análise cultural de Williams e seu posicionamento entre a tradição dos *English Studies* britânicos e tradição marxista. Com destaque à formação do campo de estudos da crítica literária na Inglaterra, à crítica do autor a analogia da base e superestrutura do pensamento marxista e à formulação do conceito de estrutura de sentimento. Na seção final da parte I, discutimos os termos de uma suposta despolitização do livro e argumenta-se até que ponto isso se relaciona com a análise histórica presente no texto, bem como especula-se em que termos teóricos essa análise se deu.

Na parte II, o processo da obra *Marxismo e Literatura* é o objeto principal. Em torno disso são realizadas análises diacrônicas e sincrônicas que tratam das experiências de Williams com a *New Left* britânica, de suas práticas docentes em Cambridge e das mudanças no panorama

⁴⁴ Cf. CHUN, Li. **The British New Left**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1993, p. 43-47.

⁴⁵ Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams: Literature, Marxism and Cultural Materialism**. London: Routledge, 1999, p. 57.

da intelectualidade marxista da Grã-Bretanha e modo como essas se refletiram nas formulações teóricas do autor. Passa-se então para uma análise mais detida das formulações teóricas do autor, tanto no artigo “Base e superestrutura na teoria cultural marxista”, publicado em 1973, quanto em *Marxismo e Literatura*, de 1977. São abordados os temas que trazem consigo os alicerces da teoria do materialismo cultural, como propostas de análises dos conceitos de cultura, linguagem, literatura e ideologia, passando para um tratamento de conceitos chave da teoria cultural marxista – tais como base e superestrutura, determinação, forças produtivas e hegemonia, entre outros.

Traçamos também o modo como Williams utilizou, por vezes através da crítica, algumas referências teóricas do marxismo ocidental, chamada por ele de “tradição alternativa”. São analisados os tratamentos dados à Louis Althusser (1918-1990), Lucien Goldmann (1913-1970), Antonio Gramsci e Georg Lukács, bem um olhar atento a como o crítico revisitou as ideias Karl Marx (1818-1883). Não se trata de uma ampla argumentação acerca das extensas e frutíferas fortunas críticas de figuras tão notórias do pensamento materialista – respeitando os limites e imposições de uma pesquisa de mestrado –, mas sim uma apreciação de como tais nomes aparecem em *Marxismo e Literatura* e modo como isso se deu, na tentativa de entender as influências e ramificações da proposta teórico do materialismo cultural. Na seção final, é revisitada a temática do papel da análise histórica no pensamento de Williams. São feitas considerações sobre as transformações, permanências e nuances que a obra madura do autor contém, buscando contrabalancear as argumentações do final da parte I e oferecer um entendimento dentro dessa temática.

Por fim, na conclusão do texto são retomadas algumas das reflexões, a partir das quais se reflete sobre as diferentes abordagens, transformações e elementos da teoria de Raymond Williams e o modo como o autor lidou com distintas tradições intelectuais, fazendo com que seu percurso para se tornar um dos nomes mais respeitados da teoria cultural seja, ao mesmo tempo, um desafio e um convite aos pesquisadores interessados nos desafios da sociedade contemporânea.

Parte I

1 Cultura e Sociedade (1958): leituras possíveis

Em 2009, ano do aniversário de 50 anos da publicação de *Cultura e Sociedade*, Francis Mulhern (1952-) escreveu um artigo comemorativo no qual reconhecia que a obra se tornou um clássico. Tendo como característica o seu estilo elusivo, seguiu sendo lida e relida, década após década, o que resultou em leituras muito distintas entre si. Ainda segundo Mulhern, durante a década de 1970 – principalmente nas análises de Terry Eagleton (1943 -) e dos membros do comitê editorial da *New Left Review* que resultou na entrevista publicada em *Politics and Letters* – *Cultura e Sociedade* foi lida à luz de suas relações de continuidade com a crítica literária da Universidade de Cambridge e visto como distante de sua posição marxista anterior. Já na década de 1980, a discussão ganhou novos contornos devido à posição declaradamente marxista e revolucionária que Williams vinha adotando. Mulhern sugeriu ainda que essa foi a década em que se esqueceu *Cultura e Sociedade* em favor de discussões políticas mais candentes. Nos anos 1990, com o pessimismo e a desesperança após o fim da União Soviética e o avanço do neoliberalismo no Reino Unido, veio à tona o que havia de mais radical na tese de Williams: a intrínseca criatividade histórica do trabalho socializado¹.

A breve, e em certo sentido, certa sumarização de Mulhern destacou certos temas que são caros a nossa proposta de análise. A relação de Williams com a crítica literária de Cambridge e com a teoria marxista são fundamentais, e no que se refere ao teor radical do livro (ou até mesmo sua ausência) pode ser feita a mesma afirmação. Um dos pontos mais interessantes do referido artigo está contido na ideia defendida por seu autor de que a “*Englishness*”, característica que dá a toada da análise realizada por Williams em *Cultura e Sociedade*, seria o resultado não dos vestígios de sua formação nos moldes da influência de Leavis e da revista *Scrutiny*, mas sim de suas afinidades comunistas. E isso derivaria do fato de que, apesar de Williams estar mergulhado em uma corrente do pensamento social inglês, seu posicionamento teria mais semelhanças com o pensamento comunista da época do que com o liberalismo cultural inglês. Além do mais, Williams apresentaria um posicionamento crítico de tom intransigente, que remeteria a teorias da esquerda dos anos 1930².

Antes de adentrarmos nos pormenores das discussões acerca das heranças intelectuais e das posturas teórico metodológicas adotadas em *Cultura e Sociedade*, parece-nos interessante trazer alguns dos pontos destacados por autores que resenharam o livro assim que ele foi publicado.

¹ Cf. MULHERN, Francis. Culture and Society, then and now. **New Left Review**, 55, Jan./Fev. 2009, p. 31-33.

² Cf. *Ibidem*, p. 36.

Por um lado, tínhamos posições entusiasmadas que enfatizaram como a obra se tornou um marco no “*revival*” da intelectualidade de esquerda³, uma grande contribuição não só à crítica literária como à sociologia da cultura, sociologia da literatura⁴ e da história das ideias⁵, por outro, é possível notar que as impressões imediatas apontaram para muitas inconsistências na obra. Sendo assim, apesar de parte dessas resenhas elogiar o tratamento que Williams deu a alguns autores da tradição cultura e sociedade⁶, outras avaliaram negativamente sua retórica⁷, seu “socialismo cauteloso”⁸ e seu tom moderado⁹. Outros iam além e denunciavam um conservadorismo no autor galês, de tom semelhante ao de pensadores que ele estudou no livro, como Edmund Burke, e que conteria um desejo de preservar padrões tradicionais¹⁰. Essas resenhas atentaram também para uma curiosa minimização do conflito, do protesto e da oposição¹¹, certa artificialidade na seleção de facetas dos autores analisados¹² e insuficiência de discussão histórica, de tom mais denso, concreto e nuançado¹³.

Após essa pequena amostra da recepção inicial de *Cultura e Sociedade* no mundo anglófono, é possível defender a pertinência da afirmação de Mulhern, agora mais de 60 anos depois, que essa obra foi, e segue sendo, polarizadora. Muitos dos pontos destacados por esses leitores iniciais seguiu sendo alvo de discussões e críticas, e vários deles farão parte dos tópicos desse capítulo como sua filiação à tradição da crítica literária inglesa, seu tom moderado e deficiente contextualização histórica. No entanto, como parte de nosso esforço analítico, se faz imprescindível a tarefa de situar historicamente tal obra, bem como seu autor.

2 *Os inícios*

Raymond Henry Williams nasceu em 31 de agosto de 1921, em Pandy, vilarejo próximo a Abergavenny, no sudeste do país de Gales. Filho de pai sinaleiro ferroviário e mãe dona de casa, Harry e Gwen, Williams cresceu em um ambiente fortemente influenciado pelo

³ Cf. BROWN, W. E. “Hope for Society”. **Bolton Evening News**. 22/12/1958. Consultado em Richard Burton Archives (RBA) – WWE/2/1/9/2/6.

⁴ Cf. HIGHET, John. “Culture and Society”. **British Weekly**. 05/03/1959. Consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

⁵ Cf. MARTIN, Graham. **Universities and Left Review**. Autumm, 1958, p. 71. Consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

⁶ Cf., por exemplo, a resenha em que John Jones elogiou o capítulo em que Williams tratou de Thomas Carlyle (JONES, John. “the concept of culture”, 1958. Consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6); Cf. resenha de Asa Briggs que enfatizou que a melhor parte do livre consiste na seção sobre T. S. Eliot (BRIGGS, Asa. **Social Service Quaterly**. Spring 1959, p. 168 - consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6).

⁷ Cf. KERMODE, Frank. “*Books and Writers*”, 1958, p. 87, consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

⁸ Cf. **Times Literary Supplement**, 26/09/1958, consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

⁹ Cf. ROBERTS, John. “Reach for your gun”. **Time and Tide**, 01/11/1958, consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

¹⁰ Cf. MITCHELL, Julian. **Isis**. 05/11/1958, consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

¹¹ Cf. MCCALLUM, Doug. **The Observer** (Austrália), 18/04/1959, consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

¹² Cf. BRIGGS, Asa. Idem, loc. Cit.

¹³ Cf. HOGGART, Richard. **Essays in Criticism**, p. 178, consultado em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

movimento trabalhista britânico. Estudou durante sete anos em Pandy, e em 1932 conseguiu uma bolsa de estudos na *Abergavenny Grammar School*. Aluno com desempenho acima da média, ao final do *Sixth Form* (equivalente ao fim do ensino médio no Brasil) ganhou uma bolsa de estudos para estudar literatura inglesa na *Trinity College* da Universidade de Cambridge em 1939¹⁴.

O interesse pela literatura de Williams vinha de longe, desde cedo já frequentava clubes de leitura ligados às iniciativas do Partido Trabalhista, os chamados *Left Book Clubs*¹⁵. Após ingressar no ensino superior, seguiu envolvido com diversos clubes, como, por exemplo, o *Socialist Club*. De acordo com ele, o autor mais lido no clube naquele momento não era tanto Karl Marx, mas sim Friedrich Engels (1820-1895) (citou *Do socialismo utópico ao socialismo científico* e *Anti-Dühring*) e Vladimir Lênin (1870-1924) (*Estado e Revolução*)¹⁶. Nessa ocasião, Williams conheceu Michael Orrom (1920-1997), com quem anos mais tarde, em 1954, escreveria *Preface to Film*. É importante pontuar também que foi nesse primeiro ano em Cambridge, mais precisamente em novembro de 1939, que Williams se filiou ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB)¹⁷ e, como parte do *Writer's Club*, conheceu Hobsbawm e em conjunto escreveram um panfleto em defesa da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na questão da disputa com a Finlândia¹⁸. Williams também foi um dos fundadores do *Cambridge University Journal* e participou do movimento estudantil da instituição, ocasião em que foi secretário do economista marxista Maurice Dobb na comissão de política estrangeira¹⁹.

Em meio a Segunda Guerra Mundial, os estudantes de Cambridge eram obrigados a se alistar ao final do primeiro ano de estudo. Um pouco antes da data de sua viagem, Williams se casou com Joy Dalling, então estudante da *London School of Economics*, com quem ficaria casado a sua vida toda e teria 3 filhos. Chegado julho de 1941, Williams embarcou de Pretstatyn, no norte de Gales²⁰, serviu na unidade de tanques e chegou a ser tornar um oficial. Como era de se esperar, a experiência da guerra o afetou profundamente. O autor tratou disso abertamente na entrevista concedida por ele ao comitê editorial da NLR entre os anos de 1977 e 1978 intitulada *Politics and Letters*, comentando sobre a raiva reprimida que sentiu no período²¹. Esse tema também esteve presente nos escritos ficcionais do autor, como em *Loyalties* –

¹⁴ Essa bolsa cobria todas as despesas da universidade além de 25 libras anuais, o que, na época, cobria seus gastos pessoais. Cf. SMITH, Dai. **Raymond Williams: A warrior's tale**. Cardigan: Parthian Books, 2008, p. 68.

¹⁵ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters: interviews with New Left Review**. London, 1979, p. 28.

¹⁶ Cf. Ibidem, p.40-41.

¹⁷ Cf. Ibidem, p. 41.

¹⁸ Cf. Ibidem, p. 40 e Cf. SMITH, Dai. **Raymond Williams.**, p. 86-87.

¹⁹ Cf. Ibidem, p. 113.

²⁰ Cf. Ibidem, p. 131.

²¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 57-58 e p. 422.

romance publicado em 1985 – que trata da história de amigos de círculos sociais muito distintos e as mudanças de seus posicionamentos políticos ao longo de várias décadas, desde a ascensão do Fascismo em meados da década de 1930 até os desenvolvimentos da Guerra Fria nos anos 1980²².

Em novembro de 1945, após o término do conflito, Williams retornou à Cambridge para finalizar os estudos²³. No entanto, deparou-se com um cenário universitário muito diferente de quando saiu, quatro anos antes. O autor relembrou esse momento em *Politics and Letters*, enfatizando que a cultura literária havia se tornado, então, fortemente ligada a figura do professor F. R. Leavis²⁴. Pontuou ainda que, em um reencontro com Hobsbawm, os dois concordaram que uma esquerda consciente e presente não existia mais em Cambridge²⁵.

Para finalizar seus estudos de graduação, Williams se dedicou ao trabalho acadêmico com afinco. E, como tinha servido na guerra, era-lhe concedido um caminho “mais simples”: escrever uma tese de 15.000 palavras. Williams estudou Henrik Ibsen (1828-1906) nessa fase, além de também escrever um artigo sobre George Eliot²⁶. Ao final desse percurso acadêmico, foi oferecido a ele uma bolsa de £200 por ano durante três anos para seguir na pós-graduação, ou uma vaga na educação para adultos que pagaria £300 por ano. Nessa altura, já com dois filhos, o fator financeiro influenciou bastante. No entanto, posteriormente, Williams afirmou que essa não foi a principal razão para aceitar a oferta, o fato determinante seria que ele estava concentrado em vários outros projetos, dentre eles escrever um romance e um documentário com Orrom, além da criação do periódico *Politics and Letters*, com os colegas Wolf Mankowitz (1924-1998) e Clifford Collins. O que Williams planejava era que o trabalho na *Workers' Educational Association* (WEA) servisse para prover o seu sustento e de sua família enquanto esses outros projetos estavam sendo desenvolvidos.

A ideia do periódico vinha de anos antes, de discussões com Mankowitz e Collins na graduação. A intenção do projeto, de acordo com o próprio Williams, era produzir algo que juntasse política de esquerda com a crítica literária de orientação leavivista: “Nós estávamos de fora do Partido Trabalhista, mas distantes do Partido Comunista. Nossa afiliação com a

²² Cf. WILLIAMS, Raymond. **Loyalties**. London: Chatto & Windus. 1985.

²³ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 134-146.

²⁴ De acordo com Stefan Collini, foi após voltar da guerra que William teria caído no “feitiço” de Leavis. Cf. COLLINI, Stefan. “Critical Minds: Raymond Williams and Richard Hoggart” In: Idem. **English Pasts**. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 211.

²⁵ Cf. Ibidem, p. 61.

²⁶ Grande parte desses textos foram publicados mais tarde, como capítulos em livros de Williams dos anos 1950, como *Reading and Criticism* (texto sobre George Eliot) e *Drama from Ibsen to Brecht* (capítulo sobre Ibsen). Cf. **Politics and Letters**, p. 61-62.

Scrutiny era cautelosa, mas, no entanto, bastante forte”²⁷. O galês já não era mais membro do Partido Trabalhista desde o verão de 1941, e sua filiação do PCGB não tinha sido renovada desde seu período na guerra, Williams achava que estavam sendo cometidos muitos erros intelectuais e que a postura do Partido em relação às políticas culturais naquele momento era equivocada. No que diz respeito à sua relação com a *Scrutiny* e o sobre o que o atraía à Leavis, o autor argumentou que um fator determinante residiria no, então considerado, radicalismo cultural de Leavis, contido em suas críticas a imprensa comercial, a publicidade e ao academicismo. E dentro dos estudos literários em si, a crítica prática de Leavis exercia um grande poder sobre Williams, e em uma passagem de *Politics and Letters*, parece-nos que a tensão entre o fascínio desse método e as preocupações socialistas do autor ficou clara,

Hoje quando estou escrevendo sobre um romance, é um procedimento [se referindo a crítica prática] que me vem com facilidade, mas eu tento me abster de usá-lo. Ele tende a se tornar um modo muito dominante, precisamente porque evade tanto problemas estruturais e, ao cabo, todas as questões de crença e ideologia. Mas naquele momento nós pensávamos que era possível combinar isso com o que pretendíamos que fosse uma posição claramente socialista cultural. De certo modo, a ideia era ridícula, já que a posição cultural de Leavis estava se mostrando precisamente contrária a isso. Mas eu acho que foi por isso que nós começamos nossa própria revista, ao invés de fazermos fila para nos tornarmos contribuidores da *Scrutiny*²⁸.

No entanto, o projeto da revista não durou muito e teve uma curta vida de dois anos. De acordo com Williams, havia a questão das dificuldades financeiras e atrasos nos pagamentos das livrarias que distribuíam a revista e, além disso, desavenças pessoais entre os editores (principalmente entre Williams e Mankowitz). Outro episódio teve a ver com a fato de Williams ter planejado escrever um livro em conjunto com Collins, de título *English For Adults*, no entanto, por motivos de desencontros e desavenças o projeto não deu certo e, mais tarde, Williams publicou um livro sozinho, *Reading And Criticism*. Somando esses acontecimentos aos fatores financeiros, o resultado foi que os editores romperam com o galês e, mesmo tentando seguir com outro editor, a revista chegou ao fim em 1948²⁹.

²⁷ WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 65. “We were to be left of the Labour party, but at a distance from the CP. Our affiliation to *Scrutiny* was guarded, but it was nevertheless quite a strong one”.

²⁸ Ibidem, p. 66. “Today when I am writing about a novel, it is a procedure that comes very easily to me, but I try to refrain from using it. It always tends to become too dominant a mode, precisely because it evades both structural problems and in the end all questions of belief and ideology. But at the time we thought it was possible to combine this with what we intended to be a clear Socialist cultural position. In a way the idea was ludicrous, since Leavis’s cultural position was being spelt out as precisely not that. But I suppose that was why we started our own review, rather than queueing up to become contributors to *Scrutiny*”

²⁹ Cf, por exemplo, HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 9, MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**, p. 24-25 e WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 74-77.

O outro projeto com o qual Williams estava envolvido nesse período também não foi para a frente, o roteiro de um documentário com Orrom. Os termos da dissolução da amizade entre os dois ainda é tema de debate entre seus biógrafos e comentadores, que por um lado atribuem o fato ao alcoolismo de Orrom e, de outro, uma suposta (e não comprovada) influência de sua esposa Joy Williams para afastar os dois. Diante desses percalços, o autor chegou a declarar que:

O colapso do periódico foi uma crise pessoal para mim. Muitas outras iniciativas, como o filme, também foram bloqueadas ou falharam. A experiência confirmou um padrão de sentimento que eu encontrei em Ibsen. Por um tempo, eu estava em um estado tamanho de fadiga e retraimento que parei de ler jornais e ouvir os noticiários. Naquele ponto, além de prosseguir com a educação de adultos, eu senti que só poderia sair disso de um modo não-colaborativo. Eu me recolhi para focar em meu próprio trabalho. Pelos próximos dez anos eu escrevi em um isolamento quase completo³⁰.

Para nos debruçarmos sobre esse período inicial da carreira de Williams como docente, considerado aqui como parte fundamental para as análises que o autor levaria a cabo em *Cultura e Sociedade*, pensamos ser necessário refletir acerca da problemática da educação para adultos naquele contexto específico³¹. Em um panfleto da WEA constam alguns elementos de seus anos iniciais e aspectos de funcionamento. Há, também, informações sobre como se deu a parceria entre a WEA e a Universidade de Oxford, empregadora de Williams. A WEA foi criada em 1903, durante uma conferência de representantes de sindicatos, chamado “movimento cooperativo e autoridades da extensão universitária” (*Cooperative movements and university extension authorities*). O primeiro nome dado a associação era Associação para Promover a Educação Superior dos Homens Trabalhadores (*Association to Promote the Higher Education of Working Men*). De acordo com o panfleto, a discriminação sexual contida nessa nomenclatura foi corrigida dois anos depois, quando o nome Associação Educacional dos Trabalhadores (*Workers' Educational Association*) foi adotado. Sobre os objetivos dessa iniciativa, lemos o seguinte:

A parceria entre trabalho e aprendizado não seria meramente um arranjo administrativo conveniente, seria uma parceria verdadeira na qual os

³⁰ WILLIAMS, Raymond. **Politics and letters**, p. 77. “The collapse of the periodical was a personal crisis for me. So many other initiatives, like the film, had also been blocked or failed. The experience confirmed the pattern of feeling I had found in Ibsen. For a period, I was in such a state of fatigue and withdrawal that I stopped reading papers or listening to the news. At that point, apart from going on with the actual adult education teaching, I felt I could only write myself out of this in a non-collaborative way. I pulled back to do my own work. For the next ten years I wrote in nearly complete isolation”.

³¹ O sociólogo da educação brasileiro Alexandro Paixão fez uma reflexão interessante acerca da problemática da educação de adultos e suas relações com as concepções teóricas de Williams, além de uma necessária defesa dos escritos de educação do autor como um tema relevante de pesquisa. Cf. PAIXÃO, Alexandro H. Raymond Williams e a educação democrática. **Educação e Sociedade**, v. 39, n. 45, p. 1004-1022.

trabalhadores seriam auxiliados em uma busca objetiva, em todos os ramos do aprendizado, para adquirir conhecimento sobre a sociedade em que eles viviam e trabalhavam³².

Em 1907, em uma reunião em Oxford, organizações educacionais e representantes de sindicatos de trabalhadores aprovaram a formação de um comitê conjunto da Universidade de Oxford e da WEA para a administração de classes tutoriais (*tutorial classes*)³³. Sir Robert Morant (1863-1920), então secretário permanente do comitê de educação, prometeu ajuda financeira ao projeto e o comitê adjunto de Oxford, em cooperação com a WEA, conseguiu estabelecer parcerias com universidades espalhadas pela Inglaterra. Sobre os custos do projeto, as universidades financiavam quase metade, o Conselho de Educação arcava com cerca de um terço do valor e o restante era coberto por verbas de autoridades educacionais locais e outras fontes.

Em 1942, a WEA se juntou com o Sindicato Cooperativo (*Cooperative Union*), com o Sindicato dos Comerciantes (*Trades Union*) e com o Sindicato Nacional dos Professores (*National Union of Teachers*) e formaram o Conselho para o Avanço Educacional (*Council for Educational Advance*), órgão que eventualmente se tornou um dos principais articuladores das campanhas, publicações e encontros públicos que precederam o Ato Educacional de 1944 (*Educational Act*)³⁴ que, de acordo com esse material da instituição, foram fatores que pressionaram a aprovação das reformas pelas quais a WEA vinha lutando há mais de 30 anos³⁵.

No que diz respeito especificamente as ações para o ensino de adultos no núcleo específico da Universidade de Oxford, Lawrence Goldman (1957 -) destacou:

A história do envolvimento de Oxford na educação de adultos não é sem conflito [...] ainda que esses conflitos ajudem a definir o desenvolvimento da esquerda intelectual na política britânica do último século. [...] essa ‘tradição’ começou com Benjamin Jowett, T. H. Green, e Arnold Toynbee no período formativo até os anos 1880. Eles fizeram o compromisso inicial com a

³² Panfleto “The Early years of WEA”, **WEA NEWS**, n. 5, novembro de 1961. Consultado em RBA - WWE/2/1/14/1/2. “The partnership between labour and learning was not to be merely a convenient administrative arrangement; it would be a true partnership in which the workers would be helped in an objective search, in all branches of learning, to acquire knowledge about the society in which they lived and worked”.

³³ Uma classe tutorial significava uma classe pequena, contendo de 30 a 40 pessoas, que se comprometiam com um estudo continuado de alto nível acadêmico por um período de três anos. Cf. Idem.

³⁴ Trata-se de um pacote de medidas levadas a cabo pelo Conselho de Educação na Inglaterra e no País de Gales, introduzido pelo então secretário R. A. Butler. O propósito do pacote de medidas visava suprir as necessidades do setor no período do pós-guerra, além de contar também com demandas sociais que anteciparam o conflito. Algumas das medidas foram o aumento dos anos de estudo obrigatórios para as crianças (até os 15 anos) distinguindo entre escola primária e secundária; estabelecimento de um novo sistema de salários aos professores; aumento de vagas para meninas, mulheres e classe trabalhadora; tornou obrigatória a merenda escolar e fornecimento de leite às crianças. Cf. texto completo que influenciou o Ato, chamado de *The Green Book*, disponível em: <http://www.educationengland.org.uk/documents/greenbook1941/greenbook.html> acesso em 20/04/2020.

³⁵ Cf. Ibidem.

educação de adultos em Oxford e estabeleceram os objetivos do movimento, objetivos esses que foram seguidos com um sucesso limitado por Arthur Accland, Michael Sadler e Halford Mackinder que os sucederam. Nos anos iniciais do século XX, uma geração nova chegou na educação para adultos e tomou para si o desafio em um novo contexto político; isso incluía William Temple, A. D. Lindsay, R. H. Tawney, Alfred Zimmern e, um pouco depois, G. D. H. Cole. Mais recentemente, na era do pós segunda-guerra, o projeto na educação de adultos de Oxford influenciou e formou a obra de Raymond Williams³⁶.

Um dos nomes mencionados por Goldman foi o do proeminente historiador econômico inglês R. H. Tawney (1880-1962) que, além de ter sido um dos contribuidores do texto final do ato de 1944 – seus estudos no decorrer das décadas de 1920 e 1930 influenciaram alguns dos pontos propostos na reforma de tom progressista – foi também membro executivo da WEA, chegando a Vice-Presidente (1920-1928; 1944-1948) e a Presidente (1928-1944). Williams foi contratado pelo programa de estudos extramuros de Oxford em 01 de setembro de 1946, como Tutor de Pessoal (*Staff tutor*), tendo seu contrato renovado por quatro vezes e lá permanecendo até setembro de 1961. Williams foi promovido duas vezes nesse intervalo de tempo, para Tutor de Pessoal Sênior (*Sênior Staff Tutor*) em 1955 e para Tutor Residente (*Resident Tutor*) em 1960³⁷.

Em sua ficha de inscrição para a vaga de tutor, Williams listou como experiências prévias: dois anos como oficial de educação do exército (atividades detalhadas: organização de programas educacionais, experiência vasta em dar aulas de temas políticos, internacionais e literários); Tutor pela WEA (distrito oriental) em 1946 e Palestrante da Liga das Nações em Monmouthshire em 1939. Por mais que em suas memórias Williams tenha mencionado que a vaga lhe foi oferecida, em contato com os arquivos administrativos de Oxford, pudemos constatar que a rede de contatos do galês em Cambridge e na WEA foi acionada, por meio de referências de ex-professores fornecidas por ele. Foi possível localizar correspondências que confirmaram as informações que constam na ficha de Williams e demonstraram confiança que ele se sairia bem no cargo ambicionado, como nessa carta datada de 13 de julho de 1946, de

³⁶ GOLDMAN, Lawrence. **Oxford Dons and Workers**: Oxford and Adult Education since 1850. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 3-4. “The history of Oxford's involvement in adult education is not without conflict [...] though these conflicts help define the development of the intellectual left in British politics over the past century [...] This ‘tradition’ began with Benjamin Jowett, T. H. Green, and Arnold Toynbee in the formative period up to the 18 80s. They made the initial commitment to working-class education in Oxford and established the aims of the movement, aims that were followed with limited success by Arthur Acland, Michael Sadler, and Halford Mackinder after them. In the early years of the twentieth century a fresh generation came into adult education and took up the challenge in a new political context; it included William Temple, A. D. Lindsay, R. H. Tawney, Alfred Zimmern and, slightly later, G. D. H. Cole. More recently, in the post-Second World War era, Oxford's project in adult education influenced and shaped the work of Raymond Williams”.

³⁷ Documentos consultados em WL - CE 3/255/75 – CG179/PA.

autoria de R. M. Rattenbury (1901-1970), professor da *Trinity College* de Cambridge, em que destacou:

Ele [Williams] tem um interesse genuíno na literatura inglesa, ele pensa claramente e se expressa de maneira vigorosa. Quatro anos no exército o levaram a ter contato com uma grande variedade de pessoas e eu acho que ele é bem qualificado para ser um tutor da WEA. Apesar de ter se especializado no estudo do inglês, também tem um bom conhecimento de francês. Ele é um homem de ampla leitura e capacidade incomum para o trabalho duro, e eu acho que encontraria poucas dificuldades em enfrentar com sucesso assuntos com os quais ele ainda não dedicou toda a sua atenção³⁸.

Já W. P. Baker, tutor organizador na Universidade de Cambridge, membro do conselho de estudos extramuros da mesma universidade escreveu que “estava desapontado que em ouvir que ele [Williams] não iria mais retornar à Cambridge, pois eu deveria certamente fazer um uso mais completo de seus serviços”³⁹.

No curso desses mais de quinze anos como professor de adultos, Williams envolveu-se em diversas atividades diferentes dentro da instituição. Estabelecido primordialmente na região de East Sussex, no sudeste da Inglaterra, o autor residiu com sua família nas cidades de Seaford (até 1952), Hastings (até 1960) –ambas em Sussex –, e em Oxford (até 1961), nas quais ministrou aulas à noite por diversos dias da semana, além de ocasionais cursos em que dividiu a classe com outros professores e cursos de curta duração em determinados períodos de férias de verão. Nesse período também esteve envolvido com campanhas eleitorais do Partido Trabalhista inglês, tanto em 1950 – derrota do candidato trabalhista Aneurin Bevan (1897-1960) para Winston Churchill (1874-1965), e em 1955 – quando Clement Attlee (1883-1967) perdeu para o candidato do partido conservador Anthony Eden (1897-1977)⁴⁰.

No que diz respeito aos programas de aulas com os quais tivemos contato no arquivo em Oxford, é possível verificar certa variedade de temas que correspondem com as publicações do autor no período, tal como literatura inglesa, teatro, cinema, poesia, cultura e meio ambiente,

³⁸ WL - CE 3/255/75 – CG179/PA. “He has a genuine interest in English literature, he thinks clearly and expresses himself forcefully. Four years in the army have brought him into contact with a large variety of people and I think he is well qualified to be a WEA tutor. Although he has specialized in the study of English, he also has a good knowledge of French. He is a man of wide reading and unusual capacity for hard work, and I think he would find little difficulty in coping successfully with subjects to which he has not yet devoted his full attention”.

³⁹ WL - CE 3/255/75 – CG179/PA. “I was very disappointed to hear that he would not be returning to Cambridge, for I should certainly have made fuller use of his services”.

⁴⁰ Williams também contribuiu com diversos periódicos durante os anos que trabalhou com a educação de adultos, são eles: *Highway*, *Adult Education*, *Essays in Criticism*, *Tribune*, *Sanity*, *Critical Quarterly*, *Kenyon Review*, *Partisan Review*, *Guardian*, *New Statesman*, *Views* e também *New Left Review*, periódico fundado em 1960. Essa revista terá uma grande importância na trajetória do autor, da qual trataremos de maneira mais aprofundada na parte II dessa dissertação.

e comunicação em massa⁴¹. Trataremos de seus conteúdos mais detalhadamente a seguir, de maneira cronológica.

Começaremos com o cronograma de um curso intitulado “Literatura”, datado de 1947. A pequena brochura conta com o conteúdo para o primeiro ano de uma classe tutorial elaborado e ministrado por Williams. De início, o autor ressaltou que o propósito do curso era desenvolver um tipo de leitura individual, inteligente e em primeira mão de obras de literatura, e advertiu que:

tampouco é o professor preocupado em estimar a relação da literatura com outros campos da atividade humana – à política, ciência, psicologia ou filosofia. Estudos desse tipo são importantes, mas com bastante frequência a relação da literatura com outra coisa substitui o trabalho com a literatura de fato⁴².

Williams complementou que, mesmo não recorrendo a conexões com outras áreas do saber, seria importante refletir sobre o uso da literatura e da crítica literária, no entanto: “esta atenção não tentará construir teorias, mas sim tentará concordar com algumas pedras de toque para uso em trabalho subsequente, sobre porque a literatura é importante”⁴³. Nesse sentido, a lista de leituras para o curso é bastante significativa. De uma lista extensa de obras, algumas estão destacadas como essenciais:

- F. R. Leavis – *Education and the University* (1943);
- Leonard Woolf – *Hunting the Highbrow* (1927);
- Denys Thompson – *Voice of Civilization* (1944);
- Leavis e Thompson – *Culture and Environment* (1933);
- Stanley Unwin e George Stevens – *Best-sellers: are they born or made?* (1939);
- Thorstein Veblen – *Theory of Leisure Class* (1899);
- R. S. Lynd e Lynd – *Middletown: a study in American culture* (1929);
- Ruth M. Benedict – *Patterns of Culture* (1934);
- Stuart Chase – *Your Money’s Worth* (1927);
- J. P. Mayer – *Sociology of Film* (1946);
- P.E.P – *Report on the British Press* (1938);
- Thompson – *Between the lines* (s/d)
- George Bourne – *Change in the Village* (1912);

⁴¹ Cf. algumas de suas primeiras publicações, por exemplo, WILLIAMS, Raymond. **Reading and criticism**. London: Frederick Muller. 1950; em co-autoria com ORROM, Michael. **Preface to film**. London: Film Drama Limited, 1954; **Culture and Society**. London: Chatto & Windus, 1958; **The Long Revolution**. Harmondsworth: Penguin, 1961 e **Communications**. Harmondsworth: Penguin, 1962.

⁴² WILLIAMS, Raymond. **Syllabus of a course of study on Literature together with that of an alternative course on Culture and Environment**. Oxford, 1947, p. 3. WL - CE 3/315/91. “Neither is the tutor concerned to estimate the relation of literature to other fields of human activity – to politics, science, psychology, or philosophy. Studies of this latter kind are important, but too often the relation of literature to something else is made a substitute for work on the actual literature”.

⁴³ Ibidem, p. 5. “This consideration will not attempt to construct theories, but will try to agree on some touchstone for use in the subsequent work, as to why literature is important”.

- R. H. Tawney – *The Acquisitive Society* (1920)⁴⁴.

Em linhas gerais, as obras de crítica literária da lista são de nomes de Cambridge, como Leavis e Denys Thompson (1904-1988), por exemplo. Já a conexão com outras áreas do saber se deu com leituras de autores não-ingleses, como o caso da antropóloga Ruth Benedict (1887-1948), do economista Thorstein Veblen (1857-1929), (ambos estadunidenses), e do sociólogo de origem alemã J. P. Mayer (1903-1992). Há também uma obra de história econômica do então Vice-Presidente da WEA R. H. Tawney. Já textos de T. S. Eliot, como *Selected Essays* e *The Idea of a Christian Society* constam na lista de leituras, mas não como obrigаторiedades. Existe outro programa de aula idêntico a esse para o ano de 1950, com a mesma lista de leituras.

Em uma correspondência a Frank Pickstock – funcionário da WEA e *Oxford Delegacy*-, datada de novembro de 1950, encontramos registros dos descontentamentos de Williams, especificamente com o que ele considerava uma imensa carga de trabalho na educação de adultos de Oxford. Relatou:

O fato é, eu temo, que estou me sentindo seriamente sobrecarregado [...] Meu temperamento é aceitar tudo que sou pedido a fazer, e meu deus, isso tem acumulado [...] Eu venho querendo discutir isso há algum tempo com você, mas a verdadeira questão parece ser se meu trabalho acadêmico pode de fato ser levado a cabo em minhas condições como um professor de adultos⁴⁵.

Por mais que fosse complicada a conciliação da rotina de trabalho e a pesquisa acadêmica de Williams, é possível verificar como as reflexões das aulas (e os temas que eram tratados nelas) foram retomados em artigos que precederam a publicação de *Cultura e Sociedade*. Um exemplo se encontra no cronograma de um curso dado na cidade de Battle, entre 1949 e 1950, em que muitos temas das análises posteriores do autor aparecem listados pela primeira vez:

1. Por que cultura é uma palavra que preferimos não usar?
2. Há um “problema de lazer”?
3. O que é relaxar?
4. Há uma diferença entre arte e entretenimento?
5. O que é um “highbrow”?
6. Quem são as massas?
7. “Eu sei o que eu gosto” é a última palavra?
8. Por que nós lemos jornais?
9. Por que nós nunca lemos propagandas?
10. O cinema é uma arte?

⁴⁴ Ibidem, p. 13-14.

⁴⁵ WL - CE 3/255/75 – CG179/PA. “The fact is, I’m afraid. That I am feeling seriously overworked [...] My temperament is to accept everything I am asked to do, and my god it has piled up [...] I have been meaning for some time to discuss this with you. I don’t want to get out of anything, but the real question, every time, seems to be whether my own academic work can in fact be carried on in my conditions as an adult tutor”.

11. Por que o rádio é uma autoridade?
12. Por que nós acreditamos na propaganda?
13. Best-sellers nascem ou são feitos?
14. Por que a arte moderna é “difícil”?
15. É o artista uma das “pessoas úteis”?⁴⁶

Um outro exemplo está no cronograma para o terceiro ano do curso intitulado “Literatura”, ministrado em conjunto com a professora A. Tynan. Lá encontramos textos que foram retomados posteriormente em *Cultura e Sociedade*, como *Tempos difíceis* de Charles Dickens, *Culture and Anarchy* de Matthew Arnold (1822-1888) e *Mary Barton* de Elizabeth Gaskell (1810-1865), por exemplo⁴⁷.

Apontamos também para indícios contundentes de como Williams utilizou de suas redes de contato para articular possíveis oportunidades de publicações já em 1949. Em carta de Thomas L. Hodgkin (1910-1982), da delegacia de educação para adultos de Oxford, para Dan M. Davin (1913-1990) da Oxford University Press há a menção de um rascunho de um livro que Williams estava trabalhando, então intitulado *Ideas In Culture*. Na carta, Hodgkin disse que o professor galês era graduado em Cambridge, um “pupilo de Leavis”⁴⁸ que tinha se saído muito bem lá. Ressaltou: “ele não me sugeriu isso, mas eu conversei com ele há uns dois dias atrás sobre o trabalho que ele está fazendo e, sabendo que você quer encorajar os jovens e hábeis, pensei que valeria a pena você saber dele”⁴⁹. Em resposta, Davin escreveu de maneira áspera que não se interessava nem por Ibsen nem por Leavis, mas que de todo modo aceitaria se encontrar com Williams ou então receber uma cópia do rascunho⁵⁰.

Nesse sentido, entendemos que, mesmo que Williams se sentisse intelectualmente sozinho nos anos em que esteve ligado à educação de adultos, ele pôde contar com uma estrutura de profissionais que, por vezes, auxiliaram-no para alcançar seus objetivos como pesquisador, além de contar com a influência de Leavis mesmo não tendo sido de fato seu aluno direto.

Se pensarmos em um espectro mais amplo, outros jovens pensadores radicais, que mais tarde viriam a ter seus destinos cruzados com o de Williams, estavam em situação similar, Hoggart foi professor de adultos na delegação da Universidade de Hull (de 1946 a 1959), bem como E. P. Thompson o foi no departamento de ensino extramuros da Universidade de Leeds

⁴⁶ RBA - WWE/2/1/14/1/1.

⁴⁷ WL - CE 3/315/91 – “A course of study in Literature”, p.4.

⁴⁸ WL – CE-3/255/75 – CG179/PA. “A pupil of Leavis’s” [sic].

⁴⁹ Ibidem, loc cit. “He did not himself suggested this but I had a talk with him two days ago about the work he was doing and, knowing that you want to encourage the young and the able, thought it would be worth while letting you know about him”.

⁵⁰ Cf. Ibidem, loc cit.

(de 1948 a 1965)⁵¹, e nesse período de tempo específico foram escritas as obras que lhes renderam reconhecimento acadêmico: *The Uses of Literacy* de Hoggart, de 1957, *Cultura e Sociedade* de 1958 e *A formação da classe operária Inglesa*, de 1963. Com tal reconhecimento, todos os três se tornaram professores universitários nos anos seguintes. O que teria acontecido para que esse ambiente de ensino de adultos pudesse, em um intervalo de menos de 20 anos, passado de espaço de oportunidades para jovens professores a celeiro de novos acadêmicos?

De acordo com Lawrence Goldman – e essa talvez essa possa ser uma chave possível para se pensar sobre a questão levantada acima – no grande espectro da questão da educação para adultos e os moldes nos quais ela tinha sido pensada desde finais do século XIX, o período pós-1945 e a ascensão do estado de bem estar social britânico levou ao aumento de oportunidades nas escolas e universidades. E isso teria afetado a natureza e o propósito da educação para adultos, pois “o grande reservatório dos que estavam em desvantagem educacional foi drenado pelo aumento de oportunidades”⁵². Ainda segundo esse autor, o contexto social em que a “grande tradição” das aulas tutoriais da WEA, e o modo pelo qual se desenvolveram as alianças com as universidades, estava se dissolvendo, e o sentido da educação para adultos, pelo menos nos moldes desenvolvidos por Oxford, teria chegado ao fim em 1962, quando a Universidade de Keele assumiu as responsabilidades do setor em North Staffordshire⁵³. No entanto, antes disso, em setembro de 1961, Williams pediu demissão e seguiu em viagem de Oxford - onde então havia se transferido para se tornar Tutor Residente - para Cambridge, lá assumiria a vaga de *Fellow* em Literatura Inglesa.

3 Entre a herança e a crítica

Antes de adentrarmos nas discussões a respeito do livro em si, é interessante situarmos algumas discussões propostas por Williams anteriores ao seu lançamento. Em *Politics and Letters*, o autor afirmou que o ímpeto inicial para a escrita foi dado em 1948, quando da publicação de *Notes Towards the Definition of Culture*, de T. S. Eliot. Conforme os anos foram passando, buscando expandir sua lista de leitura de autores que discutem o conceito, Williams foi percebendo que havia uma longa linha de pensamento que refletiu sobre cultura, e que a

⁵¹ Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 185.

⁵² GOLDMAN, Lawrence. **Dons and Workers**, p. 252. “the great reservoir of the educationally disadvantaged had been drained by increasing opportunities”.

⁵³ Cf. *Ibidem*, p. 250.

discussão então se encontrava ancorada em posições firmemente reacionárias⁵⁴. Nesse sentido, seu objetivo era opor-se a essa tradição⁵⁵.

Já com alguns anos de desenvolvimento, determinados argumentos iniciais de Williams foram apresentados em “The idea of Culture”, artigo publicado no periódico de crítica literária *Essays in Criticism*. Fundada em 1951 pelo socialista e crítico literário F. W. Bateson e em funcionamento até os dias de hoje, a revista contou com Williams como membro de seu comitê editorial. Apesar de, anos mais tarde, ter revelado que sentia uma tensão entre a sua proposta e a da revista no que diz respeito a construção de um campo do “juízo” dentro da crítica literária, foi lá que o artigo saiu em 1953. Trata-se de uma versão sucinta e com algumas diferenças da introdução do livro de cinco anos depois, com prenúncios rápidos de argumentos que seriam melhor desenvolvidos mais tarde, como, por exemplo, uma pequena história dos diferentes usos do conceito durante vários séculos⁵⁶. Em geral, o texto discutiu os conceitos de arte e artista e suas relações com a sociedade⁵⁷ e também as ideias entre cultura e classe sob a influência das transformações da revolução industrial, focando-se principalmente em Samuel Coleridge (1772-1834), Thomas Carlyle (1795-1881) e F. D. Maurice (1805-1872)⁵⁸.

Em nota final no texto, Williams adiantou algumas das discussões que viriam em *Cultura e Sociedade*:

O livro tratará das teorias e ideias de cultura que vieram à tona na Inglaterra desde a Revolução Industrial. Argumenta-se que em uma sociedade industrial o problema se tornou essencialmente novo, tanto em conteúdo quanto em expressão; e na consequente reavaliação de como obras relevantes de Arnold, Ruskin, Morris, Eliot, Read, marxistas ingleses e outros, diferem da estimativa tradicional. O livro incluirá também uma estimativa do efeito da ideia abstrata de cultura sobre a teoria e prática da crítica literária, com referência particular a questão da tradição, e às várias maneiras pelas quais a ideia de perfeição tem sido criticamente expressa ou assumida⁵⁹.

⁵⁴ WILLIAMS, Raymond. **Politics and letters**, p. 97.

⁵⁵ Ibidem, p. 98. No entanto, é curioso notar que Williams pediu conselhos à Leavis para escrita do livro, mesmo dizendo, posteriormente, que era seu objetivo opor-se a tradição da qual o professor era parte. Cf. RBA - WWE/2/1/16/211, em resposta Leavis escreveu que “uma história da ideia em termos de seus efeitos sob a civilização soa promissora”.

⁵⁶ Cf. WILLIAMS, Raymond. The idea of culture. **Essays in Criticism**, v. III, n. 3, julho de 1953, p. 242-243.

⁵⁷ Cf. Ibidem, p. 252-262.

⁵⁸ Cf. Ibidem, p. 262-265.

⁵⁹ Ibidem, p. 266. “The book will deal with theories and ideas of culture that have been put forward in England since the Industrial Revolution. It is argued that in an industrial society the problem became essentially new, both in content and in expression; and the consequent revaluation of the relevant work of Arnold, Ruskin, Morris, Eliot, Read, the English Marxists, and some others, differs from the traditional estimate. The book will include also an estimate of the effect of the abstract idea of culture on the theory and practice of literary criticism, with particular reference to the issue of tradition, and to the various ways in which the ‘standard of perfection’ has been critically expressed or assumed”.

No final das contas, alguns anos mais tarde, Williams conseguiu um contrato editorial para a publicação do então intitulado *Idea of Culture*. Não pudemos investigar como se deu a oferta e/ou escolha da editora Chatto & Windus de Londres, o fato é que a documentação que trata da publicação do livro data de janeiro de 1956. Logo de início, o editor Ian Parsons demonstrou certa preocupação com o projeto, indagando-se se uma discussão conceitual sobre cultura não seria muito especializada para o grande público. De todo modo, dois meses depois temos a confirmação de que o manuscrito havia chegado à editora. Ao final daquele mesmo ano, Parsons escreveu-lhe agradecendo a redução do texto de 170.000 para 130.000 palavras⁶⁰ e o “sim” para a publicação finalmente veio após cortes de seções inteiras sobre Thomas Arnold (1795-1842) e Herbert Read (1893-1968). Houve cortes em outras partes do livro também, além da eliminação completa do apêndice de discussões conceituais que, em versão ampliada, seria publicado em 1976 como *Keywords*⁶¹.

Em setembro de 1958 o livro foi publicado e após quatro meses já ganhava uma reedição, comprovando seu sucesso de vendas. Ao final de 1979, havia vendido 160.000 cópias e segue sendo sua obra mais vendida até os dias de hoje⁶².

Concordamos com John e Lizzie Eldridge que *Cultura e Sociedade* é, em sua maior parte, um comentário a respeito de uma extensa gama de pensadores e romancistas, passando pela tradição de meados do século XVIII até o século XIX, pelo período do Interregno e chegando até o século XX⁶³. E é justamente quando trata do período mais recente que se pode ver um diferente tipo de engajamento em Williams, quando, ao tratar das mudanças nas estruturas sociais e experiências e como se deram as respostas críticas a elas, é chegada sua hora de contribuir ativamente. Qual seria, então, a contribuição do pensamento crítico da cultura no contexto de meados do século XX? Williams acreditava que a resistência deveria começar nas discussões conectadas dos conceitos, suas origens, desenvolvimentos e apropriações. Seu entendimento de cultura, como um modo de vida como um todo, está fortemente articulado à ideia e experiência da democracia que, por um lado, mostrava-se ameaçada tanto pelos monopólios materiais como pela transmissão e recepção de mensagens.

A seriedade de sua proposta está exemplificada em alguns de seus argumentos finais e mostrou que se tratava também de um projeto que se contrapunha a aspectos de perspectivas analíticas em vigor, ao passo que convidava a reflexão e a ação:

⁶⁰ Cf. Cartas de 17/01/1956, 29/03/1956 e 03/12/1956 consultadas em RBA - WWE/2/1/13/2/9.

⁶¹ Cf. SMITH, Dai. **Raymond Williams**, p. 401.

⁶² C. HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 47.

⁶³ Cf. ELDRIDGE, John e ELDRIDGE, Lizzie. **Raymond Williams: making connections**. London: Routledge, 1994, p. 47.

Os problemas evidentes de nossa civilização estão muito próximos e muito sérios para supor que uma ênfase é uma solução [...] Ainda assim, nós estamos cada vez mais próximos de perceber que nosso vocabulário, a linguagem que usamos para investigar e negociar nossas ações é, não um fator secundário, mas um elemento prático e radical nele mesmo [...] A crise humana é sempre uma crise de entendimento: o que verdadeiramente entendemos que podemos fazer. Eu escrevi esse livro porque acredito que ele registra uma grande contribuição para o nosso entendimento comum, e um grande incentivo para sua necessária extensão. Existem ideias, e modos de pensar, que contém sementes de vida dentro deles, e há outros, talvez profundamente em nossas mentes, com as sementes de uma morte geral. O nosso sucesso em reconhecer esses tipos, e ao nomeá-los fazer possível seu reconhecimento comum, pode ser literalmente a medida do nosso futuro⁶⁴.

Ao formular a sua própria proposta de entendimento, Williams tentou balancear duas diferentes abordagens, são elas: a crítica prática de Cambridge, exemplificada no pensamento de Leavis, e os marxistas britânicos. Em um jogo de vai e vem, Williams afirmou que Leavis estava errado principalmente a respeito da história e da sociedade, mas correto no que diz respeito a literatura e a cultura. Já os marxistas, por outro lado, estavam corretos sobre sociedade e história, mas no caminho errado no que diz respeito a literatura e a cultura⁶⁵. Ambos falhariam em ver o jogo mais amplo e menos mecânico de determinações que estão em jogo, limitando-se a serem somente ênfases.

Nesse livro, as linhas centrais dos argumentos se construíram simultaneamente com e contra Leavis, com e contra o marxismo⁶⁶. Discutiremos a respeito do tom desses encontros e desencontros dessa seção do texto, tentando contrapor nossas ideias e de comentadores a respeito desse tópico.

4 A tradição dos *English Studies*

Apesar de Williams adotar uma posição crítica em relação ao campo dos *English Studies* conforme estabelecido na Universidade de Cambridge, entendemos não ser possível afirmar que, nessa obra em específico, ele foi capaz de romper com essa tradição, dentro da qual foi formado. Nesse sentido, torna-se imprescindível uma melhor compreensão a respeito da

⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 442. “The evident problems of our civilization are too close and too serious to suppose that an emphasis is a solution [...] Yet we are coming increasingly to realize that our vocabulary, the language we use to inquire into and negotiate our actions, is no secondary factor, but a practical and radical element in itself [...] The human crisis is always a crisis of understanding: what we genuinely understand we can do. I have written this book because I believe it records a major contribution to our common understanding, and a major incentive to its necessary extension. There are ideas, and ways of thinking, with the seeds of life within them, and there are others, perhaps deep in our minds, with the seeds of a general death. Our measure of success in recognising these kinds, and in naming them making possible their common recognition, may literally be the measure of our future”.

⁶⁵ Cf. por exemplo, MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**, p. 46.

⁶⁶ Essa expressão pode ser encontrada, por exemplo, em MILNER, Andrew. *Idem*, p.49.

formação e consolidação de tal tradição, tanto no que tange suas influências quanto sua institucionalização.

As origens da crítica inglesa podem ser remetidas ao final do século XVII/ começo do XVIII, em que uma rede de clubes e cafeterias de Londres tornaram possível publicações como *The Review* (1704-1713) editada por Daniel Defoe (1660-1731), *The Tatler* (1709-1711) por Richard Steele (1672-1729) e *The Spectator* (1711-1714) por Joseph Addison (1672-1719)⁶⁷. De acordo com Eagleton, o nascimento de tal crítica se remeteu a então emergente esfera pública liberal, na qual:

dentro do espaço translúcido da esfera pública não são mais o poder social, o privilégio e a tradição, supostamente, que conferem aos indivíduos o direito de falar e julgar, mas sim o grau em que eles são eleitos enquanto sujeitos discursivos ao compartilharem em um consenso da razão universal⁶⁸.

No que diz respeito a institucionalização do *English*, é sabido que desde as primeiras décadas do século XIX já existiam cursos que tratavam da literatura e gramática da língua inglesa em universidades menos conhecidas, tanto na Inglaterra quanto na Escócia e Irlanda, como, por exemplo, nas universidades Birmingham, Edimburgo, Glasgow, Newcastle e *Trinity College Dublin*. A partir da década de 1820, a *University College of London* também passou a oferecer cursos similares, e algumas décadas mais tarde, a *University of Manchester* também passou a ofertar disciplinas que se assemelhavam ao *English* moderno⁶⁹.

Em círculos universitários mais tradicionais da Inglaterra, como Oxford e Cambridge, tal proposta sofreu resistência. Em 1887, E. A. Freeman (1823-1892), professor de História da Universidade de Oxford declarou: “nós não queremos... objetos que são meramente leves, elegantes, interessantes. Como objetos de estudo, temos que ter objetos nos quais é possível examinar”⁷⁰. Em suma, Freeman enfatizou que literatura inglesa era, afinal, uma questão de gosto. Do ponto de vista social, havia uma crescente demanda, tanto da classe trabalhadora quanto das mulheres, para acessar a universidade. Em termos econômicos, uma educação liberal era menos custosa do que uma voltada para o estudo dos clássicos. No início do século XX,

⁶⁷ Cf. MILNER, Andrew. **Contemporary cultural theory: an introduction**. London: UCL Press, 1994, p. 24.

⁶⁸ EAGLETON, Terry. **The function of criticism: from “the Spectator” to post-structuralism**. London: Verso, 1984, p. 9. “within the translucent space of the public sphere it is supposedly no longer social power, privilege and tradition which confer upon individuals the title to speak and judge, but the degree to which they are constituted as discursing subjects by sharing in a consensus of universal reason”.

⁶⁹ Cf. MILNER, Andrew. “The ‘English’ Ideology: Literary Criticism in England and Australia”. In: BURGMANN, J. R (ed.). **Again, dangerous visions: essays in cultural materialism**. Leiden: Brill, 2018, p. 25.

⁷⁰ Declaração de E. A. Freeman apud PALMER, David J. **The rise of English Studies**. Oxford: Oxford University, Press, 1965, p. 26. “we do not want... subjects which are merely light, elegant, interesting. As subjects for examination, we must have subjects in which it is possible to examine”.

algumas movimentações a nível governamental foram realizadas. Mais precisamente em 1906, Sir Henry Newbolt (1862-1938) fundou a *English Association* a fim de promover o ensino do *English* na Inglaterra, que mais tarde viria a ser chamado de *Newbolt Committee* e teria um grande impacto na implementação de legislação a respeito do ensino de literatura e língua inglesa tanto em nível básico quanto universitário⁷¹.

Entre as duas universidades de elite, Oxford foi a primeira a fundar uma escola de *English Studies*, em 1893. A de Cambridge foi fundada somente em 1917. Balz Engler (1944-) argumentou que a diferença nessas datas fundacionais teve uma importância significativa, pois afetou o tipo de ensino que era promovido⁷². O departamento de Oxford foi fortemente influenciado pela filologia alemã e com maior foco em literatura medieval, já a escola de Cambridge se deteve mais em uma concepção da literatura como força vital e moral da sociedade, com forte retórica nacionalista⁷³.

Para os nossos propósitos, interessa ainda mais a proeminência que os *English Studies* foram ganhando no período pós-primeira guerra mundial. Em 1921, o *Newbolt Report on the Teaching of English* apontou para a importância da questão nacional e propôs que o ensino da língua e literatura inglesas fossem o centro da educação, o “cimento da unidade nacional”⁷⁴. Tais ideias encontraram respaldo em Cambridge (o primeiro professor da escola de *English Studies*, Sir Arthur Quiller-Couch (1863-1944), eram membro do *Newbolt Committee*. Em Oxford, essa proposta encontrou certa resistência no período, Milner argumentou que um dos motivos para tal estaria no fato de que nessa universidade prevalecia um diletantismo pluralista ainda mais antigo. De modo geral, o final da primeira guerra sinalizou a “vitória final” dos *English Studies* em Oxbridge sobre o estudo dos clássicos, ao passo que deu também a dianteira a Cambridge, já que a filologia, então muito forte em Oxford, estava intimamente ligada aos estudos germânicos. E no contexto da guerra com a Alemanha, relacionou-se a filologia com algo profundamente germânico e sem sentido, algo que um inglês “de respeito” não deveria se associar⁷⁵.

⁷¹ Cf. MILNER, Andrew. “The ‘English’ Ideology”, p. 26.

⁷² Cf. ENGLER, Balz. “Englishness and English Studies”. In: ENGLER, Balz e HASS, Renate. **European English Studies: contributions towards the history of a discipline**. Great Britain: The English Association for ESSE, p. 341.

⁷³ Cf. ONEGA, Susana. English Studies: a note on the birth and uses of the term. **Journal of English Studies**, v. 5-6, 2005-2008, p. 260.

⁷⁴ MILNER, Andrew. “The ‘English’ Ideology”, p. 26.

⁷⁵ Sobre a “vitória” dos *English Studies*, Cf. EAGLETON, Terry. “The rise of English”. In: Idem. **Literary Theory: an introduction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008, p. 25-26. Sobre a relação com o viés germânico da filologia, Cf. MULHERN, Francis. **The moment of Scrutiny**. London: Verso, 1979, p. 21.

O papel da literatura inglesa, e seu ensino, ganhava então novos contornos e proporções nesse contexto. Eagleton pontuou:

A literatura inglesa rumou ao poder montada no nacionalismo dos tempos de guerra; mas também representou uma busca por soluções espirituais da parte de uma classe dominante inglesa cujo senso de identidade foi profundamente abalado, cuja psique estava inegavelmente marcada pelos horrores que suportou. A literatura seria, ao mesmo tempo, consolo e reafirmação, um terreno familiar no qual os ingleses poderiam se reagrupar, tanto para explorar como para encontrar alguma alternativa para o pesadelo da história⁷⁶.

Sendo assim, foi em Cambridge - e não Oxford - que ocorreu uma “revolução nos *English Studies*” e foi lá também que mais tarde surgiu o leavissismo: “uma nova doutrina literário-crítica que iria moldar decisivamente a profissão do ensino do *English* nos anos após a Segunda Guerra Mundial”⁷⁷.

Há de se levar em consideração também as mudanças ocorridas na sociedade britânica. No período entre 1891 e 1931, houve um aumento substancial no número de pessoas envolvidas com atividades intelectuais, tais como jornalistas, editores e escritores (em torno de 6.000 para 9.000). E no que diz respeito às universidades, o perfil do aluno padrão (normalmente advindo de renomadas *public schools* e da classe alta) começou a mostrar sinais de alterações. Exemplos disso estão nos grandes nomes do *Cambridge English*, como o próprio Leavis e I. A. Richards (1893-1979), filhos da pequena burguesia que pela primeira vez tinham acesso ao ensino superior de elite da Inglaterra. Suas trajetórias servem também para exemplificar o apelo que o estudo da literatura exercia sobre os alunos. Leavis era, de início, graduando em História. I. A. Richards, de ciências morais e mentais. Q. D. Roth (1906-1981) (que mais tarde se tornaria esposa de Leavis e uma das fundadoras da *Scrutiny*), estudava psicologia e antropologia cultural. Todos migraram para os *English Studies*⁷⁸.

Na década de 1930, mais especificamente em 1932, Leavis e L. C. Knights (1906-1997) fundaram o periódico *Scrutiny*, já mencionado, e seguiram como seus editores durante toda a existência da mesma, até 1953. Tal revista encapsulou todo um projeto mais amplo, que mais tarde veio a ser chamado de leavissismo. Sua importância se encontra para além de seus

⁷⁶ EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 26. “English Literature rode to power on the back of wartime nationalism; but it also represented a search for spiritual solutions on the part of an English ruling class whose sense of identity had been profoundly shaken, whose psyche was ineradicably scarred by the horrors it had endured. Literature would be at once solace and reaffirmation, a familiar ground on which Englishmen could regroup both to explore, and to find some alternative to, the nightmare of history”.

⁷⁷ MILNER, Andrew. “The ‘English’ Ideology”, p. 26. “a new literary-critical doctrine which would decisively shape the character of the profession of English teaching in the years after the Second World War”.

⁷⁸ Cf. MULHERN, Francis. **The moment of Scrutiny**, p. 9 e EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 27.

sucessos ou fracassos, de acordo com Eagleton (ele mesmo aluno de *English Studies* nos moldes do formulado pelo leavissismo) o impacto dessa vertente de estudos ainda se faz sentir.

O fato é que os estudantes de *English* na Inglaterra hoje são “leavissistas”, quer que eles saibam ou não, irremediavelmente alterados por aquela intervenção histórica. Não há mais necessidade de carregar a carteirinha de leavissista hoje do que carregar a carteirinha de Copernicano: essa corrente entrou na corrente sanguínea dos *English Studies* na Inglaterra como Copérnico reformulou nossas crenças astronômicas, se tornou uma forma de sabedoria crítica tão assentada como a nossa convicção de que a terra se move em torno do sol. O fato que o “debate Leavis” está efetivamente morto é talvez o maior sinal da vitória da *Scrutiny*⁷⁹.

Reconhecendo a importância da proposta de Leavis e sua herança intelectual, indagamo-nos sobre as principais características de suas propostas que, para além do estudo da literatura, da cultura e da língua inglesa, associando-se de forma complexa com seu período de formulação. Por intermédio de relações de força e transformações no campo intelectual inglês, ganhou notoriedade e ressoou na sociedade e, conforme pretendemos argumentar, teve um peso decisivo na formação de Williams e na proposta de crítica presente em *Cultura e Sociedade*. A discussão que se segue destaca quatro aspectos interrelacionados dessa proposta analítica, são eles: 1) estética organicista; 2) historicismo; 3) radicalismo e 4) nacionalismo.

Considera-se o leavissismo uma estética organicista⁸⁰ especialmente pelo papel que a literatura assume dentro de sua concepção de sociedade. A “grande” literatura seria a forma ideal para a expressão mais completa da “vida”, aqui compreendia dentro dos parâmetros do que se compreendia como “saudável”, “normal” e “desejável”. De acordo com Leavis: “Os grandes romancistas... da mesma maneira que os grandes poetas, são significativos nos termos da percepção humana que promovem; percepção das possibilidades da vida”⁸¹. A “verdadeira” literatura inglesa teria que ser “verbalmente rica, complexa, sensual e particular”⁸², e ler literatura significaria retomar as raízes vitais do próprio ser⁸³. Tal particularidade organicista

⁷⁹ EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 27. “the fact remains that English students in England today are ‘Leavisites’ whether they know it or not, irremediably altered by that historic intervention. There is no more need to be a card-carrying Leavisite today than there is to be a card-carrying Copernican: that current has entered the bloodstream of English studies in England as Copernicus reshaped our astronomical beliefs, has become a form of spontaneous critical wisdom as deep-seated as our conviction that the earth moves round the sun. That the ‘Leavis debate’ is effectively dead is perhaps the major sign of *Scrutiny*’s victory”.

⁸⁰ Relativa ao organicismo, isso é, “teoria que realça a analogia entre a sociedade e um organismo vivo, buscando aplicar aos fatos sociais as leis e teorias biológicas”. ORGANICISMO. Dicionário brasileiro de língua portuguesa Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=+organicismo> Acesso em 20/04/2020.

⁸¹ LEAVIS, F. R. **The Great Tradition**. Harmondsworth: Penguin, p. 10. “the major novelists ... count in the same ways as the major poets, in the sense that they are significant in terms of that human awareness they promote; awareness of the possibilities of life”.

⁸² EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 32. “verbally rich, complex, sensuous and particular”.

⁸³ Cf. *Ibidem*, p.32.

encontra respaldo em ideias comuns dos grandes sistemas filosóficos do idealismo alemão. Com o pensamento germânico também podemos associar outro aspecto do leavissismo: o tom apocalíptico da ideia do declínio cultural contemporâneo face a cultura de massas, o que nos leva a discussão da segunda característica: o historicismo.

Esse historicismo está presente na argumentação que o motivo para tal declínio cultural na contemporaneidade estaria diretamente relacionado a desintegração da sociedade pré-industrial. “O fato mais importante da história recente”⁸⁴, teria moldado toda vida cultural inglesa subsequente. Milner ressaltou:

Inicialmente a industrialização causou uma ruptura entre a cultura sofisticada e a popular; causou o declínio da cultura popular e mais tarde a fuga para mundos de sonhos por parte da alta cultura do século XIX; causa padronização, produção em massa e nivelamento por baixo⁸⁵.

Sobre o trabalhador contemporâneo, I. A. Richards disse: “seu trabalho não faz sentido para eles, é meramente algo que têm de ser feito para garantir a sobrevivência”⁸⁶. Nesse sentido, seria preciso recuperar uma comunidade orgânica:

A Inglaterra mais ‘primitiva’ representava uma naturalidade animal, mas distintivamente humana [...] eles [as pessoas] satisfaziam suas necessidades humanas, em termos no ambiente natural; e as coisas que fabricavam – cabanas, celeiros, medas e carroças – em conjunto com suas relações uns com os outros constituíram um ambiente humano, e uma sutileza de arranjo e adaptação, tão certa e inevitável⁸⁷.

Essa versão da história foi tida como mitológica e nostálgica, “uma versão tardia de medievalismo”⁸⁸.

O terceiro aspecto, a radicalidade, encontra-se na profunda rejeição da cultura intelectual estabelecida. Propondo um novo movimento, com uma nova proposta ambiciosa e com pretensões de ultrapassar os muros da universidade. Objetivando, de acordo com Mulhern, a “formação de uma nova propriedade social: uma compacta e ‘desinteressada’ *intelligentsia*,

⁸⁴ LEAVIS, F. R. e THOMPSON, D. **Culture and Environment**: the training of critical awareness. London: Chatto and Windus, 1960, p. “the most important fact of recent history”.

⁸⁵ MILNER, Andrew. “Sociology and Literature”, p. 28. “Industrialisation causes initially a rupture between sophisticated and popular cultures; it causes the decline of popular culture and later the retreat into dream worlds on the part of nineteenth-century high culture; it causes standardisation, mass production and levelling down”.

⁸⁶ RICHARDS, I. A. **Principles of literary criticism**. London: Kegan Paul, 1924, p. 48. “Their work is meaningless to them, merely something they have to do in order to earn a livelihood”.

⁸⁷ Ibidem, p. 46. “The more ‘primitive’ England represented an animal naturalness, but distinctively human [...] they satisfied their human needs, in terms of the natural environment; and the things they made – cottages, barns, ricks, and waggons – together with their relations with one another constituted a human environment, and a subtlety of adjustment and adaptation, as right and inevitable”.

⁸⁸ WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 340. “a late version of medievalism”.

unida em seu comprometimento com os ‘valores humanos’, cuja função seria vigiar e guiar o processo da sociedade em geral”⁸⁹.

Conforme argumentou Eagleton, essa geração do *Cambridge English* teria representado um último esforço do humanismo liberal, ocupando-se primordialmente com o “valor único” do indivíduo e a criatividade de diferentes círculos artísticos. Em suma, valores que constituem a “Vida” (com V maiúsculo). Tais concepções se juntam ao papel proeminente da literatura como intérprete da “Vida”, conforme apontado anteriormente. Em termos das contribuições específicas ao campo da crítica literária especializada, destaca-se a crítica prática (*practical criticism*). Metodologia aplicada em Cambridge por I. A. Richards no decorrer dos anos 1920 e mais tarde definida em seu livro *Practical criticism*, de 1929, caracteriza-se pelo foco exclusivo na obra literária de uma maneira supostamente não-teórica. Em um exercício como esse “é pedido aos estudantes que analisem um pequeno poema sem qualquer informação sobre sua autoria, data ou circunstância de composição, assim forçando-os a se atentarem às ‘palavras na página’ ao invés de se referirem aos contextos biográficos e históricos”⁹⁰. Dentro dessa proposta, destaca-se a prática do *close reading*, um esforço analítico que prezava pela premissa da crítica prática e se atentava unicamente às palavras do texto literário, que somente poderia ser entendido de maneira eficaz quando em isolamento. De acordo com Eagleton, teria começado aí um processo de intensa reificação da obra literária, “o seu tratamento como um objeto em si mesmo”⁹¹.

Essa geração estava inquieta com os rumos altamente estetizantes do paradigma da crítica cultural de seu tempo. Nesse sentido:

Scrutiny não era só uma revista, mas o foco de uma cruzada moral e cultural: seus adeptos partiam para a batalha em escolas e universidades, estimulando, através do estudo da literatura, respostas ricas, complexas, maduras, discriminadoras e moralmente sérias (termos chave da *Scrutiny*) que iriam prover indivíduos para sobreviver em um sociedade mecanizada, de romances ruins, trabalho alienado, propagandas banais e mídia de massa vulgarizada⁹².

⁸⁹ MULHERN, Francis. **The moment of Scrutiny**, p. 33. “the formation of a new social estate: a compact, ‘disinterested’ intelligentsia, united in commitment to ‘human values’, whose function would be to watch over and guide the progress of society at large”.

⁹⁰ BALDICK, Chris. **The concise Oxford dictionary of literary terms**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 203. “students are asked to analyse a short poem without any information about its authorship, date, or circumstances of composition, thus forcing them to attend to the ‘words on the page’ rather than refer to biographical and historical contexts”.

⁹¹ EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 38. “the treatment of it as an object in itself”.

⁹² EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 29. “*Scrutiny* was not just a journal, but the focus of a moral and cultural crusade: its adherents would go out to the schools and universities to do battle there, nurturing through the study of literature the kind of rich, complex, mature, discriminating, morally serious responses (all key *Scrutiny* terms) which would equip individuals to survive in a mechanized society of trashy romances, alienated labour, banal advertisements and vulgarizing mass media”.

No entanto, apesar do radicalismo face ao *status quo* da crítica, nunca houve uma proposta efetiva de mudança da sociedade por parte desses intelectuais. Houve sim um esforço para a mudança na educação, pois ao adentrarem os espaços educacionais, esses pensadores aspiravam ao desenvolvimento da sensibilidade em alguns indivíduos. Sobre esse respeito, Eagleton argumentou de maneira assertiva que sim, tratava-se de uma tarefa importante alertar para o tom manipulador da propaganda ou para a linguagem “pobre” dos tabloides, certamente mais interessante do que a memorização de alguma obra, qualquer que seja ela. No entanto, seria possível também discutir com os alunos que a publicidade e a mídia de massa assumem a forma que assumem por motivos econômicos. A cultura de massa não era, assim, um produto “inevitável” da sociedade industrial, mas sim resultado de uma forma de industrialismo. Mas para tal, Leavis e seus companheiros teriam que adentrar discussões do campo político, das quais eram avessos. Portanto, “não há razão para achar que tal ordem social é imutável; mas as mudanças necessárias iriam além de uma leitura sensível de *King Lear*”⁹³.

O quarto e último aspecto destacado trata do nacionalismo. Em consonância com as discussões apresentadas no item anterior, e ao encontro de Alan Riach (1957-), argumentamos que o campo dos *English Studies* é carregado política e ideologicamente, e seu período de surgimento, ascensão e disseminação deve ser vinculado ao contexto mais amplo do império britânico⁹⁴, por tal, a questão da relação desses intelectuais com a produção estrangeira tem muito a dizer. Perry Anderson (1938 -) apontou para o fato da inabilidade de entender, ou ao menos simpatizar com literaturas estrangeiras (com poucas exceções, como Tolstói) por parte de Leavis:

Sua completa incompreensão estava incorporada em seu método: isso não deve ser meramente atribuído a traços arbitrários de sua personalidade. Pois, uma vez que o tempo (vanguarda) e lugar (país) muda, a base cultural para uma interrogação compartilhada desmoronava. Preconceito vazio e perplexidade eram os produtos previsíveis de sua desorientação diante deles⁹⁵.

Traços nacionalistas também estão presentes na teoria da linguagem de Leavis. De acordo com ele, haveria uma natureza não arbitrária no idioma inglês. E diferentemente do latim ou do grego, no inglês “as palavras parecem fazer o que dizem”⁹⁶.

⁹³ EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: an introduction, p. 30. “There is no reason to assume that such a social order is unchangeable; but the changes necessary would go far beyond the sensitive reading of *King Lear*”.

⁹⁴ Cf. RIACH, Alan. At home and abroad. **Literature Matters**, n. 12, 1993, p.6.

⁹⁵ ANDERSON, Perry. **Components of the national culture**. p. 52. “His complete incomprehension was built into his method: it should not merely be attributed to arbitrary traits of his personality. For once time (avantgarde) and place (country) changed, the cultural basis for a shared interrogation collapsed. Blank prejudice and bafflement were the predictable products of his disorientation before them”.

⁹⁶ LEAVIS, F. R. **Revaluation**: tradition and development in English Poetry. Harmondsworth: Penguin, 1972, p. 58. “Words seem to do what they say”.

No que diz respeito a outros campos do saber dentro das humanidades, os *English Studies* pareciam assumir (como muitas outras áreas de estudo também o fizeram) tons de superioridade. No caso da sociologia, Leavis chegou a reconhecer que “um interesse literário real é um interesse no homem, na sociedade e na civilização”⁹⁷, no entanto, nenhuma “sociologia da literatura” poderia “fornecer muita coisa, ao menos que informada e controlada por um interesse real e inteligente – um interesse crítico de primeira mão – na literatura”⁹⁸. Estavam em jogo críticas ao empirismo positivista, que poderiam suprimir o estético e, de modo central, estava posta a questão da avaliação do texto. Pois à crítica prática não interessava somente explicar como textos literários “funcionam”, preocupa-se também com inferir um valor sobre eles⁹⁹.

Tanto Anderson quanto Alan Shuttleworth (1960-) defenderam a ideia de que a crítica literária teria ocupado esse lugar na intelectualidade como forma de compensação pela ausência de qualquer tradição sociológica britânica¹⁰⁰. Trata-se de uma discussão bem disseminada e fundamentada, Milner tratou de adicionar ainda que “não é que a Inglaterra tinha o ‘English’ em vez da sociologia; mas sim que a Inglaterra tinha o ‘English’ como uma sociologia”¹⁰¹. A proposta de Leavis para uma escola modelo de crítica literária teria tratado de temas caros à sociologia europeia clássica. No entanto, era:

Uma sociologia radicalmente inferior: amadora e intelectualmente irresponsável no seu modo de se apropriar do trabalho de outras disciplinas; teoricamente inarticulada precisamente nos momentos de generalização, nos quais um cuidado apropriado demandaria precisão teórica; privada, por sua própria insularidade, de qualquer contato com o alcance e diversidade do pensamento sociológico continental europeu; [...] paradoxalmente e perversamente, fundamentalmente acrítica¹⁰².

Cremos que essas colocações são precisas e trazem elementos importantes para a discussão que se seguirá. No período em que Williams trabalhava em *Cultura e Sociedade*,

⁹⁷ LEAVIS, F. R. 1976, p. 200 apud MILNER, Andrew. “Sociology and literature”, p. 20. “a real literary interest is an interest in man [sic], society and civilization”.

⁹⁸ LEAVIS, F. R. 1976, p. 198 apud MILNER, Andrew. Idem, p. 20. “yield much profit unless informed and controlled by a real and intelligent interest – a first-hand critical interest – in literature”.

⁹⁹ Cf. MILNER, Andrew. “Sociology and literature”, p. 20.

¹⁰⁰ Cf. ANDERSON, Perry. Components of the national culture, p. 50 et seq. e SHUTTLEWORTH, Alan. “Two working papers in Cultural Studies”. In: DAVISON, P. et al (org.) *Literary Taste, Culture and Mass Communication: Vol. 14: The Cultural Debate Part II*. Cambridge: Chadwyck-Healey, 1980.

¹⁰¹ Cf. MILNER, Andrew. “Sociology and literature”, p. 22. “It is not so much that England had ‘English’ instead of sociology; it is rather that England had ‘English’ as a sociology” (grifos do autor).

¹⁰² Ibidem, loc cit. “a radically inferior sociology: amateurish and intellectually irresponsible in its manner of appropriating the work of other disciplines; theoretically inarticulate at precisely those moments of generalisation at which a proper caution would demand theoretical precision; debarred by its own insularity from the possibility of any meaningful encounter with the range and diversity of continental European sociological thinking; and as Baldick stressed, paradoxically and perversely, fundamentally uncritical”.

muitos dos pressupostos dos *English Studies* estavam sendo postos à prova e o autor transitava entre a crítica e o endosso da tradição na qual foi formado. Seja por meio do apontamento dos limites de uma concepção de cultura que, de acordo com Williams, não era democrática o suficiente, seja pelo recorte limitado e discussões insulares.

Na seção seguinte do texto, discutiremos as ambivalências do livro e como essas constituem, simultaneamente, seus aspectos mais exaltados e criticados.

5 *Raymond Williams e a crítica literária britânica*

Williams se opunha fortemente a ideia de cultura da minoria e que a “missão” do crítico literário era levar o que eles consideravam como cultura ao povo. Por trás da concepção de comunidade e de cultura de Williams, por exemplo, havia resquícios de alguns pressupostos caros a Leavis e aos leavistas, que por vezes chegou a considerá-las entidades idealizadas, quase espirituais, não totalmente enraizadas nas estruturas sociais, mas sim em noções de tradição bastante despolitizadas¹⁰³.

O debate em torno da questão da existência ou não de um culturalismo de esquerda em Williams, principalmente nas décadas iniciais de sua carreira, é bastante acalorado. Alguns veem sua ideia de cultura comum como o aspecto que o diferencia de tantos outros críticos de direita e de esquerda do período, um movimento ousado que teria buscado o vislumbre de um futuro diferente, no mundo da comunicação em massa do pós-guerra, como Cevasco, por exemplo¹⁰⁴. Já outros, como Anthony Barnett (1942-), viu em seu culturalismo:

Uma visão estratégica da política socialista, a seu modo, paralela com aquela do economicismo. No qual estratégias econômicas para o socialismo recaem sobre o *momentum* espontâneo das lutas industriais para conseguir a derrubada do capital, os primeiros livros de Williams continham um argumento culturalista que é similar em sua lógica. Ele sugere que a mudança revolucionária será efetuada pela intensificação espontânea do intercâmbio cultural, o aprofundamento da comunicação livre e a libertação da expressão criativa¹⁰⁵.

Ainda de acordo com esse autor, Williams teria, por muitas vezes, negado a utilidade do conceito de classe e minimizado tais conflitos em suas análises, ainda segundo Barnett,

¹⁰³ Cf. MULHERN, Francis. **The moment of Scrutiny**, p.310-311.

¹⁰⁴ Cf. CEVASCO, Maria E. **Para ler Raymond Williams**, p. 67 et seq.

¹⁰⁵ BARNETT, Anthony. Raymond Williams and Marxism: a rejoinder to Terry Eagleton. **New Left Review**, n. 99, set. – out. 1976, p. 56. “a strategic vision of socialist politics in its way parallel to that of economism. Where economist strategies for socialism rely upon the spontaneous momentum of industrial struggles to accomplish the overthrow of capital, Williams’s early books contain a culturalist argument which is logically similar. He suggests that revolutionary change will be accomplished by the spontaneous intensification of cultural exchange, the deepening of free communication and the liberation of creative expression”.

recaindo num reformismo. No entanto, mesmo em seu reformismo inicial, sua hostilidade ao capitalismo permaneceu intacta¹⁰⁶. Essa situação mudou quando, citando o exemplo da publicação de *Modern Tragedy* em 1966, Williams provou, para além de qualquer dúvida, que era um socialista revolucionário¹⁰⁷.

Segundo Alan Sinfield (1941-2017), na conclusão de *Cultura e Sociedade*, Williams argumentou a respeito da relevância da cultura das classes mais altas para a vida da classe trabalhadora, através de sua força moral e estética, servindo muitas vezes como um ideal de inspiração e um veículo de mobilidade social. De acordo com ele, o crítico galês teria endossado a noção de que a “boa” cultura é para todos. Viria daí, então, o ataque de Williams ao conceito de massas e a sugestão de um entendimento complementar de cultura que, além de ser compartilhada, também deveria ser entendida como “um modo de vida como um todo”. Nessa concepção, a cultura da classe trabalhadora se manifestaria nos termos do cooperativismo comunitário, ao passo que a cultura da classe média seria adjetivada pela competitividade e individualismo¹⁰⁸. Cevasco concordou com Sinfield que Williams, mesmo com seu posicionamento alargado acerca do que a cultura significaria, mantinha o respeito pela alta cultura. Mas a autora argumentou que isso não fez com que Williams se aproximasse do elitismo de um Leavis, por exemplo, e isso teria ficado claro quando o galês resgatou o romance clássico inglês “para um esforço transformador da sociedade contemporânea”¹⁰⁹.

Eagleton argumentou que o entusiasmo da resposta dos intelectuais liberais à *Cultura e Sociedade* residiria nessa ideia de “todo”, ao invés do foco na oposição entre solidariedade e individualismo¹¹⁰. Essa posição pode ser rebatida, pelo menos em parte, pelas críticas feitas por Ian Gregor (1926-1995) e Malcolm Pittock à obra. Ambos concordaram que a seção mais complicada do livro era a da conclusão e que o posicionamento político aparente de Williams era uma violação da crítica acadêmica objetiva. Gregor, especificamente, rejeitou a concepção abrangente e, em muitos sentidos inovadora, pois rejeitava veementemente qualquer definição que postulasse que “a União Nacional dos Mineiros é uma façanha criativa do mesmo modo que *Sons and Lovers*”¹¹¹. Pittock também deixou a mostra sua posição política, em tom condescendente com relação a classe trabalhadora, o autor respondeu um dos argumentos de

¹⁰⁶ Ibidem, p. 57.

¹⁰⁷ Cf. Ibidem, p. 57-59.

¹⁰⁸ Cf. SINFIELD, Alan. **Literature, Politics and Postwar Britain**. Los Angeles: University of California Press, 1989, p. 241-242.

¹⁰⁹ CEVASCO, Maria E. Op. Cit, p. 67.

¹¹⁰ Cf. EAGLETON, Terry. **Criticism and Ideology**, p.27.

¹¹¹ GREGOR, Ian, PITTOCK, Malcolm e WILLIAMS, Raymond. Critical Forum. **Essays in Criticism**, n. 9, 1959, p. 428. “the National Union of Mineworkers is a creative achievement of the same kind as *Sons and Lovers*”.

Williams, aquele que diz que a crise humana é uma crise de entendimento, dizendo, “mas o que acontece se a maioria de nós é incapaz de entender?”¹¹².

O que tivemos nessa discussão, em concordância com o argumento de Higgins, pode ser caracterizado como um exemplo de “cegueira conservadora”¹¹³ que, em sua esquizofrenia habitual, nega-se a assumir que não concorda com alguém pelo motivo de terem posições políticas discordantes, mas atribui isso ao simples fato do outro possuir um posicionamento político declarado.

Quando se trata da tradição dos *English Studies* e suas reminiscências na obra, ressaltamos que existem passagens no livro que mostram como o autor era mestre na técnica do “close reading”¹¹⁴, sua atenção a minúcia do texto – seja ele literário ou não – era admirável e conseguiu trazer à tona importantes aspectos, o que fez com que suas hipóteses fossem elogiadas.

Por outro lado, o livro também suscitou duras críticas. Uma das mais célebres é a escrita por Eagleton, no livro *Criticism and Ideology* publicado em 1976. No texto, Eagleton enfatizou o que ele entendeu como o núcleo do projeto intelectual de *Cultura e Sociedade*: um projeto academicista e idealista que “pôde sustentar sua tese somente pela desatenção sistemática ao caráter reacionário da tradição com a qual lidou”¹¹⁵. Essa “desatenção sistemática”, em nosso entendimento, pode ser verificada apesar de Williams enfatizar que “A ideia de cultura seria mais simples se tivesse sido somente uma resposta a industrialização, mas foi também, evidentemente, uma resposta aos novos desenvolvimentos políticos e sociais, a *Democracia*”¹¹⁶ e seu foco da análise permaneceu nos textos em si mesmos e falhou em trazer elementos suficientes para uma análise que englobasse esses novos desenvolvimentos¹¹⁷.

É possível argumentar que uma das razões para isso resida em seu treinamento como crítico literário e os limites que isso impunha na época. Sendo assim, apesar de criticar o elitismo da *Scrutiny*, “ele não conseguiu romper totalmente com certa concepção idealizada de

¹¹² Ibidem, p. 432. “But what happens if most of us is incapable of understanding?”.

¹¹³ HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 49. “conservative blindness”.

¹¹⁴ Cf. por exemplo, FRY, Paul H. “I. A. Richards”. In: LITZ, A., MENAND, L. & RAINEY, L. (Eds.), *The Cambridge History of Literary Criticism* – vol. VII. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 179-199 e BELL, Michael. “F. R. Leavis”. In: *Idem*, p. 389-422.

¹¹⁵ EAGLETON, T. **Criticism and ideology**. London: Verso, 1976, p. 25. “could sustain his thesis only by systematic inattention to the reactionary character of the tradition with which it dealt”.

¹¹⁶ WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society: 1780-1950**. London: Vintage, 2017, p. 7. “The idea of *culture* would be simpler if it had been a response to industrialism alone, but it was also, quite evidently, a response to new political and social developments, to *Democracy*” (grifos do autor).

¹¹⁷ Cf. BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 40-41.

autor e texto, ao menos não em termos práticos e resultados objetivos”¹¹⁸. R. Shashidhar, professor de literatura inglesa na Universidade de Mangalore, denominou a perspectiva de Williams em *Cultura e Sociedade* como um “organicismo sistêmico”. De acordo com ele, o princípio organizador do livro conteria: um elemento histórico (o contexto, a fonte); um elemento linguístico (o conteúdo – tanto as posições dos autores da tradição quanto do próprio Williams – pode distinguir significados ao plasticá-los no presente de modo relevante), e – de modo central – o elemento existencial, “o elemento da consciência”, que poderia “responder” ao contexto da experiência imediata ao invés de palavras-chave que foram herdadas¹¹⁹.

Sintetizando o argumento, tal “organicismo sistêmico” estaria marcado pelas deficiências de Williams no campo do pensamento radical. As ausências dos conceitos de sociedade civil, luta de classes e conflito de classes constariam dentre tais deficiências. Sendo assim, Williams “teria elegido a linguagem como um índice orgânico de uma entidade igualmente orgânica chamada sociedade”¹²⁰. Shashidhar enfatizou, ainda, que não haveria dúvidas que o livro conseguiu traçar e registrar mudanças, mas a questão mais importante permaneceria não respondida: do ponto de vista de quem?¹²¹. Portanto, não haveria muito de sociedade no livro, somente quando ela aparecia como uma discussão ético-cultural dos autores analisados, “fenomenologicamente processada” por Williams¹²². É possível perceber certa similaridade na análise de *Cultura e Sociedade* por E. P. Thompson, que certa vez disse que o livro parecia “uma procissão de vozes desencarnadas”¹²³.

Em concordância com o argumento de Hall, acreditamos que Williams estava certo na identificação do potencial da crítica literária de Cambridge e o modo como essa área de estudos enfatizou as complexidades da análise cultural em comparação, por exemplo, com a crítica literária marxista do período. Williams também foi hábil em reconhecer a força dos estudos literários de Cambridge e seu efeito sobre quem foi treinado nesses moldes¹²⁴, e esse foi justamente o caso em *Cultura e Sociedade*. Ainda de acordo com Hall, o livro teria sido

¹¹⁸ Ibidem, p. 41.

¹¹⁹ Cf. SHASHIDHAR, R. Culture and Society: an introduction to Raymond Williams. **Social Scientist**, vol. 25, n. 5/6, May-June, 1999, p. 42 e algumas dessas argumentações aparecem também em BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 41.

¹²⁰ BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 41.

¹²¹ Ibidem, p. 42-43.

¹²² Ibidem, p. 48.

¹²³ THOMPSON, E. P. “The Long Revolution – Part I”, **New Left Review**, n. 9, Mai-Jun 1961, p.24. “a procession of disembodied voices”.

¹²⁴ Cf. HALL, Stuart. “Politics and Letters”. In: EAGLETON, Terry. (org.) **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 57.

“profundamente marcado pela tradição à qual queria se contrapor, e isso teria ficado ainda mais visível em seu método, que triunfou em apontar o “idioma” da tradição, mas falhou em ir além do discurso empírico-moral”¹²⁵. O ponto central estaria, nesse cenário inglês particular, não somente na esfera da cultura, mas sim no modo pelo qual um conjunto específico de valores políticos e culturais estava sedimentado em “uma inflexão comum da linguagem e do pensamento”¹²⁶. Para Hall, o livro falhou em apontar isso, pois permaneceu metodologicamente preso dentro do discurso¹²⁷.

Qual poderia ser então a causa dessa armadilha metodológica? Nossa aposta está precisamente no tratamento superficial dos diferentes contextos políticos e históricos. Hall apontou que um dos maiores problemas da obra residiria na falta de elementos não britânicos: especialmente no que diz respeito ao impacto da Revolução Francesa. Outro ponto mencionado por ele diz respeito a total falta de contrapontos às ideias da referida tradição, e o modo como essas poderiam estar (e estavam) em diálogo com diferentes correntes de pensamento do período. Este poderia ter sido um caminho frutífero para refletir sobre a formação intelectual da tradição, localizando-a tanto social quanto historicamente¹²⁸.

Eagleton teve um *insight* interessante a respeito disso, argumentou que o relacionamento de Williams com a herança literária britânica proveu, ao mesmo tempo, um terreno estável para seu projeto e o fez parcialmente cego aos movimentos intelectuais de outros lugares¹²⁹. O relato do próprio Williams sobre seus sentimentos em relação a sua formação universitária fornece alguns elementos para análise. Em uma entrevista que ocorreu na década de 1980, o autor conversou com Caroline Kerr e Graham Coster (1960-) e disse claramente que *Cultura e Sociedade* era, de fato, um produto de departamento de inglês de Cambridge e de suas tradições¹³⁰. Além disso, em um artigo intitulado “Cambridge English and Beyond”, de 1983, Williams enfatizou que desde 1946 ele vinha tentando escapar de Cambridge¹³¹, mas que o livro, de algum modo, tinha conseguido trazê-lo de volta. No entanto, mesmo que alguns

¹²⁵ BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 42.

¹²⁶ Ibidem, loc cit.

¹²⁷ Cf. HALL, Stuart. “Politics and Letters”. In: EAGLETON, Terry. (org.) **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 59.

¹²⁸ Cf. Ibidem, p. 60.

¹²⁹ Cf. EAGLETON, Terry. **Criticism and Ideology**, p. 35.

¹³⁰ Cf. Entrevista “**Not my Cambridge**”. Consultada em RBA - WWE/2/1/7/2/40.

¹³¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. Cambridge English and Beyond. **London Review of Books**, vol. 5, n. 12, 7-20, JUL-1983, p. 3. Consultado em RBA - WWE/2/1/7/1/15.

colegas dissessem que ele nunca teria “ido embora” de fato, ele respondeu que todos estavam errados, que a distância era completa e o conflito intelectual, absoluto¹³².

É interessante colocar lado a lado relatos como esse e o fato de que, mesmo que Williams não tivesse tido aulas com Leavis diretamente, associou-se com leavistas entusiasmados como Collins e Mankowitz e fundado a revista *Politics and Letters*, em 1947. Vale lembrar que ao retornar à universidade depois da guerra, Williams disse ter se deparado com uma esquerda diluída no campus, e isso se refletiu no esvaziamento do *Socialist Club* e fez com que ele encontrasse companhia em Collins e Mankowitz que, assim como ele, e de acordo com a análise de Higgins, tinham interesse em promover e difundir uma crítica literária e cultural de esquerda, que buscou levar em consideração as críticas que o leavismo fez a análise cultural marxista, mas que, ao mesmo tempo, recusava-se a rejeitar a política¹³³.

Se colocarmos em perspectiva o fato de que o debate cultural estava em voga no período e, como apontou Hoggart em sua resenha de *Cultura e Sociedade*, havia de fato um sentimento de mudança no ar¹³⁴, é possível compreender o fascínio que a perspectiva de Leavis exercia sobre esses então recém-formados. Williams afirmou décadas mais tarde que atração imensa de Leavis devia muito ao que na época era visto como seu radicalismo cultural e ao seu foco na educação, o professor inglês vivia dizendo o quanto de trabalho ainda haveria de ser feito nessa área¹³⁵.

Alguns autores se focaram em especificar a distância e os conflitos entre Williams a crítica literária de Cambridge. Patrick Parrinder (1944-), por exemplo, afirmou que no final da década de 1940 e início de 1950, Williams era entendido como o primeiro da linha de sucessão do departamento de inglês de Cambridge. No entanto, o inglês teria proclamado sua independência de Leavis desde a publicação de *Reading and Criticism*¹³⁶, que em grande parte se baseava em suas ideias sobre a classe trabalhadora e o socialismo (que não eram entendidos como a mesma coisa). Parrinder argumentou que seria errado confundir o otimismo de Williams com algum tipo de complacência liberal, pois quando o inglês classificou a cultura contemporânea como insatisfatória, o fez não em favor de um passado idílico, como fizeram Eliot e Leavis, mas sim em prol de um diferente prospecto de futuro¹³⁷.

¹³² Cf. Ibidem, p. 6.

¹³³ Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams**. London: Routledge, 1999, p. 9.

¹³⁴ Cf. HOGGART, Richard. **Essays in Criticism**, p. 171. Consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

¹³⁵ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 66.

¹³⁶ WILLIAMS, Raymond. **Reading and Criticism**. London: Frederick Muller, 1950.

¹³⁷ Cf. PARRINDER, Patrick. The accents of Raymond Williams. **Critical Quarterly**, vol. 26. 1-2, p. 47-49. Consultado em WWE/2/1/7/2/19.

É possível encontrar ecos da argumentação de Mulhern, apresentada no início desse capítulo, com as considerações de Parrinder que acabamos de expôr. Referimo-nos a relação entre a crítica ao passado idílico e o comprometimento com um prospecto de futuro específico, em que o primeiro corresponde ao liberalismo cultural britânico e o segundo a análise cultural comunista. Seguimos então adentrando a discussão sobre os tons que a crítica de Williams a liberalismo cultural britânico ganhou nas páginas da parte III do livro, sobre o pensamento do século XX.

Em *Politics and Letters*, quando perguntado sobre qual foi o ímpeto de escrever *Cultura e Sociedade*, Williams respondeu que sua intenção era contornar os trabalhos de Leavis e Eliot¹³⁸. Milner tratou das semelhanças e diferenças entre os dois autores. Um primeiro ponto ressaltado pelo crítico diz respeito a resistência de Leavis aos debates teóricos. Em um trecho particularmente iluminador a esse respeito, Leavis escreveu:

O objetivo de crítico, em primeiro lugar, é perceber, de maneira mais sensível e completa possível, qualquer coisa que clame por sua atenção, e uma certa avaliação está implícita na realização [...] E a organização dentro da qual se situa como constituinte ao se tornar ‘colocado’ em uma organização de coisas similarmente ‘colocadas’, coisas que acharam seu relevância em relação umas às outras, e não um sistema teórico ou um sistema determinado por considerações abstratas¹³⁹.

Ainda segundo Milner, essa insistência de Leavis na análise concreta poderia ter relação com a tradicional empiria britânica. No entanto, o autor nos convidou a ir um pouco além da superfície e perceber que Leavis aparentemente abandonara qualquer critério avaliador, pois presumia a existência de valores literários comuns ao crítico e a seus leitores. E esses valores, por sua vez, fariam parte de sistema maior, que envolveria avaliações da cultura e da história¹⁴⁰. Já Eliot era um pensador bem mais “sistemático”, haja vista a sua tentativa de criar uma teoria social cristã inspirada em pensadores como Georg Hegel (1770-1831), Émile Durkheim (1858-1917) e Karl Mannheim (1893-1974). Em resumo, salientou Milner, seria possível encontrar cinco pontos de concordância entre os dois autores (embora existam variações de grau em cada um deles): 1 – estética organicista (com origem no idealismo clássico alemão); 2 – crítica social

¹³⁸ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and letters**, p. 97.

¹³⁹ LEAVIS, F. R. **The common pursuit**. New York: New York University Press, 1964, p. 213. “The critic's aim is, first, to realize as sensitively and completely as possible this or that which claims his attention; and a certain valuing is implicit in the realizing [...] And the organization into which it settles as a constituent in becoming 'placed' is an organization of similarly 'placed' things, things that have found their bearings with regard to one another, and not a theoretical system or a system determined by abstract considerations”.

¹⁴⁰ Cf. MILNER, A. **Re-imagining Cultural Studies: the promise of Cultural Materialism**. London: Sage, 2002, p. 27.

anti utilitarista; 3 - historicismo pessimista; 4 – intelectual entendido como militante; 5 – nacionalismo cultural¹⁴¹.

Conforme mencionado anteriormente, um dos impulsos iniciais para que Williams escrevesse o livro foi a publicação de *Notes Towards the Definition of Culture*, de Eliot. Nessa obra está delineada a concepção de cultura “como um modo de vida como um todo”. Sem nos alongarmos demais em conceituações precisas, cabe ressaltar o fato de que apesar de Williams ter se baseado fortemente nessa proposição para criar a sua própria conceituação da cultura – a ponto de ter, conforme argumentou Cevasco, sido indulgente em relação ao tom reacionário de Eliot – o autor não deixou de criticar certos pontos e de propor inversão a outros. Um exemplo disso estaria nas mudanças práticas que uma nova percepção sobre a cultura poderia trazer às demandas urgentes daquele período, como por exemplo o debate da ampliação do acesso da população à educação: “estender a cultura significa mudança, que Eliot vê como negativa, e Williams como ganho”¹⁴².

É possível inferir, de modo geral, que em *Cultura e Sociedade* Williams trouxe da crítica conservadora aspectos que, em sua visão, dariam conta da complexidade da especificidade da cultura e seu impacto no modo de vida. O que ele queria eliminar dessas posturas era seu caráter elitista dentro do qual a identificação na heterogeneidade da vida social vinha acompanhada de tons da soberba liberal, que via em poucos “seres iluminados” a “missão” de definir o que era cultura e levá-la às massas. Caindo no que o autor identificou como uma contradição, pois o reconhecimento da diversidade não poderia levar a uniformização.

Se pensarmos na outra grande força intelectual da formação do pensador, o marxismo, temos a influência da concepção de Marx que parte da premissa da intrínseca conexão entre a vida econômica e a cultural. Em “Culture is Ordinary”, artigo publicado em 1958, Williams destacou o que, em sua concepção, seriam os principais argumentos da teoria marxista da cultura: 1. Que a cultura deveria ser interpretada em sua relação com o sistema de produção. Tal máxima estaria correta, Williams aceitou sua ênfase. No entanto, isso se configuraria como uma tarefa mais complicada do que parece; 2. Que não vivíamos em uma época de “cultura moribunda”, na qual cultura contemporânea significaria cultura burguesa; e 3. Que a cultura e a produção são interconectadas, assim, advogar por um sistema de produção distinto deveria ser também um princípio cultural. Um novo modo de vida, bem como nova arte e

¹⁴¹ Cf. Ibidem, loc.cit.

¹⁴² CEVASCO, Maria E. **Para Ler Raymond Williams**, p. 134.

aprendizado¹⁴³. Desses três pontos, Williams discordava especialmente do último: “A interpretação marxista da cultura não pode nunca ser aceita enquanto retém, e não precisa reter, esse elemento diretivo, essa insistência que se você realmente quiser o socialismo você deve escrever, pensar e aprender de certos modos prescritos”¹⁴⁴.

No que concerne os itens 1 e 3 e as suas divergências, as críticas do autor se dirigem principalmente aos marxistas do século XX, sejam eles acadêmicos ou lideranças políticas. Um dos exemplos mais pungentes se daria por meio do questionamento da validade da analogia da base e superestrutura que, segundo o autor, teria subjugado a cultura a um papel coadjuvante, um mero reflexo. Essa é uma questão que perduraria por algumas décadas em seu pensamento, e que tem mudanças de perspectivas substanciais. No que diz respeito a análise desse capítulo e a obra *Cultura e Sociedade*, destaca-se que o principal alvo de suas críticas estava fixado nos marxistas britânicos: R. E. Warner, Alick West, Ralph Fox e Christopher Caudwell. Foquemo-nos nessa seção da obra a seguir.

6 As críticas à Teoria Marxista da Cultura

Williams iniciou a seção do livro intitulada “Marxismo e Cultura” dizendo que Marx foi um contemporâneo de John Ruskin (1819-1900) e de George Eliot (1819-1880), no entanto, a análise cultural marxista teria chegado na Inglaterra somente nos anos 1930. O autor também defendeu que Marx somente delineou, mas nunca desenvolveu plenamente uma teoria cultural e suas ideias diferiam em muito do que até então era conhecido como crítica literária marxista¹⁴⁵.

Em nossa análise, assim como na de vários outros comentadores de Williams, o principal ponto de conflito entre o autor e a tradição marxista naquele momento estava na analogia da base e superestrutura, conforme mencionado anteriormente nesse texto. Ao discutir o prefácio da *Crítica da Economia Política* de Marx, Williams argumentou:

Mesmo se aceitarmos a fórmula da estrutura e superestrutura, nós temos nas palavras de Marx que mudanças na última estão necessariamente sujeitas a um modo diferente e menos preciso de investigação. O argumento é reforçado através das qualificações verbais de seu texto: ‘determinam o caráter *geral*’; ‘mais ou menos rapidamente transformadas’. A superestrutura é uma questão da consciência humana, e isso é necessariamente muito complexo, não só porque é sempre histórica: a todo tempo inclui continuidades do passado bem

¹⁴³ Cf. WILLIAMS, Raymond. “Culture is ordinary”. In: HIGHMORE, Ben. **The everyday life reader**. London: Routledge, 2002, p. 95-96.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 96. “The Marxist interpretation of culture can never be accepted while it retains, as it need not retain, this directive element, this insistence that if you honestly want socialism you must write, think, learn in certain prescribed ways”.

¹⁴⁵ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 347.

como reações ao presente [...] O reconhecimento da complexidade é o primeiro controle em qualquer tentativa válida em uma teoria marxista da cultura. O segundo controle, mais controverso, é um entendimento da fórmula estrutura e superestrutura. Em Marx, essa fórmula é definida, mas talvez como nada mais do que uma analogia¹⁴⁶.

Para reforçar seu argumento, lançou mão de um trecho de uma correspondência de Engels a B. Borgius, de 1890. Nessa carta, o alemão relatou o que entendia como uma dificuldade de compreensão da complexidade do materialismo histórico:

Segundo a concepção materialista da história, o fator que em última instância determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu nunca afirmamos mais que isto. Se alguém o distorce dizendo que o fator econômico é o único determinante converterá aquela tese em uma frase vácuca, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os diversos fatores da superestrutura que sobre ela se levantam – as formas políticas da luta de classes e seus resultados, as Constituições, [...], as formas jurídicas, [...], as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as ideias religiosas [...] – exercem também sua influência sobre o curso das lutas históricas e determinam, em muitos casos, sua forma [...] que os discípulos façam às vezes mais pé firme do devido no aspecto econômico é coisa da qual, em parte, temos a culpa Marx e eu mesmo. Frente aos adversários tínhamos de sublinhar este princípio cardinal que se negava, e nem sempre dispúnhamos de tempo, espaço e ocasião para dar a devida importância aos demais fatores que intervêm no jogo das ações e reações¹⁴⁷.

Em resposta, o galês argumentou que com Engels o que antes era só uma ênfase ganharia em complexidade argumentativa, no entanto, resultaria em “uma diminuição da utilidade da fórmula”, já que

Estrutura e superestrutura, como termos de uma analogia, expressam, de uma só vez, um relacionamento fixo e absoluto. Mas a realidade que Marx e Engels reconhecem é tão menos absoluta quanto menos clara [...], no entanto qualquer fórmula em termos de níveis, como nos termos de estrutura e superestrutura, não faz jus aos fatores de movimento que é a essência do marxismo entender¹⁴⁸.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 349-350. “Even if we accept the formula of structure and superstructure, we have Marx’s word that changes in the latter are necessarily subject to a different and less precise mode of investigation. The point is reinforced by the verbal qualifications in his text: ‘determines the *general* character’; ‘*more or less rapidly* transformed’. The superstructure is a matter of human consciousness, and this is necessarily very complex, not only because of its diversity, but also because it is always historical: at any time, it include continuities from the past as well as reactions to the present [...] This recognition of complexity is the first control in any valid attempt at a Marxist theory of culture. The second control, more controversial, is an understanding of the formula of structure and superstructure. In Marx this formula is definite, but perhaps as no more than an analogy” (grifos do autor).

¹⁴⁷ ENGELS, Friedrich. “Carta a B. Borgius”. In: FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: História**. São Paulo: Ática, 1981, p. 231. Em WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 350.

¹⁴⁸ WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 350-351. “Structure and superstructure, as terms of an analogy, express at once an absolute and a fixed relationship. But the reality which Marx and Engels recognize is both less absolute and less clear [...] yet any formula in terms of levels, as in terms of structure and superstructure, does less than justice to the factors of movement which it is the essence of Marxism to realize”.

A argumentação seguiu buscando em Georgi Plekhanov (1856-1918), especificamente em *The development of the Monist Theory Of History*, de 1895, reflexões acerca da teoria marxista da cultura. Williams discutiu uma passagem em que o russo argumentou que as interações existem, mas esse simples fato não explicaria nada, dever-se-ia “apurar os atributos das forças interativas”. Ao fim e ao cabo, o que explicaria os organismos sociais residiria na “estrutura econômica desses organismos, que é determinada pelo estado de suas forças produtivas”¹⁴⁹.

De acordo com Williams, Plekhanov não teria negado que existem leis particulares a respeito do pensamento humano, o que ele não admitiria é que tais leis seriam o “motor primário” do desenvolvimento intelectual, pois esse se encontraria, conforme mencionada na citação acima, na mudança econômica. Concluiu:

O que há então é uma interação, mas essa não pode ser entendida positivamente ao menos que a força organizadora do elemento econômico seja reconhecido. Uma teoria marxista da cultura reconhecerá diversidade e complexidade, levará em conta a continuidade dentro da mudança, permitirá a oportunidade e certas autonomias limitadas, mas, com essas reservas, tomarão os fatos da estrutura econômica e suas consequentes relações sociais como um fio condutor sob o qual a cultura é tecida, e por conseguinte pelo qual a cultura deve ser entendida. Isso, ainda uma ênfase ao invés de uma teoria substantiada, é o que os marxistas de nosso século receberam de sua tradição¹⁵⁰.

Não nos parece claro se com esse argumento – localizado ao final de uma das divisões do texto – Williams quis dizer que a condição de “ênfase” da teoria cultural marxista é uma questão da teoria do materialismo histórico até aquele momento, uma falha argumentativa de algum tipo, ou se a situação que ele denunciou – as práticas que seriam de cunho reducionista e economicista – são características específicas dos marxistas britânicos de seu tempo. Sobre os últimos, especificamente ao tratar da discussão de R. E Warner sobre a cultura, Williams postulou:

mesmo reconhecendo a base material da cultura, parece chegar muito perto de uma definição arnoldiana, na qual a cultura pode servir ao avanço da organização econômica e social, idealmente incorporando o futuro. Em muitos ingleses escrevendo como marxistas eu notei isso. Uma tradição que procede

¹⁴⁹ PLEKHANOV, Gueorgui. In **Defence of Materialism**. London: Rothstein, 1947, p. 207 apud WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 350. “ascertain the attributes of the interacting forces”. “economic structure of these organisms, which is determined by the state of their productive forces”.

¹⁵⁰ WILLIAMS, Raymond. Idem, p. 352-353. “There is then an interaction, but this cannot be positively understood unless the organizing force of the economic element is recognized. A Marxist theory of culture will recognize diversity and complexity, will take account of continuity within change, will allow for chance and certain limited autonomies, but, with these reservations, will take the facts of the economic structure and the consequent social relations as the guiding string on which a culture is woven, and by following which a culture is to be understood. This, still an emphasis rather than a substantiated theory, is what Marxists of our own century received from their tradition”.

basicamente dos Românticos, passando por Arnold e Morris, foi complementada por certas frases de Marx, enquanto continua a operar em termos mais antigos¹⁵¹.

Algumas pistas estão espalhadas nas páginas seguintes do texto, nas quais Williams seguiu discutindo qual papel a arte poderia ter dentro do pensamento marxista: agente ativo da mudança ou mero reflexo das estruturas econômicas? O galês argumentou que esse era um ponto espinhoso nos escritos tanto de Marx e quanto de Engels, e o resultado disso era evidente no teor confuso das teorias culturais marxistas de autores subsequentes¹⁵². Ao discutir os exemplos de Morris, bem como da análise a respeito de Morris feita por E. P. Thompson, Ralph Fox (1900-1936) e Alick West (1895-1972), Williams revelou estar confuso com as influências românticas dessas perspectivas, pois

De um jeito ou de outro a situação terá que ser esclarecida. Ou as artes são passivamente dependentes da realidade social, uma proposição que eu considero ser do materialismo mecânico, ou uma má interpretação vulgar de Marx. Ou as artes, como criadoras da consciência, determinam a realidade social, a preposição que os poetas românticos às vezes promoveram. Ou finalmente, as artes, mesmo que em última análise dependentes, como todo o resto, da estrutura econômica real, opera em parte para refletir essa estrutura e sua consequente realidade, e em parte, ao afetar as atitudes em relação a realidade, ajudam *ou entram* o constante negócio de mudá-la. Eu acho as teorias marxistas da cultura confusas porque elas me parecem, em diferentes ocasiões e em diferentes escritores, fazer uso de todas essas proposições conforme a necessidade¹⁵³ (grifo do autor).

Parece-nos que a terceira via acima descrita por Williams trouxe consigo elementos de sua própria concepção, à época, do papel relacional da cultura.

O crítico tentou analisar os porquês das dificuldades de entendimento da obra de Marx. Enfatizou o quão complexa foi a recepção dos escritos do autor alemão, sempre carregados de muito preconceito político, no entanto, segundo ele, Marx teria, de fato, diminuído a importância das artes como um todo¹⁵⁴. No que diz respeito à polêmica do fator determinante

¹⁵¹ Ibidem, p. 355. “While recognizing the material basis of culture, it seems to come very near to an Arnoldian definition, in which culture can be in advance of the economic and social organizations, ideally embodying the future. In many Englishmen writing as Marxists I have noticed this. A tradition basically proceeding from the Romantics, and coming down through Arnold and Morris, has been supplemented by certain phrases of Marx, while continuing to operate in older terms”.

¹⁵² Ibidem, p. 355.

¹⁵³ Ibidem, p. 358-359. “Yet, in one way or another, the situation will be clarified. Either the arts are passively dependent on social reality, a proposition which I take to be that of mechanical materialism, or a vulgar misinterpretation of Marx. Or the arts, as the creators of consciousness, determine social reality, the proposition which the Romantic poets sometimes advanced. Or finally, the arts, while ultimately, with everything else, on the real economic structure, operate in part, by affecting attitudes towards reality, to help *or hinder* the constant business of changing it. I find Marxist theories of culture confused because they seem to me, on different occasions and in different writers, to make use of all these propositions as the need serves.” (grifo do autor).

¹⁵⁴ Cf. Ibidem, p. 359.

da vida social, o galês disse que, apesar de acompanhar as controvérsias, a questão parece irrespondível. A dificuldade estaria em estimar a importância final de um fator que nunca está em isolamento e, segundo a sua máxima: “se quisermos entender a cultura, nós estamos comprometidos com o que está manifesto: o modo de vida como um todo”¹⁵⁵.

O autor chegou a fazer paralelos do uso por marxistas dessa ideia de cultura como modo de vida, no entanto, para ele:

a dificuldade reside nos termos da formulação original de Marx: se você aceitar ‘estrutura’ e ‘superestrutura’, não nos termos de uma analogia sugestiva, mas como descrições da realidade, os erros se seguem naturalmente. Até mesmo se os termos são vistos como aqueles de uma analogia, eles precisam, como eu tentei sugerir, de uma emenda¹⁵⁶.

Esse trecho destacado do texto parece exemplificar a análise feita por Milner, de que nesse livro “a retórica é digna de Eliot, a substância, de Marx”¹⁵⁷. Mesmo carregado de ambiguidades, e limitações (como todas as obras dessa magnitude), *Cultura e Sociedade* arrancou a tradição das mãos do conservadorismo cultural¹⁵⁸ e deu uma das primeiras contribuições para a formação de uma inédita força intelectual no Reino Unido, a *New Left* britânica, bem como de um novo campo interdisciplinar, os Estudos Culturais. Os finais dos anos 1950 e a década de 1960 são decisivos nesse sentido, e serão explorados na parte II dessa dissertação.

O pequeno número de páginas que Williams dedicou ao pensamento cultural marxista é considerado essencial para essa pesquisa, pois sugere um conjunto de questões que o autor, de um modo ou de outro, esteve envolvido o resto de sua vida. Para ele, quando se tratava de arte e sociedade, não era uma questão de reflexo ou de agência puras, e a busca por uma teoria cultural própria envolveria necessariamente leituras mais sofisticadas dos escritos do próprio Marx (incluindo inéditas traduções para o inglês nas décadas de 1960 e 1970), um contato frutífero com a obra de nomes importantes do marxismo ocidental como Antonio Gramsci, Georg Lukács, Lucien Goldmann, a Escola de Frankfurt e outros, ao passo que se distanciava da ênfase elitista e primordialmente cultural da crítica literária britânica.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 367. “If we are to understand the cultures, we are committed to what is manifest: the way of life as a whole”.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 369. “The difficulty lies in the terms of Marx’s original formulation: if one accepts ‘structure’ and ‘superstructure’, not as the terms of a suggestive analogy, but as descriptions of reality, the errors naturally follow. Even if the terms are seen as those of an analogy, they need, as I have tried to suggest, amendment”.

¹⁵⁷ MILNER, Andrew. **Re-thinking Cultural Studies**, p. 57. “The rhetoric is worthy of Eliot, the substance of Marx”.

¹⁵⁸ Expressão retirada de Ibidem, p. 61.

Eagleton argumentou que haveria uma diferença óbvia entre rejeitar o modelo base e superestrutura por razões históricas – isso é, por concebê-lo como muito estático e mecânico para capturar a complexidade das formações sociais – ou fazê-lo da maneira pós-estruturalista, de um ponto de vista mais filosófico. No entanto: “criticar o modelo nos moldes do primeiro não quer dizer, necessariamente, comprometer-se com o segundo”¹⁵⁹. Tendemos a concordar com Eagleton. No entanto, essa ideia se sustenta melhor se considerarmos os trabalhos posteriores de Williams, especialmente na década de 1970, quando, ao invés de apresentar uma crítica não muito aprofundada da analogia, o autor se engajou em complexos debates que envolveram sérios esforços para contribuir com o campo da teoria cultural materialista. Quando os aspectos apolíticos, elitistas e idealistas da própria crítica literária não eram mais uma opção para Williams, ele se encontrou lidando com conceitos e categorias marxistas com as quais tentou trabalhar, criticar e colaborar, a fim de estabelecer a sua própria teoria cultural marxista: o materialismo cultural. Alguns conceitos centrais do marxismo estavam envolvidos nesse esforço, tais como ideologia, totalidade e determinação. Tais conceitos serão, também, discutidos na parte II dessa dissertação, que analisará a obra *Marxismo e Literatura*.

7 *Estrutura de Sentimento*

O conceito de estrutura de sentimento apareceu pela primeira vez em *Preface to film*, livro publicado em 1954 e em coautoria com Orrom. Nas palavras dos autores:

Relacionar uma obra de arte com qualquer aspecto da totalidade observada pode ser, em diferentes graus, bastante produtivo; mas muitas vezes percebemos na análise que quando se compara a obra com esses aspectos distintos, sempre sobra algo para que não há uma contraparte externa. Este elemento é o que denominei de estrutura de sentimentos, e só pode ser percebido através da experiência da própria obra de arte.¹⁶⁰

Ele é mencionado algumas vezes em *Cultura e Sociedade*, no entanto não ganhou maior ou melhor definição, sendo utilizado para classificar análises de Carlyle da Inglaterra de seu tempo, na análise de romances de Elizabeth Gaskell, George Gissing ou Felix Holt, por exemplo¹⁶¹. O termo aparece também, e dessa vez mais bem desenvolvido, no livro *The Long*

¹⁵⁹ EAGLETON, Terry. “Base and Superstructure in Raymond Williams”. In: Idem (ed.). **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 165. “To criticize the model on the former grounds is not necessarily to commit oneself to the latter”

¹⁶⁰ WILLIAMS, Raymond e ORROM, Michael. **Preface to Film**. London: Film Drama Ltd. 1954, p. 21-22. Apud CEVASCO, Maria E. **Para Ler Raymond Williams**. p. 152.

¹⁶¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 59, 102, 123, 126, 150, 233, 238.

Revolution, de 1961, quando Williams refletiu sobre as possibilidades de uma “comunidade da experiência”¹⁶², uma análise do modo de vida. Enfatizou:

O termo que eu sugeriria para descrevê-lo é *estrutura de sentimento*: tão firme e definido como ‘estrutura’ sugere, no entanto ele opera nas partes mais delicadas e menos tangíveis de nossa atividade. Por um lado, essa estrutura de sentimento é a cultura de um período é o particular resultado vivo de todos os elementos da organização geral. E a esse respeito que as artes de um período, levando em consideração que incluam abordagens e tons característicos em sua argumentação, são de grande importância¹⁶³.

Já em *Marxismo e Literatura*, de 1977, Williams dedicou uma seção do livro a sua discussão teórica. Nesses termos: “[...] mudanças podem ser definidas como mudanças na estrutura de sentimento. O termo é difícil, mas ‘sentimento’ é escolhido para enfatizar uma distinção de conceitos mais formais como ‘visão de mundo’ ou ‘ideologia’”¹⁶⁴. Afirmou, para além disso, que se trata de uma “hipótese cultural” calcada nas tentativas de estabelecer conexões e interações¹⁶⁵.

Entendemos que estrutura de sentimento foi concebido e desenvolvido por Williams ao lidar com a articulação entre a experiência intelectual e a sua prática concreta. Dentro dessa perspectiva, buscou destacar o local privilegiado que a nova obra cultural ocupa, bem como as relações estabelecidas com as mudanças estruturais e simbólicas da sociedade. No entanto, constantemente pontuou que seu potencial de ação residiria não em um único indivíduo, mas sim em grupos e em suas interações com outros grupos¹⁶⁶. Um dos mais conhecidos exemplos da “aplicação” desse conceito por Williams pode ser conferido em “The Bloomsbury Fraction”¹⁶⁷.

¹⁶² Cf. WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. Harmondsworth: Penguin Books, 1961. É citado o termo “estrutura de sentimento” nas p. 65, 80, 84, 307 e 353.

¹⁶³ Ibidem, p. 64-65. “The term I would suggest to describe it is *structure of feeling*: it is as firm and definite as ‘structure’ suggests, yet it operates in the most delicate and least tangible parts of our activity. In one sense, this structure of feeling is the culture of a period: it is the particular living result of all the elements in the general organization. And it is in this respect that the arts of a period, taking these to include characteristic approaches and tones in argument, are of major importance” (grifo do autor).

¹⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. London: Oxford University Press, 1984, p. 132. “[...] changes can be defined as changes in structures of feeling. The term is difficult, but ‘feeling’ is chosen to emphasize a distinction from more formal concepts of ‘world-view’ and ‘ideology’”.

¹⁶⁵ Cf. Ibidem, loc cit.

¹⁶⁶ Cf., por exemplo, PASSIANI, Enio. Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams. **Estudos de Sociologia**, v.14, n.27, 2009, p. 286.

¹⁶⁷ Cf. WILLIAMS, Raymond. “The Bloomsbury Fraction”. In: **Culture and materialism**. London: Verso Books, 1980, p. 148-169. O termo “estrutura de sentimento” é utilizado textualmente na p. 155.

Não é nossa intenção mergulhar na gênese histórica e desenvolvimentos do conceito, outros já fizeram um bom trabalho nisso¹⁶⁸. O objetivo é discutir alguns pontos chave e analisar como esse conceito foi criticado por alguns intelectuais importantes – de dentro ou de fora do pensamento marxista – e como isso pode ser relacionado com a própria postura de Williams em relação a categorias marxistas. Um dos principais nomes envolvidos nessas discussões é, mais uma vez, o de Eagleton. Em meados dos anos 1970, em uma crítica feroz ao galês, Eagleton classificou estrutura de sentimento como mero sinônimo de ideologia¹⁶⁹ e, mais à frente no mesmo livro, afirmou que a ideia de “estrutura transindividual” de Goldmann era o que Williams almejava de fato quando formulou o termo¹⁷⁰.

Em *Politics and Letters*, os entrevistadores também foram firmes em suas críticas. Sugeriram que o problema de diferentes gerações existirem simultaneamente poderia interferir com a argumentação de que existiria uma estrutura de sentimento dentro de uma faixa etária específica. Além disso, interrogaram Williams a respeito da questão da classe e como isso poderia afetar o propósito de usar tal termo. O galês respondeu que isso não ficou claro o bastante em *The Long Revolution*, mas que usos diferentes podem ser feitos, dependendo do assunto e, especialmente, dos movimentos históricos e suas variações. Tentando se esquivar, Williams enfatizou que, no que diz respeito a discussão da geração de 1840, o que ele tinha em mente era ascensão de novos grupos culturais e fato de que a faixa etária dos participantes estava na média dos trinta anos de idade. Esse seria o momento em que se articularia a estrutura de sentimento contemporânea, criando uma possibilidade para acessar estruturas de pessoas mais velhas e de meia idade também¹⁷¹. Acreditamos que, em passagens como essas, Williams tentou demonstrar a flexibilidade e o alcance de sua proposição, e seria justamente essa “versatilidade” um dos maiores alvos da teoria, seja via ataques ou elogios.

Higgins argumentou que a maioria dos comentadores de Williams tratam de estrutura de sentimento como se conceito tivesse surgido no final ao invés do início dos anos 1950. Segundo o autor, é necessário recuperar os termos da sua emergência em *Preface to film*, um contexto

¹⁶⁸ Cf., por exemplo, MILNER, Andrew. “Structure of Feeling”. In: **Re-imagining Cultural Studies: the promise of Cultural Materialism**, p. 71-74; HIGGINS, John. “Drama and Structure of Feeling”. In: **Raymond Williams: literature, Marxism and Cultural Materialism**, p. 21-64; MIDDLETON, Peter. Why Structure Feeling? *News From Nowhere*, n. 6, 1989, p. 50-57 e DUTRA, Luciano. **As estruturas de sentimento: história e desenvolvimento da noção cultural por Raymond Williams**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Departamento de História. 2016.

¹⁶⁹ Cf. Eagleton, Terry. **Criticism and Ideology**, p. 33.

¹⁷⁰ Cf. *Ibidem*, p. 35.

¹⁷¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 156-158.

de crítica profunda por parte de Williams ao pensamento marxista na Grã-Bretanha dos anos 1930 e 1940 e à “fórmula desajeitada” da base e superestrutura¹⁷².

Anthony Barnett discutiu a importância que Williams dava à experiência, e ao rebater a afirmação de Eagleton, que esse seria um resquício de Leavis na formação do galês, afirmou que, na verdade, era uma evidência do contrário. Sua criação do conceito de estrutura de sentimento serviria exatamente para esse fim:

[o de] restaurar a categoria de experiência para o mundo, como uma parte de sua mutável e variada história social. O contraste com Leavis pode ser visto nas consequências para seus julgamentos literários. Williams exalta Dickens por sua dramatização das realidades caóticas da nova experiência urbana, e Joyce por sua desintegração de uma consciência unificada em Ulisses. Em um cauteloso ensaio sobre Solzhenitsyn ele insiste na realidade do ‘grupo negativo’: ‘inumeráveis centros: todos sujeitos, todos objetos’. O mundo literário de Williams é estruturalmente plural¹⁷³.

Acreditamos, em conjunto com uma parte significativa dos comentadores de Williams, que em sua formulação de estrutura de sentimento residem aspectos significativos da luta do autor tanto com o pensamento marxista ortodoxo e quanto com a herança idealista. Por esse motivo, não é possível dizer que sua concepção (e aplicação) do conceito permaneceu a mesma desde *Preface to Film*, de 1954, até *Bloomsbury Fraction*, de 1980. Tal avaliação é a-histórica e irrealista. O que nos parece frutífero enfatizar é que esse conceito se apresentou como um desenvolvimento importante em sua formulação teórica, tanto na sua força quanto nas suas potenciais fraquezas, e um exame de seus diferentes usos, variações e transformações ao longo dos anos pode servir de ferramenta analítica valiosa para fugir de determinismos e idealizações. A máxima de Barnett exprimiu bem os parâmetros que essa dissertação busca seguir:

Eu acredito que pode ser mostrado que virtualmente *todos* os livros de Williams contêm um forte momento materialista, bem como um reconhecidamente idealista. É a relação de alteração entre os dois que provém a base para a compreensão da incrível evolução de seu pensamento¹⁷⁴.

E isso só pode ser feito, a partir de nosso ponto de vista, situando historicamente autor e obras.

¹⁷² Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 37 e p. 42.

¹⁷³ BARNETT, Anthony. **Raymond Williams and Marxism**, p. 62. “restore the category of experience to the world, as a part of its mutable and various social history. The contrast with Leavis can be seen in the consequences for his literary judgements. Williams extols Dickens for his dramatization of the chaotic realities of new urban experience, and then Joyce for his disintegration of a unified consciousness in Ulysses.³⁰ In a cautious essay on Solzhenitsyn he insists upon the reality of the ‘negative group’: ‘innumerable centres: all subjects, all objects’.³¹ Williams’s literary world is structurally plural”.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 63. “I think it can be shown that virtually *all* of Williams’s books contain a strong materialist moment as well as a recognizably idealist one. It is the altering relationship between the two which provides a basis for comprehending the remarkable evolution of his thought” (grifo do autor).

8 *A despolitização e a história em Cultura e Sociedade*

Se tomarmos a crítica de Eagleton a *Cultura e Sociedade*, o inglês relacionou “desatenção sistematizada” de Williams ao caráter reacionário da tradição com a qual ele estava lidando, causando:

Leituras drasticamente parciais e distorcidas de determinados autores (Carlyle, Arnold e Lawrence, em particular) que foram arrancados de seu *loci* ideológico e manipulados através de citação seletiva e equívoco sentimental para a causa de um “humanismo socialista”¹⁷⁵.

Apesar o uso de palavras duras, acreditamos que parte do argumento de Eagleton tem fundamento. Michael Löwy (1938-) e Robert Sayre, ao discutirem o Romantismo, afirmaram que o uso desse conceito em *Cultura e Sociedade* teria acontecido através dos poetas (Blake, Wordsworth e Keats), e que não haveria um esforço em definir suas visões de mundo e história em comum, tomadas como exemplos de crítica cultural à sociedade industrial. De maneira similar a Eagleton, os autores argumentaram que os textos usados seriam limitados e parciais (limitados pelo número de autores, foco geográfico e temporal) e que o que existiria ali se configuraria no máximo como sugestões e “olhadelas”, não seriam o suficiente para uma definição precisa ou uma visão global acerca do tema¹⁷⁶.

O mesmo tipo de argumento pode ser conferido na resenha de Asa Briggs (1921-2016) que, em meio a elogios, criticou o estilo de escrita “frequentemente obscura” de Williams e o modo como, por vezes, os argumentos não teriam se sustentado, bem como uma visível superficialidade com que certas facetas dos autores teriam sido retratadas. Na visão de Briggs, isso teria sido o resultado da falta de uma definição clara do que cultura significava para o próprio Williams, além da falta de outros conceitos esclarecedores, comumente conhecidos pelos historiadores¹⁷⁷.

Acreditamos que um olhar atento ao modo como Williams utilizou os diferentes contextos históricos e políticos em sua obra pode fornecer um caminho fértil de análise para o entendimento de tais “armadilhas metodológicas” e, ao mesmo tempo, prover uma análise preciosa daquele arranjo intelectual específico. Se começarmos pelo argumento de Hall mencionado anteriormente - de que o livro focou em demasia na tradição cultura e sociedade

¹⁷⁵ EAGLETON, Terry. **Criticism and Ideology**, p. 25-26. “drastically partial and distorted readings of particular writers (Carlyle, Arnold and Lawrence in particular) who were wrested from their true ideological *loci* and manipulated by selective quotation and sentimental misconception into the cause of a ‘socialist humanism’”.

¹⁷⁶ Cf. LOWY, Michael e SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 33-34.

¹⁷⁷ Cf. BRIGGS, Asa. Resenha de *Cultura e Sociedade*, p. 168. Consultada em RBA – WWE/2/1/9/2/6.

em si mesma e não levou em consideração outras correntes de pensamento influentes do período fora da Inglaterra e do Reino Unido – é bastante visível que os autores não foram situados adequadamente em seus contextos intelectuais, para não dizer também políticos e econômicos. A essa altura da investigação, estamos inclinados a ver as proposições de Williams como tendo similaridades consideráveis com Arthur Lovejoy (1873-1962) e a sua história das ideias. Em um de seus trabalhos mais conhecidos, *A Grande Cadeia do Ser*, o autor germano-americano apresentou seu método de estudar o pensamento, dentro do qual as ideias são “fatores dinâmicos”. Suas propostas consistem em analisar certos elementos e identificar “a persistência de unidades dinâmicas recorrentes”, as quais chamou de “ideias unidade”¹⁷⁸.

Esse não é um argumento totalmente inédito, outros autores já fizeram a conexão entre a História das ideias e elementos da análise de Williams. Beatriz Sarlo (1942-), por exemplo, o denominou especificamente como um historiador das ideias¹⁷⁹. É interessante refletir, então, sobre o impacto disso na análise dos autores selecionados em *Cultura e Sociedade*, e consequentemente, na noção da cultura como uma ideia unidade¹⁸⁰. Graham Martin, por sua vez, afirmou que era óbvio que o livro é um exemplo de um estudo da história das ideias, no entanto, teria ido muito além disso, pois uma “abordagem típica da história das ideias sugeriria, por vezes, uma omissão deliberada do modo como essas ideias emergiram dentro um contexto histórico específico, e, após isso, discute-se o modo como teria sido realizado um “resgate” pelos que foram influenciados por tais ideias”¹⁸¹. Em *Cultura e Sociedade*, então, essas ideias teriam se tornado ativas dentro da análise dos pensadores discutidos. Seja esclarecendo ou obscurecendo suas respostas aos “sentimentos”, e tais respostas teriam revelado o “tom” e o “idioma” do período. É curioso notar que o aspecto elogiado por Martin foi justamente o criticado por Hall, mencionado anteriormente, o foco no discurso¹⁸².

Seria possível, assim, articular o lugar que a análise histórica e política ocupa dentro dessa obra de Williams com certas práticas da história das ideias? Logo após a publicação de *Cultura e Sociedade*, o historiador Victor Kiernan (1913-2009) escreveu uma resenha feroz da obra. Não acreditamos que ele possuía preocupações analíticas similares as dessa pesquisa, mas

¹⁷⁸ Cf. LOVEJOY, A. O. *The Great Chain of Being: a study of the history of an idea*. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 1936, p. 5-7. “the persistent of recurring dynamic units”. “Unit-ideas”.

¹⁷⁹ Em uma entrevista para o periódico argentino *Punto de Vista*. Cf. SARLO, Beatriz. **Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad**, ano 2, número 6, julho de 1979, p. 9. Consultada em RBA - WWE/21/7/3/4.

¹⁸⁰ Argumento anteriormente pontuado em BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. *Leitura: Teoria & Prática*, v.37, n.77, 2019, p. 43.

¹⁸¹ BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. *Leitura: Teoria & Prática*, v.37, n.77, 2019, p. 43.

¹⁸² Cf. nota de rodapé n. 34 da parte I dessa dissertação.

sua posição em relação ao uso ineficiente do contexto histórico por Williams traz elementos significativos para a nossa discussão. De acordo com Kiernan, o primeiro requisito para qualquer estudo de história cultural residiria em uma firme estrutura de fatos históricos, sociais, políticos e econômicos. Sendo assim, o autor argumentou que, apesar de Williams considerar o processo da Revolução Industrial central para sua investigação, não teria ficado claro o que ele entendia por isso¹⁸³. Silêncios e presunções como essa teriam afetado profundamente as possibilidades de relacionar – analiticamente - ideia e sociedade¹⁸⁴. Kiernan enfatizou:

O que é necessário, que isso seja repetido mais uma vez, é uma investigação mais aprofundada na história da cultura combinada com a história da classe “cultural”. A relativa autonomia da arte e da filosofia da compulsão econômica de sua época é o mesmo problema, só que em outro plano, da relativa autonomia da *intelligentsia* dentro da estrutura de poder da sociedade de classe¹⁸⁵.

Tal crítica se assemelha, em termos, ao que foi anteriormente mencionado na análise crítica de Shashidhar, que a obra teria traçado e registrado as transformações nas concepções de cultura. A questão estaria então na determinação de qual ponto de vista, a *intelligentsia* que Kiernan mencionou. Parece-nos claro que essa é uma escolha consciente de Williams, vide a importância dessa tradição de pensadores e da proeminência do estudo da linguagem em sua formação dentro da crítica literária. Destaca-se a seguinte passagem da introdução da obra:

Meus termos de referência, então, não são somente distinguir os significados, mas relacioná-los com suas fontes e efeitos. Eu tentarei fazer isso ao examinar não uma série de problemas abstratos, mas uma série de declarações individuais. Não é só porque, por motivos de temperamento e treinamento, eu encontro mais significado nesse tipo de declaração pessoalmente verificada do que em um sistema de abstrações significativas. É também porque, em um tema desse tipo, eu me sinto comprometido com o estudo da própria linguagem: isso é, com as palavras e as sequências de palavras com as quais homens e mulheres específicos utilizaram na tentativa de dar um significado a suas experiências [...] A estrutura da investigação é geral, mas o método, em detalhe, é o estudo de declarações e contribuições individuais efetivas¹⁸⁶.

¹⁸³ Cf. Resenha por Victor Kiernan, publicada no **The New Reasoner**, Summer 1958, p. 75-76. Consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/6.

¹⁸⁴ Argumento anteriormente pontuado em BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 43.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 83. “What is needed, let it be repeated once more, is further investigation into the history of culture combined with the history of the 'cultural' class. The relative autonomy of art and philosophy from the economic compulsion of their epoch is the same problem on another plane as the relative autonomy of the *intelligentsia* within the power-structure of class society”.

¹⁸⁶ WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 8-9. “My terms of reference then are not only to distinguish the meaning, but to relate them to their sources and effects. I shall try to do this by examining, not a series of abstracted problems, but a series of statements by individuals. It is not only that, by temperament and training, I find more meaning in this kind of personally verified statements than in a system of significant abstractions. It is also that, in a theme of this kind, I feel myself committed to the study of actual language: that is to say, to the words and sequences of words which particular men and women have used in trying to give meaning to their

Hall disse que discutir o que *Cultura e Sociedade* deixou de fora se tornou quase que um jogo intelectual¹⁸⁷. Acreditamos que isso se deve ao fato que esse livro conseguiu incorporar muito bem as ambivalências e complexidades de seu período de escrita e publicação. Vale a pena mencionar – e reconhecer - que quase vinte anos após sua publicação, Williams reconheceu que, naquele momento, ele não possuía o conhecimento histórico necessário e disponível, mencionou que E. P. Thompson ainda estava trabalhando em *A formação da classe operária inglesa* e que se na época ele tivesse tido acesso as discussões presentes nessa obra, *Cultura e Sociedade* teria sido um livro totalmente diferente¹⁸⁸. Um livro com relação ao qual, em finais da década de 1970, Williams se sentia bastante distante: “Eu não conheço muito a pessoa que o escreveu. Eu leio esse livro como se estivesse lendo um livro de outra pessoa. É um trabalho muito distante de mim”¹⁸⁹.



Conforme lembrado pelos entrevistadores em *Politics and Letters*, no contexto da segunda metade dos anos 1970, *Cultura e Sociedade* ainda era muito mencionada nos debates socialistas e seu autor ainda era imediatamente conectado a ela. E isso seguiu acontecendo, principalmente nos anos 1990 e 2000. Tendemos a concordar com Mulhern quando ele relacionou esse “resgate” ao fim da URSS e a ascensão do neoliberalismo¹⁹⁰. Um contexto de desilusão poderia fazer com que o resgate de um tipo mais despolitizado de radicalismo tivesse um grande apelo¹⁹¹.

Na mesma entrevista, Williams mencionou um episódio em que leitores estadunidenses lhe diziam que concordavam com sua posição, pois tinham lido *Cultura e Sociedade*. O autor respondia que aquela não era mais sua posição¹⁹². Tal episódio e declaração do autor levam a refletir acerca dos termos em que alguns autores defendem uma noção de continuidade no pensamento de Williams durante sua trajetória de cerca de trinta anos após lançar essa obra. Um exemplo é Cevasco, que defendeu o que movimento seria de continuidade, pautando-se

experience [...] The framework of the inquiry is general, but the method, in detail, is the study of actual individual statements and contributions”.

¹⁸⁷ HALL, Stuart. “**Politics and Letters**”, p. 60.

¹⁸⁸ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 107-108.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 107. “I don’t much know the person who wrote it. I read this book as I might read a book by someone else. It is a work most distant from me”.

¹⁹⁰ Cf. nota n. 1 desse capítulo.

¹⁹¹ Nas palavras do próprio Williams, quando diziam a ele que o livro ainda era muito radical ele respondia “well, first-stage radicalism”. Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 110.

¹⁹² Cf. Ibidem, loc cit.

tanto nas duras críticas contidas a analogia da base e superestrutura, quanto no resgate feito pelo autor das ideias do próprio Marx e o lugar que elas ocupariam no capítulo “Marxismo e Cultura”. A brasileira também dirigiu críticas a análises que enxergariam uma “narrativa de progresso” em Williams¹⁹³. Outro crítico literário, Stefan Collini (1947-) também criticou a ideia de “ruptura epistemológica” em Williams, dizendo que seria fruto de um momento específico da crítica althusseriana, no entanto, o galês teria sim levado seu pensamento a novas direções entre 1960 e 1980. Collini foi além e disse que o “distanciamento” de Williams dos seus livros iniciais não são confiáveis, pois o autor estaria desconfortável com o leavíssimo contido nelas¹⁹⁴.

O posicionamento que tentamos apresentar até aqui – e desenvolver de maneira mais explícita na parte II dessa dissertação – é que tanto a noção de continuidade quanto a de uma ruptura epistemológica não dão conta de expressar as nuances da obra desse pensador, pois ambas apresentam resquícios a-históricos. Dizer que um autor, ou qualquer pessoa, tenha permanecido com as mesmas posições por mais de trinta anos pressupõe deixar de fora mudanças significativas em seus desenvolvimentos pessoais, sempre influenciados pelos mais diversos fatores de sua vida social – seja o contato com grupos diferentes, ambientes de trabalho diferentes e leituras diferentes até regimes políticos diferentes e ciclos e crises econômicas distintas. É inegável que certos temas (e certas críticas) que apareceram pela primeira vez em *Cultura e Sociedade* se repetiram em vários outros livros anos a fio, a questão está nas análises tanto das minúcias dos textos quanto dos desenvolvimentos exteriores a eles, nas relações dialéticas entre os campos em que esse autor transitou e sua cristalização nas páginas de seu trabalho e tais detalhes e/ou mudanças passariam despercebidos por quem busca estabelecer um nexo extenso de continuidade.

No que diz respeito à noção de ruptura epistemológica, o mesmo argumento se aplica, pois tal como a ideia de continuidade, dizer que há um rompimento brusco desmerece o movimento de influências e o impacto das transformações na trajetória de Williams. O papel da formação em Cambridge, nos moldes de Leavis, tão sentida nas páginas desse livro, não pode ser desmerecida ou sofrer um apagamento de um dia para o outro. Sim, na introdução de *Marxismo e Literatura* o autor “se assumiu teoricamente”, mas tais afirmações soam mais como um acerto de contas do que como uma novidade para quem já acompanhava os passos que seu trabalho dava desde, pelo menos, a publicação de *Tragédia Moderna*, treze anos antes. A

¹⁹³ Cf. CEVASCO, Maria E. **Para Ler Raymond Williams**, p. 137 et seq.

¹⁹⁴ Cf. COLLINI, Stefan. “Critics (II) – Lionel Trilling and Raymond Williams”. In: **Common Writing: Essays on literary culture and public debate**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 120.

questão não reside nas incansáveis medições do quão marxista ele era ou não – essa é uma falsa questão. Mas sim que suas leituras e os pontos de vista que botou em perspectiva fizeram com que ele forjasse o materialismo cultural em bases teóricas marxistas mais firmes, passando a ter acesso e a dialogar com autores do marxismo da Europa continental. E isso nos faz questionar um próximo ponto, a ideia defendida por Collini que os relatos do afastamento de Williams de suas obras iniciais não são confiáveis. Por mais que se tenha que levar em consideração a problemática adicional que um texto autobiográfico traz¹⁹⁵, não faz sentido desmerecê-lo, pois se configura como um importante registro das mudanças de postura do autor.

Quando se trata das críticas que o livro recebeu de parte da própria esquerda, e aqui nos referimos especialmente a Eagleton e Shashidhar, entendemos que situá-las historicamente seja tão importante quanto a discussão do conteúdo em si. No entanto, é um esforço que demanda mais do que o proposto por essa dissertação. Todavia, vale ressaltar alguns aspectos nesse sentido, por exemplo, que Shashidhar confessou a Williams por correspondência que o contato com obras suas teria feito com que ele colocasse sua prática docente em nova perspectiva, mas que o contexto indiano de renovação ideológica constante do brahmanismo demandava que Shashidhar se filiasse ao althusserianismo¹⁹⁶.

Vale reforçar também que as críticas mais duras feita por Eagleton à Williams estão contidas nas páginas de *Criticism and Ideology*, publicado em 1976, período em que seu autor estava, assim como Shashidhar, fortemente influenciado pelo estruturalismo althusseriano. Anos mais tarde, logo após a morte de Williams em 1988, Eagleton pareceu ponderar suas posições do passado e colocar o galês em uma nova luz,

Ele transformou praticamente sozinho os estudos culturais da relativa crueza que os encontrou em um corpo de trabalho extraordinariamente rico e engenhoso. Ao fazer isso, alterou irreversivelmente o mapa político e intelectual do Reino Unido, e colocou milhares de alunos, colegas e leitores em seu débito. Ele pôde fazer isso porque nunca renunciou a sua crença na centralidade absoluta do ele chamava de ‘significados e valores’. Ele lutou a sua vida toda contra vários reducionismos da esquerda [...] Nesse sentido, ele já tinha consigo o que alguns outros da esquerda descobriram gradualmente mais tarde, através de Gramsci, ou da teoria do discurso, ou da psicanálise ou das ‘políticas do sujeito’. E então, quando todos o alcançaram e estavam ocupados levando a questão para um extremo idealista, ele começou a falar em modos materiais de produção cultural, das instituições sociais de escrita e – em uma palavra- do materialismo cultural¹⁹⁷.

¹⁹⁵ Cf. análise interessante feita por BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FIGUEIREDO, Janaína P. e FERREIRA, Marieta de M. (org.) *Usos e abusos da história oral*. São Paulo: Editora FGV, 2006, 183-191.

¹⁹⁶ Cf. Carta de Shashidhar enviada a R. Williams, datada de 08/08/1987. Nela relatou também sua experiência como aluno em Cambridge, onde a maioria de seus professores idealizavam Leavis e Eliot. Consultada em RBA - WWE/2/1/16/316.

¹⁹⁷ EAGLETON, Terry. Resources for a journey of hope: the significance of Raymond Williams. *New Left Review*, 1/168, Mar. – Abr. 1988, p. 11. “Almost single-handedly, he transformed cultural studies from the relative

Acreditamos que o pensamento de Williams, começando pelo alcance que ganhou com *Cultura e Sociedade*, trouxe novas maneiras de se pensar a cultura tendo como objeto as transformações ocorridas no pós-guerra e colocando no centro a necessidade de se repensar valores e significados. Trouxe também as ambivalências e receios de um então jovem autor que tentava se encontrar em meio a tradição e as demandas pelo novo e diferente. Essas características, variando em diferente graus e entonações, irão acompanhar Williams pelo resto de sua trajetória, fazendo com que seus textos tenham apelo distintos para diferentes disciplinas dentro das ciências humanas. Na introdução de *Keywords*, lançado em 1976, podemos ter acesso a uma impressão do próprio autor a respeito das particularidades de uma obra como *Cultura e Sociedade*, ao passo que também podemos perceber a sua força e seu alcance:

O livro tem sido classificado sob o título de história cultural, semântica histórica, história das ideias, crítica social, história literária e sociologia. Às vezes isso pode ser embaraçoso ou até difícil, mas temas acadêmicos não são categorias eternas, e o fato é que, ao querer colocar certas questões gerais de certas maneiras específicas, eu percebi que as conexões que estava fazendo, e a área em questão que estava tentando descrever, eram na prática experienciadas e compartilhadas por muitas outras pessoas, a quem o estudo falou¹⁹⁸.

E ele segue falando, causando controvérsias e estimulando novas propostas, sessenta e um anos após sua primeira publicação. Consideramos todos esses diferentes pontos de vista, em conjunto com a autocrítica de Williams, fatores decisivos para uma análise de sua trajetória intelectual posterior e do modo como ele se deparou e se relacionou com proposições centrais do marxismo ocidental. Seja via contato com algumas das obras fundamentais dessa tradição ou como parte de uma “virada teórica” europeia em maior escala, é agora fato que suas obras dos anos 1970, especialmente *Marxismo e Literatura*, apresenta uma sofisticação teórica e uma

crudity in which he found them to a marvelously rich, resourceful body of work. In doing so, he altered irreversibly the intellectual and political map of Britain, and put hundreds of thousands of students and colleagues and readers enduringly in his debt. He could do this because he never relinquished his belief in the utter centrality of what he liked to call ‘meanings and values’. He fought all his life against various leftwing reductions [...] In this sense, he had held all along what some others on the left came gradually to discover sometime later, through Gramsci or discourse theory or psychoanalysis or the ‘politics of the subject’. And then, just when everyone else had caught up with him and was busy pressing this case to an idealist extreme, he turned on his heel and began to speak of material modes of cultural production, of the social institutions of writing, of—in a word—cultural materialism”.

¹⁹⁸ WILLIAMS, Raymond. **Keywords**: a vocabulary of culture and society. New York: Oxford University Press, 1976, p. 13-14. “The book has been classified under headings as various as cultural history, historical semantics, history of ideas, social criticism, literary history and sociology. This may at times be embarrassing or even difficult, but academic subjects are not eternal categories, and the fact is that, wishing to put certain general questions in certain specific ways, I found that the connections I was making, and the area of concern which I was attempting to describe, were in practice experienced and shared by many other people, to whom the particular study spoke”.

maturidade intelectual sem precedentes em seu pensamento, uma voz autoral marcante que clamou por seu lugar na tradição marxista. Essa pesquisa busca trazer elementos de tal mudança no campo. Em certas estruturas de sentimento que estão cristalizadas em sua obra, que tem seu lugar na história intelectual ocidental e que necessita de uma investigação dedicada.

Parte II

1 Marxismo e Literatura (1977): primeiras impressões

A obra *Marxismo e Literatura*, de acordo com nossa interpretação, contém a discussão teórica mais bem-sucedida de Williams: *Marxismo e Literatura*. Publicado em 1977, o livro é parte da série “Introduções Marxistas”, da *Oxford University Press*. Editada, originalmente, pelo próprio Williams e por Steve Lukes (1941 -), a coleção contou com a publicação de duas obras, inicialmente: *Marxism and Politics* (1977), de Ralph Miliband (1921-1994) e *Marxismo e Literatura* (1977). Após a morte de Williams o projeto seguiu em frente, publicando também os títulos *Marxism and the City* (1994), de Ira Katznelson (1944 -) e *Marxism and Law* (1996), de Hugh Collins (1953 -)¹.

Como diz o próprio Williams na introdução de *Marxismo e Literatura*, esse livro foi escrito em um período de mudança radical e entre seus objetivos figurou uma tentativa de explicar e contribuir com esse efervescente cenário intelectual². Trata-se de uma obra dividida em três partes. A primeira apresenta uma discussão de quatro conceitos básicos: cultura, linguagem, literatura e ideologia. A segunda trata da teoria cultural marxista por meio da discussão, crítica e reavaliação de conceitos centrais do marxismo clássico, bem como do marxismo ocidental, tais como: base e superestrutura, determinação, forças produtivas, reflexo, mediação e hegemonia, por exemplo. A terceira parte realiza a mesma tarefa da segunda parte, só que dessa vez tendo como objeto a crítica cultural, especificamente a literária, além de discutir as contribuições da linguística e da semiótica a esse campo. Exemplos de discussões dessa seção do texto são o entendimento do próprio processo de escrita, críticas aos conceitos de estética, signo, convenção, forma, gênero, autor e prática criativa. Em meio as discussões teóricas, Williams buscou delinear (mais enfaticamente nas partes II e III do livro) a sua contribuição original a esses debates e introduzir conceitos criados por ele:

Eu estou preocupado também em desenvolver uma posição que, por uma questão de teoria, desenvolvi ao longo dos anos. Isso difere, em vários pontos centrais, do que é mais amplamente conhecido como uma teoria marxista, e até mesmo de muitas das suas variantes. É uma posição que pode ser brevemente descrita como materialismo cultural: uma teoria das

¹ Na seção de correspondências do *Richard Burton Archives* foi possível localizar uma carta em que são listados as diferentes temáticas e possíveis autores que estavam no planejamento de Williams e Lukes para as futuras publicações da série “Introduções Marxistas”, são eles: “The city – Katznelson; Economics: Rowthorn or Shkravati; Feminism: Anne Phillips; History: Genovese; Ideology: Brian McGuiness; Peasantry: T. Shanin; Political Economy: O’Connor e The Third World: Laclau”. Cf. Carta datada de 09/02/1987, assinada por Henry Hardy. Consultada em: RBA - WWE/2/1/13/2/49.

² WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 1.

especificidades da produção material da cultura e da literatura dentro do materialismo histórico³.

A iniciativa de se assumir como marxista e, ao mesmo tempo, analisar a fundo a teoria cultural – tanto marxista quanto não marxista – se apresentou como um feito, até então, inédito na carreira de Williams. Ao entrar em contato com a recepção imediata da obra por autores do mundo anglo-saxão, pudemos notar que, em sua maioria, as impressões foram positivas. No entanto, houve observações mais críticas que não podem escapar ao escrutínio de nossa análise. Abaixo destacamos alguns aspectos das resenhas analisadas.

Há autores que avaliaram positivamente a ênfase na teoria marxista da cultura e consideraram o livro como um passo em direção a reconsideração do potencial político do marxismo, por meio de uma teoria da arte revigorante, expansiva e nuançada⁴. Outros apontaram seu caráter revelador de um marxismo/hegelianismo existencial “reconfortante” que defendia um retorno ao “jovem” Marx, no qual Williams estaria mais interessado no fazer-se da literatura e entender sua feitura do que simplesmente julgá-la⁵. De modo geral, “um excelente ato de subversão dentro da tradição marxista”⁶, a obra teria mostrado a preocupação fenomenológica de Williams, de ir “as coisas elas mesmas”, assim como Edmund Husserl (1859-1938), e perseguir uma arqueologia do significado, como Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), “da vida como ela é vivida”⁷.

Para além dos elogios aos capítulos dedicados à literatura⁸ ou à linguagem⁹, apareceram também menções ao uso interessante que Williams fez de conceitos marxistas como hegemonia¹⁰, base e superestrutura e determinação¹¹. Elogiou-se também as análises históricas empreendidas pelo autor na obra, especialmente os capítulos que conferiram dimensão histórica

³ Ibidem, p. 5. “I am concerned also to develop a position which, as a matter of theory, I have arrived at over the years. This differs, at several key points, from what is most widely known as Marxist theory, and even from many of its variants. It is a position which can be briefly described as cultural materialism: a theory of the specificities of material cultural and literary production within historical materialism”.

⁴ Cf. RICHMAN, Robert. **Some Other Magazine**, Winter 1979, p. 34. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

⁵ Cf. HOLM, Cameron L. e HOLM, Janis B. **College English**, vol. 40, n. 4, dez. 1978, p. 454. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

⁶ Cf. GITLIN, Todd. **Commonweal**, 03 de março de 1978, p. 222. “A fine act of subversion within the Marxist tradition”. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

⁷ Holm, Cameron L. e Holm, Janis B. Idem, p. 455.

⁸ Cf. SUTHERLAND, John. **New Statesman**, 19 de agosto de 1977, p. 248 e FERBER, Michael. The American Book Review, summer 1978, p. 20. Resenhas consultadas em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

⁹ Cf. MERCER, Colin. **Comment**, 15 de outubro de 1977 e YERMAN, Ron. **Discoveries**, vol.5, n. 2, mar. De 1978. Resenhas consultadas em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

¹⁰ Cf. MERCER, Colin. Idem, loc cit.

¹¹ Cf. FERBER, Michael. Idem, loc cit e RICHMAN, Robert. Idem, p. 33. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

aos conceitos¹² e usaram criativamente a etimologia¹³. No entanto, esses mesmos aspectos foram criticados por outros autores, que apontaram para a falta de uma crítica histórica mais aprofundada, e não somente um exercício semântico de cunho fortemente teórico e academicista¹⁴. Esse foco teria sido visto como característica da passividade do livro e sua carência de dimensão estratégica da luta política¹⁵, tido para alguns autores como atributo comum ao marxismo ocidental do século XX¹⁶.

A escrita do livro também não passou despercebida pelos críticos, seja pelo motivo de ser muito breve ou pragmática¹⁷, ou por sua complexidade sintática “quase hegeliana”¹⁸. Apontaram para sua argumentação abstrata e pesada, assemelhando-a a uma pintura cubista, que remetiam mais a anotações de aulas agrupadas do que um livro finalizado¹⁹. De fato, a base da obra se apoia em experiências de semestres de aulas ministradas por Williams em Cambridge, em Princeton e, também, em um minicurso oferecido em conjunto com E. P. Thompson, ocorridos entre os anos de 1972 e 1975 (discutiremos isso detalhadamente mais à frente no texto).

Outro aspecto destacado nessas resenhas diz respeito à falta de referências aos autores discutidos por Williams que, apesar dos densos e extensos debates filosóficos, citou poucos nomes²⁰. Discutiui-se também a força das proposições teóricas do galês, se teria existido de fato uma contribuição original ou somente um questionamento das falhas de outras teorias, especificamente em Lukács e nos formalistas²¹. Levando em consideração a densidade e pluralidade das discussões contidas na obra, é possível perceber indagações pertinentes sobre seu caráter introdutório, conforme sugere o título da sua coleção (introduções marxistas). O livro teria, sim, exigido uma considerável sofisticação de seus leitores e certa familiaridade prévia com argumentos da tradição marxista²². Nesse sentido, o livro não seria uma introdução,

¹² Cf. BROWNE, Robert M. **Cross Currents**, summer 1978, p. 248, GITLIN, Todd. Idem, p. 222 e KETTLE, Arnold. **Red Letters**, n. 6, 1977, p. 71. Resenhas consultadas em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

¹³ Cf. SUTHERLAND, John. Idem, p. 248.

¹⁴ Cf. BHATTI, Anil. **Indian Journal of English (Mumbai)**, vol. XVIII, 1978/1979, p. 156. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

¹⁵ Cf. KETTLE, Arnold. Idem, p. 72-73.

¹⁶ Cf. TIMMS, E. F. **Modern Language Review**, outubro de 1980, p. 829. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

¹⁷ Cf. HOLM, Cameron L. e HOLM, Janis B. Idem, p. 456.

¹⁸ Cf. TIMMS, E. F. Idem, p. 828.

¹⁹ Cf. GITLIN, Todd. Idem, p. 223.

²⁰ Cf. Cf. HOLM, Cameron L. e HOLM, Janis B. Idem, loc cit. e SUTHERLAND, John. Idem, p. 249.

²¹ Cf. PERKINS, Alexander. **The Cambridge Review**, 05 de maio de 1978, p. 150. Resenha consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

²² Cf. TIMMS, E. F. Idem, p. 828. Cf. também uma correspondência enviada por E. P. Thompson à Williams em que ele comentou sobre *Marxismo e Literatura*, enfatizando como o livro se apresentava como uma leitura difícil e por isso não iria agradar a muitos leitores. Carta datada de 29 de maio (sem ano), consultada em RBA - WWE/2/1/16/356.

mas uma contribuição de fato ao pensamento marxista²³ e, diferentemente de outros autores até então, teria apresentado um “marxismo do marxismo” por meio da análise das condições históricas concretas da ascensão e desenvolvimento do materialismo histórico²⁴.

De acordo com Anthony Barnett (1942-) as obras não ficcionais de Williams podem ser divididas em três fases: 1 – sob influência da crítica prática (final dos anos 1940/começo dos 1950); 2 – influência da *New Left* (final dos anos 1950/ começo dos 1960) e 3 – de tom mais teórico e político (final dos anos 1960 até meados da década de 1970 - o momento da escrita do texto)²⁵. Indagamo-nos, portanto, como se deram essas transformações tão importantes e como elas se relacionaram com seu contexto intelectual, ao passo que Williams se desenvolvia como um teórico proeminente. Essa é tarefa da segunda parte dessa dissertação.

2 Os caminhos: New Left, Universidade de Cambridge e os desafios da esquerda britânica

No mesmo ano em que *Cultura e Sociedade* foi publicado, 1958, Williams participou de um simpósio chamado “Conviction” no qual declarou que havia sentido, pela primeira vez em muito tempo, parte de um movimento de ideias efetivo. Naquela ocasião foi convidado a contribuir com os debates, mesmo sem nunca ter falado ou se encontrado pessoalmente com ninguém do evento²⁶. Williams, então, mostrou-se surpreso com a atenção que um grupo de jovens envolvidos com o periódico *Universities and Left Review* (ULR) deram a ele e à Hoggart que, assim como galês, havia publicado recentemente seu aclamado *The Uses of Literacy* (1957)²⁷. Como resultado desse simpósio, uma coletânea foi organizada por Norman Mackenzie (1894-1986) e nela foi publicado pela primeira vez o artigo “Culture is ordinary” de Williams, discutido anteriormente nessa dissertação²⁸.

Esse episódio é importante, pois marcou, até onde pudemos averiguar, o primeiro encontro intelectual mais aprofundado com alguns nomes que viriam a ser muito importantes em sua vida nas décadas que se seguiram. No contexto inglês da Guerra Fria dos anos 1950, as discussões muitas vezes polarizadas exigiam de todos um posicionamento. O ano de 1956 foi fundamental para colocar em movimento os protagonistas de uma nova configuração intelectual

²³ Cf. BROWNE, Robert. Idem, p. 249.

²⁴ Cf. FERBER, Michael. Idem, p. 19.

²⁵ Cf. BARNETT, Anthony. Raymond Williams and Marxism: a rejoinder to Terry Eagleton. **New Left Review**, n. 99, set. – out. 1976, p. 53.

²⁶ Cf. Relato do próprio Williams em: WILLIAMS, Raymond. Culture of politics. **The Nation**, 03 de janeiro de 1959, p. 10. Consultado em RBA - WWE/2/1/7/1/19.

²⁷ Cf. Ibidem, loc cit.

²⁸ MACKENZIE, Norman (ed.). **Conviction**. London: MacGibbon & Kee, 1958.

e política. Eventos como a invasão soviética de Budapeste e a disputa pelo canal de Suez evidenciaram, no primeiro, os problemas da URSS em mostrar sua face humana e democrática, e no segundo, o descortinamento da ilusão de um imperialismo sutil por parte do Reino Unido. Hall afirmou que um dos desdobramentos da agitação intelectual de esquerda da década pode ser traduzido na criação de dois periódicos, os já mencionados *Universities and Left Review* (ULR) e *The New Reasoner* (TNR).

A ULR continha em seu comitê editorial jovens socialistas dissidentes (com uma média de idade de 24 anos). Entre esses figuravam nomes como o do próprio Hall, Gabriel Pearson (1933 -?) Raphael Samuel e Charles Taylor (1930 -?). Muitos de seus membros eram bolsistas no eixo Oxbridge e não compartilhavam a costumeira aversão à cultura de massas de alguns de seus colegas mais abastados. Preferiam cinema ao teatro, literatura americana à francesa e música popular à clássica, por exemplo²⁹. Em seu editorial de estreia, em 1957, o periódico apontou para um vácuo entre o marxismo da década de 1930 e o contexto intelectual em que viviam. Uma de suas propostas era de recuperar a tradição socialista de livre debate, uma tradição tanto de pensamento como de ação, que deveria estar sempre em alinhamento com os problemas e debates de sua época. Com o intuito de atrair os jovens ao debate político, a ULR disse a que veio:

Aqueles que sentem que os valores da sociedade capitalista estão falidos, que as desigualdades sociais das quais o sistema se alimenta são uma afronta às potencialidades do indivíduo, que tem a sua frente um problema, mais intricado e mais difícil do que qualquer um que tenha sido colocado anteriormente. Esse é o problema de como mudar a sociedade contemporânea a fim de fazê-la mais democrática e mais igualitária, e ainda como prevenir sua degeneração ao totalitarismo. Esse é apenas um problema dentre tantos – um problema político, em sentido estrito, mas ainda sim que demanda as energias, o ‘engajamento’ de mais pessoas da mais alta capacidade intelectual, mais do que jamais foi recrutado para a política nesse país. Esse é o problema central, hoje, para o Partido Trabalhista (*Labour Party*), e como tal, é nosso problema. Essa é a brecha, a posição estratégica, uma pequena área que a *Universities and Left Review* está tentando ocupar³⁰.

²⁹ Cf. CHUN, Li. **The British New Left**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1993, p. 13.

³⁰ HALL, Stuart. et all. Editorial. **Universities and Left Review**, vol. 1, n. 1, Spring 1957, p. III. “Those who feel that the values of a capitalist society are bankrupt, that the social inequalities upon which the system batters are an affront to the potentialities of the individual, have before them a problem, more intricate and more difficult than any which has previously has been posed. That is the problem of how to change contemporary society so as to make it more democratic and more egalitarian, and yet how to prevent it degenerating into totalitarianism. This is only one problem among many—a ‘political*’ problem, in the narrow sense, and yet one which demands the energies, the ‘engagement’ of more people of the highest intellectual capacity, than have ever been recruited to politics before in this country. This is the central problem, today, for the Labour Party, as such, it is our problem. This is the breach, the beach-head, a small area of which Universities and Left Review is attempting to occupy”.

A revista teve duração de dois anos e sete edições, que venderam mais de 8.000 cópias na Inglaterra³¹.

A outra tradição envolvida nas raízes da *New Left* britânica girava em torno do periódico *The New Reasoner* (TNR). Alguns de seus membros, tais como E. P. Thompson, John Saville (1916-2009), Rodney Hilton (1916-2002), Christopher Hill (1912-2003), Victor Kiernan (1913-2009) e Eric Hobsbawm, eram parte do notório grupo de historiadores marxistas britânicos. Intelectuais Reunidos, inicialmente, em torno do PCGB, que inauguraram uma tradição teórica de grande notoriedade e enormes contribuições no campo da história, especialmente³². Após desentendimentos com as orientações políticas do PCGB, especialmente após as revelações de Nikita Khrushchov (1894-1971) no 20º Congresso da URSS³³, formou-se uma dissidência que resultou na publicação do *The Reasoner*, um boletim para vozes dissidentes e aberto a discussões de temas mais sensíveis que iam contra as regras estabelecidas pelo partido. Após serem proibidos de continuar publicando, a grande maioria de seus membros ou saiu do partido por vontade própria ou foi expulsa. Dessa experiência surgiu o TNR, um periódico independente que, em seu editorial de estreia, criticou fortemente o poder negativo que a “ortodoxia estatal” da URSS, com vistas ao que entendiam como Marxismo Leninista-Stalinista, por um lado, e por outro, seu oponente dogmático, o Trotskismo. Tais circunstâncias teriam levado o movimento trabalhista britânico a uma onda anti teórica e altamente pragmática. Assim, o periódico tinha como missão o reestabelecimento da energia da esquerda, enfatizando suas premissas:

Não temos o desejo de romper impetuosamente com a tradição marxista e comunista na Grã-Bretanha. Pelo contrário, nós acreditamos nessa tradição, que deriva de homens como Williams Morris e Tom Mann, e que mais tarde encontrou expressão no campo cultural, em jornais como *Left Review* e *Modern Quarterly*, e seu redescobrimento e reafirmação são necessários. É nossa esperança que possamos construir uma ponte entre essa tradição e a

³¹ Williams contribuiu com um total de cinco artigos à revista, alguns são republicações de textos de outros periódicos ou trechos de livros como *Cultura e Sociedade* (1958) e *The Long Revolution* (196). Cf. WILLIAMS, Raymond. Working class culture. **Universities and Left Review**, vol. 1, n. 2, summer 1957, p. 29-31; Idem. Realism and the contemporary novel. **Universities and Left Review**, n. 4, summer 1958, p. 22-25; Idem. The social thinking of D. H. Lawrence. **Universities and Left Review**, n. 4, summer 1958, p. 66-71; Idem. The press the people want. **Universities and Left Review**, n. 5, autumn 1958, p. 42-47 e Idem. The realism of Arthur Miller. **Universities and Left Review**, n. 7, autumn 1959, p. 34-37.

³² Cf. KAYE, Harvey. **The British Marxist historians**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1995, p. 8.

³³ Em uma sessão fechada do mencionado congresso, Khrushchov proclamou um discurso chamado “Sobre o culto à personalidade e suas consequências”. Nele criticou as ações de Stalin, especialmente o que foi chamado de “o grande expurgo” dentro dos quadros do Partido que teria ocorrido entre 1934 e 1939. Muitos acreditam que esse momento foi crucial para definir o impasse da crise de liderança no partido e ditar os rumos da política soviética. Cf. MEDVEDEV, Roy e MEDVEDEV, Zhores. **The Unknown Stalin: His Life, Death, and Legacy**. New York: Overlook Press, 2004.

daqueles socialistas de esquerda que desenvolveram seu pensamento fora dela³⁴.

A revista foi ativa entre 1957 e 1959, publicando um total de oito edições que venderam algo em torno de 2.500/3.000 cópias pelo mundo (e diferentemente da ULR, tinha um considerável público internacional)³⁵.

Um ponto interessante da discussão desses dois periódicos nesse contexto específico diz respeito ao papel de Williams como um dos heróis dos membros da ULR. Curioso fato, pois se levarmos em consideração sua idade e inclinação pessoal, o galês pertencia definitivamente ao grupo da TNR. No entanto, seus interesses de pesquisa tinham mais conexões com a ULR³⁶.

Conforme relatou Hall, durante o período de 1957 a 1959, havia apoio e publicidade mútua nos dois periódicos. No entanto, os desafios financeiros de manter os dois em operação foi aumentando de maneira exponencial. Sendo assim, decidiram unir os dois projetos³⁷. Hall lembrou:

Mesmo que estivéssemos cientes de nossas diferenças, nossas perspectivas se aproximaram nos meses de colaboração. Dessa variedade de fatores veio a decisão da fusão, com candidatos mais adequados como Thompson e outros tendo se negado a exercer o cargo, eu precipitadamente concordei em me tornar o primeiro editor da *New Left Review*, com John Saville atuando como presidente do conselho editorial³⁸.

As tais diferenças que Hall mencionou não devem ser amenizadas, já que os dois grupos se criticavam mutuamente. Os membros da TNR apontaram que os colegas da ULR seriam muito rígidos e cegamente hostis à URSS, além exibirem de traços do “paroquialismo” da Europa ocidental. E, ao contrário, membros da ULR também criticavam o tom rígido da TNR, bem como seu distanciamento das transformações atuais da Inglaterra de então³⁹.

No entanto, apesar das desavenças, os grupos decidiram se unir. Cremos que um dos acontecimentos cruciais que impulsionaram essa decisão se relaciona á derrota do Partido

³⁴ THOMPSON, E. P. e SAVILLE, John. Editorial. **The New Reasoner**, n. 1, summer 1957, p. 2. “We have no desire to break impetuously with the Marxist and Communist tradition in Britain. On the contrary, we believe that this tradition, which stems from such men as William Morris and Tom Mann, and which later found expression in the cultural field, in such journals as LEFT REVIEW and MODERN QUARTERLY is in need of rediscovery and re-affirmation. It is our hope that we may be able to build some bridge between this tradition and those left socialists who developed their thought altogether outside it.”.

³⁵ Cf. CHUN, Li. **The British New Left**, p. 12.

³⁶ Fato que pode ser comprovado pela publicação de cinco artigos de Williams na ULR e nenhuma na TNR.

³⁷ Cf. HALL, Stuart. Life and times of the first New Left. **New Left Review**, n. 61, Jan. - Fev. 2010, p. 183.

³⁸ Ibidem, p. 183-184. “While we were aware of our differences, our perspectives had come closer together in the months of collaboration. Out of this variety of factors came the decision to merge and, with more suitable candidates like Thompson and others being unwilling to serve, I rashly agreed to become the first editor of New Left Review, with John Saville acting as chairman of the editorial board”.

³⁹ Cf. CHUN, Li. Idem, p. 15.

Trabalhista em 1959. Na eleição de outubro de 1959, Harold Macmillan (1894-1986), do Partido Conservador, reelegeu-se derrotando de Hugh Gaitskell (1906-1963), do Partido Trabalhista. Uma vitória atribuída, em parte, à posição contrária do Partido Trabalhista na questão do Canal de Suez três anos antes⁴⁰. No entanto, há de se ter em mente também o fato de que, com Macmillan a frente do Partido Conservador, parecia haver otimismo de melhoria econômica e social. No inverno de 1958-1959, houve uma grande alta nos índices de desemprego no país, a maior desde 1947, na qual o número de pessoas sem trabalho chegou a 620.000. Todavia, esse número caiu para 395.000 em julho de 1959. Além disso, houve um aumento real de salário em sete por cento entre janeiro de 1956 e junho de 1959⁴¹.

De início, Miliband e Saville eram contra, mas eventualmente mudaram de ideia. No ano de 1960, foi fundada a *New Left Review*⁴². Em seu editorial de estreia, Hall escreveu:

Nós estamos convencidos que a política, quando concebida de maneira estreita, tem sido a principal causa do declínio do socialismo em nosso país, e uma das razões para o desfalecimento em relação as ideias socialistas por parte dos jovens em particular. As forças humanistas do socialismo – que são as bases para um movimento socialista genuinamente popular – devem ser desenvolvidas em termos culturais e sociais, bem como econômicos e políticos. O que nós precisamos agora é uma linguagem próxima o suficiente da vida – de todos os aspectos dela – para declarar nossa insatisfação com “aquela mesma ordem”⁴³.

Williams, que foi membro do comitê editorial da revista no momento de sua estreia, teve a transcrição de uma conversa entre ele e Hoggart publicada nesse primeiro número da revista⁴⁴. O crítico escreveu um total de dezenove artigos para a NLR ao longo das décadas, sendo a mais prolífica delas os anos 1980. Williams contou não estar envolvido na discussão da fusão da ULR e TNR, no entanto, participou desde o início do planejamento do novo periódico e comentou sobre o período:

Os dois grupos, quando se fundiram, apostaram em um grande número de figuras da esquerda de uma vasta gama, bastante diversos em suas políticas e experiências. O resultado foi um comitê editorial bastante grande, que desde o começo parecia melhor em público do que poderia ser como um grupo de

⁴⁰ Cf. CALLAGHAN, James. **Time and chance**. London: Harper Collins, 1987, p. 515-516.

⁴¹ Cf. THORPE, Andrew. **A history of the British Labour Party**. London: Macmillan, 2001, p. 145.

⁴² Cf. WOOD, Ellen. A chronology of the new left and its successors, or: Who's old fashioned now? **Socialist Register**, vol. 31, p. 25. Autora mencionou que Williams estava envolvido nas conversas iniciais sobre a fundação de um novo periódico.

⁴³ HALL, Stuart. Introducing NLR. **New Left Review**, I/1, Jan-Feb. 1960, p. “We are convinced that politics, too narrowly conceived, has been a main cause of the decline of socialism in this country, and one of the reasons for the disaffection from socialist ideas of young people in particular. The humanist strengths of socialism—which are the foundations for a genuinely popular socialist movement—must be developed in cultural and social terms, as well as in economic and political. What we need now is a language sufficiently close to life—all aspects of it—to declare our discontent with “that same order”.

⁴⁴ Cf. WILLIAMS, Raymond e HOGGART, Richard. Working Class Attitudes. **New Left Review**, I/1, Jan-Feb. 1960, p. 26-30.

trabalho de uma revista. No entanto havia um senso geral da tentativa de agrupar toda uma geração que tinha sido interrompida pela experiência da década da Guerra Fria. Mesmo assim, eu tive a sensação de uma geração montada ao invés de uma que realmente se uniu⁴⁵.

Tamanha diversidade de posições e opiniões se fizeram presentes desde a primeira reunião, Williams seguiu relatando:

Na reunião de fundação da revista, eu me lembro de ter feito um pequeno discurso dizendo que as duas tradições da esquerda tinham sido quebradas irreparavelmente – stalinismo e fabianismo. Uma tradição diferente era agora necessária, que teria uma concepção de política muito mais ampla – uma ‘Nova Esquerda’, apesar dessa frase ter surgido dentro do grupo, muitos de nós estavam desconfortáveis com ela. Edward Thompson, em um discurso anterior na mesma reunião, falou em uma perspectiva de um novo movimento popular que iria transformar completamente ou substituir o Partido Trabalhista existente⁴⁶.

A tensão entre seguir uma linha de viés mais intelectual ou então uma outra, mais politicamente engajada, seguiu na revista nesses anos iniciais. Essa primeira fase durou até dezembro de 1961, quando Hall deixou a diretoria da revista⁴⁷. Nesse meio tempo, a vida profissional de Williams andava bastante ocupada. Além de contribuir com diversos periódicos, trabalhou em sua ficção⁴⁸ e publicou *The Long Revolution*. Um dos fatos mais marcantes desse período foi a nomeação de Williams como professor (*Lecturer*) de Literatura Inglesa na Universidade de Cambridge, em setembro de 1961.

No que diz respeito a NLR, a saída de Hall do posto de editor chefe foi resultado de uma crise na revista. Depois de um pequeno período com um comitê editorial interino, já em maio de 1962, Perry Anderson (então com 22 anos) assumiu a direção. Os conflitos entre o velho e o novo comitê editorial eram flagrantes e, de modo geral, já estavam evidenciados na reunião inicial do comitê, mencionada acima, quando Williams e Thompson discordaram sobre qual deveria ser o foco maior de atenção dos intelectuais envolvidos em sua direção, seja uma maior

⁴⁵ WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**: interviews with the New Left Review. London: Verso, 1979, p. 363. “The two groups, when they fused, went for a whole lot of Left figures over a wide range, who were very diverse in their politics and their experiences. The result was a rather large editorial board, which from the beginning looked better in public than it could be as a working group for a review. But there was a general sense of trying to gather together a whole generation which the experience of the Cold War decade had disrupted. Still I got the sense of an assembled generation rather than one which had truly come together”.

⁴⁶ Ibidem, loc cit. “At the founding meeting of the new review, I remember that I made a very short speech saying that the two traditions of the left had irretrievably broken down – Stalinism and Fabianism. A different tradition was now needed, which would have a much wider conception of politics – a ‘New Left’, although this phrase had started within the group, and several of us were uneasy about it. Edward Thompson, in an earlier speech at the same meeting, had spoken in the perspective of a new popular movement that would have completely transform or replace the existing Labour Party”.

⁴⁷ Cf. MILNER, Andrew. **Re-imagining cultural studies**, p. 84; CHUN, Li. **The British New Left**, p. 62.

⁴⁸ Em 1959 finalizou *Koba* e, em 1960, começou o romance *Second Generation*.

concentração no estabelecimento de uma nova tradição intelectual de esquerda ou a aposta no surgimento de uma nova força política. Isso fez com que muitos dos membros da “velha” *New Left* se afastassem. Isso não ocorreu com Williams, que lembrou:

Eu me encontrei, então, na posição de mediador entre os dois grupos rivais. Um novo estilo de revista começou a emergir, abandonando a perspectiva de campanha agora que já não havia um movimento que a sustentasse, e se concentrando em trabalho intelectual básico. Era mais provável que eu aceitasse essa direção, já que eu havia argumentado a favor da prioridade de um programa intelectual desde o começo. Mas eu também era um membro do comitê antigo, no qual havia muita resistência à nova definição da revista. Em certo ponto, houve até um movimento para exercer direitos autorais legais a fim de prevenir que a revista reformulada se chamasse *New Left Review*⁴⁹.

De fato, as ações legais foram impedidas. Mas, de todo modo, os membros do grupo se distanciaram e seguiram com outros projetos⁵⁰. No entanto, é possível verificar que Williams manteve contato com alguns deles por meio da análise das correspondências no *Richard Burton Archives*. Especialmente com Thompson⁵¹ e Hall⁵². No entanto, acreditamos que a tentativa mais bem articulada de juntar novamente figuras da “velha” *New Left* foi realizada por Williams, com o projeto do *May Day Manifesto*. Trata-se de uma publicação pensada como uma resposta política articulada, por parte da intelectualidade de esquerda britânica, em um contexto de decepção com os rumos do governo trabalhista então no poder desde 1964, com o primeiro ministro Harold Wilson (1916-1995). Conforme relatou o próprio Williams no prefácio da edição de 1968 do manifesto, o ímpeto do projeto surgiu no verão de 1966, após uma reunião de um grupo de socialistas que, de um jeito de outro, estiveram ligados a *New Left* nos últimos dez anos. Assim o galês descreveu:

⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 365-366. “I then found myself in the position of a mediator between the contending groups. A new style of journal started to emerge, dropping the campaign perspective now that there wasn’t a movement to sustain it, and concentrating on basic intellectual work. I was more likely to accept this direction since I had argued for the priority of an educational programme from the start. But I was also a member of the old board, where there was a lot of resistance to the new definition of the journal. At one point, there was even a move to exercise legal copyright to prevent the revised journal calling itself *New Left Review*”.

⁵⁰ Hall se juntou a Hoggart, como professor assistente no CCCS em Birmingham (1965); Samuel iniciou a revista *History Workshop* na *Ruskin College* da Universidade de Oxford (1966); Saville e Miliband fundaram a revista *Socialist Register* (1964) e Thompson fundou o *Centre for Study of Social History* na *Warwick University* (1965).

⁵¹ Cf. RBA - WWE/2/1/16/356. De longe a coleção mais numerosa do arquivo, seu período vai de 1961 até 1975. Muitas das cartas estão sem o ano indicado, no entanto, é possível inferir algumas dessas datas pelo seu conteúdo. Esses variam bastante, mas é possível verificar que os temas são tanto privados quanto profissionais, desde comentários sobre publicações de Williams quanto confissões pessoais e pedidos de conselhos por parte de Thompson (exemplos: cartas 1, 2, 5, 7, 8, 10, 11, 24 e 25).

⁵² Cf. RBA - WWE/2/1/16/148. Há correspondências mais pragmáticas, como as que tratam da organização das reuniões para a elaboração do *May Day Manifesto*, em 1967 (Carta 4 – 08/02/1967 e Carta 5 – 14/12/1967). Há também correspondências de tom pessoal, como quando Hall contou da experiência de mudança para Birmingham para trabalhar no CCCS em 1965 (Carta 2 – 11/04/1965), ou então quando pediu a opinião de Williams a respeito de aceitar ou não uma oferta de emprego na *Open University*, em 1967 (19/03/1967).

Como resultado da reunião, ficou decidida a publicação de um manifesto, que foi, naquele estágio, concebido como uma reunião de posições e análises socialistas existentes, como uma contra declaração às políticas e explicações do Partido Trabalhista. Foram apontados três editores: Edward Thompson, que tinha sido um dos fundadores da *New Reasoner*; Stuart Hall, um dos fundadores da *Universities and Left Review* e da *Left Review*; e eu. Nós começamos a trabalhar e logo ficou aparente que, apesar da existência de muito material útil, seria mais do que uma questão de só juntar tudo; na verdade alguns pontos críticos haviam de ser retrabalhados. O grupo original se estendeu, através de várias versões, e finalmente, com dinheiro contribuído em pequenas quantias pelos membros do grupo, o Manifesto foi publicado e distribuído privadamente. A resposta foi tão considerável que foram necessárias diversas reimpressões, e nós estávamos surpresos com as cartas e pedidos de palestrantes. Recebemos pedidos e comentários de muitos outros países também, e o Manifesto foi traduzido, na íntegra ou em parte, para várias línguas⁵³.

Apesar dos esforços do grupo e do senso de urgência de seu contexto de surgimento, o impacto do manifesto não foi sentido com a intensidade esperada além dos muros das universidades. E, apesar da forte tendência conciliatória de Williams, os conflitos entre os membros do grupo prevaleceram e foi difícil dar seguimento ao impulso radical inicial contido nessa iniciativa e muito desse ímpeto se dissipou⁵⁴. No entanto, Williams seguiu ativo em diversas frentes no debate político, já que sua relação com o Partido Trabalhista era um tanto quanto instável⁵⁵, o pensador encontrou certo “refúgio” participando de grupos socialistas diversos. E isso se estendeu durante toda a década de 1960, passando pela organização *Campaign for Nuclear Disarmament* (CND)⁵⁶, pelo *Cambridge Left Forum*, pela *Vietnam*

⁵³ WILLIAMS, Raymond. “Original preface”. In: Idem (org.). **May Day Manifesto** (1967-1968). London: Lawrence and Wishart, 2013, p. XXII. “As a result of the meeting, it was decided to publish a manifesto, which was at that stage conceived as a bringing together of existing socialist positions and analysis, as a counter-statement to the Labour government’s policies and explanations. Three editors were appointed: Edward Thompson, who had been one of the founders of the *New Reasoner*; Stuart Hall, one of the founders of *Universities and Left Review*; and myself. We began work, but it soon became apparent that, though much useful material existed, it was more than a matter of putting it together; indeed at certain critical points of connexion it had all to be reworked. The original group was extended, through successive drafts, and finally, with money subscribed in small sums by members of the group, the Manifesto was privately published and distributed. The response was so considerable that it had to be reprinted several times, and we were overwhelmed by letters and requests for speakers. From many other countries, also, we received letters and comments, and the Manifesto has been translated, in whole or in part, into several languages”.

⁵⁴ Por exemplo, em carta de 01/01/1968, Thompson disse à Williams que não poderia comparecer a algumas das reuniões do grupo que organizava a edição da Penguin de 1968 do manifesto, pois, segundo ele, não gostava do rumo que as coisas estavam tomando, além de apontar certa animosidade em relação a outro membro do grupo – Terry Eagleton. Consultada em RBA - WWE/2/1/16/356 – Carta 29.

⁵⁵ Williams foi membro do Partido no período de 1961 até 1966, trabalhando ativamente nas campanhas do candidato trabalhista Wilson em Cambridgeshire tanto em 1964 quanto em 1966.

⁵⁶ Grupo que pedia pelo fim das armas nucleares do reino Unido, fundado em 1957, teve Thompson entre seus fundadores. A partir de 1960, passou a opor-se ferozmente contra a Guerra do Vietnã também. Williams fez parte do grupo de 1961 até 1966.

Solidarity Campaign, além de ter sido presidente da *National Convention of the Left* e da *Convention Commision*.

Creemos que, de modo geral, as diferenças entre a “velha” *New Left* e a “nova” *New Left* circundam o diferente entendimento que cada vertente possuía sobre o lugar da teoria, tanto dentro da prática intelectual quanto na ação política. Com um foco maior na história inglesa e nas raízes de suas tradições populares, a primeira *New Left* se focou em diferentes estudos a respeito da consciência, das ideias e da cultura. Com tendências ao romantismo populista, especialmente no trabalho de Thompson, houve uma tentativa de aproximar o marxismo das tradições nativas britânicas, em seus vieses mais românticos e utópicos. Definitivamente inovadoras e criativas, tais vertentes ainda possuem muito méritos e influenciaram enormemente diversos campos de estudo. No entanto, é impossível negar as limitações teóricas e a supervalorização do radicalismo inglês.

Para fins de nossa argumentação, é importante ressaltar que temas como o foco na moralidade; agência; subjetividade; e o simplismo na identificação das causas do Stalinismo como enraizadas no economicismo, não podem ser vistos como ideias homogêneas dentro até mesmo da geração inicial da *New Left*. Objeções já tinham sido feitas⁵⁷ bem antes do debate mais conhecido, protagonizado por Thompson e Anderson no decorrer dos anos 1960⁵⁸. Entretanto, os rumos que a revista tomou na “era Anderson” também tem seus pontos criticáveis. No calor das disputas, os debates entre esses intelectuais despertaram também respostas acaloradas. Destacamos a posição de Milner:

Sem dúvida, o encontro da revista com o marxismo ocidental produziu, às vezes, um teorismo de arrepiar os cabelos; sem dúvida, movimentos de guerrilha do terceiro mundo forneceram um modelo improvável para a política radical em uma sociedade capitalista avançada; sem dúvida muito do que Thompson disse sobre o ‘marxismo estruturalista’ althusseriano continha mais do que um grão de verdade. Mas o nível de desdém de Thompson por ‘aqueles barris fechados de marxismo que figuram, fileira após fileira, nos corredores

⁵⁷ Para uma crítica de dentro da primeira geração da *New Left*, Cf. TAYLOR, Charles. *Marxism and Humanism. The New Reasoner*, n. 2, Autumm 1957 p. 92-98. Para um comentário de fora do marxismo, Cf. HANSON, Harry. Na open letter to Edward Thompson. *The New Reasoner*, n. 2, Autumm 1957, p. 79-91. A resposta de Thompson pode ser conferida em THOMPSON, Edward. *Agency and Choice I: a reply to criticism, The New Reasoner*, n. 5, Summer 1958, p. 89-106.

⁵⁸ De modo geral, tratou-se de uma discussão extensa e profunda entre Anderson, Tom Nairn (1932 -) e Thompson, mas que ao longo do tempo se tornou mais intensa somente entre Anderson e Thompson. Discutiu-se as particularidades da burguesia britânica e os motivos pelos quais a tradição do pensamento marxista não teria adentrado naquela sociedade, subjazendo um debate profundo sobre a relação entre prática intelectual e prática política. Cf. ANDERSON, Perry. *The origins of the present crisis. New Left Review*, 1/23, Jan.-Feb. 1964; NAIRN, Tom. *The English working-class. New Left Review*, 1/24, Mar-Apr 1964; THOMPSON, E. P. *The peculiarities of the English. Socialist Register*, v. 2, 1965, p. 311-362 e ANDERSON, Perry. *Socialism and pseudo-empiricism. New Left Review*, 1/35, Jan-Feb 1966.

das Politécnicas e Universidades’ sugeriu uma distinta falta de caridade política e generosidade intelectual⁵⁹.

Mais do que despertar paixões e defesas (ou críticas) apaixonadas, tal ‘cisão’ da *New Left* criou divisões que aparentam ser menos complexas do que realmente eram. E, se algum dia, buscaram servir como uma ferramenta para a compreensão de um turbulento cenário de disputas intelectuais e políticas, hoje servem mais para obscurecer a riqueza da pluralidade do pensamento do período. Ao encontro da argumentação de Madeleine Davis, nossa análise advoga por um entendimento da história da *New Left* em geral, e da NLR em específico, menos rígido e sem a divisão estrita entre primeira ou segunda geração da *New Left*, ou então do uso das expressões “velha” *New Left* ou “nova” *New Left*. Tais caracterizações não dão conta da diversidade do movimento e introduzem uma coerência que não existia no período. Sendo assim, mais adequada à proposta dessa dissertação, que trata de analisar um campo intelectual muito particular, fundamentado em seu momento histórico, político e social. E justamente por isso, complexo, dinâmico e sempre em movimento. Nesse sentido, tais divisões:

Impõem uma falsa lógica dicotômica no desenvolvimento subsequente das ideias da *New Left*, nas quais as contribuições de indivíduos que não se encaixam perfeitamente em nenhum dos campos não é contabilizada, e nas quais quaisquer ramos que não são da *New Left* são classificados de maneira estática como continuadoras de todo tipo da agenda da *New Left*. E com referência a relação da *New Left* com o marxismo especificamente, a ênfase em um momento decisivo de transição do “humanismo socialista” para o “marxismo teórico” obscurece até que ponto todas as vertentes da *New Left* (mesmo que nem todos os indivíduos) tornaram-se elas mesmas influenciadas por novas orientações na teoria marxista, de modo que se quebrasse, gradualmente, as distinções entre a ‘primeira’ e a ‘segunda’ tendência. Alguns daqueles usualmente identificados com a *New Left* inicial, tal como Williams e Miliband, a partir dos anos 1970, passaram a compartilhar perspectivas marxistas similares a da NLR (em algumas questões, não todas), já outros, notavelmente Thompson, Hall e o CCCS, seguiram agendas diferentes. Por todas essas razões, a persistência de distinções rígidas entre ‘primeira’ e ‘segunda’ *New Left* deve ser consideradas como inúteis para uma apreciação do significado da *New Left* britânica como um todo, e como ilusórias para análises de seu uso das ideias marxistas⁶⁰.

⁵⁹ MILNER, Andrew. **Re-imagining cultural studies**, p. 85. “Doubtless, the Review’s encounter with Western Marxism had produced an at times hair-raising theoreticism; doubtless, third-world guerrilla movements had provided a bizarrely improbable model for radical politics in an advanced capitalist society; doubtless, much of what Thompson had to say about Althusserian ‘structural Marxism’ contained more than a grain of truth. But the depth of Thompson’s disdain for ‘those barrels of enclosed Marxisms which stand, row upon row, in the corridors of Polytechnics and Universities’ suggested a distinct lack of political charity and intellectual generosity”.

⁶⁰ DAVIS, Madeleine. The Marxism of the British New Left. **Journal of Political Ideologies**, n. 11, v. 3, oct. 2006, p. 339. “It imposes a falsely dichotomous logic on the subsequent development of New Left ideas in which the contributions of individuals fitting neatly into neither camp is not fully accounted, and in which non-NLR strands after 1963 are rather statically cast as in various ways continuations of the early New Left’s agenda. And with specific reference to the New Left’s engagement with Marxism, the emphasis on a decisive moment of transition from ‘socialist humanism’ to ‘theoretical Marxism’ obscures the extent to which all strands of the New

Essa perspectiva se torna ainda mais pertinente por tratarmos aqui da trajetória de Williams em especial. Uma figura que transitou entre os dois “grupos” e que, em distintos momentos de sua vida, estabeleceu diferentes conexões com eles. Seja nos inícios com as revistas TNR ou ULR, mais tarde com a NLR (da qual Williams fez parte do comitê editorial durante algum tempo) e também com o CCCS, o fato é que o galês se envolveu ocasionalmente com todos sem, no entanto, nunca ter feito parte da direção de nenhum desses projetos.

Nesse sentido, o período entre 1962 e 1963 poderia ser caracterizado como de mudança de ênfase, e não uma ruptura completa. Mesmo considerando isso, não se pode dizer que não houve consequência alguma:

A *New Left* nunca mais foi uma força mobilizadora com uma voz no *mainstream* político; questões de organização política nunca foram resolvidas; e o intelectualismo foi reforçado. Mas a sua continuação sob outras formas manteve aberto um espaço para um questionamento crítico politicamente independente, geralmente não sectário e à reformulação das ideias socialistas⁶¹.

Esses pontos são importantes, pois dizem respeito tanto a *New Left* de modo geral quanto ao trabalho de Williams em específico, seja em seus aspectos positivos ou negativos. Se, no final dos anos 1950 e início de 1960, a obra de Williams poderia ser vista como não radical o suficiente e sem claras definições de posicionamento político⁶² é possível notar que seu comprometimento com o radicalismo marxista e a sofisticação teórica foram aumentando no decorrer do tempo, especialmente a partir de finais da década de 1960⁶³. Esse desenvolvimento não foi isento de críticas, Williams foi acusado de mergulhar no intelectualismo⁶⁴, mas é

Left (though not all individuals) were themselves to become influenced by new departures in Marxist theory, in a way that gradually broke down distinctions between ‘first’ and ‘second’ tendencies. Some of those usually identified with the early New Left, such as Williams and Miliband, came, from the late 1970s, to share similar Marxist perspectives to NLR (on some, not all issues), while others, notably Thompson, Hall and the BCCCS, pursued different agendas. For all these reasons, the persistence of rigid distinctions between ‘first’ and ‘second’ New Lefts must be regarded as unhelpful for an appreciation of the significance of the British New Left as a whole, and as misleading for analysis of its use of Marxist ideas”.

⁶¹ Ibidem, p. 339-340. “the New Left was never again a mobilising force with a voice in the political mainstream; issues of political organisation were never resolved; and intellectualism was reinforced. But its continuation in other forms kept open a space for a politically independent, generally non-sectarian, critical interrogation and reworking of socialist ideas”.

⁶² Existem inúmeros exemplos dessas críticas, discutidos na parte I dessa dissertação. No entanto, ressaltamos alguns dos textos mais conhecidos e debatidos: KIERNAN, Victor. Culture and Society. **The New Reasoner**, n. 9, Summer 1959, p. 74-83; THOMPSON, E. P. The Long Revolution – Part I. **New Left Review**, n. 9, Mai-Jun 1961, p. 24-33 e EAGLETON, Terry. **Criticism and ideology: a study in Marxist Literary Theory**. London: Verso, 1976.

⁶³ Cf., por exemplo, BARNETT, Anthony. Raymond Williams and Marxism: a rejoinder to Terry Eagleton. **New Left Review**, n. 99, set. – out. 1976, p. 58-59 e DAVIS, Madeleine. The Marxism of the British New Left, **Journal of Political Ideologies**, n. 11, v. 3, oct. 2006, p. 345.

⁶⁴ Cf. por exemplo, COLLINI, Stefan. “Critical Minds: Raymond Williams and Richard Hoggart” In: Idem. **English Pasts**. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 217.

inegável que tais transformações ajudaram a tornar o autor um dos nomes mais respeitados do marxismo ocidental.

Assim, esse período se torna crucial para os propósitos de nossa investigação. Um aspecto importante que deve ser ressaltado é que esse foi o período em que muitos dos textos chave do marxismo ocidental foram pela primeira vez traduzidos para o inglês. Como pontuou Williams em 1980, as ideias demoravam um “tempo excessivo” para cruzar o Canal da Mancha e chegar na ilha, “porque essa deve ser uma das mais longas jornadas culturais existentes em comparação a sua distância física”⁶⁵. Abaixo segue uma lista de traduções para o inglês publicadas nesse período, as quais cremos terem sido essenciais para os desenvolvimentos da teoria cultural de Williams (até a data da publicação de *Marxismo e Literatura*, em 1977):

- 1969 – *Por Marx*, de Althusser (original 1965);
- 1969 – *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, de Benjamin (original 1935);
- 1970 – *Ler O Capital*, de Althusser e Balibar (original 1965);
- 1971 - *História e consciência de classe*, de Lukács (original 1923);
- 1971 – *Teoria do Romance*, de Lukács (original 1920);
- 1971 – Trechos de *Cadernos do cárcere*, de Gramsci (original 1950; escritos entre 1929-1935);
- 1972 – *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (original 1944);
- 1972 – *Dialética negativa*, de Adorno (original 1966);
- 1972 – *Mitologias*, de Barthes (original 1957);
- 1973 – *Grundrisse*, de Marx (original 1939);
- 1975 - *A sociologia do romance*, de Goldmann (original 1963);
- 1975 – *The Freudian slip*, de Timpanaro (original 1970);
- 1976 – *Crítica da razão dialética* – vol. I, de Sartre (original 1960);
- 1977 – *Escritos*, de Lacan (original 1966)⁶⁶.

Apesar de Williams ler francês, muitos dos livros e capítulos referenciados, seja em suas obras utilizadas nessa pesquisa ou em seus arquivos pessoais, estão majoritariamente em inglês. E muitos dos textos centrais para as análises contidas em *Marxismo e Literatura* estavam, originalmente, em italiano ou alemão. Por isso, é de suma importância levar em consideração a relação dialética entre os movimentos intelectuais do período e suas relações com o mercado

⁶⁵ WILLIAMS, Raymond. “The writer: commitment and alignment”. In: GABLE, Robin (org.) **Resources of Hope: culture, democracy and socialism**. London: Verso, 1989, p. 78. “inordinate time”; “because that must be one of the longest cultural journeys in existence by comparison with the physical distance”.

⁶⁶ Agrademos ao colega Daniel Gerke pela lista de traduções de obras importante da teoria marxista para o inglês nesse período em específico. Cf. GERKE, Daniel. **Raymond Williams and European Marxism**: Lukács, Sartre, Gramsci. Tese (doutorado em Filosofia). Faculdade de Artes e Ciências Humanas. Universidade de Swansea, 2018, p. 31-32.

editorial na geração de influências mútuas que instigaram profundamente os rumos distintos do pensamento britânico daquele tempo.

Nesse sentido, é importante ressaltar a relevância da atuação da *New Left Books*, editora fundada pela NLR em 1970. Na sua primeira década de atividade, havia em seu catálogo de traduções nome de peso como Theodor Adorno, Louis Althusser, Lúcio Colletti (1924-2001), Galvano Della Volpe (1895-1968), Herbert Marcuse (1898-1979), Max Horkheimer, Georg Lúkacs, Jean-Paul Sartre (1905-1980) entre outros⁶⁷. Dez anos mais tarde, a editora mudou de nome para *Verso Books*, e permanece em atividade até os dias de hoje⁶⁸. O trabalho de internacionalização da *New Left*, de modo geral, e o trabalho de divulgação de autores estrangeiros, em específico, impactaram sobremaneira o cenário britânico. E no que diz respeito a trajetória de Williams, seu impacto foi determinante. As obras de Williams, especialmente a partir de final da década de 1960, continham bibliografias mais diversas, e isso é um reflexo direto da disponibilidade das traduções.

Outro fator impactante é sua atuação na universidade de Cambridge como professor, bem como as viagens ocasionais para palestras e aulas em outros países. Na seção seguinte do texto, iremos explorar essa questão mais a fundo e, em seguida, examinaremos com mais minúcia a obra *Marxismo e Literatura*, um dos espaços de concretização de muitas dessas transformações no pensamento de Williams.

3 De volta à Cambridge

Em carta de 26 de abril de 1961, Williams escreveu à Frank Pickstock informando que havia aceitado a oferta da Universidade de Cambridge, seu contrato se iniciaria em 01 de outubro e, ao final de setembro, pretendia de desligar da WEA⁶⁹. No início do outono daquele ano, então, Williams e sua família se mudaram para a cidade de Hardwick, em Cambridgeshire. No início do próximo mês, ele assumiu como professor (*Fellow*) de Literatura Inglesa na *Jesus College* naquela universidade.

Alguns colegas parabenizaram Williams pelo novo emprego, como Graham Martin⁷⁰ e Hoggart⁷¹, no entanto, o galês foi recebido de maneira hostil pelo colega de departamento Maurice Cowling (1926 – 2005). Historiador conservador, Cowling indignou-se com o fato de

⁶⁷ Cf. DAVIS, Madeleine. The Marxism of the British New Left, **Journal of Political Ideologies**, p. 347; Cf. MILNER, Andrew. **Re-imagining cultural studies**, p. 83.

⁶⁸ A *Verso Books* é considerada a maior editora independente de livros de esquerda no mundo anglo falante, e possui sedes em Londres e Nova Iorque.

⁶⁹ Cf. WL - CG179/PA.

⁷⁰ Cf. Carta de 12/04/1961 - RBA - WWE/2/1/16/232.

⁷¹ Cf. Carta de 28/07/s/a – RBA - WWE/2/1/16/172.

que alguém “tão da periferia” da vida cultural e acadêmica britânica poderia ser nomeado para um cargo central à nação como aquele. Suas palavras dizem muito a respeito do modo como a *New Left* era vista dentro da crítica cultural inglesa e o modo como o *Establishment* lidou com isso⁷², pois era visível o desdém do historiador pelo trabalho de Williams. Destaca-se a seguinte passagem do texto: “não se deve imaginar que é a função de um acadêmico inglês se engajar em crítica social”⁷³. Cowling tinha a intenção de seguir confinando a crítica literária a um reino de despolitização, coisa que Williams vinha tentando transformar. O que se seguiu nas próximas décadas foi o desenvolvimento de uma proposta de crítica cultural que planejava ir além dos limites profissionais da tradição da crítica literária, do entendimento do que é literatura e de seu lugar na sociedade. As páginas que se seguem trazem alguns elementos para essa discussão.

“Nunca foi minha Cambridge. Isso estava claro desde o começo”⁷⁴, disse Williams. Em uma entrevista após sua aposentadoria em 1983, rememorou o isolamento intelectual que viveu na universidade, um espaço que, mesmo com o aumento da diversidade, ainda era tido por ele como “socialmente frio”⁷⁵. Não causa espanto tal declaração, vide a recepção que o galês teve e o elevado grau que a tradição e alta sociedade seguia ocupando nas universidades de elite, sobretudo em Oxbridge. O que nos instiga é traçar como, mesmo que, de certo modo, acuado, Williams teve a sagacidade de desenvolver um programa de crítica trabalhando de dentro da universidade e, mais tarde, criticar abertamente o modo como a tradição funcionava, ao passo que propunha algo diferente.

Em “Cambridge English and Beyond”, escrito na década de 1980 e poucos anos antes de sua morte, Williams discutiu a importância da existência de uma “escola de humanidades” na universidade – uma que fosse compatível com a escola de ciências naturais – como forma de superar preocupações fragmentadas e pretensiosas, oriundas de departamentos isolados que competiam entre si⁷⁶. A aproximação com a sociologia poderia: “de uma só vez melhorar, muitas vezes tornando irreconhecível o trabalho a respeito dos públicos leitores e instituições culturais”. Já o contato com a história: “oferece muitas vezes evidências maiores e mais gerais do que as explicações extrapoladas ou privilegiadas da história literária ou da história crítica”⁷⁷.

⁷² Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams: literature, Marxism and Cultural Materialism**, p. 50-51 e Cf. INGLIS, Fred. **Raymond Williams**. London: Routledge, 1995, p. 177-178.

⁷³ COWLING, Maurice. Mr. Raymond Williams. **The Cambridge Review**, 27/05/1961, p. 551. “it should not be imagined that is the function of an English scholar to engage in social criticism”.

⁷⁴ WILLIAMS, Raymond. In: HAYMAN, Ronald (org.). **My Cambridge**. London: Robson Books, 1986, p. 55. “It was never my Cambridge, that was clear from the start”.

⁷⁵ Entrevista “Not my Cambridge”. Cf. RBA - WWE/2/1/7/2/40. “socially cold”.

⁷⁶ Cf. WILLIAMS, Raymond. Cambridge English and Beyond. **London Review of Books**, vol. 5, n. 12, 7-20, JUL-1983, p. 7. Cf. RBA - WWE/2/1/7/1/15.

⁷⁷ WILLIAMS, Raymond. “Beyond Cambridge English”. In: Idem. **Writing in society**. London: Verso, 1983, p. 217. “can at once improve, often beyond recognition, work on reading publics and cultural institutions”. “offers

Tais ideias e posicionamentos contrastam com o que está nas páginas de *Cultura e Sociedade*. No período em que atuou como professor em Cambridge, Williams publicou como nunca e nos mais variados suportes. Artigos em jornais e revistas acadêmicas, capítulos em coletâneas, resenhas e livros. É dessa época também que datam os cadernos de anotações de seu arquivo pessoal, somente esses últimos totalizam mais de trinta volumes.

Na área de ficção, Williams publicou os romances *Second Generation* (1964), *Volunteers* (1978) e *The Fight for Manod* (1979). Além das peças de teatro *Koba* (1966), *A letter from the country* (1966) e *Public Enquiry* (1967), as duas últimas foram produzidas pela BBC⁷⁸.

Williams também escreveu prolificamente em jornais. Sejam resenhas televisivas para o *The Listener* ou resenhas de livros para o *The Guardian*, *London Review of Books*, *The New York Times* e outras dezenas de jornais e revistas acadêmicas⁷⁹. No que diz respeito aos artigos, passam da casa da centena. Alguns dos mais lidos e considerados relevantes fizeram parte de coletâneas, como por exemplo *Problems in Materialism and Culture* (1980) e *Writing in Society* (1983). Outras coletâneas foram publicadas postumamente, tais como *Raymond Williams on Television* (1989), *Resources of Hope* (1989), *The Politics of Modernism* (1989), *What I Came to Say* (1989), *Who Speaks for Wales* (2003) e *Tenses of imagination : Raymond Williams on science fiction, utopia and dystopia* (2010).

Os livros de não-ficção desse período são *The Long Revolution* (1961) – anteriormente mencionado, *Communications* (1962), *Modern Tragedy* (1966), uma edição ampliada de uma obra de 1954 *Drama from Ibsen to Brecht* (1968), *The English Novel from Dickens to Lawrence* (1970), *Orwell* (1971), *The Country and The City* (1973), *Television, Technology and Cultural Form* (1975), *Keywords: a vocabulary of Culture and Society* (1976), *Marxismo e Literatura* (1977), *Politics and letters: interview with the NLR* (1979), *Culture* (1981), *Cobbett* (1983) e *Towards 2000* (1983).

Não é nosso propósito resenhar, tampouco sumarizar essas obras. Cabe em nossa argumentação pontuar a pluralidade de temas que a produção de Williams, enquanto professor

fuller and more general evidence to what are often the extrapolated or privileged accounts of literary and especially critical history”.

⁷⁸ Não faz parte do escopo da presente pesquisa focar na produção ficcional de Williams. No entanto, apesar de ainda não ser um tema muito debatido dentre os comentaristas do autor, acreditamos ser esse um tema de pesquisa muito fértil e que promete trazer muitas discussões pertinentes à fortuna crítica de Williams. Cf. WILLIAMS, Daniel (org.) **Who speaks for Wales?** Cardiff: University of Wales Press, 2003 e SMITH, Dai. **Raymond Williams: a warrior's tale**. Cardigan: Parthian, 2008.

⁷⁹ Cf. RBA - WWE/2/1/9/1. Gerke apontou, na conclusão de sua tese, que o estudo das resenhas feitas por Williams ao longo das décadas se configuram como uma fonte importante para discutir o pensamento do autor e atentou para o fato de ser uma temática virtualmente inédita dentro desse campo de estudos. Cf. GERKE, Daniel. **Raymond Williams and European Marxism**: Lukács, Sartre, Gramsci, p. 232.

em Cambridge, alcançou. Muitos dos títulos trataram de estudos literários, área prioritária de atuação de Williams até então. No entanto, já era possível notar a diversificação na produção do autor desde 1968, quando começou a escrever sobre televisão no *The Listener*. Já em 1975, publicou *Television* que, segundo ele mesmo, foi inspirado em seu período nos Estados Unidos e o contato com as particularidades da cultura de massa daquele país⁸⁰. Vale mencionar também que, a partir de 1974 Williams mudou de cargo em Cambridge e passou a ser professor de Dramaturgia, permanecendo assim até sua aposentadoria em 1983. Obras como *Marxismo e Literatura* e *Culture*, por exemplo, destacam-se por seu viés mais teórico e internacionalista, e a última especialmente pela interdisciplinaridade estabelecida com a sociologia⁸¹. Sem mencionar o interesse em ficção científica, tecnologia e meio ambiente⁸².

Outro fator importante nessas transformações, que tem relação direta com a posição que Williams ocupava no campo intelectual de seu período, foram as suas viagens a trabalho para países estrangeiros. Ao se tornar um pensador renomado e carregando o nome de Cambridge, até onde pudemos apurar, o galês palestrou na Escandinávia e na Itália em 1968, retornou a Itália novamente em 1971, nos Estados Unidos e no Canadá em 1973, na Alemanha em 1975, na Itália novamente, antiga Iugoslávia, Alemanha e França em 1976⁸³. Em seus cadernos de anotações estão disponíveis os tópicos que foram trabalhados em algumas dessas palestras, dados que mostram a pluralidade e internacionalização dos temas de interesse de Williams.

Por exemplo, em uma palestra na cidade de Liubliana (atual Eslovênia), foram discutidos os temas do naturalismo e realismo na dramaturgia. Em Roma, as teorias da linguagem. Em Nápoles, teorias da linguagem e da literatura, com destaque ao trabalho de Valentin Voloshinov (1895–1936) e sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de 1929⁸⁴ e, também, a Lev Vygotsky (1896-1934), em especial *Pensamento e Linguagem*, de 1932. Ainda na Itália, agora na cidade de Bari, Williams também tratou das teorias da linguagem como nos outros lugares, todavia, nessa oportunidade destacou a teoria do segundo sistema de sinais de Vygotsky. A palestra em Belgrado (atual Sérvia) tratou de George Orwell (1903-1950). A apresentação em Tubinga, na Alemanha, tratou de discutir o romance vitoriano no

⁸⁰ Williams foi professor visitante no departamento de Ciência Política da Universidade de Stanford no ano de 1973. Cf. RBA - WWE/2/1/14/4/1 e RBA - WWE/2/1/18 (Envelope Mix – Who’s Who).

⁸¹ Tanto que a edição do livro que foi publicada em 1982 nos Estados Unidos se intitulou “The Sociology of Culture”.

⁸² Cf. a coletânea editada por Milner em 2010, *Tenses of Imagination*, além de *Towards 2000*, como exemplos.

⁸³ Cf. RBA - WWE/2/1/18 (Envelope Mix – Who’s who).

⁸⁴ Alguns estudiosos defendem que parte das obras atribuídas à Voloshinov foram na verdade escritas por Mikhail Bakhtin (1895-1975). Por esse motivo, em alguns países a autoria do livro está creditada a Bakhtin, como é o caso da publicação do livro no Brasil. Cf. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

período de 1832 até 1870 sob uma perspectiva materialista da literatura, entendida como “recurso social”.⁸⁵

Para enriquecer a análise desse período da trajetória de Williams é relevante pontuar também suas atividades dentro da Grã-Bretanha e em órgãos diversos que não Universidade de Cambridge. O autor foi convidado por Hall para ministrar cursos e elaborar material didático para os professores da *Open University*, um projeto de universidade mais inclusiva, fundada por Harry Wilson, primeiro ministro pelo Partido Trabalhista, em 1969⁸⁶. Ocupou também cargos prestigiosos em órgãos, como membro do Conselho de Artes (*Arts Council*) de 1976 até 1978, editor da *New Thinkers Library*, de 1962-1970, presidente da *Classical Association*, de 1983-1984 e conselheiro na *John Logie Baird Centre for Research in Television and Film*, de 1983 até a sua morte em 1988⁸⁷.

Williams, ao longo das décadas, aliava suas experiências de ensino e suas publicações. Isso já foi discutido na parte I, a respeito da experiência na educação de adultos e as publicações de Williams, especialmente *Cultura e Sociedade*. Essa prática continuou acontecendo em seus anos como professor universitário. Nos cadernos de anotações que compreenderam as décadas de 1960 e 1970 foi possível verificar planejamentos de aulas que, sob um olhar retrospectivo, comportam quase que a totalidade de tópicos de discussões de muitos de seus livros e artigos publicados posteriormente. Especificaremos a seguir.

O galês ministrou disciplinas com o título “Literature and Society” durante alguns anos, até onde pudemos traçar, especificamente entre 1966 e 1969. Acreditamos que dos conteúdos dessas aulas derivaram algumas publicações, como *The Country and the City* e *The English Novel: from Dickens to Lawrence*. São elencados como tópicos das aulas assuntos como “2. Rural e urbano: processos gerais, cercamentos, estrutura de classe, Cobbett”, “4. Mudança histórica: história como pessoas (não como contexto) – completo e ativo” e “Dickens: 4 tipos de crítica social: 1. Sofrimento por negligência ou indiferença, 2. Instituições são desumanas, 3. Sistema/dinheiro – abstração, 4. Tempestade e sobrevivência”⁸⁸, entre outros. Estão presentes também anotações de bibliografias, possíveis temáticas e esquematizações de índices de outras

⁸⁵ Cf. RBA - WWE/2/1/12/34. “social resource”.

⁸⁶ Williams preparou material didático sobre o tópico “Linguagem em uso”, além de dar palestras sobre o rádio público britânico e sobre literatura, em especial o romance *Wuthering Heights* de Emily Brönte. Cf. RBA - WWE/2/1/14/3/1.

⁸⁷ Cf. RBA - WWE/2/1/18 (Envelope “Mix – Who’s who”).

⁸⁸ Cf. RBA - WWE/2/1/12/6. “2. Rural and urban: general processes – enclosures, class structure, Cobbett”. “4. Historical change: history as people (not as context) – complete and active”. “Dickens: 4 kinds of social criticism: 1. Suffering by negligence or indifference, 2. Institutions are inhumane, 3. System/Money – abstraction, 4. Storm and survival”. Outras anotações para os cursos “Literature and Society” se encontram em RBA - WWE/2/1/12/5, RBA - WWE/2/1/12/8, RBA - WWE/2/1/12/9, RBA - WWE/2/1/12/11 e RBA - WWE/2/1/12/13.

obras, tais como *Writing in Society*⁸⁹, *Modern Tragedy*⁹⁰, *The Bloomsbury Fraction*⁹¹, uma edição ampliada de *Keywords*⁹², *Towards 2000*⁹³ e *Orwell*⁹⁴.

Interessa-nos especialmente, em virtude do foco de nossa análise de *Marxismo e Literatura*, o curso chamado “Introduction to Theories of Culture and Sociology of Culture”, de 1973. O seu planejamento precede um ano, nos planos de trabalho para 1972 Williams já adiantava: “setembro: preparar aulas sobre marxismo e literatura”⁹⁵. O conteúdo programático do curso se apresenta como uma fonte importante para acessar as leituras que o autor estava fazendo no período, especialmente a versão contida no *Richard Burton Archives*, em que constam as correções feitas por Williams na bibliografia. É possível assim analisar quais autores e obras ele julgava importante, em diferentes assuntos.

Trata-se de um curso oferecido no *Michaelmas Term* (divisão que segue até hoje o calendário acadêmico de Cambridge e compreende o período que vai de início de outubro até começo de dezembro) do ano de 1973. O programa contém a bibliografia de oito aulas, os títulos que estão marcados com um asterisco são de leitura obrigatória.

I – Origens sociais e intelectuais da ideia de cultura

Análise Semântica comparativa (inglês, francês e alemão) da ‘cultura’ e ‘civilização’ e seus equivalentes aparentes. O contexto das ideias do “homem fazendo a sua própria história”, do humanismo, secularismo, relativismo e da ‘tradição’.

VICO: *Ciência nova* [1725]

* VOLTAIRE: *Essay on Universal History* [1756]

MONTESQUIEU: *O espírito das leis* [1748]

* HERDER: *Philosophy of the History of Man* [1784]

BURKE: *Reflections on the late Revolution in France* [1790]

ROUSSEAU: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* [1755] [adicionado a mão por Williams]

II – Cultura como uma ideia crítica nos estágios iniciais da transição para sociedades democráticas e industriais

* CARLYLE: *Heroes and Hero-Worship* [1841]

RUSKIN: *The Political Economy of Art* [1857]

* MILL: *Essays on Politics and Culture* [1963]

MORRIS: *Lectures on Art and Socialism* [1884]

* WILLIAMS: *Cultura e Sociedade* [1958]

III – Cultura, Ideologia e consciência social

⁸⁹ Cf. RBA - WWE/2/1/12/4, RBA - WWE/2/1/12/25 e RBA - WWE/2/1/12/28.

⁹⁰ Cf. RBA - WWE/2/1/12/10.

⁹¹ Cf. RBA - WWE/2/1/12/8.

⁹² Cf. RBA - WWE/2/1/12/25 e RBA - WWE/2/1/12/32.

⁹³ Cf. RBA - WWE/2/1/12/28.

⁹⁴ Cf. RBA - WWE/2/1/12/29.

⁹⁵ Cf. RBA - WWE/2/1/12/15. “September: prepare lectures about Marxism and literature”.

- * MARX: *Prefácio a Crítica da Economia Política* [1859] e *Grundrisse* [1939]
- PLEKHANOV: *In Defence of Materialism* [1897]
- TROTSKY: *Literatura e Revolução* [1923]
- * LUKÁCS: *História e consciência de classe* [1923]
- * GRAMSCI: *The Modern Prince* [1929-35]
- BENJAMIN: *Illuminations* [1968]

IV – ‘Ciência cultural’ e a emergência da sociologia: origens intelectuais da ‘sociologia do conhecimento’

- DILTHEY: *The Cultural Sciences* [s/a]
- WEBER: *Metodologia das ciências sociais* [1949]
- DURKHEIM: *As regras do método sociológico* [1895]
- * SCHELER: *Society and the Forms of Knowledge* [1924]
- SOROKIN: *Social and Cultural Dynamics* [1937]
- * STARK: *Sociology of Knowledge* [1958]
- * MANNHEIM: *Ideologia e Utopia* [1929] e *Sociologia da Cultura* [1956]
- MILLS: *A imaginação sociológica* [1959]
- PARSONS, SHILS, NAEGELE E PITTS: *Theories of Society* [1965]

V – Ideias e teorias das minorias e das elites culturais

- COLERIDGE: *On the Constitution of Church and State* [1830]
- NEWMAN: *Idea of a University* [1852]
- * ARNOLD: *Culture and Anarchy* [1869]
- * PARETO: *Mind and Society* [1916]
- MOSCA: *The Ruling Class* [1896]
- BENDA: *A traição dos intelectuais* [1928]
- LEAVIS: *Mass Civilisation and Minority Culture* [1930]
- * ELIOT: *Notes Towards the Definition of Culture* [1948]
- BOTTOMORE: *As elites e a sociedade* [1964]

VI – Cultura como um conceito na antropologia social

- TYLOR: *Primitive Culture* [1871]
- FRAZER: *O ramo de ouro* [1890]
- SUMNER: *Folkways* [1906]
- MALINOWSKI: *Uma teoria científica da cultura* [1944]
- BENEDICT: *Padrões de cultura* [1934]
- * LEVI STRAUSS: *Antropologia Estrutural* [1958]
- * KROEBER E KLUCKHOLN: *Culture, a critical review of concepts and definitions* [1952]

VII – Versões psicológicas da cultura do século XX

- * FREUD: *O mal-estar na civilização* [1930]
- JUNG: *Modern Man in search of a Soul* [1933]
- MARCUSE: *Eros e Civilização* [1955] e *Negations* [1968]
- FROMM: *O medo à liberdade* [1941]
- REICH: *Análise do caráter* [1933]
- SKINNER: *O mito da liberdade* [1971]

VIII – Neomarxismo e teoria cultural: o debate a sobreposição entre positivismo, estruturalismo e existencialismo

- FISCHER: *A necessidade da arte* [1959]
- CAUDWELL: *Studies in a Dying Culture* [1938]
- GOLDMANN: *Marxism and the Human Sciences* [1970]
- * ALTHUSSER: *Por Marx* [1965]

ADORNO: *Prismas* [1967]
 * BARTHES: *Mitologias* [1957]
 SARTRE: *As palavras* [1963]
 BAXANDALL (org.): *Radical perspectives in the Arts* [1973]
 * JAMESON: *Marxismo e Forma* [1971] ⁹⁶.

Cremos que tal disciplina é emblemática no que diz respeito as transformações de Williams, especialmente se confrontarmos o conteúdo das disciplinas que havia ministrado nas décadas de 1940 e 1960. Isso é nítido tanto quando se trata tanto do número de autores não anglofalantes quanto na variedade de áreas do conhecimento, dentre eles filósofos, sociólogos, antropólogos, além dos críticos literários costumeiros. Já no quesito nacionalidade, além dos britânicos e estadunidenses, estão presentes autores alemães, austríacos, franceses, italianos e soviéticos.

Levando em consideração o contexto de mudança pela qual o pensamento ocidental passava naquele período e os desafios que a virada linguística trouxe à teoria⁹⁷ – e aqui referimo-nos especificamente às ciências humanas – se faz pertinente olhar como as transformações nos interesses de Williams faziam parte de uma mudança mais ampla, em que a teoria (Theory, no inglês) se tornava algo diferente de uma filosofia ou qualquer teoria que fosse específica de uma única disciplina⁹⁸. Para Fredric Jameson (1934 -) essa teoria se caracterizaria pela sua oposição aos “modelos de profundidade”, seja ela hermenêutica (dentro/fora), dialética (aparência/essência), psicanalítica (latente/manifesta), existencial (autenticidade/inautenticidade) ou semiótica (significante/significado)⁹⁹. Milner contrargumentou que, na verdade, os tais “modelos de profundidade” responderam aos desafios da virada linguística, e de modo mais direto a genealogia de Michel Foucault (1926-1984) e a desconstrução de Jacques Derrida (1930-2004). Nesse sentido, a teoria, apesar de questionadora, não seria necessariamente pós-estruturalista, já que a hermenêutica, o marxismo,

⁹⁶ RBA – WWE/2/1/12/15. “I – Social and Intellectual Origins of the Idea of Culture. Comparative semantic analysis (English, French, German) of ‘culture’ and ‘civilisation’ and their apparent equivalents. The context of ideas of ‘man making his own history’, of humanism, secularism, and relativism, and of ‘tradition’”. “II – Culture as critical idea in the early stages of transition to democratic and industrial societies”. “III – Culture, Ideology and Social Consciousness”. “IV – ‘Cultural science’ and the emergence of sociology: intellectual origins of the ‘sociology of knowledge’”. “V – Ideas and Theories of Cultural Minorities and of Elites”. “VI – Culture as a concept in Social Anthropology”. “Twentieth-century Psychological Version of Culture”. “VIII – Neo-Marxism and Cultural Theory: the debate and overlap between positivism, structuralism and existentialism”.

⁹⁷ Cf. Introdução, p. 12.

⁹⁸ Cf. MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**, p. 5.

⁹⁹ “depth models”. Cf. JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism**. London: Verso, 1991, p. 12 *apud* MILNER, Andrew. Idem, loc cit.

a psicanálise e a semiótica têm “sido progressivamente reconstruídas como abordagens transdisciplinares às análises textuais e culturais”¹⁰⁰.

Nessa toada, compreendemos Williams como uma figura importante nesse cenário em que se construía uma resposta e, ao mesmo tempo, uma alternativa ao pensamento desconstrutivista. Se analisarmos os conteúdos que ele estava debatendo em sala de aula no ano de 1973 podemos ver como todos esses temas estavam presentes e o desafio da interdisciplinaridade estava posto dentro de sua produção criativa. Com a psicanálise, por exemplo, Williams estabeleceu um diálogo conflituoso e até mesmo de certa resistência. Em um de seus cadernos de anotações é possível ler:

Psicanálise difícil de ensinar, então não tem muitos seguidores
Seguidores espalhados pela guerra
Avisos:
Não é necessário aceitar os métodos de Freud como resultados, mas sim como
consciência realçada de nossas tendências (visões, preconceitos)
Tem que ser usado junto com outra evidência (histórica, cultural etc.)¹⁰¹.

E em certo momento, após delinear quatro pontos a respeito da psicanálise (1. Repressão do pai, 2. Código duplo: bom/mal, 3. Atitude hostil em relação ao pai e 4. Ideia de sexo proibido), se questionou: “isso é relevante para outras sociedades e outros modos de vida?”¹⁰².

É interessante notar como, quando inquerido pelos membros do comitê editorial da NLR em *Politics and Letters* a respeito de sua posição reservada em relação a psicanálise freudiana, Williams então respondeu:

É sempre necessário separar a validade dos processos para os quais ele [Freud] chamou atenção das formas de sua composição, tanto literária (seu trabalho é escrito de forma muito poderosa) quanto teórica (seu forjar de conceitos para um entendimento desses processos). É nisso que o presente uso não-crítico da tradição psicanalítica nos estudos literários falha: entende as interpretações ou os constructos teóricos, junto com as descobertas, meramente como ciência [...] os escritos de Freud devem ser lidos [...] como se lê a intimamente ligada escrita contemporânea de Strindberg ou Proust, fornecendo nenhuma validade prévia porque foram baseados na experiência clínica simplesmente porque entre a experiência clínica e o texto há um processo de composição. Afinal de contas, qual a validade de Strindberg e Proust? Suas obras articulam outro tipo de experiência, uma observação da experiência, que precede e tem continuidade no processo de composição¹⁰³.

¹⁰⁰ MILNER, Andrew. Idem, p. 6. “been progressively reconstructed as transdisciplinary approaches to textual and cultural analysis”.

¹⁰¹ Cf. RBA - WWE/2/1/12/18.

¹⁰² Cf. Ibidem, loc cit.

¹⁰³ WILLIAMS, Raymond. *Politics and Letters*, p. 331-332. “it is always necessary to separate the validity of the processes to which he drew attention from the forms of his composition, both literary (his work is very powerfully written) and theoretical (his forging of concepts for an understanding of these processes). This is what the present uncritical use of the psycho-analytic tradition in literary studies fails to do: it simply takes the interpretations or theoretical constructs along with the findings, as science [...] Freud’s writing should be read [...] as one would read the closely connected contemporary writing of Strindberg or Proust, granting no necessary prior validity

Tais reflexões mostram o reconhecimento da importância do processo de composição de um texto, mas exaltam, e em igual relevância, o papel da experiência e do contexto¹⁰⁴.

Vale a pena retomar a ideia de que foi justamente nesse período – a partir da segunda metade da década de 1960 - que a *New Left* britânica esteve mais próxima do estruturalismo francês, em especial da figura de Louis Althusser (1918-1990). Em sua obra, de acordo com Milner, uma das preocupações centrais do marxismo ocidental – a problemática da determinação no que diz respeito à práxis e cultura – teria sido, na pior das hipóteses, reprimida. No entendimento do filósofo francês, a cultura não seria nem superestrutural e nem a expressão da totalidade social, mas sim uma estrutura ideológica, que se movimenta sempre em relação a outras estruturas ligadas ao poder¹⁰⁵. Tal abordagem ganhou espaço dentro da crítica cultural¹⁰⁶, no entanto, nomes ligados a primeira *New Left* lamentaram tais desenvolvimentos teóricos, evidenciando certa animosidade em relação a “teoria continental”. Thompson escreveu, referindo-se às contribuições de Althusser, que “supor que isso faça avançar uma ‘ciência’ da estética materialista é caluniar tanto a ciência quanto o materialismo”¹⁰⁷.

A relação de Williams com o estruturalismo é complexa e requer uma discussão dedicada, que será apresentada mais à frente no texto. Cabe ressaltar, nesse momento, que para Williams, a teoria da ideologia de Althusser representava os perigos do novo estruturalismo crítico¹⁰⁸. Em anotações, escreveu que o francês teria atacado a teoria hegeliana e que o modo em que ele lidava com as analogias da base e superestrutura se configuraria como uma negação da totalidade¹⁰⁹. Acarretando:

2 tipos de perigo:

because they were based on clinical experience, simply because between the clinical experience and the text there is the process of composition”.

¹⁰⁴ Cf. WILLIAMS, Raymond. “Unconscious”. In: Idem. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. Oxford: Oxford University Press, 1974, p. 320-324 para uma discussão interessante sobre o uso do conceito de inconsciente e seu uso por Freud, e de modo diferente por Jung. Williams tratou dos modos pelos quais tais noções podem ter conotações idealistas, Cf. especialmente p. 322-323.

¹⁰⁵ Cf. ALTHUSSER, Louis. **Lenin and Philosophy and Other Essays**. London: New Left Books, 1971, p. 171 apud MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**, p. 83-84.

¹⁰⁶ Por exemplo, no trabalho do crítico francês Pierre Macherey e do inglês Terry Eagleton. Cf. MACHEREY, Pierre. **A Theory of Literary Production**. London: Routledge, 1978 e EAGLETON, Terry. **Criticism and Ideology**. London: New Left Books, 1976.

¹⁰⁷ THOMPSON, E. P. **The Poverty of Theory and Other Essays**. London: Merlin Press, 1978, p. 358. “to suppose this to advance a ‘science’ of materialist aesthetics is to calumniate both science and materialism”. Thompson foi um grande crítico de Althusser, não é nosso foco entrar nessa discussão. Para um panorama do debate, Cf. FUCHS, Christian. Revisiting Althusser/ E. P. Thompson – Controversy: Towards a Marxist theory of communication. **Communication and the Public**, vol. 4, n. 1, mar. 2019, p. 3-20.

¹⁰⁸ Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 120.

¹⁰⁹ Cf. RBA - WVE/2/1/12/15.

- a) Dentro da tradição socialista há uma prática de reducionismo que parece perigosa.
- b) Suposição de que cada prática é distinta da outra.
Como reformar a tradição socialista? Como repensá-la?¹¹⁰.

Os questionamentos de Williams ressonavam as preocupações de seu tempo: era preciso repensar da tradição socialista. E nesse processo não se pode minimizar a importância da internacionalização das ideias e da abertura à discussão teórica. Nomes como Althusser, Gramsci, Goldmann e Lukács, por exemplo, ganharam protagonismo em meio aos questionamentos da intelectualidade britânica que, durante muito tempo, foi tão ensimesmada.

Mesmo na ocasião do *May Day Manifesto*, na qual se discutiu a reformulação política propriamente dita, a *New Left* não promoveu ou discutiu nenhuma vertente específica do marxismo. No *Slant Symposium*, ocorrido em 1967, em meio a católicos e socialistas – entre eles Eagleton e Brian Wickers (1937 -) – Williams foi criticado e respondeu que “nós rejeitamos a ideia de que a literatura e o pensamento são atividade superestruturais, secundárias, que ocorrem após a criação da realidade social”¹¹¹, e até aquele momento, dizia que o “marxismo ortodoxo contemporâneo” não tinha nada para oferecer. Isso viria a mudar já no início dos anos 1970, com a visita de Goldmann à Universidade de Cambridge para uma série de palestras meses antes de sua morte. Tal acontecimento, em conexão com fatos de amplitude e complexidades distintas – como as já mencionadas traduções de textos do marxismo em língua inglesa – fizeram com que Williams repensasse e “redescobrisse” o marxismo, através do que ele chamou de tradição alternativa.

Na geração de estudantes dos últimos dez anos houve uma descoberta ativa do marxismo, mas isso tem sido pouco compreendido pelos mais velhos... ao menos em parte porque a maioria dos mais velhos já sabe, ou pensa que sabe, o que é o marxismo a partir de memórias dos anos trinta¹¹².

Conforme argumentou Higgins, isso foi, em parte, um recado de Williams para ele mesmo¹¹³. O que teria mudado para o galês seria então o tratamento que essa ‘tradição alternativa’ teria dado à consciência: “uma análise social que me parece radicalmente diferente

¹¹⁰ RBA - WWE/2/1/12/15.

¹¹¹ WILLIAMS, Raymond. “Culture and Revolution: a response”. In: EAGLETON, Terry e WICKERS, Brian (orgs.). **From Culture to Revolution: The Slant Symposium**. London: Sheed & Ward, 1967, p. 305. “we reject the idea that literature and thought are secondary, superstructural activities occurring after the creation of social reality”.

¹¹² WILLIAMS, Raymond. Lucien Goldmann and the Marxism’s Alternative Tradition. **The Listener**, n. 87, 23 de março de 1972, p. 375. “In the student generation of the last ten years there has been an active discovery of Marxism, but this has been little understood by their elders... in part at least because most of their interested elders already know, or think they know, what Marxism is, from memories of the thirties”.

¹¹³ Cf. HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 111.

de tudo que a maioria das pessoas da Grã-Bretanha entende como marxista”¹¹⁴, e isso também se aplicaria ao que o próprio autor entendia como marxismo na época de *Cultura e Sociedade*.

Williams, em um artigo que celebrou a vida de Goldmann após seu falecimento, encontrou afinidades entre o “sujeito transindividual” de Goldmann e o que ele próprio tentou alcançar com a noção de estrutura de sentimento, bem como relacionou as distinções que Lukács – e mais tarde o próprio Goldmann – fez entre consciência “real” e “possível” com a ideia de “atividade primária” de sua autoria¹¹⁵. Assim, o crítico galês pontuou o que para ele era central nessa concepção de consciência: seu caráter social e seu foco na história¹¹⁶.

Um episódio representativo desse seu interesse renovado pela teoria marxista é o minicurso que Williams promoveu, ao lado de E. P. Thompson, de título “Marxismo e Literatura”. O curso foi organizado pela WEA, mais especificamente pelo *Department of Extra-Mural Studies* da Universidade de Bristol, e os encontros ocorreram entre os dias 4 e 6 de julho de 1975¹¹⁷. Analisando o programa do curso, interessa-nos os temas das palestras de Williams e o modo como mostram diferenças interessantes quando comparadas aos de Thompson. Segue abaixo trechos do panfleto da programação do minicurso:

Sexta, 4 de julho de 1975:

Das 19.45 - 21.15: “Marxismo e Literatura: as diferentes tradições” - Raymond Williams

Sábado, 5 de julho de 1975:

Das 9.00 - 10.30: “Christopher Caudwell como um teórico cultural” – Edward Thompson

Das 11.00 – 12.30: “O ambiente cultural da esquerda britânica nos anos 1930” – Edward Thompson

Das 16.30 - 18.00: “Marxismo, Estruturalismo e Literatura” - Raymond Williams

Das 19.45 – 21.15: “Estruturalismo: a ilusão de uma época” - Edward Thompson

Domingo, 6 de julho de 1975:

Das 9.00 – 10.30: “Marxismo e o subjetivo” - Raymond Williams

Das 11.00 – 12.30: Sessão plenária - Raymond Williams e Edward Thompson¹¹⁸.

¹¹⁴ WILLIAMS, Raymond. **Lucien Goldmann and the Marxism's Alternative Tradition**, loc cit.

¹¹⁵ WILLIAMS, Raymond. Literature and Sociology: in memory of Lucien Goldmann. **New Left Review**, I/67, may-jun. 1976, p. 12-14.

¹¹⁶ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Lucien Goldmann and the Marxism's Alternative Tradition**, p. 376.

¹¹⁷ Informações retiradas de RBA - WWE/2/1/15/2/10. Na lista de participantes, constam diversos professores universitários da Inglaterra.

¹¹⁸ RBA – WWE/2/1/14/5. “Friday, 4th July 1975. 19.45 - 21.15: Marxism and Literature: the Varying Traditions - Raymond Williams. Saturday, 5th July 1975. Das 9.00 - 10.30: “Christopher Caudwell as Cultural Theorist” - Edward Thompson. 11.00 – 12.30: “The Cultural Ambience of the British Left in the 1930's” – Edward Thompson. 16.30 - 18.00: “Marxism, Structuralism and Literature”. 19.45 – 21.15: “Structuralism: The Illusion of an Epoch” - Edward Thompson (p. 1). Sunday, 6th July 1975. 9.00 – 10.30: “Marxism and the Subjective” – Raymond Williams. 11.00 – 12.30: Plenary Session - Raymond Williams and Edward Thompson (p. 2)”.

Chama atenção os temas das palestras de Williams, pois discutiram temas candentes do período, como o olhar analítico não dogmático quando se trata da história do pensamento marxista, as relações entre marxismo e estruturalismo e suas possíveis contribuições para o estudo da literatura, bem como o lugar do subjetivo dentro da teoria marxista. No que diz respeito às palestras de Thompson, é possível notar também suas características mais conhecidas, o foco no pensamento britânico e sua notória crítica ao estruturalismo¹¹⁹. Diferentemente de Thompson, que achava que essa “virada do marxismo jovem” de “sistematizar o marxismo” era um “desvio desnecessário”¹²⁰, o trabalho de Williams vinha ganhando novos rumos, mais teóricos e de forte relação com a teoria marxista. É o que podemos ver nos anos que se seguiram e que culminaram, dentro de nosso recorte temporal e temático, com a publicação de *Marxismo e Literatura* em 1977.

4 *Base e superestrutura: (re)considerações*

Alguns anos antes da publicação de *Marxismo e Literatura*, Williams publicou um artigo chamado “Base e superestrutura na teoria cultural marxista”. O texto saiu na última edição do ano de 1973 da NLR e é, na verdade, uma versão revisada de uma palestra dada na cidade de Montreal no mês de abril daquele mesmo ano. “Base e superestrutura...” é considerado por muitos como a melhor discussão teórica escrita por Williams¹²¹.

Nesse texto estavam postas algumas das questões que o autor iria trabalhar durante os próximos anos. A analogia da base e superestrutura e questão da determinação, por exemplo, ganharam destaque em um texto que, apesar de conciso, é bastante denso, tanto em suas discussões conceituais quanto em suas proposições críticas.

Qualquer abordagem moderna de uma teoria marxista da cultura deve começar pela consideração da proposição de uma base determinante e uma superestrutura determinada. De um ponto de vista estritamente teórico, esse não é, de fato, de onde escolhemos começar. Em muitos aspectos, seria preferível se pudéssemos começar com a proposição que originalmente era igualmente central: a proposição que o ser social determina a consciência¹²².

¹¹⁹ Cf. nota n. 108 da parte II dessa dissertação.

¹²⁰ Cf. RBA - WWE/2/1/16/356 – Carta 8, de 29/05/s/a. “Young Marxism’s turn”, “systematize Marxism”, “unnecessary detour”.

¹²¹ Cf, por exemplo, SAID, Edward. *The world, the text and the critic*. London: Faber and Faber, 1984, p. 240, HIGGINS, John. *Raymond Williams*, p. 112.

¹²² WILLIAMS, Raymond. Base and superstructure in Marxist cultural theory. *New Left Review*, I/82, nov-dec. 1973, p. 3. “Any modern approach to a Marxist theory of culture must begin by considering the proposition of a determining base and a determined superstructure. From a strictly theoretical point of view this is not, in fact, where we might choose to begin. It would be in many ways preferable if we could begin from a proposition which originally was equally central, equally authentic: namely the proposition that social being determines consciousness”.

Williams enfatizou que, na transição de Marx para o marxismo, a questão da determinação teria sido gradualmente substituída pela proeminência da relação base/superestrutura. Mencionou como é curioso o fato de que Marx, na verdade, nunca utilizou a palavra “determinar”, que tem origens idealistas e teológicas. Em mais uma de suas inversões de significados, Marx deslocou a ideia original de que determinação remeteria a algum poder externo ao homem – ou em sua versão secular – à uma “abstrata consciência determinante”, então propôs que a “experiência da prática social, uma noção de determinação como o estabelecimento de limites, exercendo pressões”¹²³.

Na leitura do Williams do que seria uma teoria cultural marxista, essa é uma das ideias centrais, a partir das quais se ergueu o materialismo cultural, além de ser um ponto nevralgico das deficiências de marxismo mecanicista. Pois,

Há uma clara diferença entre um processo de estabelecimento de limites e emprego de pressões, seja por alguma força externa ou por leis internas de um desenvolvimento específico, e um outro processo no qual um conteúdo subsequente é essencialmente prefigurado, predito e controlado por uma força externa pré-existente. No entanto, é justo dizer, olhando para muitas aplicações da análise cultural marxista, que é o segundo sentido, a noção de prefiguração, predição ou controle, que muitas vezes foi explícita ou implicitamente usado¹²⁴.

Nesse segundo sentido estaria a noção de que a base agiria de forma determinante sob uma superestrutura determinada. De acordo com Williams, era importante analisar os termos desse relacionamento e o primeiro passo para isso consistiria em averiguar os diferentes usos dos conceitos. Superestrutura, por exemplo, quando utilizada por Marx, estava sempre empregada no plural. No entanto, um de seus primeiros usos pela tradição subsequente remete a sua forma mais simples, enfatizando sua atuação como reflexo, imitação ou reprodução da estrutura da base de modo quase que direto. Um segundo uso da superestrutura buscou dar mais atenção a complexidade do processo de relacionamento entre as duas “esferas”, resultando na noção de homologia ou correspondência¹²⁵.

Caberia também, e aí reside um dos pontos importantes da proposta analítica de Williams, destrinchar as diferentes concepções e usos da noção de base. O galês defendeu que

¹²³ Ibidem, p. 4. “experience of social practice, a notion of determination as setting limits, exerting pressures”.

¹²⁴ Ibidem, p. loc cit. “there is clearly a difference between a process of setting limits and exerting pressures, whether by some external force or by the internal laws of a particular development, and that other process in which a subsequent content is essentially prefigured, predicted and controlled by a pre-existing external force. Yet it is fair to say, looking at many applications of Marxist cultural analysis, that it is the second sense, the notion of prefiguration, prediction or control, which has often explicitly or implicitly been used”.

¹²⁵ Cf. Ibidem, p. 4-5.

base seria o conceito mais importante quando se espera compreender os processos culturais, se “‘a base’ passou a ser considerada virtualmente como um objeto, ou em casos menos brutos, considerada de maneiras essencialmente uniformes e usualmente estáticas”, deve-se advogar por uma concepção em que:

‘A base’ é a existência social real do homem. ‘A base’ diz respeito às relações de produção reais que correspondem a um estágio do desenvolvimento das forças produtivas materiais. ‘A base’ é um modo de produção em um estágio particular de seu desenvolvimento [...] mesmo que um estágio particular do desenvolvimento da produção possa ser descoberto e tornado preciso através da análise, na prática nunca é uniforme nem estático. É, na verdade, uma das proposições centrais do senso de história de Marx que há profundas contradições nas relações de produção e, por consequência, nas relações sociais. Há, portanto, a possibilidade contínua da variação dinâmica dessas forças. Além disso, quando essas forças são consideradas, como Marx sempre as considera, como atividades específicas e relações de pessoas reais, elas têm um significado muito mais ativo, mais complicado e mais contraditório do que a noção metafórica desenvolvida como ‘a base’ poderia nos permitir perceber

126.

Williams seguiu sua análise teórica para uma possível “alternativa” ao uso da noção de base e superestrutura: uma ênfase na totalidade social, inicialmente desenvolvida por Lukács. Segundo o britânico, a totalidade social seria compatível com a noção de que o ser social determina a consciência. No entanto, Williams alertou para um perigo: a ideia de “totalidade” poderia esvaziar a proposição marxista de seu conteúdo, pois se argumentarmos que a sociedade é composta por diversas práticas sociais que formam um todo, distinguirmos certas práticas específicas e reforçarmos somente o fato que há interações mútuas é possível que, de certo modo, esvaziemos a alegação de que haveria, de fato, um processo de determinação. E isso é algo que Williams não estava disposto a fazer. A questão central seria, então, se “totalidade” dentro da teoria cultural compreenderia a noção de intenção.

Por mais que seja verdade que toda sociedade é um todo complexo de tais práticas [diversas e contemporâneas], também é verdade que toda sociedade tem uma organização específica, uma estrutura específica, e que os princípios dessa organização e estrutura podem ser vistas como diretamente relacionados à certas intenções sociais, intenções pelas quais nós definimos a sociedade,

¹²⁶ Ibidem, p. 5. “‘the base’ has come to be considered virtually as an object, or in less crude cases, it has been considered in essentially uniform and usually static ways. ‘The base’ is the real social existence of man. ‘The base’ is the real relations of production corresponding to a stage of the development of material productive forces. ‘The base’ is a mode of production at a particular stage of its development [...] while a particular stage of the development of production can be discovered and made precise by analysis, it is never in practice either uniform or static. It is indeed one of the central propositions of Marx’s sense of history that there are deep contradictions in the relationships of production and in the consequent social relationships. There is therefore the continual possibility of the dynamic variation of these forces. Moreover, when these forces are considered, as Marx always considers them, as the specific activities and relationships of real men, they mean something very much more active, more complicated and more contradictory than the developed metaphorical notion of ‘the base’ could possibly allow us to realize”.

intenções que, em toda a nossa experiência, têm sido o domínio de uma classe específica¹²⁷.

A aparente crueza da metáfora base e superestrutura teria um efeito perigoso: o aceite, muitas vezes acrítico, de outras formulações que perdem muito da força motriz da crítica marxista. Williams admitiu que, mesmo que ele tenha tido dificuldades em ver os processos culturais como superestruturais nesse sentido mais mecânico, não defendia o abandono completo da ideia, pois em muitas áreas do pensamento social político – seja no direito ou em alguns tipos de instituições, por exemplo – se não notarmos o aspecto superestrutural não seria possível analisar a realidade. Segundo o autor, a dificuldade na revisão da analogia base/superestrutura reside no entendimento de diversos estudiosos que, se retirarmos o teor de dependência de certas instituições e práticas burguesas, se a sua suposta universalidade ou legitimidade não forem rebatidas, o caráter de classe da sociedade não poderia mais ser evidenciado. O galês defendeu que a noção de totalidade social também correria o mesmo perigo. É por isso que o uso de totalidade deveria ser acompanhado de hegemonia, segundo a concepção de Gramsci¹²⁸.

Williams definiu como ele entendia o funcionamento da hegemonia:

Pois a hegemonia supõe a existência de algo que é verdadeiramente total, que não é meramente secundário ou superestrutural, como o fraco sentido de ideologia, mas é vivido com tal profundidade, que satura a sociedade a tal ponto, e que, como Gramsci coloca, constitui até mesmo o limite do senso comum para a maioria das pessoas sob controle, corresponde à realidade da experiência social de maneira muito mais clara do que qualquer noção derivada da fórmula da base e superestrutura¹²⁹.

Hegemonia, compreendida nesses termos, enfatizaria os fatos da dominação, aspecto criticado na noção de totalidade. E todos esses elementos são fundamentais no modelo teórico que o autor queria apresentar. Williams postulou que, não importa a sociedade e nem o período, existe um sistema central de práticas, valores e significados que se pode chamar de dominante. Um sistema que não seria meramente abstrato, mas sim organizado e vivido, portanto, não pode ser nunca entendido como estático. Por isso, seria fundamental entender o processo social real

¹²⁷ Ibidem, p. 7. “For while it is true that any society is a complex whole of such practices, it is also true that any society has a specific organization, a specific structure, and that the principles of this organization and structure can be seen as directly related to certain social intentions, intentions by which we define the society, intentions which in all our experience have been the rule of a particular class”.

¹²⁸ Cf. Ibidem, p. 7-8.

¹²⁹ Ibidem, p. 8. “For hegemony supposes the existence of something which is truly total, which is not merely secondary or superstructural, like the weak sense of ideology, but which is lived at such a depth, which saturates the society to such an extent, and which, as Gramsci put it, even constitutes the limit of common sense for most people under its sway, that it corresponds to the reality of social experience very much more clearly than any notions derived from the formula of base and superstructure”.

do qual depende: os modos de incorporação, que envolveria, grosso modo, os processos educacionais, os processos familiares de treinamento social, a organização do trabalho e a tradição seletiva a nível intelectual e filosófico¹³⁰.

E seria justamente em seu caráter não estático que a hegemonia possibilitaria o reconhecimento de significados, valores, opiniões e até mesmo noções de mundo alternativas que, até certo ponto, poderiam ser acomodadas e até mesmo toleradas dentro da cultura dominante. Seus diferentes graus dependeriam diretamente do estado de forças sociais e políticas em dado momento histórico, tais possibilidade foram caracterizadas por Williams como “residuais” e “emergentes”. O residual diz respeito a “algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos em termos da cultura dominante, são, no entanto, vividos e praticados com base no resíduo – tanto cultural como social – de alguma formação social prévia”¹³¹. Já emergente compreende “novos significados e valores, novas práticas, novos significados e experiências estão continuamente sendo criados. Mas existe uma tentativa muito anterior para incorporá-las, somente porque elas são parte – porém ainda não parte – das práticas contemporâneas efetivas”¹³².

Para Williams, uma teoria cultural marxista tem que dar conta da análise das fontes dessas práticas e de seus significados. A tarefa mais árdua se encontraria em fornecer uma explicação não metafísica e não subjetivista para o funcionamento delas¹³³. O autor defendeu que não existem relações abstratas entre arte e sociedade e que não se pode separá-las de outras práticas sociais. Apesar de conterem características específicas, são parte do processo social geral e não devem ser isoladas.

Não devemos olhar para os componentes de um produto, mas sim para as condições de uma prática. Quando estivermos analisando uma obra específica, ou um grupo de obras, muitas vezes percebendo, ao fazê-lo, sua comunidade essencial, bem como sua individualidade irreduzível, nós devemos primeiro tratar da realidade de sua prática e das condições dessa prática como foi então executada¹³⁴.

¹³⁰ Cf. Ibidem, p. 8-9.

¹³¹ Ibidem, p. 10. “some experiences, meanings and values which cannot be verified or cannot be expressed in the terms of the dominant culture, are nevertheless lived and practised on the basis of the residue —cultural as well as social—of some previous social formation”.

¹³² Ibidem, p. 11. “new meanings and values, new practices, new significances and experiences, are continually being created. But there is then a much earlier attempt to incorporate them, just because they are part—and yet not part—of effective contemporary practice”.

¹³³ Cf. Ibidem, p. 11-12.

¹³⁴ Ibidem, p. 16. “we should look not for the components of a product but for the conditions of a practice. When we find ourselves looking at a particular work, or group of works, often realizing, as we do so, their essential community as well as their irreducible individuality, we should find ourselves attending first to the reality of their practice and the conditions of the practice as it was then executed”.

Esse artigo contém importantes discussões que, com suas análises contundentes e profundidade teórica até então inéditas no trabalho de Williams, representaram um passo importante em direção a consolidação do materialismo cultural. Em sua proposta de teoria estava presente também uma reavaliação e reconfiguração da relação de seu autor com o marxismo: “Como proposição geral isso é somente uma ênfase, mas que me parece sugerir, ao mesmo tempo, o ponto de ruptura e o ponto de partida, no trabalho prático e teórico, *dentro* de uma tradição cultural marxista ativa e auto renovadora”¹³⁵.

5 Análise conceitual

O livro *Marxismo e Literatura* foi escrito no período entre 1974 e 1976, no entanto, como buscamos demonstrar, o tema já vinha interessando Williams há algum tempo. Em suas anotações é possível apontar a primeira aparição do assunto já em 1972¹³⁶. Em seu planejamento da disciplina “Literatura e Marxismo”, em documento datado 11 de janeiro de 1972, o autor delineou os quatro principais temas de estudo:

1. Literatura como ‘superestrutura’ ou literatura como ‘consciência possível’ (textos de Marx: *Prefácio a crítica da Economia Política*; Engels: *Cartas a Bloch e Harkness*; Lukács: *História e Consciência de Classe*; Sartre: *A Imaginação*; Althusser: *Para ler O Capital*; *Scrutiny*).
2. Literatura e Ideologia (textos de Marx e Engels; Plekhanov: *In defence of Materialism*; Trotsky: *Literatura e Revolução*; Lukács; Sartre: *Crítica da razão dialética*; Caudwell: *Illusion and Reality*; Mannheim: *Ideologia e utopia*).
3. Termos críticos (A): Gênero; tipo; produção; consciência real e possível (textos de Lukács: *Teoria do Romance e Studies in European Realism*; Benjamin: *Illuminations*; Goldmann: *The Hidden God*).
4. Termos críticos (B): Sujeito transindividual e coletivo; estrutura genética; consciência possível e forma (textos de Goldmann: *Kant - sociology of culture e Recherches Dialectiques*)¹³⁷.

Muitos dos temas centrais desse planejamento apareceram no livro, anos mais tarde¹³⁸. No mesmo planejamento de 1972, consta o programa de uma série de quatro aulas da mesma disciplina:

¹³⁵ Ibidem, p. 16. “As a general proposition this is only an emphasis, but it seems to me to suggest at once the point of break and the point of departure, in practical and theoretical work, *within* an active and self-renewing Marxist cultural tradition” (grifo nosso).

¹³⁶ Cf. nota n. 96 dessa seção da dissertação.

¹³⁷ RBA – WWE/2/1/14/2/2, p. 4. “1. Literature as ‘superstructure’ or literature as ‘possible consciousness’. 2. Literature and Ideology. 3. Critical Terms (A): Genre; type; production; actual and possible consciousness. 4. Critical Terms (B): Transindividual or Collective Subjects; genetic structure; possible consciousness and form”.

¹³⁸ No que diz respeito a bibliografia do planejamento, somente alguns títulos ficaram de fora do livro, como: *A Imaginação* de Sartre, *Para ler O Capital* de Althusser, *Ideologia e Utopia* de Mannheim, *Kant, Sociology of Novel e Recherches Dialectiques* de Goldmann. Quando se trata dos tópicos, não foi possível localizar em *Marxismo e Literatura* discussões a respeito de estrutura genética.

1. Análise das proposições básicas de Marx a respeito da natureza da atividade cultural, com referência especial ao conceito de ‘determinação’, ‘base’ e ‘superestrutura’. Textos: Marx – Prefácio à edição de 1857 da *Crítica da Economia Política* (p. 11 et seq.) e Prefácio à edição de 1859 da *Crítica da Economia Política*.
2. Analogias dos conceitos marxistas ‘ideologia’, ‘totalidade’ e ‘contradição’, com mais analogias dos conceitos de relações entre ‘base’ e ‘superestrutura’. Textos: Trotsky – *Literatura e Revolução*, Lukács – *História e consciência de classe*, Marx – *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx e Engels – *A Ideologia Alemã*.
3. Analogias dos conceitos marxistas de ‘gênero’, ‘forma’, ‘estrutura’ e ‘tipo’, com referência comparativa a outras versões desses conceitos. Textos: Lukács – *O romance histórico* (capítulos I e II), Goldmann: *The Hidden God* e Caudwell – *Further Studies in a Dying Culture*.
4. Analogias de conceitos marxistas e também de outros conceitos de ‘produção’ e ‘forças produtivas’, do conceito de ‘criatividade’ e do caráter da teoria literária moderna com referência especial às ideias de produção e consumo.

Outras leituras:

Goldmann – *Sociology of the Novel*

Marcuse: *Negations*

Plekhanov: *Art and Social Life*

Marx & Engels *On Literature and Art* (edição de NY: 1947)

Lunacharsky: *On Literature and Art*

Althusser: *Por Marx*

Lemon & Reiss (org): *Russian Formalist Criticism*

Leavis: *The Common Pursuit*¹³⁹.

Se nos atentarmos as aulas 3 e 4, podemos notar o interesse de Williams pela análise conceitual. Isso não é uma novidade, a história de conceitos e categorias intrigava o autor desde os tempos de *Cultura e Sociedade*¹⁴⁰. Por tal, é interessante notar como esse empenho continuou, e como, adentrando os anos 1970, foi concretizado na publicação de *Keywords*. Essa abordagem também apareceu em *Marxismo e Literatura*, nas partes I e II, mas com mais força na parte I, em que discutiu os conceitos de cultura, linguagem, literatura e ideologia.

Logo no início da obra, Williams defendeu que:

O conceito funde e confunde, ao mesmo tempo, as experiências radicalmente diferentes e as tendências de suas formações. Se torna, então, impossível levar a cabo qualquer análise cultural séria sem alcançar uma consciência do conceito nele mesmo: uma consciência que deve ser, como veremos, histórica¹⁴¹.

¹³⁹ RBA – WWE/2/1/14/2/2. “1. Analysis of Marx’s basic propositions on the nature of cultural activity, with special reference to the concepts of ‘determination’, ‘base’ and ‘superstructure’. 2. Analogies of Marxist concepts ‘ideology’, ‘totality’ and ‘contradiction’, with further analogies of concepts of relations between ‘base’ and ‘superstructure’. 3. Analogies of Marxist concepts of ‘genre’, ‘form’, ‘structure’ and ‘type’, with comparative reference to other versions of these concepts. 4. Analogies of Marxist and other concepts of ‘production’ and ‘productive forces’, of the concept of ‘creativity’, and of the character of modern literary theory with special reference to ideas of production and consumption”.

¹⁴⁰ Cf. nota n. 61, parte I dessa dissertação.

¹⁴¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*, p. 11. “The concept at once fuses and confuses the radically different experiences and tendencies of its formation. It is then impossible to carry through any serious

Em sua discussão do conceito de cultura, Williams retomou algumas reflexões feitas em *Cultura e Sociedade*. Resumidamente, a ideia de que a cultura teria tido, ao longo dos séculos, quatro significados gerais: 1. estado geral ou hábito da mente; 2. estado geral do desenvolvimento intelectual da sociedade; 3. artes, de modo geral e 4. um modo de vida “como um todo”¹⁴². A argumentação em *Marxismo e Literatura*, dezenove anos depois, seguiu alguns rumos similares¹⁴³. No entanto, o livro mais tardio de Williams trouxe uma discussão mais aprofundada que buscou investigar as movimentações do conceito em relação a outros, como sociedade e economia, por exemplo, enfatizando suas interações com mudanças e experiências históricas¹⁴⁴. Destaca-se a relação estabelecida do conceito de cultura com o de civilização que, na época de seu surgimento, no século XVII, designava tanto um estado de desenvolvimento de uma sociedade quanto seu contraste com a “barbárie”. Ao final do século XVIII, cultura e civilização vieram a significar a mesma coisa. Sua eventual separação teve diversas causas, a primeira e mais forte delas teria se originado na crítica Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e seu ataque à “civilização” como superficial e artificial, em oposição ao estado “natural” das necessidades humanas e seus impulsos. Ganhando força no decorrer do movimento romântico, desenvolveu-se a ideia de que diferentemente disso, a cultura teria que ver com um processo de desenvolvimento “interno” ou “espiritual”, relacionando o conceito com a religião, a arte, a família etc.¹⁴⁵ Quando a ênfase religiosa se enfraqueceu, foi então substituída por uma metafísica da subjetividade e pelo “processo imaginativo”¹⁴⁶.

O que se seguiu colocou lado a lado os interesses do Iluminismo e do nascente movimento socialista, com ênfase na crítica do conceito de civilização e sua relação com as ideias e ideais burgueses. Desde seus inícios, o movimento socialista questionava os frutos que a chamada “civilização” geraram, por um lado, riqueza e ordem, mas por outro pobreza e desordem. O marxismo, com isso em mente, desenvolveu uma crítica materialista da história, que se contrapunha a chamada “história da civilização” e seu foco principal nos feitos religiosos e dos estados. Williams ressaltou que, apesar da complexificação do processo, houve também o perigo da emergência de um tipo antigo de racionalismo. E que, ao invés desse desenvolvimento levar à criação de uma crítica cultural materialista, a tornou, na verdade,

cultural analysis without reaching towards a consciousness of the concept itself: a consciousness that must be, as we shall see, historical”.

¹⁴² Cf. WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 5.

¹⁴³ Existe uma paráfrase dos quatro significados gerais mencionados, cf. p. 17 de *Marxismo e Literatura*.

¹⁴⁴ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 11.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 13-14.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, p. 15.

superestrutural e dependente. Assim, perdendo a oportunidade de realçar o caráter totalmente conectado do conceito de cultura à sociedade e à história¹⁴⁷.

Segundo nossa análise, é inegável o aprimoramento da argumentação de Williams em *Marxismo e Literatura*, seja nos quesitos de dimensão, fôlego ou profundidade. Se levarmos em consideração que o autor havia feito uma reflexão de tom semelhante em *Cultura e Sociedade*, torna-se ainda mais palpável a transformação. No livro de 1958, Williams fundamentou sua argumentação quase que sua totalidade nos romancistas britânicos e estabeleceu ligações históricas vagas e imprecisas¹⁴⁸. Em *Marxismo e Literatura*, o galês pareceu ter absorvido muito das críticas que sofrera e mostrou um sincero investimento em debater a história do conceito por meio das mudanças sociais e das suas relações com movimentos intelectuais, como o Iluminismo e o Romantismo, por exemplo, além de incluir uma reflexão aprofundada dos desenvolvimentos da teoria socialista em geral, e do marxismo em específico. Mesmo com um número reduzido de páginas, a discussão não soa superficial e ganha, em muito, por incluir autores como Giambattista Vico (1668-1744) e Johann Gottfried von Herder (1744-1803) para discutir a relação entre o homem e o fazer-se de sua própria história¹⁴⁹.

Williams mostrou confiança e segurança em analisar o marxismo e, diferentemente do que foi exibido em *Cultura e Sociedade*, reinterpreto a validade da concepção materialista da cultura e suas relações com os processos sociais, a partir de um olhar sofisticado da analogia da base e superestrutura, decorrentes, em nosso ponto de vista, de conhecimentos mais aprofundados a respeito da “história da história” do pensamento marxista. Tais conhecimentos que foram sendo adquiridos – como estamos tentando argumentar – em um cenário intelectual de abertura teórica da *New Left* britânica, haja vista às transformações do pensamento ocidental desencadeadas também, mas não somente, pelos eventos de 1968.

O percurso de crítica do conceito de cultura trouxe consigo tais mudanças, e é possível notar também outras nuances e o delinear do materialismo cultural no decorrer da análise conceitual de Williams dos termos linguagem, literatura e ideologia. A seção dedicada a linguagem foi por muitos escolhida como a melhor do livro¹⁵⁰, uma afirmação com a qual estamos inteiramente de acordo. O texto se iniciou com a declaração de que:

A definição de linguagem é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição de seres humanos no mundo. As principais categorias recebidas –

¹⁴⁷ Cf. Ibidem, p. 18-20.

¹⁴⁸ Cf., por exemplo, discussão de Kiernan sobre uso de Williams do conceito de Revolução Industrial, nota n. 176 da parte I dessa dissertação.

¹⁴⁹ Cf. Ibidem, p. 18-19.

¹⁵⁰ Cf. nota n. 9 da parte II dessa dissertação.

‘mundo’, ‘realidade’, natureza, ‘humano’ – podem ser contrapostas ou relacionadas à categoria ‘linguagem’, mas agora se tornou lugar comum observar que todas as categorias, incluindo a categoria ‘linguagem’, são elas mesmas construções na linguagem, e somente com um esforço, e dentro de um sistema de pensamento particular, podem ser separadas da linguagem para inquérito relacional. Tais esforços e tais sistemas, no entanto, constituem uma parte importante da história do pensamento [...] os momentos chave que devem ser do interesse do marxismo, no desenvolvimento da reflexão sobre linguagem, são, primeiro, a ênfase na linguagem como *atividade* e, segundo, a ênfase na *história* da linguagem¹⁵¹.

Nesse trecho já estão apontadas, superficialmente, os pilares do entendimento de Williams acerca da linguagem, visto como uma atividade que deve ser analisada historicamente. O autor baseou suas considerações a partir de um estudo sério, no qual já vinha se engajando há décadas. Analisaremos a seguir seus desdobramentos com mais acurácia.

Sua análise se iniciou por um balanço, bem fundamentado, das discussões a respeito da linguagem desde a antiguidade. Começando com os pré-socráticos e a unidade do *logos*, da conexão da linguagem com a natureza, com o divino e com as leis humanas que havia sido quebrada. Em seguida tratou de Platão (429 a.C.-?) e sua discussão sobre o ato da nomeação, no qual relação entre a ‘palavra’ e a ‘coisa’ teria se originado tanto na ‘natureza’ ou na ‘convenção’. De acordo com Williams, a formulação de Platão deu origem ao pensamento idealista pelo fato de defender que haveria um ‘reino’ intermediário que não seria nem ‘palavra’ e nem ‘coisa’, mas ‘forma’, ‘essência’ ou ‘ideia’. Passando para a retórica e poética, que fizeram da linguagem instrumento para diversos propósitos e, após desenvolvimentos acadêmicos e escolásticos, se desdobraram no *trivium* medieval. Composto por lógica, gramática e retórica, examinaram a forma, e contribuíram para a distinção entre linguagem e realidade. Com René Descartes (1596-1650), a relação entre linguagem e realidade deveria passar pelo conhecimento científico¹⁵².

Com Vico, houve um desenvolvimento importante. Foi apresentada a ideia de que seria possível entender a sociedade porque, de fato, fomos nós quem a fizemos e a linguagem apareceria como central nesse processo. No entanto, salientou Williams, que o próprio Vico

¹⁵¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 21. “A definition of language is always, implicitly or explicitly, a definition of human beings in the world. The received major categories-‘world’, ‘reality’, ‘nature’, ‘human’-may be counterposed or related to the category ‘language’, but it is now a commonplace to observe that all categories, including the category ‘language’, are themselves constructions in language, and can thus only with an effort, and within a particular system of thought, be separated from language for relational inquiry. Such efforts and such systems, nevertheless, constitute a major part of the history of thought [...] The key moments which should be of interest to Marxism, in the development of thinking about language, are, first, the emphasis on language as *activity* and, second, the emphasis on the *history* of language” (grifos do autor).

¹⁵² Cf. Ibidem, p. 22-23.

perdeu de vista o impulso inicial de sua formulação quando defendeu que a linguagem teria tido três estágios: divino, heroico e humano. Divisão que fez com que a humanidade e a criatividade fossem vistas como uma essência. Paralelamente a isso, se desenvolviam outras abordagens opostas, atreladas a um objetivismo materialista, e dessa cisão adviriam as distinções entre arte e ciência, na qual a primeira se ligaria as tais concepções de humanidade e criatividade, e a segunda, à estrita definição do conhecimento do mundo físico e biológico¹⁵³. Mais uma vez, reiteramos como Williams trouxe aqui novas referências e é possível notar desenvolvimentos significativos. O tema da cisão da concepção da arte como algo metafísico já vinha sendo do interesse de Williams há décadas¹⁵⁴, no entanto, aqui, pela primeira vez, são traçadas novas relações, com autores fora da bolha da crítica inglesa, e assim pôde ampliar e fortificar muitas das suas teorias que haviam sido anteriormente trabalhadas e que, apesar de sugerirem caminhos interessantes, eram muitas vezes insuficientes em termos de respaldos analíticos plurais e interdisciplinares.

No que se seguiu da análise, Williams fez ligações, mesmo que rápidas e não muito aprofundadas, sobre as relações entre os estudos a respeito da linguagem na passagem do século XVIII para o XIX e o contexto do colonialismo europeu, mencionando especificamente o contato dos ingleses com o sânscrito e como isso afetou o que se conhecia até então sobre as origens dos idiomas de origem indo-europeia. Relacionando tais desenvolvimentos com avanços científicos de outras áreas do conhecimento, como as ciências naturais, por exemplo.

A argumentação seguiu a linha temporal, e entre finais do XIX e começo do XX, tratou das contribuições de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e sua relação com a sociologia de Émile Durkheim (1858-1917) que, segundo o galês, teria feito com que a história desaparecesse da linguagem, negligenciando totalmente sua característica mais fundamental, ser uma atividade humana. Em contraponto, para Marx e Engels, a linguagem foi entendida como consciência prática e seu surgimento relacionado a necessidade da relação com outros homens. Assim como em Vico, essa concepção corria o risco duplo do idealismo e do materialismo objetivista¹⁵⁵.

E, assim, a definição do conceito de linguagem de Williams foi se delineando. A partir do pensamento materialista, o autor foi construindo a sua própria definição. Citou o pioneirismo de Lev Vygotsky (1896-1934) que, em 1934 propôs uma teoria social da linguagem a partir do

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, p. 23-24.

¹⁵⁴ Aqui nos referimos a discussão levada a cabo no capítulo “The romantic artist”, em *Cultura e Sociedade*.

¹⁵⁵ Cf. *Ibidem*, p. 27-29.

materialismo histórico, libertando-a das “simples analogias com a percepção física”¹⁵⁶. No entanto, suas ideias não atraíram tanto a atenção do marxismo ortodoxo de início, que ainda se apoiava muito na teoria do reflexo, que, nesse momento, relacionava-se diretamente com modelos da fisiologia como o de estímulo-resposta. Por motivo desse domínio da perspectiva objetivista, havia um predomínio do estruturalismo e da semiótica nos estudos linguísticos¹⁵⁷. Na então cidade de Leningrado, durante os anos de 1920, começou a se desenvolver uma oposição a esse modelo. O exemplo mais bem-sucedido dessa empreitada se encontraria na obra de Valentin Voloshinov (1895-1936)¹⁵⁸, especialmente na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de 1929.

Segundo Williams, Voloshinov buscou ver a questão da linguagem dentro de uma orientação marxista geral. Assim, viu a “atividade” (conforme apresentada por teóricos idealistas) e “sistema” (de acordo com a nova linguística objetivista) em relação dialética com a atividade social e não como formalmente separadas dela, como viam os teóricos das duas vertentes mencionadas. Assim, para Voloshinov “a consciência toma forma e ser no material, dos signos criados por um grupo organizado no processo de intercâmbio social. A consciência individual é alimentada pelos signos; deles deriva o seu crescimento, ela lhes reflete a lógica e as leis”¹⁵⁹. Para Williams, aí se localizaria o perigo do objetivismo na teoria de Voloshinov, quando atribuiu o papel do sistema de signos. Assim como em Saussure, esse sistema de signos é projetado para além da história e de uma concepção ativa de vida social contemporânea. Somente na sua reavaliação do conceito de signo que Voloshinov teria pecado, pois em todo o resto sua argumentação ainda se sustentaria¹⁶⁰.

Williams rejeitou qualquer definição de linguagem que partisse de propriedades pré-determinadas, rejeitando teoricamente as versões mecânicas, behavioristas e saussurianas. Rejeitou, em igual medida, teorias subjetivistas que se apoiam na linguagem como expressão individual, “já que o que é constituído internamente é o fato social do signo, que carrega significados e relações sociais definidos, embora nunca fixos ou invariáveis”¹⁶¹.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 34. “simple analogies with physical perception”.

¹⁵⁷ Cf. Ibidem, p. 34-35.

¹⁵⁸ Williams mencionou a teoria que defende que Voloshinov era, na verdade, um pseudônimo de Mikhail Bakhtin (1895-1975). Entretanto, seguiu fazendo referências a Voloshinov quando discutiu o texto em questão. Cf. Ibidem, p. 35.

¹⁵⁹ VOLOSHINOV, Valentin. **Marxism and the philosophy of language**. Cambridge (US): Harvard University Press, 1973 **apud** WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 36. “consciousness takes shape and being in the material of signs created by an organized group in the process of its social intercourse. The individual consciousness is nurtured on signs; it derives its growth from them; it reflects their logic and laws”.

¹⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 35-36.

¹⁶¹ Ibidem, p. 40. “since what is internally constituted is the social fact of the sign, bearing a definite though never fixed or invariant social meaning and relationship”.

De modo geral, o autor reforçou sua própria concepção, seja do desenvolvimento da linguagem ou de seu papel para uma compreensão materialista de mundo. Assim, advogou por uma

igualmente necessária definição do desenvolvimento da linguagem – ao mesmo tempo individual e social – como formada histórica e socialmente. O que podemos então definir é um processo dialético: *a consciência prática cambiante dos seres humanos*, em que tanto aos processos evolucionários quanto aos históricos pode ser dado peso total, porém cada qual pode ser distinto, nas complexas variações do uso real da linguagem¹⁶².

Detemo-nos especialmente nos pormenores do capítulo sobre linguagem do livro pois entendemos como fundamental para o que foi desenvolvido em várias outras seções do texto. Como quando tratou do conceito de literatura, demonstrando sua historicidade e questionando seu status idealizado, atitude no mínimo interessante partindo de um crítico literário de seu tempo. De todo modo, Williams defendeu que historicizar o conceito não significa que sua importância seria diminuída, mas sim que se tratava de um conceito importante em uma fase de uma determinada cultura, “evidência decisiva de uma forma particular de desenvolvimento da linguagem”¹⁶³.

O mesmo processo de análise foi realizado a respeito do conceito de ideologia, traçando seus diferentes usos no passar dos séculos, detendo-se de maneira mais profunda em sua concepção marxista do mesmo. O autor defendeu que no centro do argumento de Marx estava delineado um novo modo de ver a totalidade dos relacionamentos, no entanto, o que ganhou força foi uma visão de ideologia em contraste ao que não era considerado ideologia, um exemplo seria a “ciência”. Em decorrência da separação do que seria consciência de um lado e o conhecimento e os processos reais de outro, Williams afirmou, criou-se o absurdo modelo de duas fases, em que de um lado está o mundo material e de outro a consciência “e seus produtos”. Ironicamente, essa idealização da consciência fez com que se perdesse a ideia original do materialismo histórico, de que tanto a consciência quanto seus produtos são sempre parte do processo social e material¹⁶⁴.

Ao propor uma análise do processo de vulgarização do pensamento de Marx, Williams discutiu Engels e sua concepção de ideologia, comparando-a com a de racionalização de Sigmund Freud (1856-1939). Além de apontar os limites e contradições da concepção de

¹⁶² Ibidem, p. 43-44. “equally necessary definition of language development-at once individual and social – as historically and socially constituting. What we can then define is a dialectical process: *the changing practical consciousness of human beings*. in which both the evolutionary and the historical processes can be given full weight, but also within which they can be distinguished, the complex variations of actual language use” (grifos do autor).

¹⁶³ Ibidem, p. 53. “decisive evidence of a particular form of the social development of language”.

¹⁶⁴ Cf. Ibidem, p. 60-61.

ideologia socialista de Vladimir Lênin (1870-1924), ao mesmo tempo necessária e secundária, que beirava o uso do conceito por Napoleão (1769-1821), no qual “os ‘ideólogos’, que trazem as ideias ‘ao povo’ para sua libertação ou destruição de acordo com seu ponto de vista”¹⁶⁵.

Para o crítico,

A condição limitadora dentro de ‘ideologia’ como um conceito, desde seu início com Destutt, era a tendência de limitar os processos de significado e avaliação a ‘ideias’ ou ‘teorias’ separáveis. A tentativa de trazê-los de volta a ‘um mundo de sensações’ ou, por outro lado, a uma ‘consciência prática’ ou a um ‘processo material e social’ que tem sido então definido para excluir esses processos significativos fundamentais, ou para fazê-los essencialmente secundários, é uma linha persistente de erro. Pois as ligações práticas entre ‘ideias e teorias’ e a ‘produção da vida real’ estão todas contidas no processo material e social de significação ele mesmo¹⁶⁶.

Dito isso, Williams foi além da crítica e delineou argumentos da sua crítica cultural:

Quando isso é compreendido, aqueles ‘produtos’ que não são ideias ou teorias, mas sim obras muito diferentes que chamamos de ‘arte’ ou ‘literatura’, e que são elementos normais de processos muito gerais que chamamos de ‘cultura’ e ‘linguagem’, podem ser abordados de outros modos a não ser como redução, abstração ou assimilação. Esse é o argumento que tem que ser levado aos estudos culturais e literários, e especialmente a contribuição marxista a eles, que, apesar das aparências, é provável que seja ainda mais controversa do que até agora. Mas é então uma questão em aberto se ‘ideologia’ e ‘ideológico’, com seus sentidos de ‘abstração’ e ‘ilusão’, ou seus sentidos de ‘ideias’ e ‘teorias’, ou até mesmos seus sentidos de um ‘sistema’ de crenças ou de significados e valores, são termos suficientemente precisos e praticáveis para redefinição tão abrangente e radical¹⁶⁷.

Cabe agora investigarmos os termos nos quais Williams reavaliou conceitos-chave da crítica cultural marxista, bem como suas propostas de aplicação dos mesmos no materialismo cultural.

¹⁶⁵ Ibidem, p. “the ‘ideologists, who bring ideas to ‘the people’, for their liberation or destruction according to point of view”.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 70. “The limiting condition within ‘ideology’ as a concept, from its beginning in Destutt, was the tendency to limit processes of meaning and valuation to formed, separable ‘ideas’ or ‘theories’. To attempt to take these back to ‘a world of sensations’ or, on the other hand, to a ‘practical consciousness’ or a ‘material social process’ which has been so defined as to exclude these fundamental signifying processes, or to make them essentially secondary, is the persistent thread of error. For the practical links between ‘ideas and ‘theories’ and the ‘production of real life’ are all in this material social process of signification itself”.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 71. “when this is realized, those ‘products’ which are not ideas or theories, but which are the very different works we call ‘art’ and ‘literature’, and which are normal elements of the very general processes we call ‘culture’ and ‘language’, can be approached in ways other than reduction, abstraction, or assimilation. This is the argument that has now to be taken into cultural and literary studies, and especially into the Marxist contribution to them, which, in spite of appearances, is then likely to be even more controversial than hitherto. But it is then an open question whether ‘ideology’ and ‘ideological’, with their senses of ‘abstraction’ and ‘illusion’, or their senses of ‘ideas’ and ‘theories’, or even their senses of a ‘system’ of beliefs or of meanings and values, are sufficiently precise and practicable terms for so far-reaching and radical a redefinition”.

5.1 Base e superestrutura

Williams iniciou a discussão enfatizando a proposição de Marx de que o ser social é quem determina a consciência¹⁶⁸. No entanto, “na transição de Marx para o marxismo, e no desenvolvimento do marxismo *mainstream* ele mesmo”¹⁶⁹, outra afirmação, igualmente central, a já mencionada analogia da base determinante e da superestrutura determinada, ganhou maior protagonismo. No entanto, se o relacionamento entre base e superestrutura for entendido em termos fixos e delimitados espacialmente, pode se tornar uma versão inaceitável e incongruente da primeira proposição. O crítico localizou a fonte em que se encontra a primeira menção de Marx a analogia base/superestrutura, no célebre prefácio de 1859 de *Contribuição à crítica da economia política*¹⁷⁰:

na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social. A transformação que se produziu na base econômica transforma mais ou menos lenta ou rapidamente toda a colossal superestrutura. Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção - que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais - e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim.¹⁷¹

Williams criticou o motivo pelo qual esse poderia ser um ponto de partida para qualquer teoria da cultura, já que seu foco estaria na apresentação da abordagem do materialismo

¹⁶⁸ Em seus cadernos de anotações, há menção a essa máxima de Marx. Williams escreveu ser esse o “alicerce central” do Marxismo. Cf. RBA - WWE/2/1/12/15. “central ground”.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 75. “in the transition from Marx to Marxism, and in the development of mainstream Marxism itself”.

¹⁷⁰ Em seus cadernos de anotações localizamos uma sumarização dos termos dessa argumentação de Williams. Especialmente em anotações para a “aula 1”, da disciplina Literatura e Marxismo, todos os pontos dessa seção do livro estão presentes, além da menção de algo que ficou de fora da edição final do livro, de que Marx teria rejeitado a análise sociológica de Diderot, preferindo uma mais hegeliana, parecida com a de Balzac. Cf. RBA - WWE/2/1/12/23.

¹⁷¹ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 47-48.

histórico às questões legais e formas de estado. Em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, escrito cerca de sete ou oito anos antes, Marx definiu superestrutura de modo diferente:

Sobre as diferentes formas da propriedade, sobre as condições sociais da existência se eleva toda uma superestrutura de sentimentos, ilusões, modos de pensar e visões da vida distintos e configurados de modo peculiar. Toda a classe os cria e molda a partir do seu fundamento material e a partir das relações sociais correspondentes. O indivíduo isolado, para o qual eles fluem mediante a tradição e a educação, pode até imaginar que eles constituem as razões que propriamente o determinam e o ponto de partida da sua atuação¹⁷².

Segundo Williams, a partir desses dois trechos, seria possível argumentar a respeito de três usos para o conceito: “a. Formas políticas e legais que expressam relações de produção existentes; b. Formas de consciência que expressam uma visão de classe do mundo específica; e c. Um processo no qual, em toda uma gama de atividades, os homens se tornam conscientes de um conflito econômico fundamental e resistem a ele”¹⁷³. Assim, esses três sentidos direcionam nosso olhar para as instituições, as formas de consciência e as práticas e políticas culturais, que devem ser analisadas sempre em relação umas com as outras. O crítico lamentou que a força original do argumento de Marx, contra a separação do pensamento e da atividade, teria se perdido¹⁷⁴.

Nessa seção do texto Williams citou novamente a carta de Engels a B. Borgius, a mesma referenciada em *Cultura e Sociedade*¹⁷⁵. Para o crítico, esse foi um reconhecimento importante das complexidades, tanto reais quanto metodológicas, e o foco deveria estar nos processos constitutivos. Por tal, também advogou por uma reavaliação crítica do conceito de base. A base também passou por processos reducionistas, passando a ser concebida de maneira estática e com propriedades aparentemente uniformes. Novamente o galês retornou a Marx, agora para enfatizar que em seu sentido de história há profundas contradições nas relações de produção e nos relacionamentos sociais. Sendo assim, segundo Williams, haveria sempre a possibilidade da variação dessas forças. Portanto:

É somente quando percebemos que ‘a base’, a qual é habitual *referir* variações, é ela mesma um processo dinâmico e internamente contraditório – as atividades específicas e modos de atividades, em uma gama que vai da associação ao antagonismo, de homens reais a classes de homens – que podemos começar a nos livrar da noção de uma ‘área’ ou ‘categoria’ com certas propriedades fixas para dedução aos processos variáveis da

¹⁷² Idem. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 60.

¹⁷³ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*, p. 77. “(a) legal and political forms which express existing real relations of production; (b) forms of consciousness which express a particular class view of the world; (c) a process in which, over a whole range of activities, men become conscious of a fundamental economic conflict and fight it out”.

¹⁷⁴ Cf. Ibidem, p. 77-78.

¹⁷⁵ Cf. nota n. 142 na parte I dessa dissertação.

‘superestrutura’. A invariabilidade física dos termos exerce uma pressão constante contra essa percepção¹⁷⁶.

Após apresentados os termos nos quais Williams destrinchou a sua crítica a analogia base/superestrutura, cremos ser interessante mostrar algumas das inquietações do autor acerca dessa temática presentes em seus cadernos de anotações, em diferentes momentos de sua trajetória. Na ocasião de uma palestra sobre escrita criativa, datada de outubro de 1969, o autor escreveu:

Idealista/Materialista:

a) Materialismo contemporâneo - superestrutura - reflexo

Nas versões mecânicas ingênuas: espelho, ou espelho distorcido

Na versão mecânica sofisticada: “imagem espelhada”, inversão, disfarce¹⁷⁷.

Em outra anotação, que acreditamos ser dos primeiros anos da década de 1970, o autor se indagou:

Perguntas e respostas: A base é ainda uma ideia útil? Arte é uma das forças produtivas. Algumas coisas são sim superestruturais – propriamente ideológicas.

P: Esses termos são adequados para entender essa sociedade?

R: É necessário lidar com situações sociais específicas, diferentes modos de argumento. Revolucionários ativos aceitaram base-estrutura. Sociedade britânica estabelece limites, desafia proposições marxistas persistentes que devem ser consideradas em *nossos próprios termos*¹⁷⁸.

Os fragmentos acima chamam atenção por trazer à tona alguns aspectos do processo de formulação do materialismo cultural. No primeiro excerto está expresso certo desdém para com o materialismo. Relacionando, em primeiro lugar, superestrutura diretamente à noção de reflexo. Em seguida, nas duas definições de materialismo, o adjetivo mecânico foi utilizado. No segundo trecho, Williams anunciou suas dúvidas, os limites de aplicação dos conceitos e o modo como o autor trabalhava a questão do universal x local. Esse último aspecto transpareceu nas referências aos revolucionários e a menção as particularidades da sociedade britânica. É possível ler essas anotações levando em conta alguns dos tópicos em discussão nessa dissertação, nomeadamente a tradição e a inovação. O quesito inovação estaria na recusa do

¹⁷⁶ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 82. “It is only when we realize that 'the base', to which it is habitual to *refer* variations, is itself a dynamic and internally contradictory process – The specific activities and modes of activity, over a range from association to antagonism, of real men and classes of men- that we can begin to free ourselves from the notion of an ‘area’ or a ‘category’ with certain fixed properties for deduction to the variable processes of a ‘superstructure’. The physical fixity of the terms exerts a constant pressure against just this realization” (grifos do autor).

¹⁷⁷ RBA - WWE/2/1/12/15, anotações não fazem parte do caderno, mas sim de folhas soltas arquivadas no mesmo documento.

¹⁷⁸ RBA - WWE/2/1/12/15.

reducionismo e mecanicismo do marxismo ortodoxo e, paradoxalmente, aconteceu via um “retorno” à Marx, aos seus escritos e formulações originais. De outro modo, é possível ver também as influências do treinamento de Williams na tradição inglesa, por eleger essa sociedade como exemplar de seu argumento em favor da especificidade e contra uma suposta generalidade excessiva de certas formulações marxistas.

5.2 Determinação

Passando para o conceito seguinte na análise do livro, temos o conceito de determinação, cuja importância era fundamental para o crítico galês. Segundo ele, esse era o problema mais difícil da teoria cultural marxista, pois um marxismo sem nenhuma ideia de determinação é um marxismo sem valor, mas por outro lado, se o mesmo contiver muitos conceitos de determinação, é mutilado¹⁷⁹. Ao contrário das “leis de ferro”¹⁸⁰ das condições absolutamente objetivas, determinação seria o estabelecimento de limites e o exercício de pressões. Relembrando a carta de Engels à Joseph Bloch, de 1890, “Nós mesmos fazemos a nossa história, mas, antes de tudo, sob pressupostos e condições bem definidos”¹⁸¹, Williams pontuou:

‘Sociedade’ nunca é apenas a ‘casca morta’ que limita a realização social e individual. É também um processo constitutivo com pressões muito poderosas que são expressas tanto nas formações políticas, econômicas e culturais e, para assumir todo o peso do ‘constitutivo’, são internalizadas e se tornam ‘vontade individuais’. Determinações de todo esse tipo – um complexo e interrelacionado processo de limites e pressões – se localiza em todo o processo social em si e em nenhum outro lugar: não está em um abstraído ‘modo de produção’ nem em uma abstraída ‘psicologia’. Qualquer abstração do determinismo [...] seria, então, uma mistificação dos determinantes específicos e sempre relacionados, que são o processo social real – ativo e consciente –, bem como, por predefinição, uma experiência histórica passiva e objetivada¹⁸².

Com esse viés que Williams se aproximou do conceito de sobre-determinação, o qual julgou adequado para evitar o isolamento de categorias autônomas, ao passo que também enfatizaria a autonomia relativa das diferentes atividades sociais e lançaria luz sob o

¹⁷⁹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 82-83.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 85. “iron laws”

¹⁸¹ ENGELS, Friedrich. “Carta à Bloch” apud WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 85.

¹⁸² Ibidem, p. 87-88. “‘Society’ is then never only the ‘dead husk’ which limits social and individual fulfilment. It is always also a constitutive process with very powerful pressures which are both expressed in political, economic, and cultural formations and, to take the full weight of ‘constitutive’, are internalized and become ‘individual wills’. Determination of this whole kind- a complex and interrelated process of limits and pressures - is in the whole social process itself and nowhere else: not in an abstracted ‘mode of production’ nor in an abstracted ‘psychology’. Any abstraction of determinism [...] is then a mystification of the specific and always related determinants which are the real social process-an active and conscious as Well as, by default, a passive and objectified historical experience”.

entendimento das contradições. Parabenizou Althusser por introduzir sobredeterminação no marxismo, mas criticou o fato de o filósofo francês não ter aplicado esses elementos positivos de interação em sua teoria da ideologia. O perigo reducionista estaria, então, no ato de abstrair a ideia constitutiva do conceito e, por meio disso, reduzi-lo à estrutura (tida então como mero ‘sintoma’), desenvolvida através de relações estruturais internas. Esse movimento de objetificação, assim como no economicismo, poderia levar à subordinação de toda a experiência vivida, desenvolvida por meio da prática. Segundo o galês, uma das razões desse erro, seja no mencionada economicismo ou no estruturalismo, deriva de um equívoco da natureza das forças produtivas¹⁸³.

5.3 *Forças produtivas*

Por debaixo de toda argumentação a respeito da discussão sobre base e superestrutura, sobre a ideia de determinação – defendeu Williams – estaria um conceito decisivo: o de forças produtivas. Mais uma vez, ao se deparar com o que entendia como um empobrecimento da concepção materialista pela tradição subsequente, o autor se voltou para os textos de Marx e recuperou o impulso fundamental do processo histórico humano: as formas variáveis da produção e reprodução material¹⁸⁴.

Ao revisitar esses argumentos, o crítico fez algumas deduções pertinentes:

Em sua análise aprofundada e brilhante da sociedade capitalista, Marx trabalhou com e para além das categorias da economia política burguesa. Sua distinção de trabalho produtivo foi de fato desenvolvido, nessa nota, de Adam Smith. Ela ainda faz sentido (ou pode ser revisada para fazer sentido) naqueles termos burgueses. Produção é, então, trabalho sob matérias primas brutas para produzir mercadorias, que adentram o sistema capitalista de distribuição e troca. Assim, um piano é uma mercadoria; a música não é (ou não era). Neste nível, em uma análise do capitalismo, não há grandes dificuldades até que nós enxergamos que um resultado necessário é a projeção (alienação) de um corpo de atividades que teve que ser isolado como ‘o reino da arte e das ideias’, como ‘estética’, como ‘ideologia’, de modo menos lisonjeiro, como ‘superestrutura’. Nenhuma delas podem ser compreendidas como elas são; como práticas reais, elementos de um processo material e social inteiro; não um reino ou um mundo ou uma superestrutura, mas múltiplas e variáveis práticas produtivas, com condições e intenções específicas. Falhar em ver isso não é somente perder contato com a realidade dessas práticas, como tem ocorrido repetidamente nas formas de análise que derivam dos termos desse materialismo especializado (industrial). É começar o processo difícil de descobrir e descrever as relações entre todas essas práticas, e entre elas e as outras práticas que tinham sido isoladas como ‘produção’, como ‘a base’¹⁸⁵.

¹⁸³ Cf. Ibidem, p. 88-89.

¹⁸⁴ Cf. Ibidem, p. 90-93.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 94. “In his sustained and brilliant analysis of capitalist society, Marx was working both with and beyond the categories of bourgeois political economy. His distinction of ‘productive labour’ was in fact developed, in this note, from Adam Smith. It still makes sense (or can be revised to make sense) in those bourgeois terms.

Entendemos que, no decorrer das definições que Williams apresentou nos primeiros três capítulos do livro, estão contidos alguns dos elementos fundamentais da definição da teoria do materialismo cultural. O que se seguiu foram discussões e refinamentos analíticos que trataram tanto da concepção de cultura como da prática da crítica cultural. Nesse conteúdo estão colocados em termos mais diretos, embora nunca muito claros, a oposição de Williams a alguns outros conceitos e categorias analíticas do marxismo ocidental, que serão discriminados a seguir.

5.4 Mediação

Segundo o galês, as teorias do reflexo foram baseadas em um materialismo mecânico, nos termos anteriormente apresentados. Nesse sentido, um efeito negativo de entender a arte como reflexo da sociedade é que prevalece a ideia física de que um reflexo “simplesmente ocorre”, no qual a luz encontra uma superfície refletiva. Sendo assim,

bem-sucedido em suprimir o trabalho sobre o material e em um sentido final, o processo material e social – que é o fazer-se de qualquer obra de arte. Ao alienar e projetar esse processo material a um “reflexo”, o caráter social e material da atividade artística – daquela obra de arte que é, ao mesmo tempo ‘material’ e ‘imaginativa’ – foi suprimido¹⁸⁶.

Para suprir essa deficiência, o conceito de reflexo foi substituído pelo de mediação. Um conceito concebido com o intuito de enfatizar esse processo como ativo, no qual as realidades sociais são entendidas como “projetadas” ou “disfarçadas” na arte e para recuperá-las é necessário analisar a fundo o processo de mediação e retornar às suas formas originais. Apoiando-se fortemente no conceito de ideologia, muitas análises fizeram um uso simplista de mediação, como por exemplo, sua concepção em termos de “repressão” e “sublimação” da psicanálise, ou de “racionalização”. No entanto, por outro lado, há usos positivos do conceito, como no caso da contribuição da escola de Frankfurt. De acordo com essa concepção, mediação não é mais vista como “disfarce” ou “distorção”, mas sim como parte das relações entre os seres

Production is then work on raw materials to make commodities, which enter the capitalist system of distribution and exchange. Thus a piano is a commodity; music is (or was) not. At this level, in an analysis of capitalism, there is no great difficulty until we see that a necessary result is the projection (alienation) of a whole body of activities which have to be isolated as 'the realm of art and ideas', as 'aesthetics', as 'ideology', or, less flatteringly, as 'the superstructure'. None of these can then be grasped as they are; as real practices, elements of a whole material social process; not a realm or a world or a superstructure, but many and variable productive practices, with specific conditions and intentions. To fail to see this is not only to lose contact with the actuality of these practices, as has repeatedly occurred in forms of analysis derived from the terms of this specialized (industrial) materialism”.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 97. “succeeds in suppressing the actual work on material – in a final sense, the material social process – which is the making of any artwork. By projecting and alienating this material process to ‘reflection’, the social and material character of artistic activity – of that artwork which is at once ‘material’ and ‘imaginative’ – was suppressed”.

e a consciência. Sem ser uma agência separada, mas intrínseca às propriedades dos tipos relacionados. Citando Adorno: “Mediação está no objeto ele mesmo, não em algo entre o objeto e aquilo para o qual é trazido”¹⁸⁷.

Para Williams, não é possível precisar os ganhos na troca de reflexo por mediação. Apesar da ideia de “mediar” algo significar um processo ativo – e por tal, menos alienado – ao invés da mera passividade de um reflexo, na maioria das vezes, seus usos perpetuavam um dualismo básico. Pois: “a arte não reflete a realidade social, a superestrutura não reflete a base, *diretamente*; a cultura é uma mediação da sociedade”, nesse sentido, a metáfora de mediação pressupõe uma ideia de área, ou “ordens da realidade”, separadas e pré-existentes, dentre as quais a mediação ocorreria. Categorias assim só podem existir porque precedem de um entendimento de “realidade” e “falar sobre a realidade” (nomeadamente o processo material social e a linguagem) como categoricamente distintos. O problema seria outro se, desde o começo, a linguagem e a sua significação fossem concebidas como “elementos indissolúveis” do processo ele mesmo, que ao mesmo envolvem a produção e a reprodução¹⁸⁸.

5.5 Correspondência e Homologia

Segundo o crítico, esses dois conceitos surgiram com a escola de Frankfurt e com o estruturalismo marxista. Correspondências, em um primeiro nível, são semelhanças entre práticas aparentemente muito diversas que podem ser expressões ou respostas diretas a um processo social geral. Em outro nível, não seriam semelhanças, mas sim “conexões deslocadas”, cuja relação dependeria de uma análise formal do processo histórico e nas deduções desses deslocamentos ou ausências. Já homologia, além de compreender as ideias de semelhança e analogia, apresenta um senso de formas e estruturas correspondentes, e teve sua origem nas ciências naturais.

Williams defendeu que os diferentes níveis de sofisticação entre correspondência e homologia se relacionam a distinção feita entre reflexo e mediação, porque:

Semelhanças e analogias entre diferentes práticas específicas são, normalmente, relações dentro de um processo, trabalhando, por dentro, de formas particulares para gerais. Conexões deslocadas e a importante ideia de estruturas homólogas dependem menos observação imediata do processo e mais de uma análise histórica e social efetiva e completa, na qual a forma geral se tornou aparente e instâncias específicas dessa forma podem ser descobertas,

¹⁸⁷ ADORNO, Theodor. Thesen zur kunstsoziologie. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, XIX, 1, mar. de 1967 apud WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*, p. 98. “Mediation is in the object itself, not something between the object and that to which it is brought”.

¹⁸⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*, p. 99. “Art does not reflect social reality, the superstructure does not reflect the base, *directly*; culture is a mediation of society” (grifo do autor).

nem tanto em seu conteúdo, mas em formas específicas e autônomas, finalmente relacionadas¹⁸⁹.

De modo geral, a análise homóloga partiria de uma estrutura conhecida da sociedade, ou então de algum movimento histórico, e encontraria exemplos de tal movimento em obras culturais de seu tempo, enfatizando a homologia entre suas formas e estruturas.

O autor argumentou que muitos trabalhos importantes foram feitos a partir de análises desse tipo, e citou o exemplo de Goldmann. No entanto, apontou que existiriam problemas teóricos sérios nesse tipo de abordagem, como por exemplo a “extrema seletividade”, que sugere a predileção por evidências culturais que corroborem a homologia, ou então em uma estruturação excessiva do processo social e histórico para caber em formas pré-concebidas¹⁹⁰. Em seguida, Williams foi assertivo no que diz respeito ao uso dessas teorias:

Nenhuma dessas teorias dualistas, expressas como reflexo ou mediação, e nenhum das teorias formalistas, expressas nas variantes de correspondência ou homologia, podem ser transportadas à prática contemporânea, já que de diferentes modos elas dependem de uma história conhecida, uma estrutura conhecida, produtos conhecidos. Relações analíticas podem ser tratadas dessa forma; relações práticas, dificilmente¹⁹¹.

5.6 Hegemonia

Williams compreendeu que o conceito de hegemonia se apresentava como uma alternativa para abordagens da cultura como relações práticas. Para o autor, a obra de Gramsci representou um dos maiores “pontos de virada” da teoria cultural marxista. Hegemonia englobaria e iria além dos conceitos de cultura e ideologia, pois denominaria:

Todo um corpo de práticas e expectativas, sob o todo do viver: nossos sentidos e atribuições de energia, nossas percepções que moldam as percepções de nós mesmos e do mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivos e constituintes – que quando são experienciados como práticas, aparecem como reciprocamente confirmados¹⁹².

¹⁸⁹ Ibidem, p. 105. “Resemblances and analogies between different specific practices are usually relations within a process, working inwards from particular forms to a general form. Displaced connections, and the important idea of homologous structures, depend less on an immediately observable process than on an effectively completed historical and social structural analysis, in which a general form has become apparent, and specific instances of this form can be discovered, not so much or even at all in content, but in specific and autonomous but finally related forms”

¹⁹⁰ Ibidem, p. 106. “extreme selectivity”.

¹⁹¹ Ibidem, p. 106-107. “None of the dualist theories, expressed as reflection or mediation, and none of the formalist and structuralist theories, expressed in variants of correspondence or homology, can be fully carried through to contemporary practice, since in different ways they all depend on a *known* history, a *known* structure, known *products*. Analytic relations can be handled in this way; practical relations hardly at all” (grifos do autor).

¹⁹² Ibidem, p. 110. “a whole body of practices and expectations, over the whole of living: our senses and assignments of energy, our shaping perceptions of ourselves and our world. It is a lived system of meanings and values - constitutive and constituting - which as they are experienced as practices appear as reciprocally confirming.

Segundo o galês, existiam duas vantagens imediatas no uso desse conceito, em contraposição aos anteriormente discutidos, na prática da teoria cultural. A primeira estaria no fato de que as formas de dominação corresponderiam de maneira mais apropriada aos processos da sociedade atual do que as ideias de classe dominante, que se baseariam em fases históricas anteriores e mais simples. A segunda vantagem se referiria a um modo diferente de ver a atividade cultural, concebida como processo básico e relacionado a uma área mais ampla da realidade, e não em abstrações como “social” e o “econômico”. Desse modo, podendo ser vista pelo que é, sem reducionismos e sem deixar de fazer parte da hegemonia¹⁹³.

No entanto, Williams atentou para o perigo do conceito ser aplicado de modo abstrato e cair em uma tendência totalizante. Não que isso tenha ocorrido no uso feito por Gramsci, mas em aplicações de sua teoria (o autor não citou nomes). Para evitar esse risco, seria necessário entender a hegemonia como um processo. Não se trata, ao menos que de forma analítica, de um sistema ou uma estrutura, mas sim de experiências, relações e atividades complexas com pressões e limites específicos e cambiantes. E mais do que isso, hegemonia nunca poderia ser entendida como uma forma de dominação que existe de maneira passiva, “tem que ser renovada, recriada, defendida e modificada continuamente. É também continuamente resistida, limitada, alterada e desafiada por pressões que não são todas dela mesma”¹⁹⁴.

Seria necessário, então, adicionar os conceitos de contra hegemonia e hegemonia alternativa, pois se trataria de elementos da prática. Williams defendeu, ainda, que se utilizasse os termos “hegemônico”¹⁹⁵ ao invés de “hegemonia”¹⁹⁶, “dominante”¹⁹⁷ ao invés de “dominação”¹⁹⁸. A parte mais interessante, embora também a mais difícil, de uma teoria cultural consiste, de acordo com o crítico, em entender o hegemônico, seja em seus processos ativos, formativos e transformativos¹⁹⁹. Assim,

o processo cultural não deve ser assumido como meramente adaptativo, extensivo e incorporativo. Rompimentos autênticos ocorreram dentro e para além dele, em condições sociais específicas que podem variar – desde extremo isolamento, colapsos pré-revolucionários e em atividades revolucionárias de fato. E estamos mais habilitados a ver isso [...] se desenvolvermos métodos de análise que, ao invés de reduzir obras a produtos finalizados, e atividades a

¹⁹³ Cf. Ibidem, p. 110-111.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 112. “It has continually to be renewed, recreated, defended, and modified. It is also continually resisted, limited, altered, challenged by pressures not all its own”.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 113. “the hegemonic”

¹⁹⁶ Ibidem, loc cit. “Hegemony”.

¹⁹⁷ Ibidem, loc cit. “the dominant”

¹⁹⁸ Ibidem, loc cit. “domination”.

¹⁹⁹ Cf. Ibidem, loc cit.

posições físicas, esses serão capazes de discernir, de boa-fé, a finita, mas significativa abertura de muitas atividades e contribuições reais²⁰⁰.

E para tal, se tornaria essencial entender as obras de arte como formas significantes que tornam possível e requerem respostas significantes.

Nos cadernos de anotações do autor, existem algumas entradas que podem ser entendidas como amostras dos diferentes modos pelos quais Williams foi analisando e buscando compreender o conceito de hegemonia de Gramsci e o modo como poderia ser utilizado na sua proposição de teoria cultural. Em uma anotação para uma aula do curso “Literatura e Marxismo”, escreveu:

Noção de Hegemonia: proposta pelo marxista italiano Gramsci. Dominação política e cultural de uma classe. Deve-se perguntar como as teorias e ideias da arte, ou seja, as atividades culturais, se relacionam com o domínio da classe. *Não base e superestrutura, mas ideias da classe dominante*²⁰¹.

Mais à frente, no mesmo planejamento para a disciplina mencionada, o autor avançou na conceitualização, realizando uma análise crítica:

Gramsci adicionou a teoria da totalidade o conceito de Hegemonia. Amplia a ideia de domínio para além do político e do jurídico do mundo dominante. Não é um simples domínio, mas sim princípio de organização social e cultural para a maior parte das práticas das pessoas em uma sociedade, é o limite do senso comum. As reais, necessárias, concebíveis condições da vida humana²⁰².

A apropriação que Williams fez de Gramsci, seja no modo que apareceu de maneira mais tímida no “Base e superestrutura na teoria cultural marxista” ou pelo tratamento mais aprofundado em *Marxismo e Literatura*, consistiu no ponto central da elaboração do materialismo cultural. E, como afirmou Milner, “finalmente entregou uma resolução que as temáticas culturalista e marxista tinham até agora negado a ele”²⁰³. Davis argumentou que, via Gramsci, muitos teóricos superaram a rigidez teórica de Althusser e legitimaram o interesse na cultura popular e isso permitiu a conclusão de que o foco da luta socialista deveria estar na luta contra a hegemonia dominante, e não somente no poder do estado. A autora salientou ainda

²⁰⁰ Ibidem, p. 114. “cultural process must not be assumed to be merely adaptive, extensive, and incorporative. Authentic breaks within and beyond it, in specific social conditions which can vary from extreme isolation to pre-revolutionary breakdowns and actual revolutionary activity, have often in fact occurred. And we are better able to see this [...] if we develop modes of analysis which instead of reducing works to finished products, and activities to fixed positions, are capable of discerning, in good faith, the finite but significant openness of many actual initiatives and contributions”.

²⁰¹ RBA - WWE/2/1/12/16. “Aula 3” (grifos do autor).

²⁰² RBA - WWE/2/1/12/16. Aula 7: teorias da cultura, 05/03/74.

²⁰³ MILNER, Andrew. **Re-imaging Cultural Studies**, p. 90. “finally delivered that resolution of culturalist and Marxist thematics hitherto denied him”.

que, mesmo que de modo difuso, o trabalho de Williams foi muito importante nesse processo²⁰⁴. Estamos de acordo com essa proposição, conforme buscamos expor nas últimas páginas, a concepção de processos como ativos e intimamente relacionados entre diferentes esferas estava no centro da proposição do galês. E, para tal, o conceito de hegemonia é central, porque propõe que a determinação – fundamental em qualquer teoria marxista – está sempre em movimento, portanto volátil e heterogênea²⁰⁵. Uma interpretação que parece se encaixar perfeitamente com a concepção do papel das práticas culturais que Williams propôs.

6 O marxismo ocidental em *Marxismo e Literatura*: Althusser, Goldmann, Lukács e Gramsci

Quando se trata do livro *Marxismo e Literatura*, outros comentadores já mencionaram sua falta de referências²⁰⁶. De fato, para uma obra teórica tão densa, o número de referências bibliográficas é baixo²⁰⁷, o que nos chama ainda mais a atenção é o fato de Williams discutir muitos conceitos e categorias, tanto do pensamento marxista quando não marxista, e muito raramente apontar para qual autor específico ele está se referindo e, mais raramente ainda, mencionar alguma obra em especial. Eagleton escreveu, em uma carta de abril de 1977 endereçada a Williams, que gostaria que o galês declarasse suas posições de maneira mais clara. Salientou ainda que, segundo ele, havia chegado a hora do autor pagar seu débito para com o marxismo²⁰⁸.

Apesar de concordarmos que a maneira pela qual Williams apresentou seus argumentos no livro não foi das mais diretas, entendemos que a questão se ele estaria em débito ou não com o marxismo parece um pouco fora de lugar. Conforme mencionado no início da parte II dessa dissertação, o autor galês reavaliou sua posição em relação ao marxismo na introdução do livro²⁰⁹. E um artigo publicado por Williams na NLR, chamado “You’re a marxist, aren’t you?”, trouxe mais algumas informações sobre sua relação com o marxismo ao longo das décadas e apresentou qual era a sua posição naquele momento, e fez isso de modo bem mais esclarecedor do que em *Marxismo e Literatura*, lançado no mesmo ano. O crítico relatou que foram necessários mais de trinta anos para se afastar da teoria marxista que teve contato na juventude, citou os nomes de Engels, Caudwell, Fox, Plekhanov e Andrei Jdanov (1896-1948)²¹⁰. Para

²⁰⁴ DAVIS, Madeleine. The Marxism of the British New Left. **Journal of Political Ideologies**, 351-353.

²⁰⁵ Cf., por exemplo, HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 113.

²⁰⁶ Cf., por exemplo, nota n. 20 da parte II dessa dissertação.

²⁰⁷ Total de quatro páginas de bibliografia.

²⁰⁸ Cf. RBA - WWE/2/1/16/13.

²⁰⁹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 5.

²¹⁰ Cf. WILLIAMS, Raymond. “You’re a Marxist, aren’t you?”. In: Idem. **Problems in Materialism and Culture**. London: Verso Books, 1980, p. 246.

ele, 1966 foi marcante, pois foi naquele ano que rompeu com o reformismo do Partido Trabalhista. E foi justamente a partir desse período que teve início um “revival” de Marx que, de acordo com o crítico, traria benefícios significativos a longo prazo²¹¹.

Williams defendeu que, em momentos de crise, seria crucial ter uma afiliação com o marxismo²¹², e quando relacionamos o fato de sua ligação com o marxismo ter se tornado ainda mais forte na década de 1970, e se mantido até a sua morte em 1988, isso diz muito. Suas últimas décadas de vida foram testemunhas de muitas mudanças tanto na política da Grã-Bretanha quanto na dos Estados Unidos, com crescente aumento de influência do neoliberalismo e constantes ataques aos direitos dos trabalhadores²¹³, um cenário que botaria um fim nas esperanças socialistas e progressista da geração do pós-guerra europeu²¹⁴. Com tais fatores em jogo, Williams defendeu uma pauta mais radical, enfatizando que, para ir além da definição básica da sociedade capitalista, seria necessária sua destruição²¹⁵. E mesmo que, durante muito tempo tenha se sentido deslocado do “marxismo principal”, o galês ressaltou que: “se me perguntarem para finalmente definir a minha posição, eu diria isso. Eu acredito na luta econômica necessária da classe trabalhadora organizada. Eu acredito que isso é a atividade mais criativa de nossa sociedade”²¹⁶.

Dito isso, interessa-nos, a partir do escopo delimitado dessa pesquisa, apontar para as referências feitas a alguns autores do marxismo ocidental nessa obra em específico, sejam críticas ou elogios, pois acreditamos que o diálogo com essa tradição intelectual foi fundamental nas formulações teóricas apresentadas na obra. Quando perguntado, na entrevista de *Politics and Letters*, a respeito dos propósitos da obra, o crítico disse que mirava os avanços da crítica idealista no campo dos estudos literários, nomeadamente a influência do estruturalismo crítico.

²¹¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. “You’re a Marxist, aren’t you?”. In: **Resources of Hope**. London: Verso, 1989, p. 71.

²¹² Cf. WILLIAMS, Raymond. “You’re a Marxist, aren’t you?”. In: **Problems in Materialism and Culture**, p. 238.

²¹³ Referimo-nos aqui, especialmente, aos governos de Margareth Thatcher (1925-2013) e Ronald Reagan (1911-2004). Em 1975, Margareth Thatcher já era a líder do Partido Conservador e, quatro anos mais tarde, se tornaria primeira ministra e permaneceria no cargo até 1990. Já Reagan foi eleito presidente em 1981, venceu a reeleição e permaneceu no comando do país até 1989. Medidas neoliberais, que visavam – dentre outras coisas – privatizações e ataques aos trabalhadores e aos mais pobres foram amplamente aplicadas nesse período. Cf. PIERSON, Paul. **Dismantling the welfare state? Reagan, Thatcher, and the politics of retrenchment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

²¹⁴ Cf., por exemplo, HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Especialmente os capítulos que discutem as décadas do pós-guerra e as suas esperanças, “Os anos dourados” (p. 253-281), e também sobre as décadas da crise, que começaram na década de 1970, especificamente após 1973. Cf. “As décadas de crise” (p. 393-420).

²¹⁵ WILLIAMS, Raymond. “You’re a Marxist, aren’t you?”. In: **Resources of Hope**. London: Verso, 1989, p. 72.

²¹⁶ Ibidem, p. 75. “if I am asked finally to define my own position, I would say this, I believe in the necessary economic struggle of the organized working class. I believe that this is still the most creative activity in our society”.

No entanto, sua resposta foi um tanto evasiva e não nomeou quem seriam os exemplos de estruturalismo crítico a quem referia²¹⁷. Nesse sentido, tentaremos a seguir pontuar as situações nas quais os autores marxistas aparecem e em que termos essas críticas se deram.

Começando com Althusser, cabe lembrar o fato já mencionado que, em finais da década de 1960 e início da seguinte, o filósofo francês gozava de notável popularidade entre parte da “segunda geração” da *New Left* britânica²¹⁸. Williams, até onde pudemos apurar, sempre manteve certo distanciamento do estruturalismo. Em *Marxismo e Literatura*, especificamente, o autor apontou, logo na introdução, a importância do francês para a mudança ocorrida em suas análises acerca do marxismo, considerando-o para além das ideias de posições fixas²¹⁹. Na bibliografia da obra são mencionados dois livros de Althusser, um deles é *Por Marx*, de 1965, e o outro é em coautoria com Étienne Balibar (1945 -), *Ler O Capital*, publicado no mesmo ano.

A primeira menção à Althusser já no corpo do texto faz referência seu uso de sobredeterminação²²⁰, em que Williams o criticou por “falhar na aplicação de seus elementos mais positivos em seu trabalho sobre ‘ideologia’”²²¹. A próxima menção apareceu na discussão sobre hegemonia, quando o autor contrapôs o uso desse conceito com o de ideologia. Na sequência, criticou o uso limitado que Althusser fez de ideologia, entendida como um sistema de ideias que poderia, de algum modo, ser abstraído de seu contexto social e representado em sua “forma decisiva”, na qual o *inconsciente* seria ao mesmo tempo expresso e controlado, como “uma estrutura imposta”²²². A contribuição do uso do conceito de hegemonia seria, então, um entendimento da consciência que não excluiria os significados formais, mas que não equipara um ao outro²²³.

Outra crítica ao filósofo francês apareceu quando Williams discutiu os processos hegemônicos nas instituições, em especial no sistema educacional. Justamente por fazer parte do “processo hegemônico”, a educação é, na prática, cheia de contradições e conflitos, por isso, não pode ser reduzida a um mero “aparelho ideológico do estado”²²⁴. No entanto, “tal aparelho existe, embora de modo variado, mas o processo como um todo é muito mais amplo, e em

²¹⁷ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 339-340.

²¹⁸ Cf., por exemplo, CHUN, Li. **The British New Left**, p. 160-161.

²¹⁹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 4.

²²⁰ Cf. nota n. 184 da parte II dessa dissertação.

²²¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 88. “failed to apply its most positive elements to his own work on ‘ideology’”.

²²² Ibidem, p. 109. “Decisive form”. “An imposed structure” (grifo nosso).

²²³ Cf. Ibidem, p. 109-110.

²²⁴ Cf. Ibidem, p. 118. “hegemonic process”. “ideological state apparatus”.

aspectos importantes, autogerador”²²⁵. Sendo assim, se tornaria imprescindível que se pensasse não só nas tradições e nas instituições, mas também nas formações²²⁶.

Uma última menção, dessa vez indireta, à Althusser se encontra na parte III da obra em que se discutiu os problemas na teoria literária. Na seção “autores”, Williams criticou parte da tradição marxista por ter deformado o entendimento do “social”, para equivaler “coletivo”. Já em teorias e abordagens mais modernas, como no estruturalismo marxista, haveria uma tendência teórica: “na qual as relações ativas e recíprocas entre o indivíduo e o social têm sido suprimidas no interesse de um modelo abstrato de estruturas sociais determinadas e seus ‘portadores’”²²⁷.

De modo geral, se analisarmos o tom das críticas feitas ao filósofo francês na obra, é possível perceber que o que é questionado é a perda do dinamismo do materialismo histórico do horizonte teórico. O foco no processo e na dialética é preterido em favor da ênfase na rigidez das estruturas e em certo dogmatismo teórico. Isso não quer dizer que se deva abandonar todos as suas contribuições e seus *insights*, valiosos para pensar as nuances e as pressões diversas das determinações. No entanto, é preciso problematizar os processos formativos dessas determinações e enfatizar seu status sempre cambiante.

No que diz respeito ao tratamento de Goldmann, o tom de Williams é sempre mais elogioso, e isso não se resume somente ao livro *Marxismo e Literatura*. Thompson já havia chamado atenção para isso, em carta para o galês, enfatizando sua impressão de que Williams, no artigo em homenagem a morte do francês de 1971, teria se segurado nas críticas “talvez por respeitar demais Goldmann”²²⁸. Já no livro de 1977, Williams utilizou quatro livros do sociólogo²²⁹ e, assim como Althusser, mencionou Goldmann como uma de suas influências para a incursão na história do pensamento marxista ocidental²³⁰.

O francês foi mencionado novamente quando Williams referenciou a análise de Goldmann do “sujeito transindividual” como uma contribuição interessante para a reflexão das diferentes formas de sociabilidade na criação artística. O sujeito coletivo de Goldmann é diferente do “sujeito absoluto” conforme concepção do Romantismo, e também diferente do “coletivo relativo” de Durkheim, pois enfatizaria que o processo ativo de dois indivíduos na

²²⁵ Ibidem, loc cit. “such apparatus exists, although variably, but the whole process is much wider, and is in some important respects self-generating”.

²²⁶ Ibidem, p. 119.

²²⁷ Ibidem, p. 194. “in which the living and reciprocal relationships of the individual and the social have been suppressed in the interest of an abstract model of determinate social structures and their ‘carriers’”.

²²⁸ RBA - WVE/2/1/16/356 – Carta 8. “maybe because you respect Goldmann too much”.

²²⁹ *The Hidden God* (1955), *The human sciences and philosophy* (1966), *Marxisme et sciences humaines* (1970) e *Towards a sociology of the novel* (1964).

²³⁰ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 4.

criação artística não pode ser reduzido a soma das contribuições singulares. Sua análise constitui, então:

Uma descoberta recíproca do verdadeiramente social no individual, e do verdadeiramente individual no social. No caso significativo da autoria, leva aos sentidos dinâmicos da formação social, do desenvolvimento individual e da criação cultural, que tem que ser vista em um relacionamento radical sem nenhuma presunção categórica ou procedural das prioridades²³¹.

No entanto, o galês ressaltou a suas diferenças em relação a Goldmann. E essas residem na distinção entre a consciência “possível” e a “real”²³². O francês enxergaria grandes escritores como possuidores de consciência da formação social (completa) e a maioria dos escritores reproduz o conteúdo da consciência real (incompleta)²³³. Para Williams, é necessário:

se preocupar com a criação cultural como um todo e não somente com os casos significativos da homologia da formação ou forma (ideal). Na verdade, qualquer procedimento que exclui categoricamente a especificidade de todos os indivíduos e a relevância formativa de todas as relações reais, através de qualquer fórmula de significância atribuída, é no final reducionista²³⁴.

Esse tom reducionista é um aspecto apontado por Williams também em seus cadernos de anotações, ao referir-se ao marxismo de Goldmann como “perigosamente idealista”²³⁵, apesar de elogiar sua proposta de análises das estruturas das instituições e das formas literárias em termos de suas formações, definições e dissoluções²³⁶.

Dentre os marxistas tratados nessa seção da dissertação, Lukács é o que mais apareceu na bibliografia de *Marxismo e Literatura*, com um total de cinco obras referenciadas²³⁷. De acordo com o galês, Lukács contribuiu para “uma profunda reavaliação da ‘estética’”²³⁸, no entanto, apesar dos avanços da distinção da consciência entre “real”, “atribuída” e “possível” ter representado um avanço em relação ao conceito de ideologia, não se sustentam como categorias. O mesmo teria acontecido com sua identificação da ideia de “verdade” com a de

²³¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 197. “a reciprocal discovery of the truly social in the individual, and the truly individual in the social. In the significant case of authorship it leads to dynamic senses of social formation, of individual development, and of cultural creation, which have to be seen as in radical relationship without any categorical or procedural assumption of priorities”.

²³² Formulação originalmente, de Lukács. Cf. **Ibidem**, loc cit.

²³³ **Ibidem**, loc cit. Essa discussão também apareceu de modo similar em seus cadernos de anotações, Cf. RBA - WWE/2/1/12/23.

²³⁴ **Ibidem**, p. 197-198.

²³⁵ Cf. RBA - WWE/2/1/12/15.

²³⁶ Cf. RBA - WWE/2/1/12/16.

²³⁷ *O romance histórico* (1955), *Studies in European Realism* (1950), *The meaning of contemporary realism* (1963), *A teoria do romance* (1962) e *História e consciência de classe* (1923).

²³⁸ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 53. “profound revaluation of ‘the aesthetic’”.

“proletariado” em *História e consciência de classe*, que de acordo com Williams, não convenceu por seu hegelianismo²³⁹.

Ainda no reino das definições estéticas, Williams se mostrou apreensivo com as categorizações de arte de Lukács, que a distinguiu entre “prática” e “mágica”. A prática seria aquela que está contida pelas formas históricas correspondentes, por exemplo, na sociedade capitalista, reificadamente entendida como a “realidade”, a arte deveria, então, ser uma alternativa necessária. Williams pontuou que essa posição seria defensável até certo ponto, mas apresentaria dificuldades se fosse retomada levando em consideração o múltiplo mundo dos processos sociais e culturais, um problema similar àquele enfrentado pelos formalistas, que optaram por isolar o estético em formas fechadas²⁴⁰.

Em meio às suas contribuições e limitações, Lukács foi entendido por Williams como um dos pensadores centrais para se entender o século XX, na esteira de Thomas Mann (1875-1955) e Sartre. Embora afirmou também que por trás do “terreno marxista” estão as raízes kantianas do húngaro, e seu julgamento estético seria recoberto por uma teoria metafísica²⁴¹. E mesmo apresentando suas críticas a aplicabilidade dos conceitos, em maior medida aos de Lukács e, em menor medida, Goldmann, podemos entender que prevaleceu a ideia de que suas contribuições foram genuínos avanços para a teoria social. Tanto que o galês lamentou o fato de que a “sociologia da consciência” de Lukács e Goldmann foi, por meio de apropriação da sociologia burguesa, foi reduzida a sociologia do conhecimento, e dentro da vertente empirista, à sociologia das instituições²⁴².

Em 1971, ao refletir se o trabalho de Lukács e Goldmann poderia ser caracterizado como sendo hegeliano de esquerda ou parte do idealismo burguês de esquerda, Williams enfatizou que “se você não está em uma igreja, não está preocupado com heresias; o único interesse real é a teoria e a prática verdadeira”²⁴³. A esse respeito, Higgins levantou um argumento pertinente:

Existem momentos [na obra de Williams como um todo] em que é difícil decidir se se trata de uma amostra de indiferença justificada ou calculada, arrogância ou ambiguidade auto protetora que está na raiz de sua notória relutância em nomear diretamente os oponentes com quem esteja se engajando ou respondendo. O leitor despreparado é frequentemente deixado no escuro

²³⁹ Ibidem, p. 68.

²⁴⁰ Cf. Ibidem, p. 151-152.

²⁴¹ Cf. RBA - WWE/2/1/12/18.

²⁴² Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 138-139.

²⁴³ WILLIAMS, Raymond. Literature and Sociology: in memory of Lucien Goldmann. **New Left Review**, I/67, may-jun. 1976, p. 11. “If you’re not in a church you’re not worried about heresies; the only real interest is actual theory and practice.”

na identificação desses oponentes e das fontes de suas posições que Williams confronta, de maneira ativa ainda que de modo evasivo²⁴⁴.

Essa proposição é válida, de maneira ainda mais enfática, ao livro *Marxismo e Literatura*, que propõe um desafio ainda maior aos comentadores e estudiosos do tema.

Milner defendeu que a relação de Williams com Lukács e Goldmann se limitaria a uma mera “semelhança de pensamento” e não uma inspiração. Desse modo, seu desenvolvimento teórico teria se dado em isolamento do marxismo continental e isso seria visível nos apontamentos das deficiências desses autores²⁴⁵. No entanto, achamos essa declaração problemática, pois ela não abarca o modo pelo qual Williams entendia a construção do pensamento marxista, isso é, através da reavaliação teórica e da valorização dos avanços, por menores ou, às vezes, contraditórios que pudessem ser. E foi isso que tentamos demonstrar, minimamente, com as discussões realizadas nas páginas anteriores.

É nossa percepção que o tratamento crítico dado a outros nomes do marxismo não foi estendido a Gramsci. Como tentamos mostrar na seção “hegemonia” do texto, Williams salientou as características positivas do conceito e pontuou como ele seria fundamental para uma formulação verdadeiramente materialista da crítica cultural. Dentro da qual as práticas culturais não seriam somente superestruturais, ou considerada como ideologia, dirigindo-se aqui a tradição marxista ortodoxa e ao althusserianismo, mas se encontrariam dentre processos básicos de sua formação e se relacionariam de forma complexa ao social e econômico²⁴⁶. Milner desconfiou da fidelidade de Williams ao material original de Gramsci, e enfatizou que o italiano utilizava sim a distinção entre base e superestrutura, apesar de ressaltar as qualidades “complexas, contraditórias e discordantes” da última, defendia que o “*conjunto* das superestruturas é o reflexo do *conjunto* das relações sociais de produção”²⁴⁷. Mesmo que a afirmação seja interessante, esse tipo de investigação escapa dos objetivos dessa dissertação, no entanto, tal argumentação serve para respaldar uma das facetas de Williams defendidas pelas nossas análises, isso é, que o crítico galês foi um pensador original. Ao fazer uso das referências de autores importantes do campo intelectual marxista de sua época, foi ao mesmo tempo

²⁴⁴ HIGGINS, John. **Raymond Williams**, p. 101. “there are moment when it is difficult to decide whether it is a justified or measured show of indifference, an arrogance or a self-protective evasiveness, which is at the root of his notorious reluctance to name directly the opponents he is either engaging or to whom he is responding. The unprepared reader is often left in the dark as to the identity of these opponents and the sources of the positions which Williams confronts, actively and yet somehow evasively”.

²⁴⁵ Cf. MILNER, Andrew. **Re-imagining cultural studies**, p. 88. “likemindedness”.

²⁴⁶ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 111.

²⁴⁷ GRAMSCI, Antonio. **Selection from the Prison Notebooks**. London: Lawrence and Wishart, 1971, p. 366. “complex, contradictory or discordant”. “*ensemble* of the superstructures is the reflection of the *ensemble* of the social relations of production” (grifos do autor) apud MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**, p. 89.

tradicional e inovador, pois colocou seu próprio toque nas proposições e adequou-as à sua prática intelectual específica.

Contudo, seu uso do conceito de hegemonia foi criticado de maneira enfática por colegas da esquerda. Destacamos aqui as ressalvas feitas por Eagleton, em capítulo de uma coletânea organizada por ele, por ocasião da morte em Williams, publicada em 1989. Nela, Eagleton defendeu que a ideia de hegemonia surgiu por causa da hostilidade do galês à noção de ideologia. Porém, sua substituição teria dois erros:

Por um lado, não há razão para supor que o conceito de ideologia pode ser confinado a um sistema de crenças explícito, e muito da reflexão marxista a respeito dessa noção, na época que Williams estava escrevendo *Marxismo e Literatura*, desafiou essa simplificação especificamente. O fato que Williams continua a oferecer nesse período versões cruas da ideia podem ser por conta de sua hostilidade – às vezes justificada – às formas estruturalista e psicanalítica do marxismo das quais estavam emergindo teorias da ideologia mais intrincadas e de profundo alcance. Mas, em segundo lugar, substituir ideologia por hegemonia implica um tipo de erro de categoria, já que os dois conceitos não são a mesma coisa. Hegemonia, nas mãos de Raymond Williams e de outros, se tornou um tipo de “super – ideologia”, uma explicação consideravelmente mais complexa a persuasiva de como a classe dominante dissemina seus significados e valores do que as teorias da ideologia mecânicas contidas no marxismo vulgar [...] Hegemonia, grosso modo, pode ser diferenciada em suas várias regiões, política, econômica e ideológica. Não é simplesmente uma versão ‘mais profunda’ de ideologia, uma experimental difusão pervasiva de significados, mais profundamente internalizada. É Williams, e não o Marxismo, que parece preso a uma leitura essencialmente idealista das superestruturas²⁴⁸.

Segundo o crítico inglês, hegemonia no entendimento de Williams seria uma versão ontológica de base e superestrutura, pois seria “real”. E se pergunta se o materialismo cultural poderia ser capaz de escapar uma noção puramente “circular” de formação social. Em *Politics and Letters*, quando indagado sobre o assunto, o galês respondeu: “meu objetivo era enfatizar que as práticas culturais são formas da produção material e até que isso seja entendido, é

²⁴⁸ EAGLETON, Terry. “Base and superstructure in Raymond Williams”. In: Idem (org.). **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 170-171. “For one thing, there is no reason to suppose that the concept of ideology can be confined to explicit systems of belief, and much of the Marxist reflection upon the notion, in the very period in which Williams was writing *Marxism and Literature*, specifically challenged any such simplification. That Williams should continue in this period to offer – only to reject – these cruder versions of the idea can perhaps largely be accounted for by his hostility – in some ways very just – to the structuralist and psychoanalytical forms of Marxism from which more intricate, deep-reaching theories of ideology were emerging. But, secondly, to replace ‘ideology’ with ‘hegemony’ entails a kind of category mistake, since the two concepts are not the same. Hegemony, in the hand of Williams and of others, becomes a kind of super-ideology, a considerably richer, more complex and persuasive account of how a ruling class disseminates its meanings and values than the mechanistic theories of ideology contained within vulgar Marxism [...] Hegemony, in short, can be differentiated into its various economic, political and ideological regions. It is not simply a ‘deeper’ version of ideology, a more profoundly internalized, experientially pervasive diffusion of meanings, as Williams would seem to have it. It is Williams, not Marxism, who would seem here constrained by an essentially idealist reading of superstructures”.

impossível pensar sobre elas em suas relações sociais reais”²⁴⁹. É nosso entendimento que, mesmo que possa discutir até que ponto os preconceitos, as indiferenças e arrogâncias de Williams impactaram o modo como ele lidou com a tradição marxista e fez uso de suas categorias analíticas, não se pode deixar de notar o papel fundante que Marx teve nas formulações de *Marxismo e Literatura*. De todos os autores citados, é no alemão que reside o “elemento decisivo” para as transformações em Williams²⁵⁰. Desde sua concepção de “ciência humana”²⁵¹ até a centralidade da proposição do ser determinando a consciência²⁵², o papel do pensamento de Marx é visivelmente sua maior fonte de inspiração, até mesmo maior que Gramsci. E por muitas vezes recuperando o texto original de Marx, buscou desbancar reducionismos e mal-entendidos²⁵³.

7 *Marxismo, literatura e história*

A primeira tarefa de qualquer teoria social é, então, analisar as formas que têm certas inclusões (interpretadas) e certas exclusões (categóricas). Sujeito sempre ao efeito da caracterização residual, o desenvolvimento dessas formas é, no final, uma história social²⁵⁴.

Defendemos aqui que existem duas maneiras de analisar o papel da história em *Marxismo e Literatura*. A primeira diz respeito ao modo como Williams investigou os conceitos, já a segunda se refere a importância que análise histórica ocupa em sua proposta de teoria cultural. E em alguns momentos, é possível ver que as duas se sobrepõem. Em quase todos os capítulos do livro aparecem análises do primeiro tipo, que prezaram por uma exposição dos desenvolvimentos dos conceitos ao longo do tempo, suas diferentes concepções e aplicações. Esse interesse não era novo, desde *Cultura e Sociedade* o autor já demonstrava interesse na análise conceitual. No entanto, é possível notar mudanças substanciais na qualidade das mesmas, principalmente no que diz respeito a profundidade das relações estabelecidas, bem como na pluralidade de referências que, ao contrário do livro lançado quase vinte anos antes, trazia autores de fora da ilha britânica e de diversas áreas do conhecimento. As críticas

²⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters**, p. 353. “My aim was to emphasize that cultural practices are forms of material production, and that until this is understood it is impossible to think about them in their real social relations”.

²⁵⁰ Idem. **Marxism and Literature**, p. 4. “decisive element”.

²⁵¹ Cf. Ibidem, p. 62.

²⁵² Cf. Ibidem, p. 75.

²⁵³ Isso aconteceu também, mesmo que em menor grau, profundidade e intensidade, no livro **Cultura e Sociedade**. Cf., por exemplo, nota n. 141 da parte I dessa dissertação.

²⁵⁴ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 149. “The first task of any social theory is then to analyse the forms which have determined certain (interpreted) inclusions and certain (categorical) exclusions. Subject always to the effect of residual categorization, the development of these forms is in the end a social history”.

conceituais provocaram reações diversas dos críticos, houve quem elogiasse²⁵⁵ e quem criticasse²⁵⁶, contudo, acreditamos se tratar de um recurso analítico essencial na construção do materialismo cultural e um dos aspectos em que a importância da análise histórica aparece com mais força.

Na Parte I de *Marxismo e Literatura*, Williams tratou do conceito de cultura relacionando-o com definições de Vico, Herder e das tradições marxistas e fez comparações pertinentes com as variações e ocasionais aproximações com o conceito de civilização, tudo isso na busca de sua “consciência histórica”²⁵⁷. O capítulo sobre a linguagem é o mais completo nesse sentido, pois apresentou um panorama desde a antiguidade até o século XX para demonstrar diferentes posições em relação ao lugar e papel da linguagem na sociedade. Pudemos traçar algumas das ideias do capítulo em anotações do autor que datam do início da década de 1970, desde como as mudanças sociais afetavam a linguagem²⁵⁸ a afirmações mais diretas, como nessa anotação de aula em janeiro de 1969: “Linguagem – importante - fazer-se e refazer-se histórica”²⁵⁹.

As seções que trataram dos conceitos da crítica literária, como o de literatura na parte I e toda a parte III, são especialmente bastante inovadoras, se levarmos em consideração que Williams estava falando a partir do campo da crítica literária, primordialmente. Retomando as argumentações de Perkins e Sutherland, tratava-se de posições difíceis para um crítico literário, pois questionaram tanto a especialização dos estudos literários quanto o conceito de arte na qual se baseavam²⁶⁰, tudo isso fundamentado no esforço de situar essas práticas em seus tempos e enfatizando seus enraizamentos.

Seus capítulos sobre gênero e forma são testemunhas da abordagem incomum do autor e contêm fortes impulsos historicizantes. Em sua discussão sobre gêneros, Williams mirou sua crítica especificamente a história da teoria dos gêneros, passando por Aristóteles, pela modernidade para então chegar na contemporaneidade. Todavia, segundo o autor, para uma teoria social adequada seria necessário reconhecer dois fatos:

²⁵⁵ Cf. por exemplo, BROWNE, Robert M. *Cross Currents*, summer 1978, p. 248.

²⁵⁶ Cf. por exemplo, KETTLE, Arnold. *Red Letters*, n. 6, 1977, p. 72 e BHATTI, Anil. *Indian Journal of English (Mumbai)*, vol. XVIII, 1978/1979, p. 156. Resenhas consultadas em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

²⁵⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*, p. 11.

²⁵⁸ Por exemplo, ao falar do impacto da ascensão da classe média e da disseminação da educação sob a ideia de *Literacy*. Cf. RBA - WWE/2/1/12/5, item 4.

²⁵⁹ Cf. RBA - WWE/2/1/12/8. Cf. também, anotações de uma palestra na cidade de Zagreb, realizada em maio de 1976, portanto, após a escrita do *Marxismo e Literatura*: “Linguagem é material. A consciência é posse de signos materiais. Linguagem não é o reflexo de um mundo já existente ou a expressão de um ser pré-existente. Linguagem como meio de produção”. “Linguagem tem história, ela é historicamente sistemática”.

²⁶⁰ Cf. PERKINS, Alexander. *The Cambridge Review*, 05 de maio de 1978, p. 150 e SUTHERLAND, John. *New Statesman*, 19 de agosto de 1977, p. 248. Resenhas consultadas em RBA - WWE/2/1/9/2/13.

Primeiro, que existem claras relações sociais e históricas entre formas literárias particulares e as sociedades e períodos eles se originaram ou foram praticados; segundo que existem indubitáveis continuidades das formas literárias no decorrer e para além das sociedades e períodos com os quais tiveram tais relações²⁶¹.

No entanto, o autor ressaltou que, em qualquer teoria histórica, é impossível pensar em termos de formas definitivas desses gêneros.

Se quisermos tentar entender a escrita como uma prática histórica no processo social material, temos que olhar de novo, além da teoria dos gêneros tradicional, para a questão dos determinantes como um todo [...] o que tem que ser finalmente reconhecido é que a postura, especialmente, é uma relação social, dentro de uma forma particular de organização sociocultural, e que os modos da composição formal, na faixa do tradicional ao inovador, são necessariamente formas de uma linguagem social²⁶².

Gênero, então, visto dessa forma:

Não é nem um tipo ideal, nem uma ordem tradicional e tampouco um conjunto de regras técnicas. É na combinação prática e variável e até na fusão do que são, na abstração, diferentes níveis do processo social material que o que conhecemos como gênero se torna um novo tipo de evidência constitutiva²⁶³.

Na discussão sobre forma, pode-se observar a mesma linha de argumentação, na qual Williams enfatizou que forma é simultaneamente relação e produto social, fruto de processos sociais complexos inseridos no tempo. Assim, ao adicionar a dimensão histórica, seria possível estabelecer relações entre a estabilidade das formas, instituições e sistemas sociais. Portanto: “o que está em questão na forma é a ativação de relações específicas, entre homens e homens, e entre homens e coisas”²⁶⁴.

Conforme argumentamos acima, o interesse semântico não era novo para o autor. Com a publicação de *Keywords*, em 1976, ele ofereceu um vocabulário de categorias e conceitos comumente utilizados na análise cultural. Culminação de décadas de trabalho, o livro buscou,

²⁶¹ Ibidem, p. 182-183. “first, that there are clear social and historical relations between particular literary forms and the societies and periods in which they were originated or practised; second, that there are undoubted continuities of literary forms through and beyond the societies and periods to which they have such relations”.

²⁶² Ibidem, p. 184-185. “If we are to attempt to understand writing as historical practice in the social material process, we have to look again, beyond traditional generic theory, at the whole question of determinants [...] what has finally to be recognized is that stance, especially, is a social relationship, given a particular form of socio-cultural organization, and that modes of formal composition, over the range from traditional to innovatory, are necessarily forms of a social language”.

²⁶³ Ibidem, p. 185. “is neither an ideal type nor a traditional order nor a set of technical rules. It is in the practical and variable combination and even fusion of what are, in abstraction, different levels of the social material process that what we have known as genre becomes a new kind of constitutive evidence”.

²⁶⁴ Ibidem, p. 190. “What is at issue in form is the activation of specific relations, between men and men and between men and things”.

através de uma perspectiva multidisciplinar, oferecer uma alternativa aos dicionários “regulares” e, com isso, uma nova proposta. De acordo com o autor:

A ênfase das minhas análises é deliberadamente social e histórica. Nas questões de referência e aplicabilidade, analiticamente subjacentes a qualquer uso específico, é necessário insistir que os problemas mais ativos de significado são sempre incorporados principalmente em relações reais, e que tanto os significados quanto as relações são tipicamente diversificados e variáveis, dentro das estruturas de ordens sociais específicas e dos processos de mudança social e histórica²⁶⁵.

No entanto, não se trataria de um mero reflexo da linguagem no processo histórico e social. “Pelo contrário, um objetivo central desse livro é mostrar que alguns processos sociais e históricos importantes ocorrem dentro da linguagem”²⁶⁶. Sendo assim:

O tipo de semântica da qual essas notas e ensaios fazem parte pertence a uma das tendências dentro da *semântica histórica*: uma tendência que pode ser definida de maneira mais precisa quando é adicionado que a ênfase não está somente nas origens e desenvolvimentos históricos, mas também no presente – significados, implicações e relacionamentos do presente – como história²⁶⁷.

Quentin Skinner (1940 -) escreveu uma resenha bastante crítica de *Keywords*. Nela, descreveu o que acreditava ser a principal limitação do texto de Williams, seu reducionismo. Segundo Skinner, o livro teria contido um entendimento da linguagem e dos conceitos como meros “espelhos” das mudanças históricas da sociedade, faltava-lhe também uma metodologia que conectasse o vocabulário social e o conhecimento do mundo social²⁶⁸. O historiador se questionou: “Estamos agora em posição de dizer algo sobre a natureza do papel desempenhado pelo nosso estimado vocabulário no processo (e, portanto, na explicação) da mudança social?”²⁶⁹.

²⁶⁵ WILLIAMS, Raymond. **Keywords**: a vocabulary of culture and society. New York: Oxford University Press, 1976, p. 21-22. “The emphasis of my own analyses is deliberately social and historical. In the matters of reference and applicability, which analytically underlie any particular use, it is necessary to insist that the most active problems of meaning are always primarily embedded in actual relationships, and that both the meanings and the relationships are typically diverse and variable, within the structures of particular social orders and the processes of social and historical change”.

²⁶⁶ Ibidem, loc cit. “On the contrary, it is a central aim of this book to show that some important social and historical processes occur within language”.

²⁶⁷ Ibidem, p. 23. “The kind of semantics to which these notes and essays belong is one of the tendencies within *historical semantics*: a tendency that can be more precisely defined when it is added that the emphasis is not only on historical origins and developments but also on the present - present meanings, implications and relationships - as history” (grifos do autor).

²⁶⁸ Cf. SKINNER, Quentin. The Idea of a Cultural Lexicon. **Essays in Criticism**, v. XXIX, n. 3, July 1979, p. 220-221. “mirror”.

²⁶⁹ Ibidem, p. 220. “are we now in a position to say anything about the nature of the role played by our appraisive vocabulary in the process (and hence in the explanation) of social change?”

Williams certamente responderia que sim, e mesmo que em *Keywords* não tivesse ficado claro o tipo de metodologia que o autor estava aplicando ao analisar esse conjunto de conceitos, tanto no artigo “Base e superestrutura na teoria cultural marxista” quanto em *Marxismo e Literatura* é possível encontrar as respostas para essa pergunta. A questão central está justamente na compreensão dos processos sociais e materiais ativos e dialéticos, e não em áreas abstratas divididas. É interessante ver como Williams botou isso em “prática” em *Marxismo e Literatura*, ao final de cada capítulo há uma pequena discussão que relacionava um conceito ao outro, e de modo geral, a relação entre os conceitos e a teoria do materialismo cultural como uma proposta de entendimento do funcionamento do mundo social.

Nesse sentido, é possível argumentar como, mesmo partindo dos estudos semânticos, Williams desenvolveu uma abordagem inovadora que buscou abandonar práticas superespecializadas em favor de uma visão de conjunto de práticas materiais e sociais ativas. Por isso é possível atestar que sua perspectiva, embora fortemente influenciada, não se apoiava tão somente nas análises formais dos conceitos²⁷⁰ e tampouco em uma compreensão mecânica da relação entre texto e contexto. Trata-se de uma amálgama das duas que leva em consideração tanto o formal quanto o contextual. Porém, é possível argumentar que, mesmo que seja impossível não notar que Williams estava se movendo, mudando e experimentando, o aspecto contextual da obra ainda deixou muito a desejar.

Defendemos que a abordagem da história das ideias ainda teve seu lugar em *Marxismo e Literatura*. Embora tenha sido dado o devido valor a uma profunda análise histórica para compor o “quadro” de uma crítica verdadeiramente materialista, na prática, o que as análises conceituais apresentaram, de fato, foi a ampliação e o aprofundamento de um trabalho do campo da história das ideias. História das ideias defendida aqui como uma disciplina que trata de conceitos em ampla escala, analisa o modo como tais aparecem e se transformam no decorrer do tempo, e organiza a narrativa histórica em torno disso²⁷¹.

Conforme mencionado na discussão acerca de *Cultura e Sociedade*, retomamos o conteúdo da entrevista concedida por Williams à Sarlo publicada em 1979. Sarlo afirmou que

²⁷⁰ Um exemplo seria a abordagem da semântica histórica mais comumente praticada, conforme apresentada nas obras fundamentais de Stephen Ullman (1914-1976). Cf. ULLMAN, Stephen. **Principles of Semantics**. Oxford: Blackwell, 1957 e Idem. **Semântica: Uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

²⁷¹ Cf. GORDON, Peter E. What is intellectual history? A frankly partisan introduction to a frequently misunderstood field. Artigo apresentado em **Future of the History of Ideas Workshop**, Universidade de Sidney, 12 de agosto de 2014, p. 1. Cabe mencionar também que em palavras-chave, obra que entendemos como importante na trajetória intelectual de Williams e que mantém certas similaridades com *Marxismo e Literatura*, a obra *Essays in the history of ideias* de Lovejoy consta na bibliografia fundamental, além de referência a um artigo do *Journal of the History of Ideas*, de autoria de Arthur Bestor (1908-1984), de título “The Evolution of the Socialist Vocabulary”, Cf. **Keywords**, p. 339-340.

o galês era, de fato, um historiador das ideias e das formas das ideias, já que era constante em seu trabalho tratar do significado dos conceitos a partir de um ponto de vista histórico. A crítica argentina então perguntou se Williams se considerava um historicista. O galês respondeu: “a resposta mais simples é sim [...] do meu ponto de vista, é quase impossível a compreensão de áreas chave como cultura ou literatura sem uma consciência histórica de seus significados” ²⁷². Contou também que foi descobrindo isso no curso de suas investigações e que, “Embora a literatura pareça ser uma atividade humana permanente ao longo dos séculos, ela é definida em sua história e, nesse sentido, quem a estuda deve ser um historicista” ²⁷³.

Tendo em vista essas declarações, tornam-se relevantes as referências ao filósofo alemão Wilhem Dilthey (1833-1911) e sua obra *Introduction to Cultural Sciences*, que se encontram justamente nas anotações para as aulas *Literature and Marxism*, que mais tarde foram fundamentais para as formulações de *Marxismo e Literatura* ²⁷⁴. No entanto, por mais que seja importante apontar todas as possibilidades de engajamento teórico de Williams e seus diferentes posicionamentos, entendemos ser fundamental reforçar que, de acordo com nossa perspectiva, não é possível defender que o autor pode ser denominado como pertencente unicamente, e de maneira homogênea, a uma vertente do historicismo ou da história das ideias em *Marxismo e Literatura*.

Na obra existe uma pluralidade de abordagens e ênfases que, ao final buscam apresentar a teoria do materialismo cultural, que se encontra justamente entre a crítica ao marxismo ortodoxo e com suas leis e estruturas reducionistas – e a tradição cultural elitista e seu entendimento da cultura como algo sublime e guiada por uma “minoridade iluminada”. Ao propor uma teoria cultural fortemente ancorada no conceito de hegemonia, tentando dar conta da complexidade e dinamismo dos processos sociais por meio das categorias de dominante, residual e emergente, Williams enfatizou a importância do conceito de estruturas de sentimento.

Termo esse que já foi anteriormente trabalhado em *Cultura e Sociedade*, e que retornou em *Marxismo e Literatura*, estruturas de sentimento foi retrabalhado e pautado fortemente nas categorias apontadas acima. Ao tentar dar conta de análises das mudanças da experiência social, Williams seguiu afirmando sua preferência por esse termo ao invés de “visão de mundo” ou “ideologia”, ao encontro do que argumentou anteriormente no livro dos anos cinquenta.

²⁷² WILLIAMS, Raymond. In: “Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedade”, **Punto de Vista**, ano 2, número 6, julho de 1979, p. 10. “la respuesta mas simples es si [...] Desde mi punto de vista, es casi imposible la comprensión de áreas claves como cultura o literatura careciendo de una conciencia histórica de sus significados”.

²⁷³ Ibidem, p. 11. “aunque la literatura parece ser una actividad humana permanente a través de los siglos, se define en su historia y, en este sentido, quien la estudie deberá ser un historicista”.

²⁷⁴ Cf. RBA - WWE/2/1/12/23, total de duas referências. No entanto, Dilthey não consta na bibliografia do livro.

Interessa-nos essa avaliação, pois nela reside um entendimento mais dinâmico das relações sociais, que resiste aos avanços tanto do empirismo quanto do idealismo, e nos apresenta uma compreensão dialética das práticas culturais e suas relações com o mundo social. Sendo assim, a história desempenha um papel muito importante, pois *é nela e com ela* que os processos se desenrolam.

Não é apenas que devemos ir além das crenças sistemáticas ou formalmente mantidas, embora, é claro, devemos sempre as incluir. É que nós estamos preocupados com os significados e valores, como eles são ativamente vividos e sentidos, as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são na prática variáveis (incluindo historicamente variáveis), desde um assentimento formal com a dissidência particular e, a mais nuançada, interação entre crenças selecionadas e interpretadas e experiências postas em prática e justificadas²⁷⁵.

²⁷⁵ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 132. “It is not only that we must go beyond formally held and systematic beliefs, though of course we have always to include them. It is that we are concerned with meanings and values as they are actively lived and felt, and the relations between these and formal or systematic beliefs are in practice variable (including *historically variable*), over a range from formal assent with private dissent to the more nuanced interaction between selected and interpreted beliefs and acted and justified experiences” (grifos nossos).

Conclusão

Dar conta da trajetória intelectual do “teórico mais eminente na Grã-Bretanha do pós-guerra”¹ é uma tarefa desafiadora. Feitos os recortes e as delimitações necessárias para uma pesquisa à nível de mestrado, torna-se um trabalho recompensador. Tratar de dois momentos significativos da jornada de Raymond Williams significou, ao mesmo tempo, um mergulho nas suas especificidades e o reconhecimento de diversos aspectos mais gerais do pensamento radical da segunda metade do século XX. Dividimos a dissertação em duas partes, ao invés dos tradicionais capítulos, pois entendemos que desse modo é possível equilibrar melhor os conteúdos das análises diacrônicas e sincrônicas que circundaram as publicações de *Cultura e Sociedade* e *Marxismo e Literatura*.

Na parte I, começando com as impressões das resenhas da obra logo após a sua publicação, enfatizamos sua recepção plural e, muitas vezes, contraditória. De “revival” da esquerda e grande contribuição à crítica cultural para mais um exemplar da retórica conservadora, minimizadora dos conflitos e limitada em seu aprofundamento teórico. Ao apontar as potencialidades e as limitações da obra, retomamos o conteúdo de *Cultura e Sociedade*, buscando tanto na bibliografia quanto na documentação arquivística os elementos necessários para uma abordagem dialética da proposta de seu autor. Nesse sentido, argumentamos sobre a importância de sua formação na Universidade de Cambridge e o modo como isso aparece em suas ambivalências em relação aos *English Studies*, e especialmente à figura de F. R. Leavis. Para tanto, recuamos no tempo e mergulhamos no contexto de surgimento e ampliação da proposta de crítica literária que surgiu na Inglaterra do período entreguerras, enfatizando as especificidades do tipo de crítica que surgiu naquela universidade em particular e algumas das suas metodologias, como o “close reading” e a “crítica prática”.

Mais adiante, tratamos do modo como os anos de atuação na educação de adultos na WEA forneceram informações importantes a respeito das argumentações que permearam as páginas de *Cultura e Sociedade*. Por meio da documentação profissional de Williams que se encontra no arquivo da *Weston Library*, foi possível consultar o conteúdo programático de algumas disciplinas ministradas por ele e, assim, verificar suas referências bibliográficas e fazer análises comparativas com os temas e obras referenciadas no livro. No que diz respeito às correspondências do período em questão, encontramos referências que o autor fez uso de

¹ EAGLETON, Terry. **The idea of culture**. Oxford: Blackwell, 2000, p. 36. “most eminent theorist in post-War Britain”.

indicações de seus contatos tanto para conseguir a sua vaga na WEA quanto para articular possíveis publicações. Assim, buscamos problematizar a afirmação posterior de Williams de que os anos que passou na educação de adultos foram de completa solidão intelectual.

Considerando esses aspectos na análise de *Cultura e Sociedade*, foi possível, então, mapear as ditas ambivalências presentes na construção do argumento de seu autor. Apontamos para o modo como Williams criticou veementemente os rumos conservadores e elitistas que a crítica vinha tomando, com seu desprezo da cultura de massas e a defesa da existência de uma “minoría iluminada”, protetora da “verdadeira” cultura. Por outro lado, discutimos aspectos levantados pela bibliografia que criticou o livro, como seu recorte geográfico restrito, precária contextualização dos autores, a superficialidade da discussão conceitual. Facetas que demonstram a remanescência de práticas da crítica literária inglesa daquele período, como o nacionalismo, o “close reading” e seu foco no texto em si e a despolitização².

No que diz respeito ao tratamento da tradição marxista, recuperamos as posições críticas de Williams, que, ao fim e ao cabo, parecem-nos um tanto quanto conflitantes. O autor argumentou que a tradição marxista não oferecia uma teoria da cultura satisfatória, pois relegaria a cultura a um mero reflexo superestrutural da base econômica determinante. No percurso, propôs um retorno aos textos de Marx e Engels, a partir dos quais concluiu que o uso da analogia base/superestrutura seria parte de um processo de reducionismo economicista e que o materialismo proposto pelos precursores alemães era muito mais sofisticado do que a sua aplicação por nomes como Georgi Plekhanov, Ralph Fox, Alick West e R. E. Warner, por exemplo. No entanto, Williams retratou parte de sua própria hipótese ao afirmar que, no final das contas, Marx teria de fato diminuído a importância das artes e a razão disse estaria na ideia de determinação. Assim:

a dificuldade reside nos termos da formulação original de Marx: se você aceitar ‘estrutura’ e ‘superestrutura’, não nos termos de uma analogia sugestiva, mas como descrições da realidade, os erros se seguem naturalmente. Até mesmo se os termos são vistos como aqueles de uma analogia, eles precisam, como eu tentei sugerir, de uma emenda³.

² Cf., por exemplo, HALL, Stuart. “Politics and Letters”. In: EAGLETON, T. (org.) **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 57-59 e SHASHIDHAR, R. Culture and Society: an introduction to Raymond Williams. **Social Scientist**, vol. 25, n. 5/6, 1997, p. 33-53.

³ WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society: 1780-1950**. London: Vintage, 2017, p. 369. “The difficulty lies in the terms of Marx’s original formulation: if one accepts ‘structure’ and ‘superstructure’, not as the terms of a suggestive analogy, but as descriptions of reality, the errors naturally follow. Even if the terms are seen as those of an analogy, they need, as I have tried to suggest, amendment”.

Ao encontro da afirmação de Andrew Milner, defendemos que em *Cultura e Sociedade* “a retórica é digna de Eliot, a substância, de Marx”⁴. Ou seja, existe uma retórica conservadora na proposta de crítica cultural presente na obra, mas isso não significa que ela não protagonizou um passo importante na ressignificação dessa própria crítica. Em suas páginas aparecem pontos importantes de discordância entre o autor e a tradição na qual foi formado. É notório, também, o fato de que Williams decidiu procurar por alternativas começando com um olhar crítico à tradição marxista. Ao questionar a legitimidade de tais posturas reacionárias, Williams contribuiu significativamente a um movimento que já estava então dando seus primeiros passos, uma nova força intelectual que impactaria sobremaneira o Reino Unido. A *New Left* e os Estudos Culturais britânicos são parte fundamental dos desdobramentos desse momento de efervescência, e o materialismo histórico enquanto entendimento de mundo nos parece central para sua análise.

Na parte II, repetimos o processo com a apresentação dos temas mais recorrentes nas resenhas do livro *Marxismo e Literatura*, então focando, principalmente, naquelas que foram acessadas no *Richard Burton Archives*. Algumas das questões levantadas foram retomadas ao longo do texto, tais como o fôlego argumentativo e a densidade teórica da obra, bem como sua linguagem hermética e a ausência de referências nas argumentações, por exemplo. Nessa seção do texto repetimos o esforço de combinar a análise teórica e biográfica, passamos pelas relações de Williams com a *New Left* e suas experiências na volta à Cambridge como professor, apontando, no percurso suas publicações, diversos envolvimento com entidades políticas, intelectuais e com movimentos sociais. Devido à importância que a *New Left* teve na trajetória do autor, traçamos aspectos relevantes de suas origens como um movimento intelectual, bem como o modo como se deu a articulação da formação do periódico *New Left Review*. Levando-se em conta o que foi apresentado, entendemos que Williams teve um papel central nessa complexa formação intelectual, muitas vezes fazendo o papel de intermediador entre as partes – por vezes – conflitantes, e um dos grandes pioneiros nas novas abordagens e metodologias que influenciaram seus membros mais diversos. Por tal, a costumeira ruptura entre “velha” e “nova” *New Left*, defendida por grande parte dos comentadores, parece-nos insuficiente para compreensão desse movimento tão diverso e complexo, ainda mais quando se toma a trajetória do crítico galês como fio condutor da análise⁵.

⁴ MILNER, Andrew. **Re-thinking Cultural Studies**, p. 57. “The rhetoric is worthy of Eliot, the substance of Marx”.

⁵ Cf. DAVIS, Madeleine. The Marxism of the British New Left. **Journal of Political Ideologies**, n. 11, v. 3, out. 2006, p. 339-340.

Conforme apontado na conclusão da parte I, na contramão do que argumentam muitos dos estudiosos do tema, defendemos que houve mudanças significativas nas posturas teórico-metodológicas de Williams desde *Cultura e Sociedade* até *Marxismo e Literatura*. Longe de advogarmos pela ideia althusseriana de ruptura epistemológica, optamos por uma abordagem que leva em consideração tanto os interesses e preocupações de pesquisa do autor quanto as transformações no contexto intelectual e histórico que ocorreram nos quase vinte anos que separam as duas publicações. Tendo isso em vista, é necessário enfatizar que sua relação com a tradição marxista teve um lugar privilegiado, e para tal contribuíram diversos fatores, como as traduções de importantes textos para o inglês e, também, as novas possibilidades que a prática docente em Cambridge possibilitaram a Williams. Nesse sentido, o acesso aos conteúdos programáticos de algumas disciplinas ministradas por ele – bem como anotações de palestras no estrangeiro – foi significativo, pois atestou o alargamento temático e diversidade internacional de referências, além de evidenciar inéditas abordagens multidisciplinares.

Todas essas argumentações foram consideradas quando tratamos da discussão teórica propriamente dita dos desenvolvimentos do materialismo cultural. Ao tratar tanto do artigo “Base e superestrutura na teoria cultural marxista” quanto da obra *Marxismo e Literatura*, analisamos o modo pelo qual Williams destrinchou sua proposta teórico-metodológica. É nosso entendimento que, no artigo de 1973, o autor tratou de pontuar o que ele entendia como as limitações da analogia da base e superestrutura no pensamento marxista, seu caráter determinista e reducionista. No entanto, entendemos que o crítico não defendeu o abandono completo da ideia, mas sim uma reavaliação do que se entendia tanto por base quanto por superestrutura. Ao fazer isso, propôs que se retomasse a ideia de Marx que para ele era fundamental: de que o ser social é quem determina a consciência. Desse modo, entendemos que o crítico delineou um dos aspectos centrais de sua teoria: o entendimento da determinação não como uma força abstrata e absoluta, existente fora dos processos sociais e da história, mas sim como estabelecimento de limites e pressões.

Salientamos que, para o compreender as facetas da determinação, Williams defendeu o uso de dois conceitos marxistas que em seu entendimento eram complementares: totalidade, conforme concepção de Georg Lukács, e hegemonia, de autoria de Antonio Gramsci. Além disso, o crítico apresentou conceitos criados por ele que auxiliariam a compreender as metamorfoses plurais das práticas hegemônicas, são eles dominante, residual e emergente. Buscando apreender as nuances de tais processos, os conceitos serviriam, principalmente, para compreender as relações entre as práticas culturais e as outras áreas de atuação social, sem que

houvesse a imposição de separações abstratas ou de esferas separadas, ou de uma preponderância determinada *a priori* de qualquer uma das forças envolvidas.

Quando tratamos de *Marxismo e Literatura*, mostramos como a discussão esboçada no artigo anterior foi, então, aprofundada. De modo similar ao que foi apresentado em *Cultura e Sociedade*, Williams retornou à Marx para buscar os sentidos originais da ideologia. No entanto, a diferença do livro dos anos setenta reside na profundidade das discussões teóricas, começando por um volume maior de referências a textos tanto de Marx quanto de Engels e passando por argumentações da tradição marxista posterior, como Georgi Plekhanov e Valentin Voloshinov. Seguindo obra adentro, argumentamos que Williams mostrou seu amadurecimento intelectual tanto no repertório utilizado quanto na pertinência das críticas apresentadas por ele, evidenciado capítulo a capítulo. Isso nos parece mais palpável nas partes II e III do livro, seja nas discussões dos conceitos marxistas ou da crítica literária em especial.

Nas seções em que discutiu os conceitos da tradição marxista, Williams demonstrou considerável conhecimento sobre a “história da história” do marxismo. Nelas, realçou o que julgava importante e apontou os seus limites, ao passo que delineava o que considerava crucial para um entendimento verdadeiramente materialista das práticas culturais. Mesmo que, às vezes, de forma nebulosa e sem referências diretas às obras que se dirigia, o autor navegou por mares conceituais densos, sem, entanto, fazer críticas vazias e desmerecer a fortuna crítica dos pensadores citados. Nesse sentido, entendemos que Williams fez uma análise contundente dos usos possíveis de conceitos e categorias analíticas de diversos autores, sem deixar de ressaltar as contribuições feitas em seus contextos de surgimento. Mostrando, desse modo, sensibilidade histórica e generosidade intelectual. Foi ao longo dessas partes do texto que o autor foi destrinchando argumentos que foram somente mencionados no artigo de 1973. Um exemplo reside no caso de hegemonia, que ganhou um capítulo mais abrangente e aprofundado, uma explicação de como Williams entendia o uso do conceito na teoria cultural. Somado aos conceitos de dominante, residual e emergente, ia ganhando forma uma teoria da cultura como “como um processo produtivo (social e material) e de práticas específicas”⁶, práticas essas que foram passando pelo escrutínio do autor a cada capítulo.

Destacamos o tratamento dado a alguns pensadores da tradição do marxismo ocidental, tais como Louis Althusser, Lucien Goldmann, Georg Lukács e Antonio Gramsci, nossas argumentações se basearam tanto no livro em si quanto em seus cadernos de anotações. De forma geral, notamos que Williams foi mais duro nas críticas a Althusser. O conteúdo principal

⁶ WILLIAMS, Raymond. Notes on Marxism in Britain since 1945. **New Left Review**, I/100, Nov. – Dez., 1976, p. 88. “a theory of culture as a (social and material) productive process and specific practices”.

das críticas dizia respeito aos aspectos ahistóricos e concepções excessivamente abstratas das estruturas no pensamento de Althusser, o que evidenciaria seu caráter idealista e dogmático — o que deixaria pouco espaço para que se refletisse a respeito do funcionamento de formações sociais tão complexas. No que diz respeito à Goldmann, Williams aparentou ser mais favorável e mesmo as críticas possuíam um tom mais apreciativo. Apontamos para a avaliação positiva que o galês fez do conceito de “sujeito transindividual” de Goldmann, contribuição significativa para pensar as relações sociais na criação artística. Discutimos também as críticas direcionadas ao perigo da idealização no pensamento do sociólogo francês, que às vezes poderia recair em divisões abstratas entre estágios de consciências e esferas da atividade artística.

Já Lúkacs é um dos autores mais referenciados na obra e conta com substanciais menções nos cadernos de anotações. Williams defendeu que a obra do húngaro representou uma “profunda reavaliação da ‘estética’”⁷, além de enfatizar que sua categorização da consciência em “real,” “atribuída” e “possível” possibilitou avanços em relação ao conceito de ideologia. No entanto, o crítico também denunciou o Lúkacs por ter em suas proposições fortes resquícios kantianos e hegelianos, especialmente na ideia de “arte” como uma alternativa necessária à “realidade”. Mesmo assim, argumentamos em favor de um saldo positivo na apreciação das ideias do húngaro por parte de Williams, já que prevaleceu a ideia de que, apesar das limitações, o filósofo teria protagonizado genuínos avanços na teoria social.

Quando se trata de Gramsci, acreditamos que o tratamento de Williams adquiriu tons mais elogiosos. Isso teria ficado claro já que, de acordo com o autor, Gramsci teria formulado a “verdadeira crítica cultural materialista”, por meio do conceito de hegemonia. Buscamos trazer vozes dissonantes ao que pode ser entendido como um uso acrítico de Gramsci por Williams⁸, no entanto, concordamos com o papel significativo que hegemonia ocupou na concepção do materialismo cultural, mesmo que aceitemos as particularidades da utilização desse conceito feita pelo galês.

Ao traçar o breve panorama das relações de Williams com nomes destacados do marxismo ocidental, é nossa percepção que a maior e mais forte influência no texto é a do próprio Marx. Nas palavras de Williams, no alemão residiria o “elemento decisivo”⁹. Por tal, entendemos que é no tratamento dos textos de Marx que se encontra um dos argumentos mais fortes a favor da hipótese de que ocorreram transformações substanciais no pensamento de

⁷ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 53. “profound revaluation of ‘the aesthetic’”.

⁸ Cf. EAGLETON, Terry. “Base and superstructure in Raymond Williams”. In: Idem (org.). **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 170-171 e MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**, p. 88-89.

⁹ WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 4. “decisive element”.

Williams ao longo das décadas. Nomeadamente na das posições presentes na seção sobre “marxismo e cultura”, em *Cultura e Sociedade*, e as posições apresentadas em *Marxismo e Literatura* de modo geral.

No livro de 1958, mesmo após ressaltar os perigos das diversas leituras reducionistas e tendenciosas que se fez dos textos de Marx, Williams defendeu que o pensador alemão teria diminuído, de fato, a importância das artes¹⁰. Já em 1977, essa argumentação não foi retomada, e há um maior número de obras de Marx referenciadas e citações de definições conceituais em diferentes obras. Desse modo, buscou apresentar uma interpretação mais aprofundada de suas posições e, acima de tudo, uma defesa do dinamismo do materialismo histórico original face ao reducionismo e ao determinismo econômico de parte da tradição subsequente.

Marxismo e Literatura, em nossa leitura, é uma obra que buscou apresentar as proposições de Williams a respeito de uma teoria geral da cultura, em termos de uma profundidade teórica até então inéditas em sua trajetória intelectual. O autor assim o fez por intermédio da análise crítica de leituras do marxismo que ele julgava como vulgares e mecanicistas, bem como tratou de se distanciar da prática literária burguesa. Assim, recuperamos a definição de Williams de materialismo cultural que consta na introdução do livro: “uma teoria das especificidades da produção material cultural e literária *dentro* do materialismo histórico”¹¹, pois entendemos que ela representou uma nova direção na trajetória do autor e marcou uma posição que se distanciou consideravelmente das ambivalências presentes nas páginas de *Cultura e Sociedade*. No mesmo ano da publicação de *Marxismo e Literatura*, 1977, Williams deixou claro o seu posicionamento, que diferentemente de outras figuras da *New Left*, apresentou um aumento gradual na aproximação tanto com o marxismo quanto com o radicalismo político ao longo dos anos:

Eu acredito que o sistema de significados e valores que a sociedade capitalista gerou tem que ser derrotado, de modo geral e em detalhe, pelos mais sustentáveis tipos de trabalho educacionais e intelectuais [...] A tarefa de um movimento socialista bem-sucedido será envolta tanto de sentimento e imaginação quanto de fatos e organização. Mas não imaginação ou sentimento em seus sentidos mais fracos – “imaginando o futuro” (que é uma perda de tempo) ou “o lado emocional das coisas”. Pelo contrário, nós temos que aprender e ensinar uns aos outros as conexões entre uma formação política e econômica, uma formação cultural e educacional, e, talvez o mais difícil de todos, entre as formações de sentimento e de relacionamentos que são nossos recursos imediatos em qualquer luta. O marxismo contemporâneo, estendendo seu escopo a essa área, *aprendendo de novo* os reais significados da totalidade,

¹⁰ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society**, p. 359.

¹¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**, p. 5. “a theory of the specificities of material cultural and literary production *within* historical materialism” (grifo nosso).

é, então, um movimento do qual eu me encontro pertencendo e do qual eu estou contente em pertencer¹².

Levando isso em consideração, é importante pontuar que, mesmo que os dias em que a *New Left* se apresentava como uma força política promissora tenham ficado para trás, seu legado segue vivo e a obra de Williams é forte testemunha disso. Através de sua abordagem não dogmática do marxismo, foi possível reavaliar conceitos e repensá-los em novos contextos, fazendo com que fosse possível acompanhar de perto as constantes transformações da sociedade contemporânea, especialmente após 1970. O materialismo cultural, especificamente, tem muito a oferecer para o entendimento da cultura de massas em suas configurações mais atuais, sem cair no relativismo ou no puro determinismo. Portanto, os Estudos Culturais e os novos movimentos sociais que fizerem uso desse aporte teórico parecem promissores, pois: “além dos significados estabelecidos, o materialismo cultural busca ver no presente as sementes de futuro, de novos significados e novos valores que podem anunciar uma nova ordem social. Nesse sentido, é um dos recursos para o que Williams chama de “uma jornada de esperança”¹³.

Um dos focos de nossa análise residiu na maneira pela qual a análise histórica foi mobilizada por Williams na composição de suas teorias culturais nos dois livros analisados. Defendemos que em *Cultura e Sociedade* é possível apontar que o crítico praticou um tipo de história das ideias, nos moldes daquela professada por Arthur Lovejoy e suas ideias-unidade¹⁴. Logo na introdução da obra, o galês afirmou que iria delinear as transformações de cinco palavras chave: indústria, democracia, classe, arte e cultura. No entanto, o foco principal residiu na última delas e Williams buscou traçar as mudanças dos seus significados ao longo de quase dois séculos, em textos de romancistas britânicos. Argumentamos que, ao encontro das formulações de Victor Kiernan e Terry Eagleton, as contextualizações apresentadas são fracas e rasas, seu foco excessivo nos textos em si falhou em estabelecer conexões entre seus autores e as transformações históricas, bem como fracassou em apresentar as dinâmicas entre as

¹² WILLIAMS, Raymond. “‘You’re a Marxist, aren’t you?’”. In: **Resources of Hope**. London: Verso, 1989, p.76. “I believe that the system of meanings and values which a capitalist society has generated has to be defeated in general and in detail by the most sustained kinds of intellectual and educational work [...] the task of a successful socialist movement will be one of feeling and imagination quite as much as one of fact and organization. Not imagination or feeling in their weak senses – ‘imagining the future’ (which is a waste of time) or ‘the emotional side of things’. On the contrary, we have to learn and to teach each other the connections between a political and economic formation, a cultural and educational formation, and, perhaps hardest of all, the formations of feeling and relationship which are our immediate resources in any struggle. Contemporary Marxism, extending its scope to this wider area, learning again the real meanings of totality, is, then, a movement to which I find myself belonging and to which I am glad to belong”.

¹³ CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 116.

¹⁴ Cf. LOVEJOY, A. O. **The Great Chain of Being: a study of the history of an idea**. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 1936, p. 5-7.

diferentes vertentes intelectuais do período. Ou seja, Williams registrou as mudanças, mas do ponto de vista de uma *intelligentsia* específica, em um estudo que não desenvolveu argumentações que permitissem vislumbrar um panorama mais amplo e rico, composto de múltiplas influências, pressões e limites¹⁵.

No que diz respeito à *Marxismo e Literatura*, buscamos evidenciar que ocorreram mudanças significativas nesse aspecto. Apontamos duas maneiras pelas quais seria possível analisar a importância da história na obra. A primeira delas diz respeito aos estudos acerca dos conceitos, e a segunda se refere ao papel da análise histórica no quadro geral da teoria do materialismo cultural. Entendemos, também, que em alguns momentos do livro, as duas aparecem interligadas. Ao tratar dos capítulos de investigação conceitual, especialmente da seção intitulada “conceitos básicos”, argumentamos que em comparação a *Cultura e Sociedade*, *Marxismo e Literatura* apresentou maior fôlego de pesquisa, demonstrando claro amadurecimento intelectual de Williams. E isso ficou evidente no arranjo das referências e na mobilização de diferentes tradições intelectuais, provenientes de distintas nacionalidades e áreas de conhecimento. No entanto, parece-nos que alguns elementos da prática da história das ideias prevaleceram. Mesmo que de maneira mais plural e erudita, o estudo apresentou resquícios de uma atitude platonista, através da qual os conceitos preexistissem seus contextos e apenas se manifestassem em diferentes paisagens. Os únicos momentos que mostraram algo diferente foram os que, de algum modo, apresentaram as dinâmicas de pensadores dentro do marxismo, através de suas desavenças e respostas intelectuais a contextos específicos. No entanto, isso ocorreu em poucas passagens. Salvo breve menção aos impactos do colonialismo sobre os estudos de linguística na passagem do século XVIII para o XIX, não há referências aos contextos sociais, políticos ou econômicos.

No entanto, se levarmos em consideração a segunda maneira mencionada, é possível notar que existe um esforço notável da parte de Williams de deixar claro a posição importante do contexto histórico dentro de sua teoria cultural. Buscamos enfatizar isso principalmente no resgate de passagens dos capítulos sobre “gênero” e “forma”, entretanto, é possível localizar menções desse tipo em toda a obra. Assim, entendemos que no materialismo cultural, as artes, compreendidas de maneira geral, são concebidas como práticas sociais que agem e reagem dentro das formações sociais mais diversas e que sua análise requer atenção especial aos seus complexos mecanismos. Tais mecanismos seriam intrinsecamente relacionados aos diferentes

¹⁵ Cf. Resenha por Victor Kiernan, publicada em *The New Reasoner*, Summer 1958, p. 75-76. Consultada em RBA - WWE/2/1/9/2/6 e EAGLETON, Terry. *Criticism and Ideology*, p. 25-26.

contextos históricos, e levar todos esses fatores em consideração seria, então, fundamental para um estudo materialista da cultura.

Destacamos também as relações de Williams com o historicismo, pautando-nos em suas análises em *Keywords* – sua menção a Dilthey –, bem como as declarações sugestivas que o autor deu a Beatriz Sarlo em entrevista concedida nos anos 1970. Buscamos também apontar como o tom das críticas de Quentin Skinner feitas à esse livro poderia evidenciar que a proposta de análise defendida por Williams despertou respostas distintas, deixando claro que, mesmo áreas tidas como conservadoras como a linguística semântica, podem se revelar como campos de disputas quando amparadas por uma teoria combativa como o materialismo cultural.

No decorrer da pesquisa, fomos ao mesmo tempo desafiados e agraciados com a possibilidade de uma análise dialética do texto e do contexto. Nesse percurso, o acesso à documentação pessoal e profissional de Williams foi tão fundamental quanto o estudo minucioso de suas obras publicadas. Seu uso conjunto ajudou trazer à luz processos e desenvolvimentos que nos auxiliaram a enxergar transformações multifacetadas no campo intelectual do qual Williams fazia parte, complexas combinações entre contextos e obras, mostrando as diferentes lutas e engajamentos desse autor. Intentamos, desse modo, contribuir para enriquecer o estudo do “*estado* da relação de poder entre os agentes ou as instituições engajadas na luta, ou, se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decurso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores”¹⁶.

Suas obras são frutos de seu tempo e de suas relações com as mais diferentes tradições intelectuais, as quais buscamos discutir nessa dissertação. Ao curso das décadas, transformações das mais diversas influenciaram sobremaneira o curso de suas discussões e o impacto de suas obras, que seguem a instigar e encorajar pesquisadores ao redor do mundo. Ao combinar tradição e inovação, o autor não só trouxe novos objetos e novos temas às humanidades, trouxe também novas ferramentas analíticas, ao passo que revisou e atualizou conceitos e categorias que acreditamos serem cruciais para o estudo da sociedade no capitalismo tardio, no qual a cultura tem tido um papel estratégico. O legado de Raymond Williams ultrapassa as barreiras disciplinares, e especificamente no que diz respeito ao campo da história, o materialismo cultural tem muito a oferecer, seja como método ou como discussão epistemológica.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. “Algumas propriedades dos campos”. In: Idem. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 110 (grifo do autor).

Fontes

- *Obras*

WILLIAMS, Raymond. Base and superstructure in Marxist cultural theory. **New Left Review**, n. 8, Nov. - Dez. 1973, p. 3-16.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society: 1780-1950**. London: Penguin Vintage Classics, 2017 [1ª ed. 1958].

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. London: Oxford University Press, 1984 [1ª ed. 1977].

- *Richard Burton Archives - RBA:*

Correspondências:

WWE/2/1/16/33 – Pierre Bourdieu

WWE/2/1/16/148 – Stuart Hall

WWE/2/1/16/172 – Richard Hoggart.

WWE/2/1/16/211 –F. R. Leavis

WWE/2/1/16/232 – Graham Martin

WWE/2/1/16/316 - R. Shashidhar

WWE/2/1/16/356 – E. P. Thompson

Correspondências sobre publicações:

WWE/2/1/13/2/49 – Oxford University press

WWE/2/1/13/2/9 – Chatto & Windus

Artigos

WWE/2/1/7/1/15 - WILLIAMS, Raymond. Cambridge English and Beyond. London Review of Books, vol. 5, n. 12, 7-20, JUL-1983, p. 3-8

WWE/2/1/7/1/19 - WILLIAMS, Raymond. Culture of politics. The Nation, 03 de janeiro de 1959, p. 10-12

WWE/2/1/7/2/19 – PARRINDER, Patrick. The accents of Raymond Williams. Critical Quarterly, vol. 26. 1-2, p. 47-57

Entrevistas:

WWE/2/1/7/2/40 - “Not My Cambridge”

WWE/2/1/7/3/4 – SARLO, Beatriz. Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedade. Revista Punto de Vista, ano 2, número 6, julho de 1979

Resenhas de Cultura e Sociedade:

WWE/2/1/9/2/6 -

BROWN, W. E. "Hope for Society". Bolton Evening News. 22/12/1958.

BRIGGS, Asa. Social Service Quaterly. Spring 1959.

HIGHET, John. "Culture and Society". British Weekly. 05/03/1959.

HOGGART, Richard. Essays in Criticism, p. 171-179.

JONES, John. "the concept of culture", 1958.

KERMODE, Frank. "Books and Writers", 1958.

KIERNAN, Victor (publicada no The New Reasoner, no verão de 1958).

MARTIN, Graham. Universities and Left Review. Autumm, 1958.

MCCALLUM, Doug. The Observer (Austrália), 18/04/1959.

MITCHELL, Julian. Isis, 05/11/1958.

ROBERTS, John. "Reach for your gun". Time and Tide, 01/11/1958.

Times Literary Supplement, 26/09/1958.

Resenhas de Marxismo e Literatura:

WWE/2/1/9/2/13

BHATTI, Anil. Indian Journal of English (Mumbai), vol. XVIII, 1978/1979, p. 154-156.

BROWNE, Robert M. Cross Currents, summer 1978, p. 247-252.

FERBER, Michael. The American Book Review, summer 1978, p. 19-20.

GITLIN, Todd. Commonweal, 03 de março de 1978, p. 221-223.

HOLM, Cameron L. e HOLM, Janis B. College English, vol. 40, n. 4, dez. 1978, p. 450-456.

KETTLE, Arnold. Red Letters, n. 6, 1977, p. 71-73.

MERCER, Colin. Comment, 15 de outubro de 1977.

PERKINS, Alexander. The Cambridge Review, 05 de mai. de 1978.

RICHMAN, Robert. Some Other Magazine, n. 1, Winter 1979, p. 31-34.

SUTHERLAND, John. New Statesman, 19 de agosto de 1977, p. 248-249.

TIMMS, E. F. Modern Language Review, outubro de 1980, p. 825-830.

YERMAN, Ron. Discoveries, vol.5, n. 2, mar. de 1978.

Resenhas escritas por Raymond Williams

WWE/2/1/9/1

Cadernos de anotações de Williams.

WWE/2/1/12/4

WWE/2/1/12/5

WWE/2/1/12/6

WWE/2/1/12/8

WWE/2/1/12/9

WWE/2/1/12/10

WWE/2/1/12/11

WWE/2/1/12/13

WWE/2/1/12/15

WWE/2/1/12/18

WWE/2/1/12/25

WWE/2/1/12/28

WWE/2/1/12/29

WWE/2/1/12/32

WWE/2/1/12/34

Cronogramas de aulas:

WWE/2/1/14/1/1 – Cronogramas de aulas - Oxford University Extra-Mural Delegacy e Workers' Educational Association (WEA)

WWE/2/1/14/2/2 – Cronograma “Literature and Marxism”, 1972

WWE/2/1/14/5 – Cronograma do curso “Introduction to Theories of Culture and of Sociology of Culture” de 1973 e “Marxism and Literature”, ministrado em conjunto com E. P. Thompson em julho de 1975

Papéis acadêmicos:

WWE/2/1/14/1/2- Panfleto “The Early years of WEA”, WEA NEWS, n. 5, novembro de 1961.

WWE/2/1/14/3/1 – Open University

WWE/2/1/14/4/1 – Universidade de Stanford

Miscelâneas:

WWE/2/1/18

- *Weston Library (WL):*

WL - CE 3/255/75 – CG179/PA - Documentos administrativos e correspondências

CE 3/315/91 - WILLIAMS, Raymond. Syllabus of a course of study on Literature together with that of an alternative course on Culture and Environment. Oxford, 1947

Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. Components of the national culture. **New Left Review**, I/50, Jul.-Aug. 1968, p. 3-57.

ANDERSON, Perry. Socialism and pseudo-empiricism. **New Left Review**, I/35, Jan-Feb 1966.

ANDERSON, Perry. The origins of the present crisis. **New Left Review**, I/23, Jan.-Feb. 1964.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALDICK, Chris. **The concise Oxford dictionary of literary terms**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BARNETT, Anthony. Raymond Williams and Marxism: a rejoinder to Terry Eagleton. **New Left Review**, n. 99, set. – out. 1976, p. 47- 64.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama histórico e historiográfico. **Textos de História**, v. 11, n. 1/2, 2003, p. 145-171.

BARROSO, Antonio V. L. A virada linguística e o contextualismo linguístico: contribuições teóricas para se pensar a história intelectual. **Revista de Teoria de História**, ano 7, n. dez. 2015, p. 170-182.

BAUTE, Carla. O “materialismo cultural” de Raymond Williams a partir da história intelectual: caminhos e possibilidades. **Leitura: Teoria & Prática**, v.37, n.77, 2019, p. 33-46.

BELL, Michael. “F. R. Leavis”. In: LITZ, A., MENAND, L., & RAINEY, L. (Eds.), **The Cambridge History of Literary Criticism** – vol. VII. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 389-422.

BLACKBURN, Robin. “Introduction”. In: WILLIAMS, Raymond. **Resources of Hope**. London: Verso, 1989, p. IX-XXIII.

- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean (org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105-145.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FIGUEIREDO, Janaína P. e FERREIRA, Marieta de M. (org.) **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: Editora FGV, 2006, 183-191.
- BRANNIGAN, John. **New Historicism and Cultural Materialism**. London: Macmillan, 1998.
- BURGMANN, J. R (ed.). **Again, dangerous visions: essays in cultural materialism**. Leiden: Brill, 2018.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CALLAGHAN, James. **Time and chance**. London: Harper Collins, 1987.
- CEVASCO, Maria E. **Dez lições sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CEVASCO, Maria E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHUN, Lin. **The British New Left**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1993.
- COLLINI, Stefan. “Critics (II) – Lionel Trilling and Raymond Williams”. In: **Common Writing: Essays on literary culture and public debate**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.101-122.
- COLLINI, Stefan. “Critical Minds: Raymond Williams and Richard Hoggart” In: Idem. **English Pasts**. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 210-230.
- COWLING, Maurice. Mr. Raymond Williams. **The Cambridge Review**, 27/05/1961.
- DAVIS, Madeleine. The Marxism of the British New Left, **Journal of Political Ideologies**, n. 11, v.3, out. 2006, p. 335-358.
- DOLLIMORE, Jonathan e SINFIELD, Alan. **Political Shakespeare: Essays in Cultural Materialism**. Manchester: Manchester University Press, 1985.
- DRAKAKIS, John. “Cultural Materialism”. In: KNELLWOLF, Christa e NORRIS, Christopher. **The Cambridge History of Literary Criticism: Twentieth-Century historical, philosophical and psychological perspectives**, vol. 9. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 43-58.

- DUTRA, Luciano. **As estruturas de sentimento: história e desenvolvimento da noção cultural por Raymond Williams**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Departamento de História. 2016.
- DWORKIN, Dennis. **Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left and the origins of Cultural Studies**. Durham: Duke University Press, 1997.
- EAGLETON, Terry. “Base and Superstructure in Raymond Williams”. In: Idem (ed.). **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 165-175.
- EAGLETON, Terry. **Criticism and ideology: a study in Marxist Literary Theory**. London: Verso, 1976.
- EAGLETON, Terry. **Literary Theory: an introduction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- EAGLETON, Terry. **The function of criticism: from “the Spectator” to post-structuralism**. London: Verso, 1984.
- EAGLETON, Terry. Resources for a journey of Hope: significance of Raymond Williams. **New Left Review**, n. 168, mar. abr. 1988, p. 3-11.
- EAGLETON, Terry e WICKERS, Brian (orgs.). **From Culture to Revolution: The Slant Symposium**. London: Sheed & Ward, 1967.
- ELDRIGE, John e ELDRIDGE, Lizzie. **Raymond Williams: making connections**. London: Routledge, 1994.
- ENGELS, Friedrich. “Carta a B. Borgius”. In: FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: História**. São Paulo: Ática, 1981.
- ENGLER, Balz e HASS, Renate. **European English Studies: contributions towards the history of a discipline**. Great Britain: The English Association for ESSE, 2000.
- ESCOSTEGUY, Ana C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, n. 9, dez. 1998, p. 87-97.
- FORGACS, David. Gramsci and Marxism in Britain. **New Left Review**, I/176, Jul-Ago. 1989, p. 70-88.
- FRY, Paul H. “I. A. Richards”. In: LITZ, A., MENAND, L, & RAINEY, L. (Eds.), **The Cambridge History of Literary Criticism – vol. VII**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 179-199.
- FUCHS, Christian. Revisiting Althusser/ E. P. Thompson – Controversy: Towards a Marxist theory of communication. **Communication and the Public**, vol. 4, n. 1, mar. 2019, p. 3-20.
- GARNHAM, Nicholas e WILLIAMS, Raymond. Pierre Bourdieu and the sociology of culture: an introduction. **Media, Culture and Society**, vol. 2, n. 3, 1980, p. 209-223.

- GERKE, Daniel. **Raymond Williams and European Marxism: Lukács, Sartre, Gramsci**. Tese (doutorado em Filosofia). Faculdade de Artes e Ciências Humanas. Universidade de Swansea, 2018.
- GOLDMAN, Lawrence. **Oxford Dons and Workers: Oxford and Adult Education since 1850**. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- GOMES, Angela Castro. “Pesquisa histórica e arquivos pessoais: o exemplo do arquivo Gustavo Capanema”. In: ALVES, Luís Alberto M; PINTASSILGO, Joaquim. (Org.). **Investigar, Intervir e Preservar em História da Educação**. Porto: CITCEM, 2017, v. 1, p. 141-151.
- GORDON, Peter E. What is intellectual history? A frankly partisan introduction to a frequently misunderstood field. Artigo apresentado em **Future of the History of Ideas Workshop**, Universidade de Sidney, 12 de agosto de 2014.
- GREGOR, Ian, PITTOCK, Malcolm e WILLIAMS, Raymond. Critical Forum. **Essays in Criticism**, n. 9, 1959, p. 425-430.
- HALL, Stuart. et all. Editorial. **Universities and Left Review**, vol. 1, n. 1, Spring 1957.
- HALL, Stuart. Introducing NLR. **New Left Review**, I/1, Jan-Feb. 1960.
- HALL, Stuart. Life and times of the first New Left. **New Left Review**, n. 61, Jan. - Fev. 2010, p. 177 – 195.
- HALL, Stuart. “Politics and Letters”. In: EAGLETON, T. (org.) **Raymond Williams: critical perspectives**. Cambridge: Polity Press, 1989, p. 54-66.
- HANSON, Harry. An open letter to Edward Thompson. **The New Reasoner**, n. 2, Autumm 1957, p. 79-91.
- HAYMAN, Ronald (org.). **My Cambridge**. London: Robson Books, 1986.
- HIGGINS, John. Raymond Williams and the problem of ideology. **Boundary 2**, Vol. 11, n. ½, Outono 1982 - Inverno, 1983, p. 145-154.
- HIGGINS, John. **Raymond Williams: literature, Marxism and Cultural Materialism**. New York: Routledge, 1999.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1191)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- INGLIS, Fred. **Raymond Williams**. London: Routledge, 1995.
- KAYE, Harvey. **The British Marxist historians**. New York: St. Martin’s Press, 1995.
- LEAVIS, F. R. **The common pursuit**. New York: New York University Press, 1964.
- LEAVIS. F. R. **The Great Tradition**. Harmondsworth: Penguin, 1972.

- LEAVIS, F. R. **Revaluation**: tradition and development in English Poetry. Harmondsworth: Penguin, 1972.
- LEAVIS, F. R. e THOMPSON, D. Culture and Environment: the training of critical awareness. London: Chatto and Windus, 1960.
- LOVEJOY, Arthur. **The Great Chain of Being**: a study of the history of an idea. Cambridge (EUA): Harvard University. Press, 1936.
- LOWY, Michael e SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MACHEREY, Pierre. **A Theory of Literary Production**. London: Routledge, 1978.
- MACKENZIE, Norman (ed.). **Conviction**. London: MacGibbon & Kee, 1958.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MEDVEDEV, Roy e MEDVEDEV, Zhores. **The Unknown Stalin: His Life, Death, and Legacy**. New York: Overlook Press, 2004.
- MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. **Tempo Social**, v. 15, n. 1, 2003, p. 63-79.
- MIDDLETON, Peter. Why Structure Feeling? **News From Nowhere**, n. 6, 1989, p. 50-57.
- MILNER, Andrew. **Contemporary cultural theory**: an introduction. London: UCL Press, 1994.
- MILNER, Andrew. **Re-imagining Cultural Studies**: the promise of Cultural Materialism. London: Sage, 2002.
- MULHERN, Francis. Culture and Society, then and now. **New Left Review**, 55, Jan. - Feb. 2009, p. 31-45.
- MULHERN, Francis. **The moment of Scrutiny**. London: Verso, 1979.
- MYERS, Jorge. “Músicas distantes. Algumas notas sobre a História Intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem”. In: NORONHA DE SÁ, M. E. (org.). **História Intelectual Latino-Americana**: Itinerários, debates e pesquisas. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016, p. 23-55.
- NAIRN, Tom. The English working-class. **New Left Review**, 1/24, Mar-Apr 1964.
- ONEGA, Susana. English Studies: a note on the birth and uses of the term. **Journal of English Studies**, v. 5-6, 2005-,2008, p. 257-265.
- PALMER, David J. **The rise of English Studies**. Oxford: Oxford University, Press, 1965.
- PIERSON, Paul. **Dismantling the welfare state?** Reagan, Thatcher, and the politics of retrenchment. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- RIACH, Alan. At home and abroad. **Literature Matters**, n. 12, 1993.
- RICHARDS, I. A. **Principles of literary criticism**. London: Kegan Paul, 1924.
- SAID, Edward. **The world, the text and the critic**. London: Faber and Faber, 1984.
- SAMUEL, Raphael. Philosophy Teaching by example: past and present in Raymond Williams. **History Workshop**, n. 27, 1986, p.141-153.
- SHASHIDHAR, R. Culture and Society: an introduction to Raymond Williams. **Social Scientist**, vol. 25, n. 5/6, 1997, p. 33-53.
- SINFIELD, Alan. **Faultlines: Cultural Materialism and the Politics of Dissident Reading**. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- SINFIELD, Alan. **Literature, Politics and Postwar Britain**. Los Angeles: University of California Press, 1989.
- SCHMIDT, Bento. Arquivos pessoais: reflexões interdisciplinares e experiências de pesquisas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 8, 2014, p. 453-459.
- SKINNER, Quentin. The Idea of a Cultural Lexicon. **Essays in Criticism**, v. XXIX, n. 3, July 1979, p. 205-224.
- SMITH, Dai. **Raymond Williams: a warrior's tale**. Cardigan: Parthian, 2008.
- TAYLOR, Charles. Marxism and Humanism. **The New Reasoner**, n. 2, Autumn 1957 p. 92-98.
- THOMPSON, Edward. Agency and Choice I: a reply to criticism, **The New Reasoner**, n. 5, Summer 1958, p. 89-106.
- THOMPSON, E. P. The Long Revolution – Part I, **New Left Review**, n. 9, Mai-Jun 1961, p. 24-33.
- THOMPSON, E. P. The peculiarities of the English. **Socialist Register**, v. 2, 1965, p. 311-362.
- THOMPSON, E. P. **The Poverty of Theory and Other Essays**. London: Merlin Press, 1978.
- THOMPSON, E. P. e SAVILLE, John. Editorial. **The New Reasoner**, n. 1, summer 1957.
- THORPE, Andrew. **A history of the British Labour Party**. London: Macmillan, 2001.
- ULLMAN, Stephen. **Principles of Semantics**. Oxford: Blackwell, 1957.
- ULLMAN, Stephen. **Semântica: Uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- WILLIAMS, Daniel (org.) **Who speaks for Wales?** Cardiff: University of Wales Press, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. "The Bloomsbury Fraction". In: **Culture and materialism**. London: Verso Books, 1980, p. 148-169.
- WILLIAMS, Raymond. "Culture is ordinary". In: HIGHMORE, Ben. **The everyday life reader**. London: Routledge, 2002, p. 91-100.

- WILLIAMS, Raymond. The idea of culture. **Essays in Criticism**, v. III, n. 3, Jul. 1953, p.239-266.
- WILLIAMS, Raymond. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. New York: Oxford University Press, 1976.
- WILLIAMS, Raymond. Literature and Sociology: in memory of Lucien Goldmann. **New Left Review**, I/67, may-jun. 1976, p. 3-18.
- WILLIAMS, Raymond. Lucien Goldmann and the Marxism's Alternative Tradition. **The Listener**, n. 87, 23 de março de 1972, p. 375-376.
- WILLIAMS, Raymond. **Loyalties**. London: Chatto & Windus. 1985.
- WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. Harmondsworth: Penguin Books, 1961, p. 19-144.
- WILLIAMS, Raymond (org.). **May Day Manifesto (1967-1968)**. London: Lawrence and Wishart, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. Notes on Marxism in Britain since 1945. **New Left Review**, I/100, Nov. – Dez., 1976, p. 81-94.
- WILLIAMS, Raymond. **Politics and Letters: interviews with New Left Review**. London: Verso, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. **Problems in Materialism and Culture**. London: Verso Books, 1980.
- WILLIAMS, Raymond. **Reading and Criticism**. London: Frederick Muller, 1950.
- WILLIAMS, Raymond. Realism and the contemporary novel. **Universities and Left Review**, n. 4, summer 1958, p. 22-25.
- WILLIAMS, Raymond. "The writer: commitment and alignment". In: GABLE, Robin (org.) **Resources of Hope: culture, democracy and socialism**. London: Verso, 1989, p. 77-87.
- WILLIAMS, Raymond. The press the people want. **Universities and Left Review**, n. 5, autumn 1958, p. 42-47.
- WILLIAMS, Raymond. The social thinking of D. H. Lawrence. **Universities and Left Review**, n. 4, summer 1958, p. 66-71.
- WILLIAMS, Raymond. The realism of Arthur Miller. **Universities and Left Review**, n. 7, autumn 1959, p. 34-37.
- WILLIAMS, Raymond. Working class culture. **Universities and Left Review**, vol. 1, n. 2, summer 1957, p. 29-31.
- WILLIAMS, Raymond. **Writing in society**. London: Verso, 1983.
- WILLIAMS, Raymond e HOGGART, Richard. Working Class Attitudes. **New Left Review**, I/1, Jan-Feb. 1960, p. 26-30.

WOOD, Ellen. A chronology of the new left and its successors, or: Who's old fashioned now? **Socialist Register**, vol. 31, p. 22-49.

WOODHAMS, Stephen. **History in the making**: Raymond Williams, Edward Thompson and radical intellectuals, 1936-1956. London: Merlin Press, 2001.

ZIZEK, Slavoj. De História e consciência de classe a Dialética do esclarecimento, e volta. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, n. 59, 2003, p.159-175.